

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA TERRA  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

**URDA ALICE KLUEGER**

**A QUESTÃO ECOLÓGICA EM REDE: ATALANTA, ESTADO DE SANTA  
CATARINA, UM MICROCOSMO NO CAMINHO DAS ORGANIZAÇÕES NÃO  
GOVERNAMENTAIS.**

**CURITIBA  
2014**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

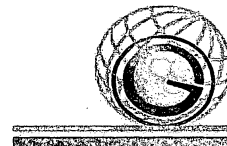
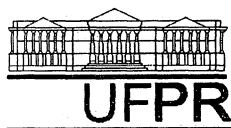
**URDA ALICE KLUEGER**

**A QUESTÃO ECOLÓGICA EM REDE: ATALANTA, ESTADO DE SANTA  
CATARINA, UM MICROCOSMO NO CAMINHO DAS ORGANIZAÇÕES NÃO  
GOVERNAMENTAIS.**

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Geografia, no Programa de Pós-graduação em Geografia, Linha de Pesquisa em Produção e Transformação do Espaço Urbano-Regional, do Departamento de Geografia, do Setor de Ciências da Terra, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Nilson Cesar Fraga

**CURITIBA  
2014**



## DECLARAÇÃO DE CORREÇÃO

Declaro, para fins de entrega de versão definitiva de tese/dissertação e solicitação de diploma, que **Urda Alice Kluger** procedeu as correções em sua tese/dissertação, conforme orientação da banca de avaliação.

Curitiba, 12 de julho de 2014.

---

Prof. Dr. Nilson Cesar Fraga

Dedico esta tese

- ao professor Dr. Nilson Cesar Fraga, iluminado pesquisador, cientista em tempo integral, amigo em todas as horas, ser humano de sensibilidade e paciência infinitas, sem o qual nada disto teria acontecido;
- ao professor Dr. Francisco de Assis Mendonça, que com seu profundo conhecimento me abriu largas portas para a epistemologia da Geografia, fazendo com que viessem à tona conhecimentos acumulados desde os tempos da minha infância. Por meio da pessoa dele, dedico esta tese, também, aos diversos outros professores que tanto ajudaram no meu crescimento;
- à Vanessa Maria Ludka, à *compañera* Mercedes Sola Perez, ao Jorge Luiz Fávaro e ao Marino Castillo Lacay, que representam para mim, neste momento, os tantos colegas maravilhosos com quem cruzei meu caminho nos inesquecíveis tempos da pós-graduação da Universidade Federal do Paraná;
- à Anna Paula Moreira Barbosa, minha sobrinha, que me levou tão a sério quando me viu de volta aos bancos escolares, e se orgulhou de tal coisa;
- ao Luis Ramil, que se orgulhou tanto de mim que eu fiquei até com dificuldade de compreender;
- à minha prima Rosiani Gieland e sua família, que cuidaram do meu cachorro Atahualpa semana a semana, em todo o tempo em que frequentei as aulas em Curitiba;
- ao meu amigo Darlan Javier Schmidt, que tanto me ajudou para conseguir colocar o *curriculum Lattes* em dia;
- à minha amiga Sandrinha Tolfo, que me assessorava nas demais atividades, o que permitia que eu me deslocasse, semana a semana, até Curitiba;

- ao meu vizinho Cleibi Schörner, pelas tantas caronas que me deu até a rodoviária de Blumenau;
- aos laboriosos e responsáveis motoristas de ônibus que permitiram que eu me locomovesse desde Blumenau até a UFPR por semestres inteiros, sempre amáveis e prestativos, quando eu tinha de parar na Avenida das Torres para alcançar a tempo as aulas do professor Dr. Jorge Montenegro;
- à minha psicóloga Katty, ao médico Dr. Jaques Essig e à minha massoterapeuta Terezinha Anastácio, que aguentaram meus momentos de estresse e mantiveram minha chama acesa quando eu achava que já não podia mais;
- ao pessoal da Pousada Rio da Prata, na localidade Nova Rússia, que sempre me acolheu com carinho quando eu precisava de silêncio para estudar ou me recompor.

O presidente da República Oriental do Uruguai, José “Pepe” Mujica, na Rio+20, em 20 de junho de 2012, durante a conferência das Nações Unidas pelo desenvolvimento sustentável, realizada no Rio de Janeiro, disse, entre outras coisas:

(...) Venimos al planeta para ser felices. Porque la vida es corta y se nos va. Y ningún bien vale como la vida y esto es lo elemental.

(...) Los viejos pensadores –Epicúreo, Séneca o incluso los Aymaras– definían: “pobre no es el que tiene poco sino el que necesita infinitamente mucho, y desea más y más”.

(...) el desarrollo no puede ser en contra de la felicidad. Tiene que ser a favor de la felicidad humana; del amor arriba de la Tierra, de las relaciones humanas, del cuidado a los hijos, de tener amigos, de tener lo elemental.

(...) Precisamente, porque ese es el tesoro más importante que tenemos, la felicidad. Cuando luchamos por el medio ambiente, tenemos que recordar que el primer elemento del medio ambiente se llama felicidad humana.

## RESUMO

Esta pesquisa, iniciada com o propósito de medir realidades e imaginário da Capital Catarinense da Ecologia, a cidade de Atalanta, SC, toma outros rumos a partir do momento em que se começa a analisar a organização não governamental ambientalista existente naquele local, e conhecer mais sobre outras ONGs ambientalistas interligadas com ela e a descobrir uma série de realidades novas sobre elas e suas relações entre si e com o poder capitalista sobre os territórios. Teve como objetivo a análise da questão das redes ecológicas que atuam em Atalanta, SC, por meio da atuação de organizações não governamentais a partir da descoberta do papel de ONGs que atuam em múltiplas escalas sobre o território do município. Metodologicamente, pesquisou-se em bancos de dados institucionais, entre órgãos públicos, privados e da própria ONG Ambientalista, além de amplo banco de trabalhos científicos sobre a temática ambiental e social, além de pesquisas de campo, com entrevistas feitas junto à população, a autoridades municipais e participantes da ONG que atua na cidade, culminando com uma abordagem quantitativa e qualitativa. Desta feita, os estudos que culminaram com esta tese demonstraram a força que o Capital impõe sobre o mundo e o mundo das coisas em que vivemos, isso a partir das análises destas, a de uma pequena cidade catarinense, Atalanta, também conhecida como Cidade Jardim da Mata Atlântica, atualmente recoberta por plantações de pinus e de eucaliptos, além de conviver com numerosos focos de degradações socioambientais. Assim, Atalanta se caracteriza como um microcosmo socioambiental dentro de uma realidade ecológica inserida no mundo capitalista, onde a natureza passou a ser um produto de venda na cidade e no campo, uma verdade geradora de íntima relação entre o Capital e o Meio Ambiente, fazendo, muitas das vezes, o ambientalismo caminhar com os recursos financeiros das grandes corporações do capitalismo. A tese demonstra que Atalanta é um pouco dessa contradição entre o capitalismo financiador do meio ambiente e, do ambiente impregnado de degradações, tanto que sua população não sabe muito bem o que é viver na Capital Catarinense da Ecologia.

**Palavras-chave:** Meio Ambiente. Capitalismo. ONG Ambientalista. Ecologismo. Atalanta/SC.

## ABSTRACT

Initially this research had as its main purpose the assessment of both the reality and the imaginary of the capital of ecology in Santa Catarina, Atalanta. However, it took a different direction from the moment we started analysing the non-governmental organization which is located in that area as well as other environmental NGOs that work in conjunction. By analysing their work, it was possible to understand new realities about them and their relationships among themselves and the international capitalist power. This research was also aimed at analysing the issue of the environmental networks that act in Atalanta, by taking the roles played by the NGOs at multiple levels in that municipality into consideration. Methodologically, this research was developed using data collected from civil service offices, private institutions, the Environmental NGO database and several scientific essays on environmental and social issues.

The findings clearly showed the powerful impact caused by the capital over the world we live in, stemmed from the analysis of this small town in Santa Catarina. Atalanta, which is also known as the Garden City of the Atlantic Forest: currently covered by pinus and eucalyptus plantations, it presents several examples of environmental degradation. Therefore, the results of this research support the idea that Atalanta features a social-environmental microcosm inside a new truth about ecology and its relations with the capital and the environment. The empirical findings in this thesis provide a new understanding of environmentalism and its relation with the financial resources provided by corporate capitalism. This thesis suggests that Atalanta itself is somewhat the contradiction between the funds from corporate capitalism to the environment and its degradation. It thus seems that the population of Atalanta does not really know what it is like to live in the capital of ecology in Santa Catarina.

**Key words:** Environment, Capitalism, Environmentalism, Atalanta/SC, Environmental NGO



## LISTA DE FOTOS

Foto 1	Extrativismo da madeira, e de algumas espécies para produção de essências (óleo de sassafrás)	86
Foto 2	Atalanta da década de 1970	87
Foto 3	Indústria de fécula, serraria da Família Gropp, Atalanta, SC	88
Foto 4	Entrada de Atalanta	103
Foto 5	Placa de acesso e plantação de eucaliptos	104
Foto 6	Placa localizada no Parque Mata Atlântica	105
Foto 7	Placa com nomes das autoridades	106
Foto 8	Brasão de Armas	107
Foto 9	Placa da Secretaria Municipal	107
Foto 10	Placa em péssimo estado de conservação	108
Foto 11	Placa deteriorada pelo tempo	109
Foto 12	Placa do apoio dado pela BUND	110
Foto 13	Entrada do rio na cachoeira	111
Foto 14	Indicação do número de mudas plantadas	112
Foto 15	Pintura da cachoeira na entrada do Parque	113
Foto 16	Placa sobre “preservação ambiental”	114
Foto 17	Curso d’água na região central da cidade	115
Foto 18	Infraestrutura de entrada no viveiro de mudas da APREMAVI	115
Foto 19	Infraestrutura de entrada no viveiro de mudas da APREMAVI	115
Foto 20	Infraestrutura de entrada no viveiro de mudas da APREMAVI	115
Foto 21	Cachoeira Perau do Gropp	123
Foto 22	Cachoeira Perau do Gropp	123
Foto 23	Sede do Centro Ambiental Jardim das Florestas, Estrada Geral s/n, Alto Dona Luiza, Atalanta, SC	151

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Cartograma de Localização de Atalanta	31
----------	---------------------------------------	----

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Recursos recebidos para a ECOFEST de Atalanta, SC	117
----------	---	-----

<b>INTRODUÇÃO</b>	11
Caminhando até a tese	12
Construindo a ideia de tese	18
Construindo as ideias em tese	26
<b>CAPÍTULO I – IDEIAS E FUNDAMENTOS GEOGRÁFICOS - AMBIENTAIS</b>	32
1. Meio ambiente: entre a ciência e o modismo	33
1.2 “História” e meio ambiente	38
1.3. “Geografia” e meio ambiente	52
1.4. Geografia e Rede	61
<b>CAPÍTULO II – ATALANTA/SC: CAPITAL CATARINENSE DA ECOLOGIA</b>	65
2. Ocupação e formação territorial de Santa Catarina	66
2.1.1 Primórdios	66
2.1.2 Iniciativa governamental	68
2.1.3 Primeiras tentativas de povoamento	68
2.1.4 Os caminhos	70
2.1.5 A fundação de Nossa Senhora dos Prazeres das Lagens e os espanhóis confinantes	71
2.1.6 Os escravos, os viajantes e as armações da baleia	72
2.1.7 Os imigrantes	74
2.1.8 A guerra do Contestado, a industrialização e suas consequências	76
2.2 Ocupação e formação territorial do Vale do Itajaí	78
2.2.1 Tempos antigos	78
2.2.2 Tempos mais recentes	79
2.2.3 Os imigrantes	81
2.3 Ocupação e formação territorial de Atalanta	84
2.3.1 História inicial	84

2.3.2 Fecularia falida	90
2.3.3 A implantação das árvores alienígenas	91
2.3.4 O fumo	92
2.3.5 O Globo Repórter e Atalanta na mídia – cria-se a Capital Catarinense da Ecologia	93
2.3.6 A ONG ambientalista	94
2.3.7 As pequenas iniciativas ecológicas	95
2.3.8 A ECOFEST	97
<b>CAPÍTULO III – IMAGINÁRIO AMBIENTAL NUM TERRITÓRIO DEVASTADO</b>	99
3.1 Equívocos: a entrevista como resposta	100
3.1.1 A página da Prefeitura Municipal	100
3.1.2 Analisando algumas fotografias	103
3.1.3 O desconhecimento da população	119
3.1.4 Controvérsias: o olhar dos inquiridos	121
3.1.5 Mitologia	126
3.1.6 As ONGs e o Capitalismo	127
3.1.7 Capital Catarinense da Ecologia: a miopia no espaço vivido	136
3.1.8 Voltando a campo: as autoridades de Atalanta	150
3.1.9 A ilegalidade	157
<b>CONCLUSÕES, A/DA TESE</b>	174
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS, PARA NÃO CONCLUIR</b>	179
<b>REFERÊNCIAS</b>	188
<b>ANEXO</b>	205



*Atalanta, a entrada, por Nilson Cesar Fraga, 2010.*

## INTRODUÇÃO

### **Caminhando até a tese**

A autora desta pesquisa tem suas raízes na agricultura – tanto seu pai quanto sua mãe nasceram agricultores e labutaram na lavoura até a juventude, tendo saído da terra em função da Segunda Guerra Mundial, que levou os rapazes para os quartéis e as moças agricultoras para o trabalho das fábricas.

A sua infância se passa num meio semiurbano/semirrural, onde as pessoas, na sua maioria, trabalhavam nas indústrias têxteis da região, mas mantinham horta, jardim, pomar e criação de galinhas e porcos e, às vezes, vacas.

Os pais da pesquisadora acabaram se tornando pequenos comerciantes e mantiveram, enquanto foi possível, jardim, horta, pomar e galinheiro. Ao mesmo tempo em que ela se cria dentro dessa realidade híbrida, também vive um mundo onde há abundância de livros, revistas, e onde as pessoas ouvem rádio com regularidade e frequentam o cinema esporadicamente. É muito forte, nesse mundo, a presença da Igreja Católica, que ainda mantém as exigências da Contra Reforma, como a necessidade do “Imprimatur” nos livros e a defesa de ideias sobre moralidade e política que já não cabem na altura dos anos de 1960.

Algumas coisas vão coincidir no tempo na adolescência da pesquisadora: o Concílio Vaticano II, a conquista da carteirinha de sócia da Biblioteca Pública Dr. Fritz Müller, na cidade de Blumenau (SC), e o golpe militar de 1964. Ávida leitora que era desde o momento da alfabetização, tendo lido, antes dos 12 anos, tudo o que havia para ler na sua casa, na casa dos seus parentes e vizinhos e na sua escola (isso inclui as enciclopédias Barsa e Delta Larousse inteiras), sem nunca ter respeitado as exigências da Igreja que chegavam à sua casa por intermédio da sua mãe, ela passa a ler a Biblioteca Pública “por prateleira”, sem nenhum critério, o que vai levá-la aos mais diferentes autores, assuntos e pensamentos.

Sua região (Vale do Itajaí, SC), de colonização basicamente alemã/italiana, muito sofrera com o brutal processo de nacionalização

acelerada ocorrida durante a Segunda Guerra Mundial<sup>1</sup>, a pesquisadora criou-se num lugar onde sempre havia um certo “medo” do que fosse governamental, um receio de represálias se se fizesse alguma coisa que não agradasse ao governo – assim, ainda com tão pouca idade, quando vêm os tempos da ditadura militar parece-lhe natural ter-se medo, que é quase que uma continuação do medo anterior, e ela fica adulta dentro do tempo do medo.

Na altura do curso ginásial, ela vai encontrando alguns mestres que irão dando uma bússola para a sua vida, principalmente alguns que irão orientá-la para leituras da melhor qualidade, como o professor de História João Joaquim Fronza, por exemplo. O professor Onésio Girardi, de Geografia, é um mestre que crê no saber como algo interdisciplinar e será ele quem irá, pela primeira vez, abrir tal janela ampla para ela, já que ele estava sempre trazendo assuntos de interesse geral para a sala, assuntos que nem sempre tinham relação com a Geografia.

É nesse tempo de ginásio que as suas tendências se definem: quer ser arqueóloga, coisa que se torna impossível naquela altura, principalmente pela falta de informações. Quando a Arqueologia não é possível, há que dar as mãos à sua parenta mais próxima, a História, prima-irmã de outra ciência que muito lhe agrada, a Geografia.

É também nessa fase adolescente que a pesquisadora muito vai procurar uma linguagem que lhe permita dar vazão à sua sensibilidade, que se mostra intensa e que procura uma forma de vir à tona, e para tal vai experimentar o desenho, a pintura, a criação de plantas baixas de arquitetura, tendo vencido, em tal ânsia, a escrita, que lhe dá incontáveis recursos para exprimir as mais diferentes nuances dos sentimentos que a assolam.

No começo dos anos setenta, por falta de opção, vai estudar Economia, na qual não se forma. Trabalha em diversos empregos, sendo bancária por mais de vinte anos, trabalho árduo nos tempos anteriores à informática e durante os diversos planos econômicos que, da noite para o dia, mudavam a vida da grande maioria dos brasileiros. Pouco tempo sobra a uma bancária para outras atividades, mas, mesmo assim, nas poucas horas livres de algumas noites e nos finais de semana, escreve e publica diversos livros,

---

<sup>1</sup> FAVERI, Marlene de. **Memórias de uma (outra) guerra**. Cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina. Florianópolis: Ed. UFSC; Itajaí (SC): Univali, 2004.

basicamente romances históricos, os quais, quase todos, até hoje continuam tendo novas edições.

Já nos anos noventa, começa toda uma carreira de cronista, a princípio convidada pelo jornal “A Notícia”, de Joinville (SC), sendo que, logo a seguir, passa a publicar no jornal “Expresso das Nove”, de Portugal, e tal carreira se amplia enormemente com a chegada da Internet, que permite uma rapidez muito maior de comunicação, e hoje ela já não sabe mais em quantos veículos publica, desde jornais e revistas de papel até as mais diversas páginas, portais, blogues, etc. Às vezes, tem surpresas fascinantes, como quando descobre que os cardeais, em Roma, estão a discutir crônica sua sobre o racismo embutido no nome do Papa Bento XVI, que, na sua primeira hora de eleito, foi Benedito, inclusive no Brasil, onde há muita devoção a um santo negro de tal nome, e que continua sendo Benedito nas diversas línguas a quem tem acesso, ou quando descobre que determinados órgãos de imprensa de Israel discutem e condenam seus textos em defesa da Palestina.

Nesse entremeio da sua vida continuará sempre lendo o máximo possível, e aproveitará suas férias para viajar, primeiro pelo Brasil (onde conhece 17 estados), e, em seguida, por outros mundos, como Europa, África e, principalmente, a América dita Latina, que virá muito fortemente ao encontro dos seus anseios e da sua sensibilidade, e por onde continua viajando até os dias atuais.

Outros fatos vêm se somar na sua trajetória, como a eleição para a Academia Catarinense de Letras de Santa Catarina e para o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, dentre outras entidades e funções.

Fará o curso de História na Universidade Regional de Blumenau – FURB (Licenciatura e Bacharelado) e, logo a seguir, uma especialização em História (História e Acervos), na mesma universidade. Nessa altura, os seus caminhos a farão se cruzar com a professora doutora Elizabete Tamanini, que lhe ministrou a disciplina de Arqueologia já no primeiro semestre da graduação, e que irá acompanhá-la, como orientadora, por mais de uma década, na pesquisa sobre o povo sambaquiano, que esta pesquisadora então realizará. Tal pesquisa, entre outros textos, como artigos acadêmicos e crônicas, produzirá duas monografias, um livro paradidático e um romance pré-colonial

sobre o assunto. O romance em questão é algo diferenciado, pois, apesar de tratar de literatura, será publicado com notas de rodapé, bibliografia, e escrito sob a supervisão da orientadora.

Por intermédio da prof. Dra. Elizabete Tamanini, a pesquisadora também entrará em contato com a arqueóloga Madu Gaspar, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e irá diversas vezes participar do Projeto Camacho, que faz o levantamento arqueológico de Sambaquis na região sul de Santa Catarina, principalmente na cidade de Jaguaruna, onde atua desde a década de 1970. Trabalhará, no Projeto Camacho, com renomados arqueólogos da UFRJ, da USP e da França, e ampliará muito o seu contato com arqueólogos de primeira grandeza a trabalharem no Brasil, como o francês André Prous e o brasileiro Pedro Paulo Funari, e pesquisará a história da Arqueologia brasileira desde os seus primórdios, a partir da década de 1820, com a história e as descobertas de Peter Lund.

Há que se comentar que, desde o tempo em que publicou o seu primeiro livro, que a pesquisadora passou a ser chamada para palestras e outros tipos de contatos nas mais diversas escolas, que englobam desde a pré-escola até a pós-graduação de algumas universidades. A princípio, na década de 1980, tais palestras e contatos eram sempre voltados para a Literatura – mais tarde, porém, tais chamados para contatos e palestras foram se diversificando, e há professores de História que a chamam para falar sobre sua pesquisa pré-colombiana, sobre povos originários em geral ou sobre outros assuntos, e professores de Geografia que passaram a chamá-la para que falasse de suas viagens, notadamente sobre a América dita Latina e África, e de palestras sobre coisas curiosas, a pesquisadora passou a falar das suas impressões e conhecimentos sobre oceanos, cordilheiras, vulcões, etc., cada vez mais se envolvendo com a área de Geografia.

A partir de 2000, ela também irá se envolver sempre mais com movimentos sociais, apoiando tanto o MST quanto tantos outros movimentos que se criam a partir das necessidades das diversas populações e indivíduos arrojados pelo poder do Capital e, mais recentemente, pelo neoliberalismo.

Na década do ano 2000, também, uma das escolas que a chamou para falar de Literatura foi a Escola Estadual Urbana Dr. Frederico Rolla, da cidade



de Atalanta (SC). Ao se dirigir àquela cidade, a pesquisadora teve a surpresa de, muito próximo da entrada dela, deparar-se com um corte de morro onde eram muito visíveis camadas geológicas que comprovavam que aquele lugar, um dia, fora o fundo do mar. Ao chegar à sala dos professores da escola e referir-se com entusiasmo àquele assunto, pôde a pesquisadora perceber que quase todos os presentes nunca haviam prestado atenção a tal – a exceção era o professor de Geografia, que se mostrava tão entusiasmado quanto ela.

A visita à cidade de Atalanta vai alterar diversas coisas em sua vida. Como convidada ilustre, após os compromissos na escola, foi levada a conhecer outros lugares do município, como uma pequena reserva de mata nativa existente perto do centro daquele município, localizada em profunda ravina certamente um dia habitada por povos originários, tendo em vista a facilidade de se viver nela, onde existem algumas cavernas, há muita água disponível e, certamente, ali um dia houve também a facilidade de se conseguir alimentos, principalmente peixes. Encantou-se com aquele lugar para ser cenário de um outro romance pré-colonial, abordando povos com os quais ainda não trabalhara, os antigos moradores das terras altas de Santa Catarina, viventes do período desde entre 10.000 a 8.000 anos antes do presente – no decorrer da sua pesquisa sobre sambaquianos muitas vezes lera e aprendera coisas sobre esses outros povos, mas havia que estudar muito para poder criar tal romance. Surgiu, então, um problema estético dentro da sua literatura: um escritor não pode se repetir, tornar-se enfadonho. Assim, um novo romance pré-colonial não poderia ser algo como uma repetição do romance “Sambaqui” – teria de ser escrito por outro viés e sob outra ótica. Nos tempos que se seguiram, a pesquisadora chegou à conclusão de que o novo romance deveria ser um romance geológico, que deveria contar a história daquele lugar desde tempos imemoriais, entrando o homem nele depois de toda uma apresentação da formação da região próxima, aquela que a encantara por seus vestígios geológicos já à entrada da cidade.

Alicerçada em tal sonho, ela partiu para a pesquisa, tanto de campo quanto bibliográfica. A principal biblioteca a que tinha acesso era a da universidade onde estudara, a qual tinha parco material a respeito, tendo em vista a universidade não possuir curso de Geologia e nem de Geografia – mas

mesmo assim ela contou com a boa vontade do professor doutor Gilberto Friedenreich dos Santos, geógrafo, que lhe deu as indicações possíveis.

O trabalho de campo consistiu em fotografias e observações – numa delas, no lugar chamado São Pedro, município de Apiúna (SC), ao parar para observar um paredão onde são muito visíveis as camadas geológicas, teve a pesquisadora a sorte de encontrar-se com uma equipe de pesquisadores da Petrobras, que, naquele lugar, também buscavam conhecimento e que estava capitaneada pelo geólogo Dr. Flávio Feijó, pessoa que, naquela ocasião, tinha 44 anos de experiência em Geologia na Petrobras, e que foi de grande solicitude para com ela, tanto gravando entrevista sobre as suas curiosidades quanto lhe fornecendo indícios de bibliografia adequada. Às vésperas da aposentadoria, o geólogo Feijó foi de grande ajuda para a pesquisa que se iniciava, e os contatos entre os dois continuaram por algum tempo, e foram interrompidos quando da Tragédia das Águas que assolou o Vale do Itajaí em novembro de 2008, o que fez a pesquisadora mudar de domicílio e de telefone, e acontecimentos outros vieram que fizeram com que perdesse o geólogo de vista.

Paralelamente ao sonho e aos projetos de um romance geológico oriundos daquela primeira e outras visitas à cidade de Atalanta, outro viés daquele lugar intrigava a pesquisadora: no tempo corrente, apesar da pequena área de mata nativa que conhecera, Atalanta era um município tomado por plantações de pinus e eucaliptos, aquilo que se convencionou chamar de deserto verde. Aliado a tal, o município era um grande produtor de fumo, lavoura por si só poluidora, além de produzir grande quantidade de suínos, o que era evidente, pelo olhar e pelo olfato, nos cursos d'água que lá existem. Apesar de todos esses fatores absolutamente não ecológicos, a cidade se autointitulava “Capital Catarinense da Ecologia”. Era algo que, à primeira vista, parecia muito contraditório, e formou-se na pesquisadora o desejo de saber mais a respeito.

Assim, a pequena cidade de Atalanta passou a centralizar diversos interesses dentro da pesquisadora, e esta passou a tê-la em mente grande parte do tempo, indo visitá-la anonimamente, fotografando-a, conversando com os moradores, etc.

Ansiosa por saber mais, tanto geologicamente quanto ecologicamente, sobre a pequena cidade do Alto Vale do Itajaí, a pesquisadora também passou a fazer contatos com o professor doutor geógrafo Nilson Cesar Fraga, amigo há longo tempo e seu consultor para assuntos de geografia em diversas ocasiões, e ele propôs que, nas férias seguintes, ambos subissem a Serra do Rio do Rasto (SC), para que ele pudesse mostrar a ela, inscritos na natureza daquela serra, as diversas manifestações geológicas que falavam da formação do planeta Terra. Tal visita ocorreu em janeiro do ano de 2009, e, enquanto faziam aquela viagem de estudos, sugeriu o prof. Nilson que ela tentasse a seleção de doutorado em Geografia na Universidade Federal do Paraná, o que a pesquisadora acabou fazendo.

Aprovada em tal seleção, ela passou a frequentar as disciplinas necessárias exigidas pelo programa de pós-graduação e a fazer as leituras exigidas e outras. Apresentara um projeto de pesquisa sobre ser Atalanta um local com uma população equivocada, e a primeira grande fonte onde vai beber é em Hobsbawn<sup>2</sup>, mas, mais adiante, seu horizonte irá se ampliar com diversas outras leituras, notadamente Orduna<sup>3</sup> e Porto-Gonçalves<sup>4</sup>, que irão dar o substrato para a pesquisa que então irá acontecer, e que de Atalanta partirá em direção ao mundo das grandes organizações não governamentais internacionais, rumo não esperado no princípio da pesquisa.

### **Construindo a ideia de tese**

A princípio, o projeto versava sobre a pequena Atalanta, uma cidade típica do interior, com vida pacata e uma população voltada ao trabalho no campo – este era o objeto inicial de análise –, uma pequena cidade e os equívocos e controvérsias dos seus habitantes no que se refere ao discurso e à realidade socioambiental vivida.

---

<sup>2</sup> HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

<sup>3</sup> ORDUNA, Jorge. **Ecofascismo**. Las internacionales ecologistas y las soberanías nacionales. Buenos Aires: Grupo Editorial Planeta, 2008.

<sup>4</sup> PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **O desafio ambiental**. Org. Emir Sader. Rio de Janeiro: Record, 2011.

Porém, o que parecia uma problemática simples, curta e objetiva acabou se tornando em algo mais amplo e complexo, isso à medida que as pesquisas avançaram, pois, no decorrer dos levantamentos de dados e informações, Atalanta foi lentamente se tornando periferia das análises e, também, do problema que marca a tese em tela. No começo, buscava-se entender como a dita “Capital Catarinense da Ecologia” reconhecia, aceitava e acreditava nesse *slogan*, uma vez que o território do município é impregnado por *plantation* de *pinus* e *eucaliptus*, e a parte mais expressiva de mata nativa – Mata Atlântica –, se encontra num pequeno fragmento de tal mata nas proximidades da pequena urbe de Atalanta, com uma extensão de apenas 54 ha, incluindo os prédios construídos lá, de uma antiga empresa, e a referencial Cachoeira do Perau do Gropp. Além disso, ou seja, dessa muito pouca coisa ambientalmente natural, há o papel de uma ONG que possui um viveiro de mudas e pequenos projetos de recomposição de mata ciliar e produção de alimentos sem agrotóxicos. Era esse o universo de pesquisa: uma pequena cidade, uma ONG, uma mar de *pinus* e *eucaliptus*, uma unidade de conservação de 54 ha e uma população de pouco mais de 3.000 seres humanos vivendo na “Capital Catarinense da Ecologia” – qual era a visão dessa população sobre sua vida na Capital Catarinense da Ecologia e a análise dessas percepções socioambientais seriam a tese que demonstraria os equívocos e as controvérsias ambientais postas sobre essa pequena comunidade no século XXI, pois, antes disso, Atalanta era apenas uma insignificante cidade do interior do estado.

Mas as pesquisas foram desvendando que tal ONG, que atua em Atalanta, estava ligada a uma rede de outras ONGs, tanto no Brasil como com importantes ONGs internacionais. E isso foi mudando o rumo da pesquisa, pois Atalanta literalmente era um ponto num emaranhado de ONGs que agem em rede, numa escala global. Assim, o trabalho de pesquisa que teria uma base local, acaba ganhando envergadura global, quando vai se desvendando as ONGs ambientalistas numa infinita rede de ações e financiamentos.

Mas as mudanças de rumo a partir das investigações sobre as ONGs não tiram Atalanta do papel de objeto das análises, aliás, reafirma a cidade como tal objeto. Afinal, vai demonstrar que as redes de ONGs ambientalistas

que atuam em todos os níveis e escalas acabam por absorver pequenas comunidades que se enquadram em ações de proteção e conservação da natureza de forma, muitas vezes, geradoras de estranhamentos aos pesquisadores. Tais estranhamentos corroboram com a necessidade de uma mudança de rumo nas análises e, por consequência, interferindo no problema de pesquisa, que seria outro, quando a ONG que atua em Atalanta abre as portas para que se veja uma relação em rede entre ela e outras tantas que apareceram na pesquisa.

A nova problemática de pesquisa, não muito distante daquela aventada no projeto original, se caracteriza pelo processo de inserção da ONG<sup>5</sup> atuante em Atalanta, no seio daquela comunidade. Teria a ONG ambientalista o poder de mudar os rumos de uma comunidade ou apenas de fazer com que tal comunidade acabasse acreditando e vivendo uma nova inversão de tradição inventada? Há que se considerar que, falando em tradição inventada, naquele interior se vivia, até meados dos anos de 1980, como que sob um pequeno mundo ítalo-teuto-catarinense-brasileiro e que, com o advento do discurso ambiental, as tradições estariam sendo invertidas ou mesmo estariam permanecendo, pois muitas das ONGs atuantes em rede hoje possuem suas raízes na Europa.

Teria a ONG ambientalista cooptado a pequena elite política local e levado o discurso puro e santo dos ambientalistas para os afazeres políticos locais? Teria assim contribuído, de fato, para que Atalanta se tornasse uma “Capital Catarinense da Ecologia” por conta das ações de ambientalistas que lá atuam há poucas décadas? Se sim, como explicar as grandes massas verdes de *pinus* e eucaliptos sobre o território municipal? Como explicar o domínio da cultura do fumo por todas as localidades atalantenses? Como ser ecológica e conviver com cursos d’água impregnados pelos dejetos da produção de suínos? Como entender o papel de ONGs que, em rede internacional, não dão conta de fazer de uma pequena cidade no interior do Brasil um exemplo socioambiental?

Atualmente, as ideias das organizações ambientais e a maior visibilidade de suas ações contribuem para que outros atores se incorporem

---

<sup>5</sup> ONG = Organização não governamental.

mais efetivamente no debate ambiental, dentre estes, os grupos científicos e parte do empresariado, em todos os níveis. A presença da comunidade científica se multiplica, e diversos centros de pesquisa interdisciplinares e instituições acadêmicas interdisciplinares de pós-graduação em meio ambiente desempenham papel relevante em programas e parcerias com agências governamentais, ONGs, e empresas privadas visando à conservação e uso sustentável da biodiversidade<sup>6</sup>.

O grande ponto de inflexão do movimento ambientalista ocorre com a constituição de fóruns e redes que têm importância estratégica para ativar, expandir e consolidar o caráter multissetorial do ambientalismo. Em alguns setores ocorre a incorporação de uma multiplicidade de atores, como é o caso das experiências de participação na gestão de preservação da biodiversidade através da formação de redes. As redes se fortalecem no plano político e institucional, sendo cada vez mais reconhecidas pela sociedade como pelos governos, sendo crescentemente solicitada a participar dos processos decisórios. Têm estimulado parcerias que potencializem ações que articulam o poder público local com associações de moradores para pensar o desenvolvimento sócio-econômico<sup>7</sup>.

Nesse contexto entram em pauta a sustentabilidade, a racionalidade, a complexidade e as relações de poder que envolvem esse processo sociedade (vs.) natureza. Para Enrique Leff<sup>8</sup>, o discurso oficial do desenvolvimento sustentável penetrou nas políticas ambientais e em suas estratégias de participação social, onde interagem diversos grupos de cidadãos, tais como empresários, acadêmicos, trabalhadores, indígenas, trabalhadores rurais, administradores, entre outros.

As normas nacionais são aquelas que, quer sejam gerais, quer sejam multissetoriais quanto à sua natureza, fornecem o quadro geral e as pautas para o planejamento do desenvolvimento regional (subnacional ou multinacional) e os requisitos gerais para a inclusão de Estudos de Impactos Ambientais – EIAs nos processos de planejamento. As normas setoriais são mais específicas, assim como também os padrões e requisitos processuais relacionados a determinadas áreas de interesse. Tais questões demandam

---

<sup>6</sup> JACOBI, Pedro. Disponível em: <[www.scienciaplana.org.br/SP5095402.htm](http://www.scienciaplana.org.br/SP5095402.htm)>. Acesso em: 18 jul. 2012.

<sup>7</sup> JACOBI, Pedro. Disponível em: <[www.scienciaplana.org.br/SP5095402.htm](http://www.scienciaplana.org.br/SP5095402.htm)>. Acesso em: 18 jul. 2012.

<sup>8</sup> LEFF, E. **Epistemologia Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2001, p. 28.

amplas discussões, podendo questionar a ordem jurídica constituída sobre os princípios do direito privado, podendo, inclusive, abrir novos campos no direito cultural, ambiental e coletivo a um ordenamento jurídico que responda a novas formas de propriedade e apropriação dos meios de vida e de produção, promovidos por processos emergentes de socialização da natureza, conforme apontado por Enrique Leff<sup>9</sup>.

Mas alguns elementos analíticos antecedem a questão ambiental posta anteriormente, sendo eles: o espaço, o território, a região etc., em que autores brasileiros, tais como Corrêa<sup>10</sup> e Lencioni<sup>11</sup>, fundamentam o entendimento da lógica do ordenamento regional – importante se considerar que Atalanta se encontra numa região geográfica catarinense –, embora outros autores também deem suporte ao estudo, como Milton Santos. O objeto geográfico é definido por Milton Santos como qualquer objeto móvel e imóvel que interessa ao estudo da Geografia<sup>12</sup>.

As posições conceituais de Milton Santos e de Rogério Haesbaert vêm sustentar, na atualidade, o pensamento de Marcos Aurélio Saquet, no que concerne à questão do território. Saquet<sup>13</sup> destaca que o território significa natureza e sociedade; economia, política e cultura, ideia e matéria; identidades e representações; apropriação, dominação e controle; des-continuidades; conexão e redes; domínio e subordinação; degradação e proteção ambiental; terra, formas espaciais e relações de poder; diversidade e unidade, e tal leitura

---

<sup>9</sup> Idem, ibidem, p. 160.

<sup>10</sup> CORRÊA, R. L. **Região e Organização espacial**. São Paulo: Ática. 1991, p. 55. “A organização espacial possui a nosso ver, vários sinônimos: estrutura territorial, configuração espacial, formação espacial, arranjos espacial, espaço geográfico, espaço social, espaço socialmente produzido ou, simplesmente espaço. Dizer que cada uma delas corresponde a uma específica visão de mundo e, ainda, que uma é melhor que a outra constitui, a nosso ver, falsas assertivas, de natureza formal e maniqueísta”.

<sup>11</sup> LENCIONI, S. **Região e Geografia**. São Paulo: EDUSP. 2003. No capítulo “Perspectivas contemporâneas da Geografia Regional”, Lencioni trata da nova ordem-desordem que se apresenta numa maneira que nos faz pensar sobre o espaço, a desterritorialidade, a condição pós-moderna e a compreensão do processo histórico, em que, na análise da Geografia pós-moderna, a globalização traz à tona o questionamento da análise regional e sua relevância entre o local e o global.

<sup>12</sup> [...] tal uma cidade, uma barragem, uma estrada de rodagem, um porto, uma floresta, uma plantação, um lago, uma montanha. Tudo isso são objetos geográficos. Estes objetos geográficos são do domínio tanto do que se chama a Geografia Física como do domínio da Geografia Humana e através da história desses objetos, isto é, da forma que foram produzidos e mudam, essa Geografia Física e essa Geografia Humana se encontram (SANTOS, 2004, p. 72).

<sup>13</sup> SAQUET, Marcos A. **Abordagens e Concepções de Território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007, p. 24.

conceitual ajuda no entendimento de Atalanta, como um território construído e inventado pela sua população por décadas. Mas não se duvida mencionar que as relações de poder são outras com o advento do ambientalismo militante e atuante sobre o município, sobretudo com a chegada da atuante ONG ambientalista local.

Desta forma, o conceito de território usado aqui não é baseado em uma dimensão física por uma pessoa singular ou limites administrativos em distâncias curtas e bem estabelecidas. A definição é o resultado do território e da parte constitutiva de um conjunto complexo de interações estabelecidas pelas pessoas do seu lugar de vida, dos espaços sociais, culturais, utilizações de recursos, e também dos agentes exógenos e endógenos. A territorialidade, portanto, é o resultado das forças que atuam no território, mesmo que as de Atalanta venham sofrendo processo de desterritorialização e reterritorialização por meio de um viés ambiental que antes era secundário no mundo vivido por eles e na sua vida pacata de interior.

Voltando ao território e, ainda, conforme Saquet<sup>14</sup>, como espaço usado e apropriado econômica e geopoliticamente, pode ser identificado de formas distintas: a) uma centrada na geopolítica do Estado e na soberania, diante da globalização econômica, reconhecendo as redes e elementos (i)materiais; b) outra, materialista, pautada nas relações capital-trabalho, no uso do espaço e na reprodução de capital, algo que parece se encaixar perfeitamente para Atalanta, pois a pequena cidade não vive fora dessa realidade, porém, agora, como os reflexos da ONG ambientalista. Deleuze e Guattari<sup>15</sup> exprimem o pensamento de desterritorialização no sentido relativo e absoluto por meio da Física e da Psicologia ou do social. Na relação histórica da terra com os territórios que nela se desenham ou se apagam, suas relações geológicas com eras e catástrofes, nas relações astronômicas com o cosmos e o sistema estelar de que faz parte – este é o sentido relativo. Já a desterritorialização absoluta é pensada segundo as relações, por determinar, como estas são relativas, não somente cósmicas, mas geográficas, históricas e psicossociais. Parece que tais sentidos e relações de desterritorialização ajudam no

---

<sup>14</sup> SAQUET, Marcos A., *ibidem*, p. 67.

<sup>15</sup> DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Editora 34, 2004, p. 119.



entendimento das coisas que acontecem socioambientalmente e contemporaneamente em Atalanta, pois as coisas lá ainda parecem muito relativas para serem apreendidas, de fato, pela população local e até mesmo pelos que são de fora.

Mas em Milton Santos<sup>16</sup> tem-se o que venha a ser desterritorialização: a circulação ou mobilidade humana do lugar, como turistas ou imigrantes, e também, os produtos, as mercadorias, as imagens, as ideias. Tudo voa. Daí a ideia de desterritorialização. Assim, o que se percebe nos modernos estudos sobre o território é a construção, desconstruções, os fluxos e as relações sociais sobre territórios que estiveram durante tempos pensados de forma primária e estanques, mas que podem sofrer mudanças, ou reterritorializações, a qualquer momento.

No que tange às redes e ao poder, Claude Reffestin (1980, p. 83) esclarece que toda estratégia integra a mobilidade e, por consequência, elabora uma função circulação-comunicação – é uma função de poder, em que “[...] a circulação imprime a sua ordem”. Nesse caso, o poder não consegue evitar o que pode ser visto ou controlado.

Então, circulação e comunicação procedem de estratégias e estão a serviço delas. Redes de circulação e comunicação contribuem para modelar o quadro espaço-temporal que é todo território. Do ponto de vista da circulação, toda rede está em perpétua transformação, dependendo da escala privilegiada pelas estratégias – se a grande ou a pequena. No caso específico deste trabalho, cabe ressaltar que a pequena escala é aquela que tenta realizar uma integração territorial e uma continuidade na distribuição das distâncias: controle dos espaços moleculares por oposição aos espaços, com os atores políticos se inspirando, na maioria das vezes, em princípios hierárquicos e centralizadores (FRAGA, 2011). As redes não são somente a exibição do poder, mas ainda feitas à imagem do poder. A informação, composta de mensagens, é comunicada por meios cuja natureza e utilização implica uma certa concepção do espaço e do tempo, para a gestão e o controle dos quais a comunicação é indispensável, conforme argumenta Claude Reffestin (1980).

---

<sup>16</sup> SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2004, p. 328.

As redes que marcam o espaço geográfico podem ser analisadas sob a ótica de Roberto Lobato Corrêa, quando este demonstra a forma como a rede se aplica à realidade. Para Lobato Corrêa (1997, p. 107), "Há em realidade inúmeras e variadas redes de modo visível ou não na superfície terrestre", funcionando dentro da lógica capitalista de organização do espaço, que, por sua vez, tem diversas formas de manifestação, variando suas dimensões de análise dependendo do contexto econômico e político em que está inserida.

Por rede geográfica entende-se um conjunto de localizações geográficas interconectadas entre si por um certo número de ligações. Este conjunto pode ser constituído tanto por sede de cooperativa de produtores rurais e as fazendas e a ela associadas, como pelas ligações materiais e imateriais que conectam a sede de uma grande empresa, seu centro de pesquisa e desenvolvimento, suas fábricas, depósito e filiais de venda (FRAGA, 2011). As redes geográficas, para esse autor, são como qualquer materialidade social, produto e condições sociais. Dessa forma, no momento em que se convive na atual fase do capitalismo se está inserido em alguma rede geográfica e ainda excluído ou ausente de um número ainda maior de redes. Essa lógica pode ser estendida para o passado e início das relações de capitalismo.

Assim, Lobato Corrêa (1997) especifica um quadro sobre a análise das redes geográficas em três dimensões: organizacional, temporal e espacial. Tais dimensões permitem identificar a configuração interna da entidade estruturada em rede, a duração da rede, a velocidade dos fluxos e a frequência como a rede se estabelece, além de compreender a escala, a forma espacial e a conexão. No sentido metodológico, o estudo de redes é um amplo conteúdo que favorece a formulação de novas propostas a serem destrinchadas e restabelecidas ao longo do tempo, à medida que se modificam os papéis e as funções dos centros geradores de capital.

Esse é o caso que se pensa para Atalanta, quando se questiona se ela estaria passando, ou não, por um processo de reterritorialização a partir do advento dos novos elementos ambientais que a tentam fazer ser a "Capital Catarinense da Ecologia", uma vez que ecologicamente ela vive a típica agonia de outros lugares que levam seus recursos naturais quase à exaustão, além, é

claro, das ligações em rede da ONG ambientalista que atua no município e que está ligada em rede com ONGs nacionais e internacionais.

Na determinação da localização como conceito que complementa território e espaço, há que se esclarecer que a cidade (como ponto que une e liga as redes) possui dois espaços que se inter-relacionam: o dos objetos em si, produzidos ou não pelo trabalho humano, e o determinado pelos locais onde estes são produzidos e consumidos. É nesse processo que aparece a questão que envolve a localização como sendo os locais onde os produtos são produzidos e consumidos (FRAGA, 2011).

### **Construindo as ideias em tese**

O conjunto de procedimentos metodológicos que orientou as etapas desta tese está representado no que segue.

A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta de dados (pesquisa naturalista), e na pesquisa qualitativa tem o pesquisador como seu principal instrumento (PEZZATO, 2011). Há numerosos métodos e técnicas de coleta de dados da pesquisa qualitativa, dentre eles citamos: 1) Relatos orais, entrevistas individuais e grupais (o grupo focal); história de vida; depoimentos; 2) Observação, a pesquisa etnográfica. São considerados conteúdos das observações das pesquisas de caráter etnográfico: a) a descrição dos sujeitos; b) a reconstrução dos diálogos (palavras, gestos, sinais); c) a descrição de locais; d) a descrição de eventos especiais (episódios); e) a descrição de atividades; e f) o registro do comportamento do observador (atitudes, ações, conversas, como aponta Pezzato (2011, p. 168); 3) Análise documental, citada por Pezzato (2011), considera que são documentos “quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fonte de informação sobre o comportamento humano”, como, por exemplo: leis e regulamentos, normas, pareceres, cartas, memorandos, diários pessoais, autobiografias, jornais, revistas, discursos, roteiros de programas de rádio e televisão, até livros, estatísticas e arquivos. O estudo de documentos pode compreender: a análise de textos escritos (impressos e não impressos); a análise de textos falados (diálogo – privado ou público – e monólogo –

improvisos ou falas preparadas); a análise de imagens paradas e a análise de imagens em movimento (PEZZATO, 2011).

João Pedro Pezzato (2001) estabelece que, embora sejam discutidas as diferenças paradigmáticas entre a pesquisa quantitativa e a qualitativa, é importante afirmar que não existe, necessariamente, oposição entre os diversos instrumentos de pesquisa empregados em ambas. Isso significa, por exemplo, que em uma pesquisa de caráter qualitativo é possível haver demonstração de dados numéricos como elemento de argumentação. Tais argumentações metodológicas são importantes, pois, ao usá-las nessa pesquisa, elas ajudaram a desvendar o objetivo do trabalho, que era analisar a questão das redes ecológicas que atuam em Atalanta, SC, por meio da atuação de organizações não governamentais.

Nesse sentido, o metodológico, que caminha entre o quantitativo e o qualitativo, no estudo voltado às características físico-naturais do município estudado, utilizou-se do expressivo material bibliográfico encontrado, principalmente no banco de dados da Universidade Regional de Blumenau – FURB, na Fundação do Meio Ambiente de Santa Catarina – FATMA, e outras instituições acadêmicas.

Para interpretar mais detidamente o desenvolvimento socioeconômico e a infraestrutura regional e especialmente de Atalanta, usou-se de levantamentos em bibliotecas públicas e em acervos dos arquivos públicos de Atalanta, arquivos da Universidade Regional de Blumenau – FURB, da Universidade Federal de Santa Catarina, da Secretaria de Planejamento do Estado de Santa Catarina, além de jornais de circulação estadual e regional e informações obtidas na Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, Biblioteca Pública de Santa Catarina, Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, na Fundação Cultural de Blumenau, na Biblioteca Municipal Fritz Müller (Blumenau), dentre outros.

Os dados coletados nos órgão acima mencionados propiciaram levantamentos e análises da formação socioespacial e ambiental de Atalanta. Tais acervos públicos tornaram-se fundamentais no presente trabalho, possibilitando uma análise interdisciplinar das questões políticas, sociais,

estruturais desse espaço geográfico, direcionando as abordagens para as questões socioambientais e culturais regionais e de Atalanta.

Para levantamento das condições gerais atinentes às potencialidades do município em questão, correlacionaram-se informações diretas e indiretas, por meio de levantamentos bibliográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, onde se coletou dados para averiguar o desempenho populacional, por intermédio dos informativos censitários, e elaborou-se uma avaliação do número de habitantes e do decréscimo censitário atalantense, além do cartograma que permite localizar Atalanta no conjunto dos municípios catarinenses e na sua região geográfica, conforme se verifica na figura 1.

Nos arquivos da Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina – FIESC e do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE/SC, foi possível resgatar documentos e relatórios que levaram à evolução industrial e comercial da Região do Alto Vale do Itajaí e ao papel de Atalanta nesse contexto.

Os órgãos estatais, tais como a Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento e a Secretaria de Estado da Educação, Cultura e do Desporto, permitiram a aquisição de preciosas informações que levaram à caracterização da estrutura regional e da formação socioespacial do Alto Vale do Itajaí e de Atalanta.

Outras informações para completar o quadro infraestrutural da área da pesquisa foram coletadas na Companhia de Eletrificação do Estado de Santa Catarina – CELESC e da Companhia de Água e Esgoto do Estado de Santa Catarina – CASAN e ajudaram no entendimento da realidade vivida pela população municipal.

O trabalho de campo consistiu numa série de visitas à cidade, aos seus arredores e ao Parque Jardim da Mata Atlântica, observando e obtendo informações de moradores sobre a realidade do seu entorno, e de uma sequência de entrevistas. Foram realizadas entrevistas com a população, foram feitas 10 entrevistas abertas, mas convencionais, gravadas, com pessoas da comunidade, conforme segue: quatro pessoas do sexo masculino, seis pessoas do sexo feminino; cinco pessoas tinham idade superior a 50 anos, cinco pessoas tinham idade inferior a 50 anos. De quatro se soube a religião:

três eram luteranas e uma era evangélica pentecostal; duas pessoas tinham jornada dupla de trabalho: eram agricultores e trabalhavam em uma fábrica, concomitantemente; uma era estudante, uma era aposentada e vivia de rendas, uma era do lar, duas eram pequenas comerciantes, uma era professora, uma era industrial em outra cidade, um era agricultor. Tais entrevistas estão gravadas em fitas cassete e transcritas em relatório. As pessoas não foram identificadas formalmente, mas apenas por sua profissão, sexo e idade. Além de tais entrevistas gravadas, teve-se convívio com a população local em diversas ocasiões: frequentando o comércio local em manhãs de sábado e fazendo compras em lojas de roupas, eletrodomésticos e agropecuárias, além da feirinha acontecida nessas manhãs, onde aconteceram as mais diferentes conversas, que estão relatadas em relatório específico; caminhando pela cidade e campo em diversas ocasiões; participando de uma festa de aniversário para 100 pessoas, onde a pesquisadora pode fazer contatos e ter as mais diversas conversas com outras pessoas lá presentes, sobre variados assuntos, em que eram inseridos, sempre que possível, os temas de interesse da pesquisa. Tais detalhes também constam de relatório apresentado ao orientador. Ressalte-se aqui a intimidade que a pesquisadora conseguiu junto à comunidade, a ponto de haver sido convidada para essa festa de aniversário, que era de um jovem de 25 anos. Teve conversas informais com diversas pessoas que de alguma maneira viviam, passavam ou visitavam a casa onde se hospedou em todas as vezes em que ficou na cidade. No ano de 2013 foram feitas as entrevistas com as autoridades de Atalanta, que incluiu o prefeito, os vereadores, diversos secretários, a diretora da escola, algumas pessoas da ONG que atua na cidade ou ligadas a ela, como se verá mais adiante. Tais entrevistas também foram gravadas em arquivo de voz e estão salvas em mais de um computador. Consistiam de duas perguntas fixas, conforme também se verá mais adiante.

A ideia central, em toda essa movimentação de campo era, todo o tempo, a de tentar entender/medir o nível de informação e o imaginário de uma população que se acreditava que talvez estivesse equivocada.

Os espaços urbanos com seus parques ecológicos, muitas vezes, carregam uma natureza desvincilhada do natural, pois possuem uma natureza

socializada, sem representarem, às vezes, uma natureza com representatividade relevante, ou seja, uma vegetação primária. Mas esses espaços são ícones, imagens de florestas nativas que transformam esses espaços em mercadoria pelo modo de produção, algo que se pode consumir, a exemplo de um produto no supermercado. Tais espaços ecológicos na cidade podem ser vistos, ainda, como alegorias para dias de festas e visitantes, simulacros no espaço e no tempo. Quase sempre são equipamentos urbanos pensados e projetados e executados no plano político e econômico, com forte apelo para a estética urbana.

Desse modo, é possível concluir que a produção do espaço é, na verdade, a produção de localizações. As diferentes localizações apresentam diferentes valores, associados não somente ao valor dos elementos urbanos existentes, mas também à maior ou menor acessibilidade aos bens e serviços existentes na cidade. Essa diferenciação entre valores das localizações explica a diferença de valor, sobretudo nas áreas urbanas (FRAGA, 2011).

De forma especial, os dados e diversas informações colhidas nas atividades de campo em nível de reconhecimento geral permitiram o registro fotográfico de partes da área estudada e de aventar abordagens com informações coletadas *in loco*, tais como: a situação ambiental municipal, os locais históricos e o sítio urbano da cidade objeto da pesquisa. O cartograma (figura 1) permite verificar a localização de Atalanta, município objeto das análises, no contexto brasileiro, catarinense e do Vale do Itajaí.

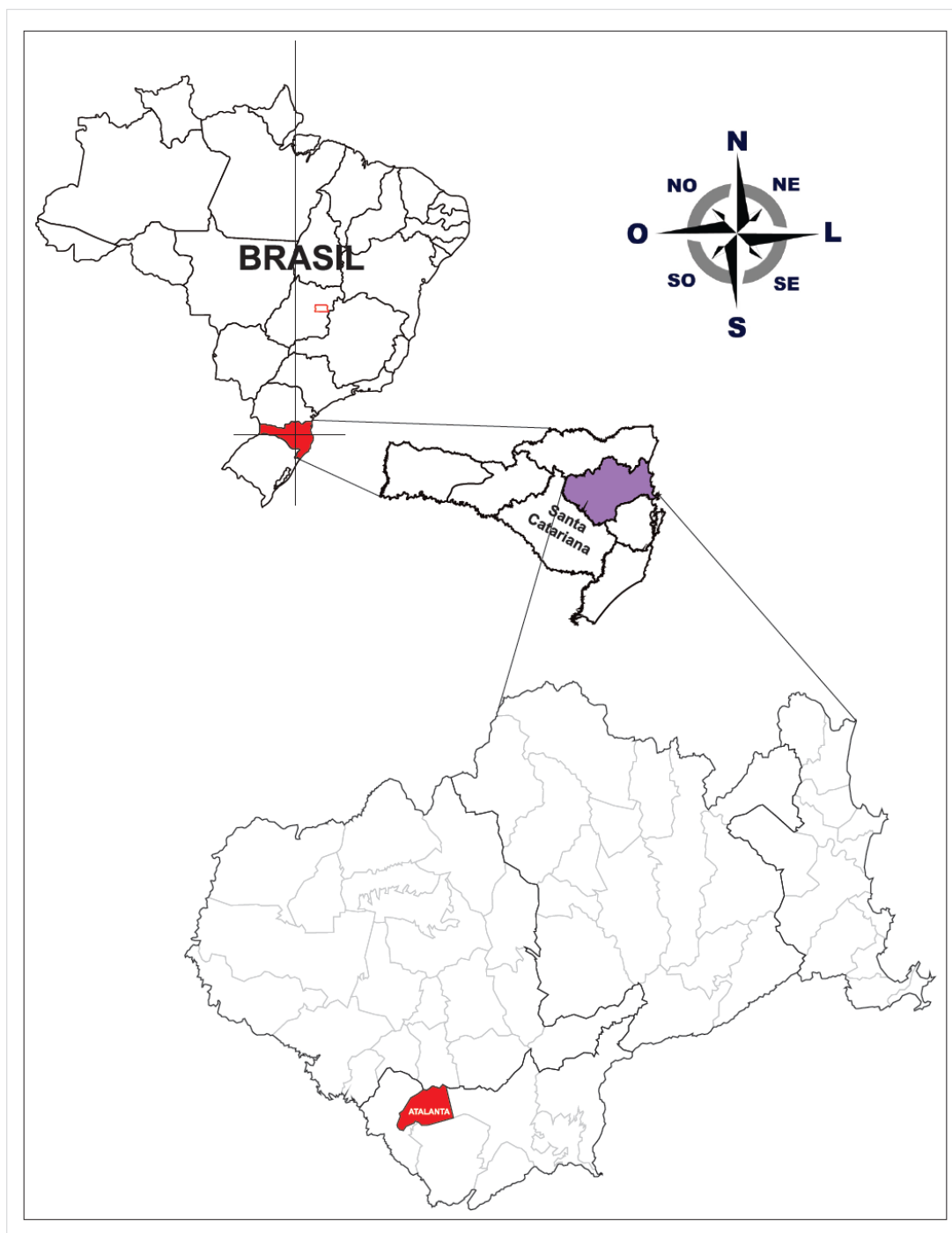


Figura 1: Cartograma de Localização de Atalanta.

Fonte: IBGE, 2012, SDR-SC, 2012. Elaborado por M. F. Oswald, 2012.





*Atalanta, a área conservada, por Nilson Cesar Fraga, 2010.*

## **CAPÍTULO I – IDEIAS E FUNDAMENTOS GEOGRÁFICO-AMBIENTAIS**

## 1. MEIO AMBIENTE: ENTRE A CIÊNCIA E O MODISMO

Atualmente, vive-se uma época de rápidas e intensas mudanças, com grandes discussões sobre relações humanas e questionamentos acerca dos valores necessários para criar-se um mundo melhor.

Na concepção de Capra<sup>17</sup>, devem-se conhecer os princípios ecológicos básicos para que se possam extrair deles algumas lições morais e, dessa forma, transpor essa moralidade presente na natureza às formações sociais humanas, a fim de se retomar o rumo civilizacional em padrões sustentáveis. Isso significa entender que todos os sistemas vivos interconectados e a qualidade de vida humana dependem da proteção, restauração e equilíbrio de todos os sistemas vivos da natureza.

O planeta oferece alguns recursos, os quais estão estreitamente afeiçoados à vida, como o ar, a água, a terra, os minerais, as plantas e os animais. Porém, devido à má utilização desses recursos, as civilizações estão sendo ameaçadas. Desde o início da era industrial, o número de seres humanos multiplicou-se e, juntamente com esse aumento dos seres humanos e de suas atividades, aumentaram também os impactos sobre o meio ambiente e consequentemente a diversidade da vida na Terra diminuiu<sup>18</sup>.

Desenvolvimento e Meio Ambiente são desafios que devem estar articulados um ao outro, e, para que o primeiro ocorra é necessário que as bases dos recursos ambientais não se deteriore. O meio ambiente estará protegido se o crescimento, por sua vez, estiver atrelado a uma consciência sobre as consequências da destruição ambiental e levá-las em conta<sup>19</sup>.

Partindo da definição de desenvolvimento sustentável pelo Relatório Brundtland de 1987, percebe-se que tal conceito não fala apenas a respeito do impacto da atividade econômica no meio ambiente; retrata, principalmente, as

---

<sup>17</sup> CAPRA, F. A. **Teia da Vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: 1996. .

<sup>18</sup> ARANHA, V. L. Desenvolvimento e Meio Ambiente. **Revista CB Júris** – Ano I, nº 2 – junho /99.

<sup>19</sup> COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso futuro comum**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getulio Vargas, 1991.

consequências dessa relação na qualidade de vida e no bem-estar da sociedade, tanto presente quanto futura.

O Desenvolvimento Sustentável é aquele que atende às necessidades das gerações atuais sem comprometer as possíveis necessidades das gerações futuras. Em seu sentido mais amplo, o desenvolvimento sustentável busca proporcionar a harmonia entre a humanidade e a natureza e entre os próprios seres vivos.

Foi a partir da Conferência sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1972, Estocolmo, na Suécia, que a proposta de desenvolvimento sustentável surge neste contexto, como alternativa de harmonização entre desenvolvimento econômico com a questão socioambiental, procurando atender às necessidades das gerações atuais sem comprometer o usufruto para as futuras gerações, na busca da conciliação entre trabalho e cuidado<sup>20</sup>.

Na prática educativa, compreender esta noção de desenvolvimento sustentável ainda é um processo muito vago. O mundo desenvolvido não se mostra tão entusiasmado diante de tal obrigação. Ao contrário, os países em fase de desenvolvimento percebem e reconhecem a seriedade da questão (KRAEMER, 2006).

Reafirma-se o pensamento de Motomura quando afirma:

Quanto mais entendemos a realidade na qual vivemos, mais humildes nos tornamos, adquirimos um respeito excepcional por todos os seres vivos sem qualquer exclusão, passamos a ter um relacionamento melhor com todos. (MOTOMURA, *apud* CAPRA, 1996)

Diante de tal afirmação, devem-se melhorar os conhecimentos, para que se possa ter acesso a uma melhor qualidade de vida, assim como afirma Maturana (1998) quando diz que o verdadeiro conhecimento não controla nem tem a intenção de controlar, mas conduz ao entendimento, à compreensão, a uma convivência harmônica e ajustada ao meio e aos outros. Para esse autor, viver é conhecer, conhecer é viver. Ou seja, ainda que “conhecer” é uma ação efetiva que proporciona a um ser vivo continuar sua existência no mundo o qual

---

<sup>20</sup> BOFF, L. **Saber Cuidar: Ética do Humano – Compaixão pela Terra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

ele retrata ao conhecê-lo. Acertadamente, Boff<sup>21</sup> adverte: “ter consciência de um problema ainda não é resolvê-lo, embora seja um passo indispensável”, sendo conhecer fundamentalmente importante, pois só se respeita e tem amor ao que se conhece o valor.

Crê-se que é necessário, para o futuro bem-estar de todos, considerar-se também o pensamento e os ensinamentos dos povos originários, e é por tal motivo que incluímos, a seguir, partes do resultado da Conferência Mundial dos Povos sobre as Mudanças Climáticas e os Direitos da Mãe Terra, acontecida na Bolívia, em abril de 2010, para que fique como registro, mesmo numa citação tão longa. É uma forma de registro, pois quase sempre as pessoas não buscam nos apêndices e anexos, assim como não vão à busca de tais documentos nos bancos de dados.

#### **Conferencia Mundial de los Pueblos sobre el Cambio Climático y los Derechos de la Madre Tierra**

**22 de Abril, Cochabamba, Bolivia**

#### **ACUERDO DE LOS PUEBLOS**

Hoy, nuestra Madre Tierra está herida y el futuro de la humanidad está en peligro.

De incrementarse el calentamiento global en más de 2 °C, a lo que nos conduciría el llamado “Entendimiento de Copenhague” existe el 50% de probabilidades de que los daños provocados a nuestra Madre Tierra sean totalmente irreversibles. Entre un 20% y un 30% de las especies estaría en peligro de desaparecer. Grandes extensiones de bosques serían afectadas, las sequías e inundaciones afectarían diferentes regiones del planeta, se extenderían los desiertos y se agravaría el derretimiento de los polos y los glaciares en los Andes y los Himalayas. Muchos Estados insulares desaparecerían y el África sufriría un incremento de la temperatura de más de 3°C. Así mismo, se reduciría la producción de alimentos en el mundo con efectos catastróficos para la supervivencia de los habitantes de vastas regiones del planeta, y se incrementaría de forma dramática el número de hambrientos en el mundo, que ya sobrepasa la cifra de 1.020 millones de personas.

(...)

Bajo el capitalismo, la Madre Tierra se convierte en fuente sólo de materias primas y los seres humanos en medios de producción y consumidores, en personas que valen por lo que tienen y no por lo que son.

El capitalismo requiere una potente industria militar para su proceso de acumulación y el control de territorios y recursos naturales, reprimiendo la resistencia de los pueblos. (...).

---

<sup>21</sup> BOFF, L. **Saber Cuidar: Ética do Humano – Compaixão pela Terra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

Planteamos a los pueblos del mundo la recuperación, revalorización y fortalecimiento de los conocimientos, sabidurías y prácticas ancestrales de los Pueblos Indígenas, afirmados en la vivencia y propuesta de “Vivir Bien”, reconociendo a la Madre Tierra como un ser vivo, con el cual tenemos una relación indivisible, interdependiente, complementaria y espiritual.

(...)

En la actualidad ya se ha excedido en más de un 30% la capacidad del planeta para regenerarse. A este ritmo de sobreexplotación de nuestra Madre Tierra se necesitarían 2 planetas para el 2030.

(...)

Los países desarrollados, principales causantes del cambio climático, asumiendo su responsabilidad histórica y actual, deben reconocer y honrar su deuda climática en todas sus dimensiones, como base para una solución justa, efectiva y científica al cambio climático.

(...)

Honren estas deudas como parte de una deuda mayor con la Madre Tierra adoptando y aplicando la Declaración Universal de los Derechos de la Madre Tierra en las Naciones Unidas.

(...)

Advertimos al mundo que no obstante estar obligados legalmente las emisiones de los países desarrollados en lugar de reducir, crecieron en un 11,2% entre 1990 y 2007.

Estados Unidos a causa del consumo ilimitado aumentó sus emisiones de GEI en 16,8% durante el período 1990 al 2007, emitiendo como promedio entre 20 y 23 toneladas anuales de CO2 por habitante, lo que representa más de 9 veces las emisiones correspondientes a un habitante promedio del Tercer Mundo, y más de 20 veces las emisiones de un habitante de África Subsahariana.

Rechazamos de manera absoluta el ilegítimo “Entendimiento de Copenhague”, que permite a estos países desarrollados ofertar reducciones insuficientes de gases de efecto invernadero.

(...)

El inmenso desafío que enfrentamos como humanidad para detener el calentamiento global y enfriar el planeta sólo se logrará llevando adelante una profunda transformación en la agricultura hacia un modelo sustentable de producción agrícola campesino e indígena/originario, y otros modelos y prácticas ancestrales ecológicas que contribuyan a solucionar el problema del cambio climático y aseguren la Soberanía Alimentaria, *entendida como el derecho de los pueblos a controlar sus propias semillas, tierras, agua y la producción de alimentos, garantizando, a través de una producción en armonía con la Madre Tierra, local y culturalmente apropiada, el acceso de los pueblos a alimentos suficientes, variados y nutritivos en complementación con la Madre Tierra y profundizando la producción autónoma (participativa, comunitaria y compartida) de cada nación y pueblo.*

(...)

El agro negocio a través de su modelo social, económico y cultural de producción capitalista globalizada y su lógica de producción de alimentos para el mercado y no para cumplir con el derecho a la alimentación, es una de las causas principales del cambio climático.

(...)

Exigimos reconocer el derecho de todos los pueblos, los seres vivos y la Madre Tierra a acceder y gozar del agua y apoyamos la propuesta

del Gobierno de Bolivia para reconocer al agua como un Derecho Humano Fundamental.

La definición de bosque utilizada en las negociaciones de la Convención Marco de las Naciones Unidas sobre Cambio Climático, la cual incluye plantaciones, es inaceptable. *Los monocultivos no son bosques*. Por lo tanto, exigimos una definición para fines de negociación que reconozca los bosques nativos y la selva y la diversidad de los ecosistemas de la tierra.

La *Declaración de la ONU sobre los Derechos de los Pueblos Indígenas* debe ser plenamente reconocida, implementada e integrada en las negociaciones de cambio climático. La mejor estrategia y acción para evitar la deforestación y degradación y proteger los bosques nativos y la selva es reconocer y garantizar los derechos colectivos de las tierras y territorios considerando especialmente que la mayoría de los bosques y selvas están en los territorios de pueblos y naciones indígenas, comunidades campesinas y tradicionales.

(...)

Exigimos a los gobiernos un programa mundial de restauración de bosques nativos y selvas, dirigido y administrado por los pueblos, implementando semillas forestales, frutales y de flora autóctona. Los gobiernos deben eliminar las concesiones forestales y apoyar la conservación del petróleo bajo la tierra y que se detenga urgentemente la explotación de hidrocarburos en las selvas.

Exigimos a los Estados que reconozcan, respeten y garanticen la efectiva aplicación de los estándares internacionales de derechos humanos y los derechos de los Pueblos Indígenas (...) En especial, demandamos a los Estados a que reconozcan jurídicamente la preexistencia del derecho sobre nuestros territorios, tierras y recursos naturales para posibilitar y fortalecer nuestras formas tradicionales de vida y contribuir efectivamente a la solución del cambio climático.

(...)

El mercado de carbono se ha transformado en un negocio lucrativo, mercantilizando nuestra Madre Tierra, esto no representa una alternativa para afrontar el cambio climático, puesto que saquea, devasta la tierra, el agua e incluso la vida misma.

La reciente crisis financiera ha demostrado que el mercado es incapaz de regular el sistema financiero, que es frágil e inseguro ante la especulación y la aparición de agentes intermediarios, por lo tanto, sería una total irresponsabilidad dejar en sus manos el cuidado y protección de la propia existencia humana y de nuestra Madre Tierra.

(...)

El conocimiento es universal, y por ningún motivo puede ser objeto de propiedad privada y de utilización privativa, como tampoco sus aplicaciones en forma de tecnologías. Es deber de los países desarrollados compartir su tecnología con países en desarrollo (...). El mundo debe recuperar, aprender, reaprender los principios y enfoques del legado ancestral de sus pueblos originarios para detener la destrucción del planeta, así como los conocimientos y prácticas ancestrales y recuperación de la espiritualidad en la reinserción del vivir bien juntamente con la Madre Tierra.

(...) demandamos la creación de un Tribunal Internacional de Justicia Climática y Ambiental que tenga la capacidad jurídica vinculante de prevenir, juzgar y sancionar a los Estados, las Empresas y personas que por acción u omisión contaminen y provoquen el cambio climático.

(...)

El futuro de la humanidad está en peligro (...)

llamamos a construir un Movimiento Mundial de los Pueblos por la Madre Tierra que se basará en los principios de complementariedad y respeto a la diversidad de origen y visiones de sus integrantes, constituyéndose en un espacio amplio y democrático de coordinación y articulación de acciones a nivel mundial.  
(...)

Torna-se muito importante que se esteja atento às diversas vertentes de informação existentes nas mais diversas escalas políticas e do conhecimento humano sobre o assunto, para que se possa ter clareza sobre o que está a acontecer no planeta.

## 1.2 “História” e meio ambiente

José Augusto Pádua<sup>22</sup> foi quem fez a pesquisa e a reflexão mais antiga que conhecemos sobre a História e o meio ambiente no Brasil. Às p. 71-72 do seu livro abaixo referenciado encontra-se o que segue:

Quando os conquistadores europeus começaram a chegar ao atual território brasileiro, encontraram um conjunto impressionante de mangues, rios, florestas, cerrados, campos e outras estruturas complexas produzidas pela dinâmica da natureza. Encontraram também um mosaico de populações cujos ancestrais conviviam com tais estruturas há mais de 12.000 anos, utilizando-as, modificando-as e representando-as através de uma rica diversidade de culturas e formas sociais. Apesar das interações entre tais populações e ecossistemas terem sido consideráveis, marcando de maneira decisiva a construção da paisagem, não chegaram a produzir processos massivos do que hoje classificaríamos como “degradação ambiental”. Na verdade, é muito difícil para o observador atual visualizar a paisagem brasileira antes de 1500. Como seria esse território sem o impacto dos animais introduzidos pelos europeus, como os bois e os cavalos? Ou sem tantas espécies vegetais que, para provável surpresa de muitos, também foram introduzidas, como as mangueiras e os coqueiros?<sup>23</sup> Ou com o litoral quase todo coberto de norte a sul, por mais de 110 milhões de hectares de mata atlântica?

Se Pádua procura fazer com que se veja o problema em escala nacional, vai-se trazer o mesmo para a escala local, para depois termos um vislumbre da escala mundial.

<sup>22</sup> PÁDUA, José Augusto. **Um sopro de destruição**. Pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786 – 1888). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

<sup>23</sup> CROSBY, A. **Ecological Imperialism**, e FERRÃO, J. **A aventura das plantas e os descobrimentos portugueses**. Citado por PÁDUA, José Augusto. **Um sopro de destruição**. Pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786 – 1888). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

Como esta pesquisadora vive há mais de cinco décadas na mesma cidade (Blumenau – SC), tem ela constantes surpresas das mudanças que acontecem e aconteceram no seu microcosmo ao longo de tal tempo. Sua lembrança primeira é de uma cidade de menos de 60.000 habitantes, horizontal, espalhada por vales onde casas eram cercadas por jardins, quintais, pomares e, em grande parte, por pastos onde vivia gado leiteiro e um ou outro cavalo. As casas possuíam galinheiros e chiqueiros. Todo esse conjunto era cercado pela Mata Atlântica, ainda quase sempre primária, que ocupava o alto dos morros e outros lugares e cortada por cursos d'água no fundo dos vales. Nas mais movimentadas ruas da cidade, ainda se sabia de cor o nome de família de cada morador ou comerciante, e as referências eram dadas de uma certa forma: “primeira curva depois das terras da família tal”, etc. Além do trabalho rural, a maior parte das pessoas trabalhavam numas poucas fábricas. O uso da língua alemã em lugares públicos era considerado normal. No rio que corta a cidade havia um campeonato de pesca ao robalo e competições de remo.

Mais tarde, ela guardará a lembrança de uma cidade de 80.000 habitantes, que em pouco se diferenciava da outra, mas onde já haviam nascido os primeiros edifícios. A cidade se verticalizava lentamente, mas, mesmo assim, nas principais ruas, ainda circulavam carros de tração animal, como carroças com carga e carros de mola puxados a cavalo, os antepassados dos táxis, que, naquela altura, já haviam se transformado em atração turística e neles os visitantes desfilavam em meio aos automóveis, deleitando-se com aquela tradição do passado que se mantinha funcionando.

A pesquisadora também tem muitas lembranças da mesma cidade com 100.000 habitantes, e que então se verticalizava velozmente. As casas de comércio multiplicam-se, constroem-se muito em encostas e ao redor dos cursos d'água; já não se conhece o nome das famílias e dos comerciantes como antes. Os carros de mola e as carroças desapareceram; o trânsito de veículos automotivos se intensifica. São raros os pastos e cada vez há menos galinheiros e chiqueiros; algumas nascentes e ribeirões passam a ser canalizados para que não mais invadam áreas que antes eram silvestres e que então estavam cheias de construções. As fábricas e fabriquetas, agora, são



muitas, e se cria a terceirização de trabalhos, tanto nas indústrias grandes quanto nas de fundo de quintal, também conhecidas como facções (quando da indústria têxtil). Há cerca de 900 facções no município, nesse tempo. Outros setores se terceirizam, como os de segurança, de limpeza, etc. Intermediários espertos ficam com a maior parte da venda de mais-valia dos que vendem sua força de trabalho. É um tempo de alta inflação e de quando começam a acontecer diversos planos econômicos que prejudicam grandemente a maior parte da população. Também é um período marcado por grandes inundações. Os grandes supermercados substituíram a vendinha próxima à casa das pessoas, o uso de veículos automotores aumentou muito e criou-se a necessidade do uso de eletrodomésticos modernos. Ainda se pode, no entanto, viajar para a praia na sexta-feira e esquecer a casa aberta, voltando-se no domingo sem que ela tenha sido assaltada.

Neste momento, a cidade de Blumenau conta com um pouco mais de 300 mil habitantes, e pouco se assemelha àquela cidade que um dia a pesquisadora conheceu, no início da sua vida. Se alguém usar a língua alemã, o fato será considerado coisa exótica. Há uma certa impressão de que não há mais terras disponíveis. Onde, faz três ou quatro anos, havia um terreno baldio, hoje nasce um edifício de apartamentos. Muitos córregos morreram nas suas canalizações, afogados em detritos e algas. Principalmente na zona central, a cidade está quase que toda verticalizada, e mesmo nos bairros a verticalização se acelera. Se ainda há pastos, eles estão muito escondidos. Os animais visíveis são os cachorros, os gatos e outros mais exóticos, como cacatuas, etc. Há lojas que anunciam: “Compre uma gaiola e ganhe um ratinho de presente”, numa impressionante desvalorização da vida. Restam sobras da floresta nativa na ponta dos morros e em dois parques criados com a finalidade de preservação, principalmente das nascentes, mas mesmo assim o rio principal da cidade tem muito menos água do que tinha faz poucas décadas. Os principais afluentes desse rio também têm muito menos água que no passado. Em relação ao rio no centro da cidade, outro fato impressiona: foi cercado de tal forma pelo poder público que a população já não pode chegar até ele. O rio só pode ser visto de cima, de longe. Outrora, naquele rio, houvera até um

agradável restaurante flutuante, coisa cuja existência agora já não é possível, tendo em vista a falta de acesso à água.

Pouco sobra da cidade de 60.000 habitantes. Lojas de donos desconhecidos abrem e fecham nos shopping-centers e nas ruas de comércio, sem que se saiba a quem pertencem. Esta pesquisadora, quando passa umas poucas semanas sem percorrer determinadas ruas, tem a surpresa de ver nela construções e comércios que muito recentemente lá não existiam, e ela própria quase desconhece a cidade. Pensa-se que se fosse dado a um jovem de 20 anos imaginar a mesma cidade quando ela tinha 60.000 habitantes, ele teria grande dificuldade em fazê-lo e talvez não o conseguisse.

É o mesmo que passa com a pesquisadora em relação às imagens do Brasil de 1500. Apenas algumas pinturas antigas nos trazem as imagens daqueles tempos, sendo a que mais a impressionou foi uma pintura em azulejos, vista na sala do trono do Palácio de Queluz, em Portugal. Dentre uma série de outras pinturas (as Índias, a África, etc.), há uma que representa o Brasil, um Brasil litorâneo, pejado de vida e de vicejo, uma paisagem tropical, toda de verdura, deitando-se sobre uma praia ensombreada, idílica. Nas árvores e na praia estão brasileiros. Já nos idos tempos, no entanto, era difícil para um artista português imaginar como seriam tais brasileiros, e lá eles estão representados com a cara de macacos, coisa que deixa bem estupefatos os brasileiros atuais que lá chegam para uma visita.

Falou-se em José Augusto Pádua<sup>24</sup>, mais acima, e tanto quanto se sabe, tem ele o mérito de ter feito a pesquisa de data mais distante sobre a história e o meio ambiente no Brasil. Ele nos traz, de forma muito clara, os tantos próceres que se preocupavam com tal assunto nos séculos XVIII e XIX e no grande desrespeito do invasor europeu para com a natureza da colônia, derrubando matos sucessivos para novos plantios, abandonando rapidamente terras usadas e mortas pelo uso das coivaras e pelo assédio das formigas, que em pouco tempo se transformavam em capoeirões inaproveitáveis, já não produzindo nem fartura de alimentos e nem a boa lenha e madeira que foi tão valorizada mundialmente a partir da invasão do Brasil pelo português conquistador. Enquanto os agricultores e donos de escravos devastavam a

---

<sup>24</sup> PÁDUA, José Augusto, *ibidem*.

terra, bem como diz o título do livro, “num sopro de destruição”, pessoas com maior nível de observação e de conhecimento alertavam para os perigos que daí adviriam no futuro, quando a fantástica natureza aqui encontrada em 1500 já não existisse mais. O mais emblemático deles foi José Bonifácio de Andrada e Silva, que ficou na história com o título de Patriarca da Independência, tutor que foi do jovem Dom Pedro II, herdeiro do trono do Brasil, aqui deixado na tenra idade por seu pai que arribou a Portugal. Andrada e Silva possuía uma visão bastante ampla para seu tempo. Vejamos o que nos diz Pádua, conforme segue:

Em entrevista dada em 2001 à revista *Época*, o historiador José Augusto Pádua ressaltou a importância de José Bonifácio para as questões ambientais afirmando que, em 1823, ele já previa a falta de chuvas que poderia ocorrer se os montes e as encostas fossem sendo escalvados diariamente, de acordo com palavras do próprio Bonifácio.

Na ocasião o historiador também comentou que, depois da difusão das idéias do Patriarca da Independência, o debate sobre o mau uso dos solos dividiu-se em duas frentes diferentes. Bonifácio era contra o escravismo e dizia que a oligarquia estulta era responsável por reduzir este país fertilíssimo a um estéril deserto. Uma das correntes, herdando os ideais de Bonifácio, era a do antiescravismo, cujos principais nomes eram os abolicionistas Nicolau Moreira, Joaquim Nabuco e André Rebouças.

Já a outra frente, apesar de condenar o uso mal feito dos solos, evitou se mostrar contra a escravidão, com o objetivo de não desagradar dom Pedro II. Muitos desses autores, como o botânico Francisco Freire Alemão, eram próximos do imperador.<sup>25</sup>

Portanto, é de longa data que existe no país a preocupação com o meio ambiente, embora na infância desta pesquisadora tal não fosse um assunto discutido e nem sequer falado. Os meninos daqueles anos de 1960 eram grandes caçadores de passarinhos com bодоques e fundas e os adultos não ficavam para trás. A pesquisadora viu, muitas vezes, no decorrer da sua infância, caçadores de final de semana voltando para casa nas suas bicicletas, onde penduravam seus troféus: os mais diferentes animais e aves mortos a tiro. Recorda-se como se horrorizava com os macacos mortos, pendurados nos guidons das bicicletas, tão parecidos com seres humanos, e de como os caçadores contavam histórias que mexiam com o emocional das pessoas, em que macacas fêmeas protegiam seus filhotes para que escapassem dos caçadores, enquanto elas se deixavam matar para assegurar a vida das crias.

<sup>25</sup> Disponível em: <<http://opiniaoenoticia.com.br/opiniao/biografias/jose-bonifacio-um-pioneiro/>>. Acesso em: 07 ago. 2012.

Nessa altura, já havia bastante preocupação com a conservação da terra. Os descendentes de imigrantes que ocupavam os vales onde ela circulava já haviam aprendido que deveriam proteger os cumes dos morros com a manutenção da floresta, fazer das encostas os pastos para seu gado leiteiro e aproveitar os fundos de vale e as várzeas para a agricultura adubada com estrume animal e outros, como o salitre chileno, por exemplo. Depois de mais de um século desde a colonização, haviam aprendido a melhor forma de administrar aquela terra – embora os conceitos de ecologia e meio ambiente ainda estivessem desconhecidos naqueles páramos. O que se sabia era um conhecimento empírico, calcado na experiência dos mais velhos, e uma palavra como ecologia era uma total abstração.

Já no começo da década de 1970, fazendo o curso Científico do Colégio Pedro II, em Blumenau (SC), a pesquisadora teve seu primeiro contato com a palavra ecologia, coincidindo com a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano, realizada em Estocolmo, na Suécia, em junho de 1972. O professor Alceu Natal Longo<sup>26</sup>, de Biologia, dedicou um semestre inteiro ao aprendizado de tal ciência. Seus alunos aprenderam o seguinte: *“Ecologia são as relações entre os seres vivos em geral e com o meio ambiente”*. Para aqueles alunos, estava-se a estudar algo totalmente novo e revolucionário e aquelas aulas tiveram muitas repercussões na vida de muitos daqueles discentes, fazendo com que se passasse a tomar posições a favor da natureza e contra a sua destruição, coisa que continua repercutindo tantas décadas depois. Aquelas aulas eram um embrião que já definiam diferenças entre alguns termos, como “meio ambiente”, “relações entre seres vivos”, “ecologia”.

Tendo em vista que naquela altura o planeta pós-Segunda Guerra Mundial já estava a sofrer diversas degradações (a pesquisadora tem muito presente a destruição do guano, produto de exportação do Chile, que era usado como adubo em outros continentes, devido às experiências atômica no Oceano Pacífico, um pouco antes, mais precisamente no atol de Bikini) e cada vez mais o meio ambiente não estava sendo respeitado, com a criação de sempre mais fábricas e o aumento do número de automóveis, dentre outras

---

<sup>26</sup> LONGO, Alceu Natal, professor de Biologia.

coisas, o que levava para a atmosfera sempre mais gases poluentes. A segurança da vida no planeta Terra causava muitos pruridos em diversas autoridades e ambientalistas, e então vamos ter uma sequência de encontros em nível mundial para tratar do assunto. Novamente, são trazidas sequenciais citações, que resumem os principais elementos e proposições dessa agenda ambiental, conforme segue:

### **Conferências ambientais**

Há mais de quatro décadas, a Organização das Nações Unidas convocou a primeira conferência mundial sobre meio ambiente e desenvolvimento. Em 2002, (...) o desafio é estabelecer uma estratégia de ação que permita salvar o planeta. A primeira reunião convocada pela ONU foi a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano, realizada em Estocolmo, na Suécia, em junho de 1972.

Nessa época, este tema ainda não fazia parte da agenda internacional nem era uma preocupação dos governos, que, em sua maioria, careciam de uma institucionalidade para o setor. Na declaração final de Estocolmo ressaltava-se a responsabilidade dos humanos na conservação de seu meio ambiente. Foi o início de um debate que ainda não acabou. Como consequência da conferência de 1972 foi criado o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente.

Passaram-se 20 anos antes do próximo encontro. Em 1992, foi realizada a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, conhecida também como Cúpula da Terra, na cidade do Rio de Janeiro. Esta foi a reunião internacional de mais alto nível até então: participaram 172 países e um número inédito de 107 chefes de Estado e de governo, junto a dezenas de milhares de delegados e representantes da sociedade civil. Eles assistiram à assinatura de uma série de compromissos, sendo o mais importante deles a Agenda 21 ou Programa 21, que propõe um plano de ação para conseguir um desenvolvimento compatível com a conservação do meio ambiente.<sup>27</sup>

No ano de 2002 tivemos, na cidade de Joanesburgo, África do Sul, a conferência que também ficou conhecida como Rio + 10.

Rio + 10" visava primeiro promover a implementação das propostas da Agenda 21. Para isso, ao longo de 4 encontros preparatórios, a ONU preparou um longo "plano de ação" que devia ser o 'prato principal das negociações'. O objetivo era chegar a propostas

---

<sup>27</sup> Disponível em: <<http://www.tierramerica.net/2002/0818/pconectate.shtml>>. Acesso em: 10 ago. 2012.

precisas e concretas, com prazos e meios fixados. No final do 4º encontro preparatório, em Bali (Indonésia), em maio de 2002, um esboço do longo documento foi publicado: 77 páginas bem cheias (na versão inglesa), com 152 parágrafos. 70% do documento foi aprovado em Bali. As partes 'entre colchetes' – para ser negociadas durante a cúpula – diziam respeito ao comércio, às finanças e à globalização, que seriam de fato os enfoques mais conflituosos nas negociações. Como sabemos, as pessoas e os países podem entender-se sobre tudo, mas quando se trata de dinheiro, aí começam os conflitos. Podemos mencionar já aqui os 14 pontos que foram objeto de maior tensão entre os EUA e a UE: 1) princípios de Rio; 2) boa governança; 3) direitos humanos; 4) saneamento; 5) fundo de solidariedade; 6) energia; 7) produção e consumo; 8) comércio e finanças; 9) recursos naturais (biodiversidade); 10) mudanças de clima; 11) bens públicos comuns; 12) dimensões sociais; 13) parceria; 14) globalização. Voltaremos sobre esses pontos, quando considerarmos os resultados.

Em Johannesburg, pela primeira vez, as empresas multinacionais estiveram fortemente presentes e, como veremos, conseguiram enormes resultados. Falou-se da participação ativa de 200 multinacionais, estreitamente articuladas numa "organização empresarial para o desenvolvimento sustentável" (no Brasil: Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável – CEBDS), com porta-voz único: o antigo presidente da Shell. Muitas vezes, os interesses dessas empresas eram defendidos pelos próprios delegados oficiais. Mas também elas tinham os seus próprios representantes para lembrar algumas exigências aos negociadores, se fosse necessário. Estavam presentes em Ubuntu Village, com muitos recursos, expondo seus projetos de ajuda à sustentabilidade.

Ainda que com menos recursos, as ONGs também tentaram ter voz nas negociações. Existem nos próprios procedimentos da ONU mecanismos de consulta à sociedade civil. Mas o lobby principal se faz junto aos negociadores. Poucas ONGs têm conseguido a capacidade de intervir 'profissionalmente' nos processos de negociação. Para ter peso, elas se beneficiam do apoio de milhares de outras ONGs 'na retaguarda' e da opinião pública. Assim, se a maioria das ONGs tinham as suas bases em Nasrec, um grupo delas estava muito ativo em Sandton. Para esta 2ª Cúpula de Terra, sete grandes ONGs internacionais tinham-se juntado. (...).

Infelizmente, a coordenação das ONGs da África do Sul, que organizou muito bem a cúpula das ONGs em Nasrec, não conseguiu se articular suficientemente para produzir um documento alternativo à declaração oficial. Merece, porém, ser mencionada a grande marcha organizada, antes da chegada dos chefes de Estado e governos, por movimentos sociais e em particular dos Sem-terra na África do Sul, com boa participação de delegados internacionais, desde a miserável favela, Alexandra, até o bairro muito chique de Sandton, onde acontecia a cúpula oficial.

### **O papel da ONU**

A iniciativa de tamanho evento mundial só podia vir da ONU. No entanto, faz-se necessário perguntar sobre o peso dessa organização no desenvolvimento das negociações. O secretário geral da cúpula e dos seus quatro eventos preparatórios, foi o indiano Nitin Desai,

homem aberto, próximo de Kofi Annan. Já vimos como a preparação dum 'plano de ação' concreto em Bali tinha sido bloqueada pelos EUA. Kofi Annan tentou relançar a dinâmica com as cinco propostas prioritárias: água, energia, saúde, agricultura e biodiversidade. O secretário geral da ONU, hábil diplomata, é uma figura muito respeitada. Mede as suas palavras e não fala em vão. Defende eficazmente a credibilidade e o prestígio moral da ONU. Faz bons discursos, mas, como para o Papa, ninguém aplica as recomendações. Quem manda são os países mais ricos, cada um defendendo os seus interesses, e os resultados das negociações correspondem à correlação de forças existente na plenária.

A situação do PNUMA (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente) reflete esta situação. Apesar dos riscos de destruição irreversível do planeta com graves consequências para a humanidade, o meio ambiente não é prioridade para os ricos, focalizados na obtenção de benefícios a curto prazo. O eficiente diretor executivo atual, o alemão Klaus Tötter, não conseguiu para o PNUMA os recursos e a autoridade legal suficientes para administrar, em nome da comunidade mundial, problemas universais. Os apelos para que esta organização onusiana tenha os meios de atuar em nome de todos foram ignorados.

### **O desenvolvimento das negociações**

O conjunto das negociações deve ser situado na continuidade da década da liberalização geral do comércio. A rodada Uruguai, primeira grande abertura das fronteiras, foi assinada em 1994 e, em continuidade, em 1995 foi criada a OMC.(...) A 'declaração de Doha' e o 'consenso de Monterrey' foram muitas vezes citados como referência para o comércio e as finanças, enquanto Durban (África do Sul; dezembro 01) sobre o racismo, a tolerância e os direitos humanos, e Roma (junho 02) sobre a soberania alimentar não foram nenhuma vez mencionados.

Sobre os principais pontos em litígio (comércio, finanças, globalização), os EUA e a UE prepararam sozinhos, surpreendendo e desagradando os outros países, um texto alternativo que foi colocado na mesa do presidente e do secretário geral. Gesto que expressava claramente quem estava de fato negociando. (...)

### **Resultados: opiniões contrastadas**

As apreciações contrastadas dos diferentes atores relativizam os resultados. As empresas transnacionais e os governos dos países ricos – grandes vencedores – consideram que "a cúpula avançou na direção certa"; mas os governos dos países mais pobres e as ONGs consideram que toda a humanidade e a Terra perderam de vez.

O discurso das empresas é mais entusiasta: "Não vejo a possibilidade de qualquer desenvolvimento sustentável sem implicar as empresas... o que nos interessa é o concreto, enquanto as ONGs trabalham mais no político... assumimos nosso estatuto de empresa privada e nossos imperativos de resultados; pensamos que nossa capacidade pode ajudar a resolver os problemas da pobreza", opinava um dirigente empresarial, entre muitos outros.

As ONGs são mais críticas; desilusão, amargura e frustração apareceram nas suas avaliações. Para a maioria delas, a comunidade internacional está muito longe dos compromissos

assumidos no Rio: "os governos continuam mostrando uma trágica falta de vontade de traduzir os princípios do Rio em ação. Ao contrário, assistimos à fuga das responsabilidades pelos Estados, à promoção do mercado como árbitro maior das questões sociais e ambientais", a uma submissão irresponsável dos Estados à globalização liderada pelas multinacionais". A declaração final de algumas grandes ONGs diz: "Como dizer que vamos reduzir a pobreza da metade da humanidade sem objetivos e compromissos concretos, sem datas, só com boa vontade? (...) a Cúpula foi refém das multinacionais; os verdadeiros vencedores da Conferência são os países como os EUA, a Austrália ou a Arábia Saudita, que não queriam engajamentos quantitativos e que defendem a indústria do petróleo (...) toda a cúpula apenas legitima a agenda do livre comércio". (...)

"Os maiores poluidores se declaram os maiores defensores da causa ambiental, e não querem assumir nenhum compromisso para salvar o planeta, nem manter os objetivos oficiais da ajuda para o desenvolvimento", declarou o presidente do Equador.

### **Os resultados do 'WEHAB'**

**Água e saneamento:** a proposta de reduzir pela metade, até 2015, o número das pessoas que não têm acesso nem à água potável (1,1 mil milhão) nem ao saneamento (2,4 mil milhões) é uma das poucas medidas em favor das populações mais pobres. A proposta supõe que se dê acesso à água a 200.000 novas pessoas cada dia, e o custo global é avaliado em US\$ 180 mil milhões. Mas não há indicação de quem promoverá tal proposta. Serão as multinacionais da água?

**Energia:** foi um dos últimos pontos das negociações, tamanha era a resistência dos EUA e das multinacionais e países produtores de petróleo. Diante do esquentamento do planeta e das mudanças de clima, a proposta da Convenção sobre o clima na "Rio 92" foi de trazer as emissões de gases com efeito estufa ao nível de 1990 até 2000. Não foi feito. A proposta da Convenção foi reforçada com o Protocolo de Kyoto em dezembro de 1997: reduzir até 2012 as emissões de pelo menos 5% em relação ao nível de 1990. A UE e o Brasil, com outros países, lideraram a assinatura e ratificação do Protocolo, e propuseram aumentar até 15% em 2015 as energias renováveis na produção energética mundial. Até Johannesburg, alguns países grandes poluidores não tinham ratificado o protocolo de Kyoto. Este foi lembrado no plano de ação, mas sem caráter obrigatório. O anúncio público, desde a tribuna principal da Cúpula, pelo Canadá, a China, a Índia e a Rússia de que iriam ratificá-lo sem demora foi uma das boas novas da Cúpula. Os EUA e a Austrália ficam isolados. Mas a proposta dos 15% foi reduzida ao apelo a um "aumento substancial", sem meta quantitativa nem prazo.

**Saúde:** o texto tinha sido aprovado em Bali, mas o Canadá queria reabrir a negociação. Foi um caso de procedimento. O parágrafo de Bali chamava os Estados a "fornecer a todos serviços sanitários básicos eficazes, respeitando as legislações nacionais e os valores culturais e religiosos", sem menção do planejamento familiar. Essa posição era defendida pelos EUA sob a presidência de Bush, os países muçulmanos e o Vaticano. O Canadá, apoiado pela EU, dizia que a última parte da frase significava a vitória dos Estados recusando o aborto ou a prática da excisão. Juntos pediram acrescentar a expressão "em conformidade com todos os direitos



humanos e as liberdades fundamentais". Sem esse acréscimo, que foi aprovado depois de áspero debate, não haveria menção nenhuma dos direitos humanos no documento final.

**Agricultura:** os países em desenvolvimento pediram novamente que tanto na Europa como nos EUA fossem suprimidas as subvenções à agricultura que impedem a concorrência dos seus produtos agrícolas e os privavam de importantes recursos financeiros. EUA e UE formaram uma frente unida e conseguiram que Plano de Ação apenas confirmasse as posições de Doha: uma diminuição e supressão dos subsídios num prazo indefinido. Na 2ª reunião ministerial da "rodada do desenvolvimento", no México em novembro de 2003, a batalha será forte.

**Biodiversidade:** houve, neste campo, dois pequenos avanços. A proposta é de chegar em 2010 a inverter a tendência destrutiva atual da biodiversidade. Mas nenhum objetivo preciso é indicado. Apenas chegou-se a algo mais preciso para a pesca, já que 75% dos cardumes são ameaçados de destruição irreversível. O objetivo fixado para 2015 é de não pescar mais peixes do que permite a regeneração dos estoques. O acréscimo "onde for possível" reduz a significância do objetivo.

### Outros resultados

Tamanho e tão caro evento por tão poucos resultados diante de tamanhos desafios ambientais, sociais e de produção! O balanço pode parecer medíocre; e o é! Dando uma nota ao resultado sobre os principais temas em jogo, um grupo de ONGs chegou à nota final: 2,2. As apreciações variam. Talvez não foi tão ruim como muitos temiam, mas não correspondeu – nem de longe – ao que era necessário para encarar de verdade os imensos desafios da sustentabilidade e assumir as nossas responsabilidades diante do presente e do futuro. Alguns outros resultados ilustram o porquê da desilusão e frustração de muitos.

Uma tentativa maior dos países ricos e das multinacionais foi submeter qualquer **acordo ambiental multilateral** às regras da OMC. A proposta estabelecia a prevalência decisiva do mercado sobre a defesa do meio ambiente. As medidas ambientais poderiam ser consideradas como medidas protecionistas e ser denunciadas diante da OMC. Mais! o mercado ia ser considerado como o melhor instrumento para proteger a integridade do planeta! Por incrível que pareça, tamanha contradição foi derrotada no último momento pela voz de um pequeno país, que declarou: "em consciência, não posso aprovar tal proposta". E, por 'efeito dominó', muitas outras vozes se juntaram para recusar essa proposta tão perniciosa.

A presença nova e atuante das multinacionais no desenvolvimento – o que alguns chamam a "tentativa de privatizar o desenvolvimento sustentável" – foi a confirmação das **'novas iniciativas de parceria'** para o desenvolvimento, chamadas **"Tipo 2"**. Até Monterrey, a ONU apoiava apenas acordos intergovernamentais que apresentassem um marco regulador de parceria entre os governos e outros setores. O novo modelo de parceria "Tipo 2" promove acordos entre empresas, autoridades públicas, e setores da sociedade civil. O risco é que os governos abdicuem de suas responsabilidades e deixem às empresas o maior controle dos processos de desenvolvimento. (...)

Outro sinal da nova presença das empresas no desenvolvimento foi a debate sobre as suas **responsabilidades sociais e ambientais**. (...)

Entre as ONGs, muitos temiam que alguns **princípios centrais da "Rio 92"** fossem abandonados e que a "Rio + 10" se transformasse numa "Rio – 10". O princípio de precaução ou cautela, adotado no Rio, estabelece a possibilidade para um Estado de restringir uma atividade ou um produto na ausência de certeza científica sobre o seu caráter inofensivo. O debate principal até agora diz respeito ao controle sobre os OGMs (Organismos Geneticamente Modificados). A batalha foi dura. O próprio Secretário de Estado dos EUA, Colin Powell, vaiado pela Assembleia, questionou desde a tribuna da plenária os países da África que se recusam a aceitar o milho transgênico das empresas norte-americanas para resolver os problemas da fome! (...)

A problemas globais, soluções globais. Os riscos ambientais, articulados às situações sociais e econômicas, não têm soluções meramente nacionais. Tal é o desafio da **Governança global**. Houve apelos para implementar um organismo internacional – ao exemplo da OMC – com autoridade legal reconhecida por todos para regular e disciplinar as políticas ambientais. A resposta foi um apelo a soluções nacionais (sic) e regionais, sem aceitação de uma autoridade mundial. O papel do PNUMA não foi modificado; apenas os meios do Fundo para o Meio Ambiente serão aumentados de US\$ 3 bilhões (...).

O fato de a 2ª Cúpula da Terra acontecer na **África** favoreceu uma certa atenção aos problemas particulares do Continente. Johannesburg era provavelmente a única cidade do continente com infraestrutura suficiente para tamanho evento. O prisma predominante de todos os temas da cúpula era o do comércio e das finanças. Era a chave interpretativa principal. Por certo, encontram-se no Plano de Ação algumas propostas de luta contra a desertificação com a ajuda financeira do Fundo para o Meio Ambiente, mas o verdadeiro plano de ação para a África, com a bênção dos países mais ricos e das instituições financeiras internacionais é o **NEPAD (New Partnership for Africa's Development)**. Esse novo programa, aprovado pelos líderes africanos em outubro de 2001, adota o comércio como força principal para o desenvolvimento e a luta contra a pobreza. ONGs e grupos das igrejas questionam: o programa foi elaborado por alguns tecnocratas liberais, sem análise das verdadeiras necessidades prioritárias da África e sem consulta dos organismos competentes da sociedade civil. (...)

A **Declaração política** passou por fases delicadas. O esboço demasiado geral e vago, proposto pelo secretário geral da cúpula, não satisfazia nem um lado (países ricos e empresas transnacionais) nem o outro (países em desenvolvimento e ONGs). O bloqueio foi intenso. Apareceu a eventualidade de não haver Declaração política ou uma assinada apenas pela África do Sul. A iniciativa da própria presidência da cúpula – o presidente sul-africano Tabo Mbeki – salvou a situação. O texto aprovado no último momento (4 páginas) confirmou os sentimentos de muitos: existe uma desproporção total entre as declarações e as práticas. A Declaração política proclama o grande otimismo e a determinação irrestrita dos chefes de Estado de encarar os problemas ambientais, sociais e econômicos da sustentabilidade e de alcançar os objetivos sociais do milênio. Mas onde estão no Plano de Ação os objetivos concretos e as metas quantitativas, com prazos e meios definidos, com procedimentos de

implementação e de controle? A declaração política não menciona o protocolo de Kyoto, os subsídios à agricultura, a governança global, nem lembra os fortes princípios da "Rio 92". Mas, positivamente, faz um apelo à responsabilidade das empresas (maneira elegante de reconhecê-las como ator integral do desenvolvimento sustentável), confirma o papel central da ONU (contra as tentativas dos EUA de relativizar o seu papel para valorizar o da OMC) e os benefícios do multilateralismo como método do futuro. A experiência do tratamento reservado às Declarações políticas de outros encontros internacionais – a do Rio, particularmente – não permite ser muito otimista.

### Conclusões

"Em Johannesburg, a Cúpula da Terra foi 'pirateada' pelas grandes empresas", titulava um grande jornal internacional. A cúpula confirmou o papel crescente da OMC na definição das políticas internacionais. O comércio predominou, o ambiental foi tema anexo, o social foi deixado de lado. Doravante o livre comércio é considerado como a panaceia não só para os problemas da pobreza e miséria, mas também às ameaças de destruição ambiental.

Os EUA pressionaram com todo o seu peso (com uma enorme delegação oficial) para promover essa prevalência do comércio, defendendo os seus interesses com unhas e dentes. Junto com a EU, impuseram as regras de jogo durante toda a cúpula. O encontro foi 80% dos dois blocos com, às vezes, a participação anexa de um ou outro país sobre pontos específicos. Mesmo que representando os interesses de 132 países em desenvolvimento, o G77/China, nem sempre unido, não conseguiu fazer valer os seus pontos de vista. Houve negociações? Talvez seja mais correto ter a lucidez e coragem reconhecer que foi muito mais a imposição das regras pelos mais fortes.

O vago do conceito de Desenvolvimento Sustentável que não ajudou a avançar na década de 90 não foi superado durante a cúpula. As contradições entre os três polos: ambiental (planeta), social (povo) e econômico (prosperidade) aparecem mais claramente. A complexidade da questão do futuro do nosso planeta, da nossa humanidade e das gerações futuras é mais evidente do que 10 (Rio) ou 30 (Estocolmo) anos atrás. A responsabilidade comum de todos os países e de todos os atores não pode ser mais escondida. Já é tempo de distinguir melhor os múltiplos desafios, buscar e encontrar soluções concretas para cada um deles. Metodologicamente, as grandes celebrações demasiado abrangentes, como essa última cúpula de Joburg, mostraram os seus limites. Encontros menores, mais diversificados e melhor focalizados podem suscitar maior interesse e participação responsável de muitos.<sup>28</sup>

[\*] Por Bernard Lestienne. IBRADESa <<http://resistir.info>><sup>29</sup>

<sup>28</sup> LESTIENE, Bernard. IBRADESa. Disponível em: <<http://resistir.info>>. Acesso em: 10 fev. 2012.

<sup>29</sup> Disponível em: <<http://pesquisa-inovacao.blogspot.com.br/2012/04/johannesburg-ou-rio-10-2-cupula-mundial.html>>. Acesso em: 10 ago. 2012.

É necessário que se faça, ainda, alguma referência à reunião de Kyoto, no Japão, onde coisas básicas para a preservação da vida no planeta Terra foram tratadas:

O Protocolo de Kyoto é um acordo internacional que estabelece metas de redução de gases poluentes para os países industrializados. O protocolo foi finalizado em 1997, baseado nos princípios do Tratado da ONU sobre Mudanças Climáticas, de 1992.

#### **Quais as metas?**

Países industrializados se comprometeram em reduzir, até 2012, as suas emissões de dióxido de carbono a níveis pelo menos 5% menores do que os que vigoravam em 1990. A meta de redução varia de um signatário para outro. Os países da União Europeia, por exemplo, têm de cortar as emissões em 8%, enquanto o Japão se comprometeu com uma redução de 5%. Alguns países que têm emissões baixas podem até aumentá-las.

#### **As metas estão sendo atingidas?**

O total de emissões de dióxido de carbono caiu 3% entre 1990 e 2000. No entanto, a queda aconteceu principalmente por causa do declínio econômico nas ex-repúblicas soviéticas e mascarou um aumento de 8% nas emissões entre os países ricos. A ONU afirma que os países industrializados estão fora da meta e prevê para 2010 um aumento de 10% em relação a 1990. Segundo a organização, apenas quatro países da União Europeia têm chance de atingir as metas.

#### **Por que os Estados Unidos ficaram de fora do acordo?**

O presidente George W. Bush retirou-se das negociações sobre o protocolo em 2001, alegando que a sua implementação prejudicaria a economia do país. O governo Bush considera o tratado “fatalmente fracassado”. Um dos argumentos é que não há exigência em relação aos países em desenvolvimento, para que também diminuam suas emissões. Bush disse ser a favor de reduções por meio de medidas voluntárias e novas tecnologias no campo energético.

#### **Kyoto vai fazer uma grande diferença?**

A maioria dos cientistas que estudam o clima diz que as metas instituídas em Kyoto apenas tocam a superfície do problema. O acordo visa a reduzir as emissões nos países industrializados em 5%. É praticamente consenso entre esses especialistas que, para evitar as piores consequências das mudanças climáticas, seria preciso uma redução de 60%. Os defensores do acordo dizem que o tratado fez com que vários países transformassem em lei a meta de reduções das emissões e que, sem o protocolo, políticos e empresas tentando implementar medidas ecológicas teriam dificuldades ainda maiores.

#### **Qual a situação do Brasil e de outros países em desenvolvimento?**

O acordo diz que os países em desenvolvimento, como o Brasil, são os que menos contribuem para as mudanças climáticas e, no entanto, tendem a ser os mais afetados pelos seus efeitos. Embora muitos tenham aderido ao protocolo, países em desenvolvimento não tiveram de se comprometer com metas específicas. Como signatários, no entanto, eles precisam manter a ONU informada do seu nível de emissões e buscar o desenvolvimento de estratégias para as mudanças climáticas. Entre as grandes economias em desenvolvimento, a China e Índia também ratificaram o protocolo.

### **O que é o comércio de emissões?**

O comércio de emissões consiste em permitir que países comprem e vendam cotas de emissões de gás carbônico. Dessa forma, países que poluem muito podem comprar "créditos" não usados por aqueles que geram pouca poluição. Depois de muitas negociações, os países agora podem ganhar créditos por atividades que aumentam a sua capacidade de absorver carbono, como o plantio de árvores e a conservação do solo.<sup>30</sup>

Pessoalmente, esta pesquisadora não crê na validade da compra dos créditos de carbono e os vê apenas como engodo para dar uma satisfação aos países mais pobre e menos poderosos diante da acentuada e contínua poluição que os Grandes Irmãos do Norte<sup>31</sup> continuam a derramar sobre o planeta, colocando em sério risco a sua capacidade de manter a vida sobre ele.

Muito recentemente, no ano de 2012, houve mais uma cúpula dos povos na cidade do Rio de Janeiro, também conhecida como Rio + 20. De novo não houve avanços que mudassem alguma coisa.

### **1.3 “Geografia” e meio ambiente**

Uma tradição inventada é uma tradição inventada – vamos pedir licença e tomar um pouco do pensamento do filósofo da Geografia Carlos

---

<sup>30</sup> Disponível em:

<[http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2005/02/050216\\_kyotoqandacg.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2005/02/050216_kyotoqandacg.shtml)>.

Acesso em: 10 fev. 2012.

<sup>31</sup> ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Editora Nacional, 1996.

Augusto de Figueiredo Monteiro<sup>32</sup>, para nos utilizarmos de um texto literário e descrevermos como se forma/acontece uma festa realmente popular, nascida da cultura de um povo, ou pelo menos inventada há tanto tempo que já se perdeu o sentido de que tenha sido invenção. Vamos usar uma festa contada por Jorge Amado no seu romance “Tereza Batista cansada de guerra”<sup>33</sup>:

A festa de casamento de Tereza Batista foi tema de conversa e louvação durante longo tempo na cidade da Bahia. Rodolfo Coelho celebrou-lhe a alegria e a grandeza num folheto de cordel, festa mais falada e referida, inesquecível.

Pela fartura de comedoria, havendo quatro mesas repletas de um tudo. Numa delas, só comida de azeite e coco, do vatapá ao efó de folhas, as moquecas e os xinxins, o acarajé e o caruru, o quitandê tão raro, as frigideiras. Nas outras, todo o gênero de quitutes: mal-assado, lombos, galinhas, coquéns e patos, os perus, vinte quilos de sarapatel, dois leitões, um cabrito, as travessas cheias e ainda sobrando na cozinha. E as sobremesas? Melhor não falar, só espécies de cocada havia cinco. Pela abastança de bebidas, garrafas e barris, chope, cerveja, batidas variadas, a boa cachaça de Santo Amaro e os refrigerantes. (...) Os fornos da Panificadora Nosso Senhor do Bonfim trabalharam sem cessar mas não o fizeram para servir à população de Brotas, naquele dia postos à disposição da festa.(...)

Para a grande festa a Bahia inteira recebeu convite e quem, por acaso, sobrou no esquecimento veio de penetra, não faltou ninguém. Realizou-se na residência de Almério, vizinha à padaria embora até ao pé dos fornos dançassem convidados noite adentro. (...) o auge aconteceu à meia-noite, quando o Trio Elétrico desembocou na rua e a festa transformou-se em carnaval. (p. 416-416)

Jorge Amado vai se estender por diversas páginas do seu romance para contar a festa do casamento da heroína Tereza Batista, uma festa nascida do coração do povo, pura cultura popular, sem necessidade de constar de calendários ou de receber verbas federais, sem necessidade de eleger rainha, pois a rainha aconteceu naturalmente na pessoa de Tereza Batista, e rainha de tal força que vai movimentar quase todas as forças vivas da cidade.

A ECOFEST que acontece em Atalanta, tradição inventada recentemente nos faz pensar, também, em Thompson<sup>34</sup> e em Gramsci, este citado por aquele no mesmo texto:

(...) esse foi um problema que preocupou Gramsci. Ele observou o contraste entre a ‘moralidade popular’ da tradição do folclore e a

<sup>32</sup> MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. Travessia da Crise (Tendências atuais da Geografia). **R. Brasileira de Geografia**. Ano 50, nº especial, Tomo 2, Rio, IBGE, 1988.

<sup>33</sup> AMADO, Jorge. **Tereza Batista cansada de guerra**. Rio: Record, s/d.

<sup>34</sup> THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum**. Estudos sobre a Cultura Popular Tradicional. São Paulo: Schwarcz, 1991.

'moralidade oficial'. Seu 'homem-massa' podia ter 'duas consciências teóricas (ou uma consciência contraditória)': a da práxis e a 'herdada do passado e absorvida acriticamente'. (p. 20)

Um discurso baseado na cupidez das grandes empresas transnacionais foi implantado naquela cidade e absorvido pela sua população como uma nova verdade – e estaria ele vindo ocupar um oco cultural daquelas pessoas sobre o assunto, ou já haveria um pensamento anterior, herdado do passado e das experiências atávicas humanas, acumuladas durante os séculos? Quer nos parecer que pessoas migrantes para um novo ambiente há poucas décadas, descendentes de imigrantes recentes na região do Vale do Itajaí, talvez, em algum momento, tenham perdido o seu referencial de natureza e o seu sentido de vida, desterritorializadas do atavismo que fez sua espécie sobreviver nos últimos milhões de anos, e que, pelo menos na sua maioria, tenham assumido o discurso das transnacionais como sua nova verdade. Seria o caso de se fazer uma pesquisa específica sobre o assunto, o que não é o caso deste momento, mas que, mesmo assim, não nos impede alguma reflexão sobre o assunto.

Segundo Berger e Luckmann<sup>35</sup>:

Mesmo em tempos difíceis, as crises de sentido irrompem raras vezes juntas e com a mesma força de opressão em todos os setores da vida. Exatamente quando o agir habitual se tornou difícil ou impossível em muitos setores, ele protege contra as crises de sentido lá onde ele puder ser conservado. Em sociedades onde as crises de sentido não acontecem como sequelas das grandes catástrofes ou guerras totais, o âmbito da normalidade mantida habitualmente é bem maior. Os hábitos evidentes não são ameaçados apenas por acontecimentos graves do destino coletivo, mas também por mudanças radicais na vida do indivíduo. Em todas as sociedades há certas mudanças protípicas na existência do indivíduo que podem provocar crises de sentido, se não forem reconhecidas socialmente. (..) O enfraquecimento ou ausência total desses ritos de passagem nas sociedades modernas podem ser considerados sintoma – e também concausa – de uma crise de sentido que vai aumentando aos poucos. Em parte deve-se este desenvolvimento também aos processos modernos de pluralização. (p. 65-66)

Não seria espantoso nos darmos conta de que um processo que se iniciou há um século e meio com europeus tão pobres, na sua maioria, que não tinham outra opção de sobrevivência além da imigração para outros

---

<sup>35</sup> BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido**. A orientação do homem moderno. Petrópolis: Vozes, 2004

continentes, aonde chegaram, via de regra, sem recursos e tendo de enfrentar grandes vicissitudes para poderem continuar a vida, teria gerado uma crise de sentido em muitas pessoas, crises essas que foram se atenuando ou não conforme a nova e quase sempre difícil vida seguia, e antigos conceitos empíricos acumulados durante milhares e milhares de anos caíram no olvido, principalmente como numa tentativa de adaptação ao novo ambiente tão diferente.

Conforme falou Gramsci mais atrás, pode o homem ter “uma consciência teórica herdada do passado e absorvida acriticamente” ou não – e sabe-se lá se os moradores da cidade que se estuda teriam herdado do passado essa consciência teórica, ou uma crise de sentido diante das dificuldades enfrentadas no último século e meio teria apagado seus antigos conhecimentos, deixando suas mentes livres para absorverem sem maiores críticas ou indagações o discurso das grandes transnacionais que transformam as boas terras férteis do mundo em desenvolvimento, segundo os conceitos do capitalismo, em verdadeiros desertos verdes.

Ainda lembrando o conhecimento empírico acumulado pelo homem por milhares de anos e que garantia a sua sobrevivência, gostamos de pensar num fato que talvez deixe mais claro como ele pode ser perdido rapidamente. Na nossa infância, os adultos se protegiam muito do sol, usando, via de regra, chapéus e sombrinhas, além de mangas compridas quando tinham de trabalhar ao sol, como os agricultores. Pensamos hoje que é provável que os adultos da nossa infância já não soubessem, não se lembrassem do motivo que fez com que o ser humano passasse a se cobrir para enfrentar o sol – o que se valorizava, então, era a cor clara da pele, o que nos parecia algo discriminatório diante das pessoas que não possuíam cores tão alvas, por mais que usassem chapéus e sombrinhas.

Como se cresceu num momento em que se valorizava sobretudo a liberdade e o muito contato com a natureza<sup>36</sup>, passou-se grande parte da juventude em roupas de banho, apanhando todo o sol possível, pois se criara um novo modelo estético, que pedia pele muito bronzeada. Muitos adultos se

---

<sup>36</sup> Décadas de 1960/1970 – pleno Movimento Hippie.



horrorizavam com aquilo, mas tinham como argumento apenas o fato de que “o sol fazia mal”, sem saberem explicar o porquê de o sol realmente fazer mal.

Diversos autores centram como marco dessa abordagem histórica a década de 60, devido à crítica incisiva que os movimentos sociais da época faziam, “principalmente entre os jovens quanto ao estilo de vida, valores e comportamentos de uma sociedade consumista e depredadora”, momento este que em muitas sociedades “a preocupação com a natureza... era vista com certo” modismo “ou esquisitice daqueles jovens cabeludos que lutavam, pacificamente, por “paz e amor”<sup>37</sup>.

Poucas décadas adiante nossa geração descobriria a informação que decerto o tempo praticamente apagara, e que os adultos da nossa infância também já não possuíam, donos que eram de um conhecimento empírico tão antigo que sumia nos túneis do tempo: muitos de nós que fomos jovens naquele período voltado para o bronzamento foram acometidos de câncer de pele, algo que a geração anterior à nossa praticamente não conhecia.

Hoje já não se usam chapéus e sombrinhas contra o sol, mas protetores solares químicos, e reaprendeu-se que “o sol faz mal”.

Se havia um conhecimento sobre a conservação do meio ambiente na cultura de antigas sociedades durante milênios, não é de se estranhar que grandes mudanças na vida de tais pessoas que tiveram de mudar até de continente lhes tivessem criado uma crise de sentido, deixando de se nortear pelos antigos conhecimentos e se tornaram presas fáceis de novos discursos capitalistas e, principalmente, neoliberais, tendo assumido o novo discurso das transnacionais como a sua nova verdade.

Outras e outras reflexões nos vêm quando pensamos na situação do município de Atalanta. Vejamos:

Hoje mesmo portando conhecimento sobre os problemas ambientais, o homem encontra muita dificuldade de minimizar os impactos causados por suas atividades produtivas na natureza. Nos últimos anos, as questões relacionadas às mudanças globais são recorrentes nos meios acadêmicos. O debate epistemológico abriu e continua a percorrer um novo caminho na conformação de uma visão de

---

<sup>37</sup> LEONARDI, Maria Lúcia A. A educação ambiental como um dos instrumentos de superação da insustentabilidade da sociedade atual. In: CAVALCANTI, C. (Org.). **Meio ambiente, desenvolvimento e políticas públicas**. 2. ed. São Paulo: Cortez, Recife: Joaquim Nabuco, p. 391-408, 1999.

natureza que ofereça um suporte metodológico de aproximação na sociedade. Assim, o emprego de meio ambiente fortemente ligado a uma concepção naturalista vem cada vez mais abrangendo as atividades humanas, mas não se desprendendo de suas raízes, em face da necessidade de enfatizar o envolvimento do homem na problemática ambiental, e cedendo lugar a uma visão socioambiental. (MENDONÇA, 2002, p. 125-126)<sup>38</sup>

Para Leff (2001, p. 28)<sup>39</sup>, o discurso oficial do desenvolvimento sustentável, que perpassa pelas discussões ambientais atuais, penetrou nas políticas ambientais e em suas estratégias de participação social, onde interagem diversos grupos de cidadãos, tais como empresários, acadêmicos, trabalhadores, indígenas, trabalhadores rurais, administradores, dentre outros.

Quer-nos parecer que, excetuando a ONG ambientalista e, provavelmente, pessoas a ela ligadas ou que prestam atenção aos ensinamentos que ela traz, a população do município de Atalanta ainda não se deu conta da problemática ambiental em que vivemos, quando o planeta Terra já consome, dia a dia, 130% de toda a sua capacidade de produção de energia<sup>40</sup>, e a vacilação em que vive a grande maioria dos habitantes humanos do planeta, protelando medidas que venham a proteger a vida, talvez, em um futuro muito próximo, venha a ser um caminho sem retorno. “O próprio sentido do homem parte de uma relação dele com a natureza”<sup>41</sup>, e isso é coisa para ser levada a sério.

No que diz respeito à concepção para a reflexão do espaço em Geografia, cabe ressaltar que se compreende que o espaço é entendido como o produto das relações reais que a sociedade estabelece entre si e com a natureza. A sociedade, nesse sentido e na presente pesquisa, não é passiva diante da natureza; existe um processo dialético entre ambas que reproduz espaços e sociedades diferenciados em função de momentos históricos específicos e diferenciados<sup>42</sup>.

<sup>38</sup> MENDONÇA, F. Geografia socioambiental. In: MENDONÇA, F.; KOZEL, T. (Org.). **Epistemologia da geografia contemporânea**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2002.

<sup>39</sup> LEFF, E. **Epistemologia Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2001.

<sup>40</sup> BOFF, Leonardo. **Casamento entre o céu e a terra**. Rio: Salamandra, 2001.

<sup>41</sup> SILVA, Alex Sandro da. **A ambientação e o humano na construção da realidade**: exemplo do aquecimento global. In: *Percurso: Sociedade, Natureza e Cultura*. Ano 8, nº 9. Curitiba: Unicuritiba, 2009

<sup>42</sup> CASTRO, I. et al. (Org.). **Geografia: Conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

O espaço não é humano porque o homem o habita, mas porque é produzido pelos homens. Um espaço desigual e contraditório é reflexo da sociedade que o produziu por intermédio do trabalho coletivo. Compreender as contradições presentes no espaço é o objetivo do conhecimento geográfico, perceber além da paisagem visível, que é a imagem, o reflexo da construção humana. É preciso considerar-se o espaço geográfico a partir de vários aspectos interligados e interdependentes, os fenômenos naturais e a ação humana, as transformações impostas pelas relações sociais e as questões ambientais de alcance, no caso aqui em reflexão<sup>43</sup>.

No que tange ao campo da Geografia, este se caracteriza pelo estudo dos diferentes elementos que compõem, de forma interativa, o espaço dito geográfico; neste contexto, parte-se da concepção de que o espaço geográfico é produto e condição de existência do homem. Conceber a Geografia como estudo da organização do espaço pelas comunidades significa estudar as relações que os homens desenvolvem no (e com) o meio; assim, pressupõe o conhecimento de como os homens, em suas relações com os outros homens, buscam se apropriar da natureza, pensam, produzem e organizam o espaço ao longo dos tempos. Em muitos casos, tais pressupostos recaem sobre o planejamento.

Há que se fazer uma reflexão, aqui, sobre os males do mundo, e apela-se para ORDUNA:

No hay males en el mundo. O, al menos, los que lo son casi nunca lo saben o lo creen y, por ello, rara vez lo parecen. Investigando los directórios de las grandes corporaciones internacionales que hoy poseen más poder que muchos Estados, no se encontrará allí rostros retorcidos ostentando muecas de desprecio. Ni gangsters de pistolas bajo el saco, ni malos padres de familia (...)<sup>44</sup>.

Tal citação faz com que se lembre de um ditado muitas vezes ouvido na Argentina, de que “um torturador é sempre um bom pai de família e um bom vizinho”.

O planejamento do espaço (físico ou regional) no qual se articulam o planejamento ambiental, o sociocultural, o econômico e outras modalidades,

<sup>43</sup> MENDONÇA, F. A. **Geografia Física: Ciência Humana?** 6. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

<sup>44</sup> ORDUNA, Jorge. **ECOFASCISMO**. Las internacionales ecologistas y las soberanías nacionales. Argentina: Graficor S.A, 2008.

deve ser a projeção no espaço das políticas social, cultural, ambiental e econômica de uma sociedade, vinculando as atividades humanas ao território.

Nesse contexto, o homem passa a ser sujeito, ser social e histórico que produz o mundo e a si próprio. Daí a possibilidade de ele poder pensar a realidade em que está inserido, descobrindo-se nela e percebendo-se na sua totalidade, onde se revelam as desigualdades e as contradições.

Porto-Gonçalves vai ampliar mais estes conceitos:

(...) ignoramos o que o sistema técnico inventado por qualquer sociedade, que haveremos de percorrer se quisermos sair das armadilhas das noções fáceis que nos são oferecidas pelos meios de comunicação como “qualidade de vida” ou “desenvolvimento sustentável”, que, pela sua superficialidade, preparam hoje, com toda a certeza, a frustração de amanhã. O debate ambientalista, por sua vez, adquire fortes conotações esquizofrênicas, em que a extrema gravidade dos riscos que o planeta enfrenta contrasta com as pífias e **tímidas propostas do gênero “plante uma árvore”, promova a “coleta seletiva do lixo” ou “desenvolva o ecoturismo”**. Dessa forma, aquele estilo de consumo e modo de produção que nos anos 1960 se chamou criticamente de “lixo ocidental” está hoje reduzido a projetos de coleta seletiva do lixo do “lixo ocidental” – agora mantido sem crítica. Estaríamos, assim, abandonando a crítica do projeto civilizatório europeu (burguês, branco, machista) como, nos anos 1960, do constructo moderno.<sup>45</sup> (grifos da autora)

Atalanta é um microcosmo onde podemos como que “ler” o que se passa no planeta, e uma “Ecofest” naquele lugar é algo muitíssimo estranho.

Dispusemo-nos, no começo deste trabalho, a falar sobre a ECOFEST que acontece na cidade de Atalanta, e desde aquele momento reunimos diversos dados, fizemos diversas reflexões e até elucubrações, tendo falado pouco, na verdade, sobre o lado teórico de uma festa. Pesquisando sobre tal assunto, deparamo-nos com o que nos diz Rita Amaral, do Núcleo de Antropologia Urbana da USP<sup>46</sup>:

Nota-se a escassez de reflexões teóricas sobre as festas, que geralmente aparecem como um ponto inserido nos estudos dos rituais ou, mais propriamente, das teorias sobre a religião. Sendo assim, o “conjunto” de estudos sobre festas é composto por um farto ajuntamento de subcapítulos, parágrafos, temas afins nem sempre

<sup>45</sup> PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Os porquês da desordem mundial** – mestres explicam a globalização. Organização Emir Sader. Rio de Janeiro: Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S/A., 2011.

<sup>46</sup> AMARAL, Rita. **As mediações Culturais da festa à brasileira**. Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo. Artigo. Disponível em: <www.n-a-u.org.br>. Acesso em: 04 ago. 2010.

relacionáveis entre si, dispersos não só em obras antropológicas, mas, também, filosóficas, sociológicas, históricas, literárias etc.

Ou ainda o que encontramos em artigo de Vânia de Fátima Noronha Alves, da UFMG<sup>47</sup>:

A festa está presente na história da humanidade muito antes da cultura. No tempo mítico os homens faziam festa e também os deuses (Campbell, 2002). Nos livros da bíblia sagrada o termo festa aparece com frequência, podendo ser traduzido como cerimônia, celebração, participação e descanso.

Além da escassez de referências teóricas, da miscelânea de dados e algo sobre a história das festas, fica em aberto todo um universo a ser conhecido e a ser pesquisado sobre tal assunto, mas mesmo assim ficamos nos questionando sobre a legitimidade ou não da ECOFEST de Atalanta.

Na nossa visão, a preocupação ambiental daquela cidade é muito pequena e/ou muito incipiente (se considerarmos que existe a ONG ambientalista e seu trabalho naquela cidade) para que faça nela uma festa de viés ecológico, tendo em vista que é um município que, acidentalmente, formou uma reserva ecológica de 54 hectares dentro de uma realidade de 981.000 hectares, e aquele acidente de uma empresa falida que devia direitos trabalhistas fez com que a cidade se “apossasse” de um título que nos parece despropositado: o de “Capital Catarinense da Ecologia”.

No que tange aos processos interativos visando ao âmago da discussão<sup>48</sup>, apontam que os organismos internacionais aconselham que todos os países deveriam, para o ano 2000, incluir em seus planos de desenvolvimento sustentável as três metas principais do Decênio Internacional para a Redução da Vulnerabilidade aos Desastres Naturais. Com as exaustivas avaliações nacionais dos riscos ocasionados por ameaças naturais e a vulnerabilidade gerada na região do Vale do Itajaí, deve-se recordar que Atalanta se localiza nessa região, que sofre de acidentes ambientais (conhecidos, tais como enxurradas e enchentes urbano-rurais) há mais de 160

<sup>47</sup> ALVES, Vânia de Fátima de Noronha. A festa como possibilidade de mobilização social. **Anais** do X Congresso Nacional de Recreación. Coldeportes/FUNLIBRE/10 a 12 de Julio de 2008. Bogotá.D.C., Colombia. Disponível em: <[www.redcreacion.org](http://www.redcreacion.org)>. Acesso em: 04 ago. 2010.

<sup>48</sup> MULLER-PLANTENBER, C. & AB'SABER, A. N. **Previsão de impactos**. S. Paulo: EDUSP, 1994.

anos e contempla os planos de mitigação e prevenção a médio e longo prazo, no âmbito regional e local, incluindo preparativos e campanhas de conscientização comunitária e acesso a sistemas de alarmes regionais e locais, além de uma ampla divulgação para a população dos avisos de alerta. Porém, na prática, nem sempre esses aspectos aparecem vinculados às instituições ambientalistas.

Sob essa perspectiva, compete ao Estado estimular a gestão participativa do ambiente e a avaliação da vulnerabilidade do território; elaborar planos preventivos e planos de manejo de emergências; promover a capacitação do conjunto de operadores do corredor e das comunidades envolvidas para se ter uma resposta em conformidade com os problemas que resultem no melhoramento das condições já existentes; buscar os recursos (humanos, materiais, financeiros, dentre outros); estimular a comunidade para participar nos programas de gestão ambiental e da redução das vulnerabilidades e incorporar, no planejamento e nas ações de desenvolvimento, a redução da vulnerabilidade como elemento constituinte do manejo ambiental, no setor de transporte e no de infraestrutura para o transporte.

No sentido desta discussão final, concluímos que uma Ecofest ainda se distancia daquilo que seria fundamental nas discussões ambientais de uma região ou cidade, pois como festa oferece mais atrações de lazer do que permite aprofundar a problemática envolvendo o meio ambiente dos que lá vivem.

#### 1.4 “Geografia” e rede

O lugar físico é um lugar de conflitos, de problematização da vida social, mas, sobretudo, é o terreno em que esses problemas são assinalados e significados. Tais problemas de significação desses pressupostos estão contidos nas discussões teórico-metodológicas mais atuais, principalmente no que tange ao território e suas complexidades analíticas (FRAGA, 2011).

Rogério Haesbaert (2004, p. 40) produz uma síntese de várias noções de território que podem ser agrupadas em três vertentes básicas e fundamentais para o objeto de análise da pesquisa sobre a questão do território de Atalanta, as quais seriam: a política, referida às relações espaço-poder ou jurídico-política, quando institucionalizada no poder político do Estado; a cultural, apontada como culturalista, também podendo ser vista como simbólico-cultural e priorizando a dimensão mais subjetiva; a econômica, muitas vezes economicista, menos difundida, voltada à análise como produto da divisão “territorial” do trabalho.

Esse autor menciona ainda uma interpretação natural ou naturalista, que seria a quarta vertente, pouco trabalhada hoje nas ciências sociais, que utilizam uma noção de território com base nas relações entre sociedade e natureza, especialmente no que se refere ao comportamento “natural” dos seres humanos em relação ao ambiente físico (FRAGA, 2001).

A concepção naturalista de território está ligada no sentido da vinculação com o comportamento dos animais, entendido como um comportamento natural dos seres humanos ou na relação da sociedade com a natureza. Sobre tal sentido, Haesbaert (2004, p. 53) aponta que:

Fugindo do tão cristalizado “determinismo ambiental” ou “geográfico”, tornou-se muito comum mesmo entre os geógrafos, negligenciar a relação entre sociedade e natureza na definição de espaço geográfico ou de território. Por força de uma visão antropocêntrica de mundo, menosprezamos ou simplesmente ignoramos a dinâmica da natureza que, dita hoje indissociável da ação humana, na maioria das vezes acaba perdendo totalmente sua especificidade.

Já a incorporação de uma dimensão ideal do território, numa perspectiva idealista, está associada à “apropriação simbólica” do mesmo. Encarado como “poderes invisíveis” que fazem parte do território, estão ligados a Antropologia na questão da territorialidade e é considerado um signo, cujo significado somente é compreensível por meio de códigos culturais, aponta Rogério Haesbaert (2004, p. 69). Nesse sentido, o poder do laço territorial está investido de valores não apenas materiais, mas também étnicos, espirituais, simbólicos e afetivos – aqui o cultural precede o político.

As redes, na concepção analisada, seriam linhas conectadas e não superfícies que se estendem por quase todos os lugares e se expandem tanto no tempo quanto no espaço, sem preencher o tempo e o espaço. Por trás desse raciocínio, há uma separação entre rede e território, desenhando uma dicotomia (FRAGA, 2011).

O conceito de rede transformou-se, nas últimas décadas, em uma alternativa prática de organização, possibilitando processos de respostas às demandas de flexibilidade, conectividade e descentralização das esferas contemporâneas de atuação e articulação social, porém tal conhecimento não é novo. O termo aparece como conceito importante no pensamento de Claude Henri de Saint-Simon<sup>49</sup>, socialista utópico, que pensou uma sociedade planejada e organizada pelo Estado racional (SILVA JÚNIOR, 2004).

A palavra rede é antiga e vem do latim *retis*, significando entrelaçamento de fios com aberturas regulares, formando uma espécie de tecido. A partir da noção de entrelaçamento, malha e estrutura reticulada, a palavra rede foi ganhando sentidos ao longo dos tempos, passando a ser empregada em diferentes situações. A rede considerada como fato histórico existe há bastante tempo<sup>50</sup>. Mas a conceituação de rede considerada como sistema de laços realimentados provém da Biologia. Quando os ecologistas da primeira década do século XX estudavam as teias alimentares e os ciclos da vida, propuseram que rede seria o único padrão de organização comum a todos os sistemas vivos. Nesse sentido, Capra (1996) menciona que "[...] sempre que olhamos para a vida, olhamos para redes".

No que concerne às redes e aos territórios, como possibilidade metodológica de análise de uma dada realidade, buscou-se em Milton Santos (1985, p. 6) a interconexão dos seres humanos, com suas firmas, instituições,

---

<sup>49</sup> "A fisiologia é uma das partes da ciência do homem e será tratada pelo método adaptado das outras ciências físicas [...] se vê que se trata de organizar a ciência do homem de uma maneira positiva [...] É evidente que, depois da confecção do novo sistema científico, haverá uma reorganização dos sistemas de religião, da política em geral, da moral, do ensino público [...]" (SAINT-SIMON apud GURVITCH, 1958. p. 36).

<sup>50</sup> No que tange à formação do conceito moderno de rede, há que se passar pelo conceito filosófico de Saint-Simon, "[...] quando este parte da idéia de que o corpo humano se solidifica e morre quando a circulação é suspensa. Graças a essa analogia de organismo-rede, dispõe-se de uma ferramenta de análise para conceber uma ciência política e formular um projeto de melhoria geral no território da França, que consistiria em traçar sobre o seu corpo humano para assegurar a circulação de todos os fluxos, enriquecendo o país e levando à melhoria das condições de vida, incluindo as classes mais pobres da população". DIAS, L. C. Os sentidos da rede: notas para uma discussão. In: DIAS, L. C.; SILVEIRA, R. L. **Redes, sociedades e territórios**. Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 2005. p. 16.



seu meio ambiente natural e infraestruturas como elementos do espaço. Dessa forma, o autor afirma que:

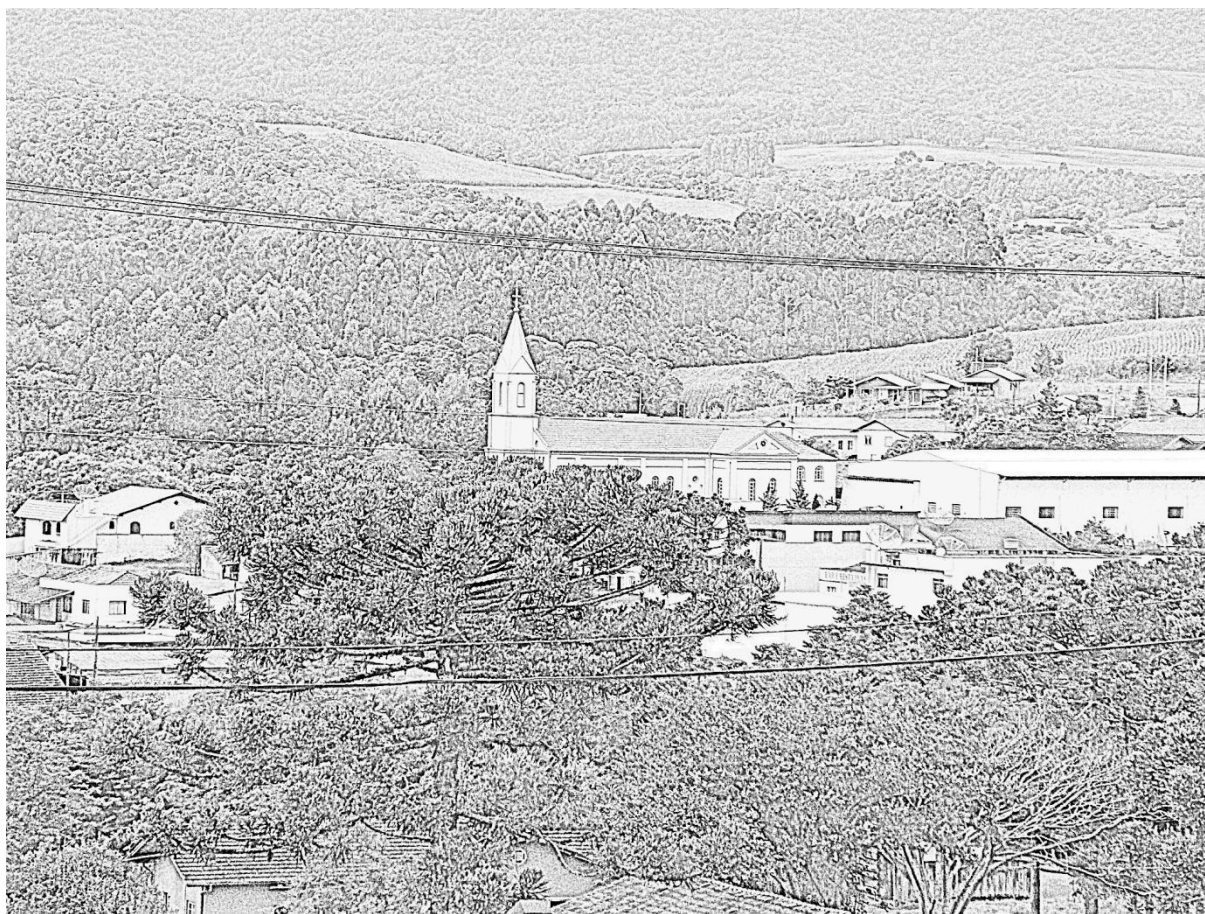
As firmas têm como função essencial a produção de bens, serviços e idéias. As instituições por seu turno produzem normas, ordens e legitimações. O meio ecológico é o conjunto de complexos territoriais que constituem a base física do trabalho humano. As infra-estruturas são o trabalho humano materializado e geografizado na forma de casas, plantações, caminhos, etc.

Sob tal perspectiva, Milton Santos (1985, p. 16) considera que “[...] uma nova estrada, a chegada de novos capitais ou a imposição de novas regras, levam a mudanças espaciais”.

Sobre isso, as desigualdades e contradições no uso das redes, Lobato Corrêa (1995, p. 109) demonstra que:

As redes geográficas são, como qualquer materialidade social, produtos e contradições sociais. Na fase atual do capitalismo a importância das diversas redes geográficas na vida econômica, social, política e cultural é enorme e, de um modo ou outro, todos estamos inseridos em mais de uma rede geográfica e, simultaneamente, excluídos ou ausentes de um número ainda maior de redes.

No decorrer da história, foram muitas as formas de redes criadas pelos seres humanos com a finalidade de facilitar suas comunicações e trocas. As invenções e inovações, que visavam ampliar a capacidade produtiva e melhorar a circulação, geraram as redes. Desse modo, elas são fundamentais na organização territorial e fundamentais para o capitalismo, que, desde sua gênese, revelou-se internacional, permitindo avanços de grande significado histórico e geográfico, atingindo novos territórios, modificando outros e introduzindo novos elementos (FRAGA, 2011).



*Atalanta, a cidade, por Nilson Cesar Fraga, 2010.*

## **CAPÍTULO II – ATALANTA/SC: CAPITAL CATARINENSE DA ECOLOGIA**

## 2. Ocupação e formação territorial de Santa Catarina

### 2.1 Primórdios

Ah, Santa Catarina, Santa Catarina! Pequena pátria  
minha, verdoenga e de amor!  
(Marcos Konder Reis, poeta)

A ocupação humana no atual território do estado de Santa Catarina é muito antiga, feita por diversos grupos humanos desde o final da última glaciação e a chegada do “ótimo climático” (10.000 a 8.000 anos a.P. na parte do extremo oeste do estado<sup>51</sup>) e cerca de 6.000 anos a.P. no litoral<sup>52</sup>. São abundantes os vestígios e provas arqueológicas dos diversos povos que fizeram essas primeiras ocupações, mas nesta tese vamos nos ater ao que aconteceu a partir de 1.500 d.C. neste território, quando o elemento europeu, depois o africano e, mais tardiamente, o asiático vão aportar nestas plagas e criar novas realidades nesta terra que começa bipartida pelo Tratado de Tordesilhas, assinado em 1494 entre Portugal e Espanha<sup>53</sup>.

Após o achamento da América e do Brasil (1492 e 1500, respectivamente), são diversos os navegantes e outros passantes que circularão principalmente pelo litoral do atual estado de Santa Catarina, a começar pelo francês Binot Paulmier de Gonneville, em 1504, que esteve por alguns meses consertando seu navio avariado na atual ilha de São Francisco do Sul<sup>54</sup>.

Dez anos depois, portanto, em 1514, é a vez da expedição de Dom Nuno Manuel e Cristóvão de Haro que por aqui passam. Em 1515, registra-se a passagem de João Dias de Solis. Em 1521, Cristóvão Jacques, “correndo o litoral brasileiro até o Rio da Prata, perlustra a costa catarinense, onde, no “Porto dos Patos”, nove naufragos da expedição de João Dias de Solis encontra”<sup>55</sup>.

---

<sup>51</sup> PROUS, André. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: UNB, 1992

<sup>52</sup> GASPAR, Madu. **Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro**. Rio: Jorge Zahar, 2000.

<sup>53</sup> PIAZZA, Walter F. **Santa Catarina, sua História**. Florianópolis: UFSC, 1983

<sup>54</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>55</sup> Idem, *ibidem*.

Em 1525, temos a presença nestas costas da expedição de Garcia Jofre de Loyasa. Em 1526, chega ao “Porto dos Patos” Dom Rodrigo de Acuña. Outras expedições estarão pelo litoral de Santa Catarina em 1526 (Diogo Garcia de Moguer); 1534 (Pedro Mendoza e outra de Gonzalo de Mendoza); 1537 (Alonso Cabrera); 1541 (Dom Alvar Nuñez Cabeza de Vaca); 1549 (Juan de Sanabria). Finalmente, na segunda metade do século XVI, “Dom Pedro Ortiz de Zarate ocupou a Ilha de Santa Catarina com o pessoal da sua esquadra. Entretanto, tais foram os atos de crueldade, que os indígenas começaram a hostilizar os ocupantes e as deserções se iniciaram, de modo que teve que retirar-se”<sup>56</sup>.

Há que se fazer referência, nesse período, à presença de um primeiro morador não índio que adota Santa Catarina para viver: Aleixo Garcia. Participante da expedição de João Días de Solíz (1515), deixa-se ficar em terra na atual região da Ilha de Santa Catarina, e vai viver diversas aventuras no continente, como a ida até o mundo inca muito antes de Francisco Pizarro. Deixou um descendente na América, mas não se tem certeza se em Santa Catarina ou no atual Paraguai.<sup>57</sup>

#### Também

de maior importância é a expedição de D. Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, que aporta ao continente fronteiro à Ilha de Santa Catarina em março de 1541, nomeado pelo rei da Espanha, para tomar posse das terras da Coroa, intitulando-se, ao chegar ao litoral catarinense “Governador de Santa Catarina”, ocasião em que está à frente de 400 homens. O propósito era atingir o Paraguai por terra, o que fizeram, atingindo Assunção, em março de 1542. (...) Da expedição de Alvar Nuñez permaneceram em Santa Catarina 140 homens, que constituíram, assim, um bom núcleo de povoamento. Muitos deles uniram-se a mulheres indígenas.<sup>58</sup>

Se algum dos outros passantes pelo estado de alguma forma deixou descendência nas índias que aqui habitavam, tal história se perdeu. Os homens de Cabeza de Vaca, no entanto, já são em número tal que deixarão sua marca genética nas gentes catarinenses. Segundo o geógrafo Roque Herdt<sup>59</sup>, o tipo físico trigueiro que costumamos chamar de “lageano” seria

<sup>56</sup> Idem, ibidem.

<sup>57</sup> BOND, Rosana. **A saga de Aleixo Garcia, o descobridor do Império Inca**. Florianópolis: Insular, 1998.

<sup>58</sup> PIAZZA Walter F., op. cit.

<sup>59</sup> HERDT, Roque. Informação verbal na década de 1990, em Blumenau.

produto dessa primeira miscigenação entre os povos originários e os seguidores de Cabeza de Vaca, rapazes mouriscos e moçarabes<sup>60</sup> da Península Ibérica que se aventuravam pelo Novo Mundo<sup>61</sup>.

### 2.1.1 Iniciativa governamental

Em 1534, o rei de Portugal vai criar as capitanias hereditárias, em número de 12. Entre estas capitanias estão as de Pero Lopes de Souza, concedidas pela “Carta de doação” de 10 de setembro de 1534, passada na cidade de Évora, com a doação de 70 léguas litorâneas em diferentes áreas do Brasil. A parte de Santa Catarina, que cabe a tal donatário, vai-se chamar Capitania de Santana.

Pero Lopes de Souza não chegou a tomar posse do seu quinhão, por ter perecido em naufrágio<sup>62</sup> e seus herdeiros nunca tomaram posse efetiva dos seus domínios. Não se pode falar, portanto, que a iniciativa do reino português tenha surtido efeito na ocupação e formação territorial de Santa Catarina.

### 2.1.2 Primeiras tentativas de povoamento

Há que lembrarmos que num período de sessenta anos, de 1580 a 1640, por motivos de herança, a coroa de Portugal esteve unida à coroa de Espanha, fato que ficou conhecido como União Ibérica. Em tal período, a coroa espanhola não se preocupou em fazer povoamentos no sul do Brasil, já que, com o Tratado de Tordesilhas, tais áreas passaram a lhe pertencer por direito. Com a restauração da coroa portuguesa, no entanto, em 1640, fazia-se mister tomar posse para Portugal das áreas que a tal país pertenciam devido ao tratado já citado neste parágrafo.

Foi assim que, em pouquíssimo tempo, no período de 1642 a 1676, fundaram-se nas terras do atual estado de Santa Catarina três novas

---

<sup>60</sup> FREIRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. 28. ed. Rio: Record, 1992.

<sup>61</sup> VACA, Cabeza de. **Naufrágios & Comentários**. Tradução: Jurandir Soares dos Santos. Porto Alegre: L&PM Pocket Editores, 1999.

<sup>62</sup> PIAZZA, Walter F., op. cit.

povoações, a saber: Nossa Senhora da Graça do Rio de São Francisco, Nossa Senhora do Desterro e Santo Antônio dos Anjos da Laguna<sup>63</sup>.

As três póvoas, cada qual seguindo seu ritmo (Nossa Senhora do Desterro, por exemplo, foi destruída por piratas depois de uma década de florescimento, ficando praticamente desabitada por cerca de quarenta anos<sup>64</sup>) acabaram vicejando, e por largo tempo eram elas que significavam a Capitania de Santa Catarina<sup>65</sup>, cujo primeiro governador foi o brigadeiro Silva Paes, grande construtor, durante cujo governo, que vai de 1739 a 1749, se fazem os diversos fortes e fortalezas que vão proteger a capitania, principalmente contra uma possível invasão espanhola.

Outro fato marcante acontecido durante o governo de Silva Paes é o começo da chegada dos imigrantes açorianos, cujas primeiras remessas chegam ao porto de Desterro em 1748.

Há diversas controvérsias sobre a quantidade de açorianos (e alguns madeirenses) que irão aportar em Santa Catarina no período de 1748 a 1756, sendo que os levantamentos mais minuciosos falam de 3.525 pessoas<sup>66</sup> e de 6.071 pessoas<sup>67</sup>.

O fato é que a quantidade de açorianos chegados no século XVII é muito maior do que a de moradores antigos de origem europeia, principalmente a de portugueses continentais e seus descendentes. Assim, a presença cultural açoriana logo irá sobrepor-se, naquele primeiro momento, às antigas culturas existentes na província meridional, a ponto de até os dias que correm, em pleno século XXI, tais primeiros lugares litorâneos se considerarem de cultura açoriana, afora outros, que assumiram tal cultura como uma maquiagem voltada principalmente ao turismo<sup>68</sup>, quiçá a outras emoções subjacentes às populações.

---

<sup>63</sup> CABRAL, Oswaldo R. **História de Santa Catarina**. Florianópolis: Laudes, 1970.

<sup>64</sup> PAULI, Evaldo. **Desafio aos olhos azuis**. Florianópolis: Lunardelli, 1978.

<sup>65</sup> PIAZZA, Walter F., op. cit.

<sup>66</sup> CABRAL, Oswaldo R. **História de Santa Catarina**. Florianópolis: Laudes, 1970.

<sup>67</sup> PIAZZA, Walter F., op. cit.

<sup>68</sup> SEVERINO, José Roberto. **Itajaí e a Identidade Açoriana: a maquiagem possível**. Itajaí: Univali, 1999.

### 2.1.3 Os caminhos

Desde meados do século XVI que algumas cabeças de gado são deixadas no sul do continente americano<sup>69</sup>, bem como mais de uma centena de cavalos é trazida para cá por Cabeza de Vaca, quiçá também por outros viajantes. Principalmente o gado *vacum* vai crescer em liberdade nas pastagens férteis da região, e em poucos decênios terá se propagado em forma de imensos rebanhos selvagens<sup>70</sup>, grande abundância de carne que será de imensa valia logo a seguir, quando o ouro começa a ser prospectado em grande escala, principalmente nas terras de Minas Gerais. Vejamos:

A descoberta das lavras de ouro nas Minas Gerais, nos finais do século XVII e início do século XVIII, seguidas dos achados em Jacobina e no Rio das Contas na Bahia, nos de Forquilha e Sutil no Mato Grosso, e o que se extraiu no sertão de Guaiás em Goiás, foi o acontecimento mais espetacular da história econômica do Brasil Colônia enquanto provocou enorme repercussão, tanto para a própria metrópole como para boa parte do mundo.<sup>71</sup>

O Ciclo do Ouro vai alterar muita coisa no Brasil e fazer com que se tomem decisões internacionais. Uma delas vai ser o Tratado de Madrid, também conhecido como *Uti Possidetis*, de 1750, que trata de redefinir as fronteiras nas colônias sul-americanas e substituir o de Tordesilhas. Grosso modo, podemos dizer que ficou valendo para cada coroa a posse dos territórios então efetivamente ocupados.

Com a descoberta do ouro, notadamente em Minas Gerais, são praticamente abandonadas todas as outras atividades econômicas daquela região, vindo a faltar os alimentos necessários para a manutenção daquelas populações. É então que entra em cena o grande celeiro de carne que existe no sul do Brasil, e são muitos os tropeiros que irão ao Sul buscar o gado bravio que irá alimentar os garimpeiros e as demais pessoas ligadas à corrida do ouro. Abrir-se-ão, então, diversas trilhas que darão origem aos caminhos que cortarão Santa Catarina para a passagem das tropas que serão levadas à Feira de Sorocaba, principalmente onde elas serão renegociadas e tomarão o rumo

---

<sup>69</sup> Atual Uruguai.

<sup>70</sup> PIAZZA, Walter F. **Santa Catarina, sua História**. Florianópolis: UFSC, 1983.

<sup>71</sup> Disponível em: <[http://educaterra.terra.com.br/voltaire/500br/br\\_ouro.htm](http://educaterra.terra.com.br/voltaire/500br/br_ouro.htm)>. Acesso em: 22 jan. 2012.

das Minas Gerais e de outros lugares. Citamos aqui alguns dos caminhos mais conhecidos, como o de Viamão, o dos Conventos, mas também houve outros<sup>72</sup>.

Serão penetrações que rasgarão o território de Santa Catarina de norte a sul e onde, ao longo dele, principalmente nos lugares privilegiados que se tornarão pousos de tropeiros, pela presença de água e outras riquezas, nascerão muitas das cidades que existem atualmente.

#### 2.1.4 A fundação de Nossa Senhora dos Prazeres das Lagens e os espanhóis confinantes

Com gado e gente ocupando os caminhos que se formaram no litoral e por dentro do continente, é tempo de os governantes fazerem valer o princípio do *Uti Possidetis* e, em 1766, o Morgado de Mateus, governador e capitão general da Capitania de São Paulo, ordena ao tropeiro Antonio Correia Pinto, grande conhecedor dos caminhos do Sul, que se dirija às tais terras para que, no interior do continente, funde uma nova povoação, que irá se chamar Nossa Senhora dos Prazeres das Lagens. O destino de Correia Pinto está muito além da antiga linha de Tordesilhas. A fundação era assim justificada pelo Morgado de Mateus: *“O terreno hé admirável não só para se fundarem muitas Fazendas de gados, mas tão bem para cultivar todo o gênero de frutos, além disto se seguem utilidades de acudirem moradores daquelle Certão”*, o que nos esclarece, sem nenhuma dúvida, que os sertões destas terras de Santa Catarina já eram então povoados, e por elementos não índios, pois se fossem índios seriam chamados de gentios.

Os motivos estratégicos da fundação de tal póvoa em local tão ermo e distante, no entanto, ficam bem claros na correspondência trocada entre o Morgado de Mateus e o conde de Oeiras (futuro marquês de Pombal), ministro de Dom José I, rei de Portugal, onde ele diz que tal povoação é para *“se contrapor às investidas do espanhol confinante”*<sup>73</sup>.

Dez anos depois da fundação, isto é, em 1777, Lages contava com 257 moradores livres e 114 escravos, num total de 371 pessoas, e em 1808 sua

---

<sup>72</sup> PIAZZA, Walter F., op. cit.

<sup>73</sup> COSTA, Licurgo. **O continente das Lagens**: sua história e influência no sertão de Terra Firme. V. 1. Florianópolis: FCC, 1982.



população subira para 878 pessoas, sendo 723 livres e 155 escravos, o que nos diz que a povoação havia se consolidado.

“Os espanhóis confinantes”, na verdade, nunca vieram por aqueles confins – chegaram, na verdade, por outro caminho, o do mar, em 1777, em soberba frota comandada por Zeballos, que ocupou a Ilha de Santa Catarina a partir da praia de Canasvieiras, sem dar um só tiro e sem perder um só homem. Na ocasião, as guarnições, autoridades e outras pessoas debandaram, fugindo para terra firme, e os moradores que ficaram não foram maltratados pelos invasores. Os espanhóis se foram, um ano depois, sem guerras ou outros enfrentamentos: em nível de gabinete, na Península Ibérica, as autoridades combinaram um armistício que fez com que a esquadra invasora desenrolasse suas velas e voltasse para o mar<sup>74</sup>.

É de se supor, no entanto, que no tempo em que permaneceram em terras de Santa Catarina muito namoro ocorreu entre os soldados ocupantes e as mulheres locais, e que o sangue das gentes catarinenses quedou-se para sempre amalgamado ao sangue dos invasores espanhóis.

#### 2.1.5 Os escravos, os viajantes e as armações da baleia

Nos séculos XVII e XVIII floresceram no litoral brasileiro as armações da baleia, concessões feitas pela coroa portuguesa para a exploração do óleo das abundantes baleias que frequentavam tal litoral. O óleo de baleia, naquela altura, era usado na Europa, sobretudo para iluminação, e só seria substituído nos lampiões, mais tarde, quando da descoberta do querosene. Indústria fétida, que emporcalhava as praias, os ares<sup>75</sup> e como que levava embora a força vital dos jovens e saudáveis escravos que nelas trabalhavam, nenhum centavo da produção de tais armações foi revertido para o progresso do Brasil – todos os lucros, que se pensa que foram abundantes, eram levados para a metrópole<sup>76</sup>.

---

<sup>74</sup> CABRAL, Oswaldo R. **História de Santa Catarina**. Florianópolis: Laudes, 1970.

<sup>75</sup> LUNA, Glória Alejandra Guarnizo. Memórias sobre a caça da baleia em Barra Velha, Santa Catarina, Brasil – contribuições para a construção de uma história para o município. In: **Revista de Divulgação Científica da Universidade do Vale do Itajaí – Alcance/História/Itajaí**. Ano VIII, n. 6, novembro 2001.

<sup>76</sup> ELLIS, Myriam. **A baleia no Brasil Colonial**. São Paulo: Melhoramentos, s/d.

Apesar de haver armações desde a Bahia até o Sul, em Santa Catarina tivemos, pelo menos, as armações de Ilha da Graça (1807), Itapocorói (1778), Nossa Senhora da Piedade (1740 ou 1742), Lagoinha (1772), Garopaba (1793 ou 1795), Imbituba (1796), conforme mapa na página 194 de PIAZZA<sup>77</sup>.

No período dos séculos XVIII e XIX também transitaram por Santa Catarina muitos viajantes estrangeiros, com os mais diversificados interesses, como biólogos, botânicos, marinheiros, exploradores, etc.; cada um deles escreveu algum tipo de relatório, carta, diário de bordo ou outro registro sobre o que viu, conheceu ou viveu em tais terras, e muitos dos registros vêm acompanhados de mapas, desenhos e pinturas. Tais relatos foram colecionados e organizados no século XX por Martim Afonso Palma de Haro, e tem-se em mãos a 4ª edição, publicada em 1996, e aconselha-se a leitura de tal livro, para se ter uma maior amplitude do que se passou em terras catarinenses naquele período, sob diversos ângulos de visão de diversos olhares estrangeiros. Por aqui estiveram Frézier, Schelvocke, Betagh, Anson, Dom Pernetty, La Pérouse, Semple Lisle, Krusenstern, Lisiansky, Langsdorff; Mawe; Golovnin, Porter, Kotzebue, Chamisso, Choris, Duperrey, Lesson, Seidler, Trachsler, e suas observações estão reunidas no livro já citado acima, cujas referências constam da nota de rodapé aqui incluída<sup>78</sup>.

Principalmente por meio dos relatos desses viajantes que hoje se sabem algumas coisas, como a situação de abandono total em que ficavam os escravos das armações quando já não tinham forças para produzir trabalho, mantendo-se pelas cercanias à espera de que alguma alma bondosa lhes desse algum alimento ou alento às suas últimas enfermidades, conforme nos deixa bem claro Seidler:

Os primeiros seres vivos que avistamos ao regressar à Armação foram alguns daqueles negros velhos que como me referi, em doce indolência aqui aguardavam o termo de sua existência outrora tão afanosa. Ao calor do sol do meio-dia penosamente se haviam arrastado para fora dos seus ranchos para se exporem aos ardentes raios solares, onde pareciam sentir-se muito bem (...)<sup>79</sup>

<sup>77</sup> PIAZZA, Walter F. **Santa Catarina, sua História**. Florianópolis: UFSC, 1983.

<sup>78</sup> **ILHA DE SANTA CATARINA**. Relatos de Viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX. Org. Martim Afonso Palma de Haro. 4. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1996.

<sup>79</sup> SEIDLER, **Ilha de Santa Catarina**. Relatos de Viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX. Org. Martim Afonso Palma de Haro. 4. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1996.

Também é outro viajante, Langsdorff, quem nos vai dar a vívida ideia de como se processava a escravidão nestas terras, coisa que a História oficial costuma não se lembra de contar. Veja-se:

As quantidades de escravos negros de ambos os sexos que se vêem aqui é estranha aos olhos desacostumados de um europeu qualquer. Despertou-me uma revolta especial quando vim pela primeira vez a Nossa Senhora do Desterro e vi um grande número destas criaturas abandonadas, deitadas frente às portas de ruas laterais e oferecidas à venda. Apenas as regiões púbias estavam cobertas com um velho pano rasgado que após alguns dias eram substituídos por um grosseiro pano azulado.<sup>80</sup>

O testemunho desses viajantes é muito importante para que se perca a inocência de Santa Catarina ter sido um território de mínima escravidão, sendo um estado formado basicamente por imigrantes alemães e italianos, como tanta gente crê *in loco*, e também em outros lugares do Brasil, como já se teve a oportunidade de observar amplamente<sup>81</sup>. A partir da existência de tantos escravos nestas terras, muitas e muitas famílias amalgamaram seu sangue com o deles. Segundo o livro organizado por Joana Maria Pedro, tal miscigenação ocorreu quase sempre entre a escrava mulher e o homem branco, dificilmente acontecendo o contrário, isto é, entre o homem negro e a mulher branca<sup>82</sup>.

#### 2.1.6 Os imigrantes

Com a Independência em 1822 e o Império iniciante, grande discussão tomou conta do Brasil: a da futura composição da sua gente e consequente desejo de branqueamento da população<sup>83</sup>. O medo de se ter um país de maioria negra era uma realidade muito forte na América, depois da

<sup>80</sup> LANGSDORFF. **Ilha de Santa Catarina**. Relatos de Viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX. Org. Martim Afonso Palma de Haro. 4. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1996.

<sup>81</sup> Observações pessoais da autora.

<sup>82</sup> PEDRO, Maria Joana et. al. **Negro em terra de branco**: escravidão e preconceito em Santa Catarina no século XIX. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

<sup>83</sup> REIS, Cacilda E. dos; ANDRADE; Solange Ramos de. **A imigração europeia nos discursos da elite política brasileira**. Universidade Estadual de Maringá. Disponível em: Disponível em: <[http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes\\_pde/artigo\\_cacilda\\_estevao\\_reis.pdf](http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_cacilda_estevao_reis.pdf)>. Acesso em: 28 jan. 2012.

Independência do Haiti, em 1804<sup>84</sup>. A solução vista pelas elites dominantes, dentre outras, era a de se trazer europeus para ocupar os espaços vazios do país nascente<sup>85</sup>.

Houve como que duas colonizações com elementos europeus, sendo a primeira em pequena escala, a partir de 1828, e a segunda em maior escala, a partir da Lei de Terras, de 1850.

Em 28 de outubro de 1828 chegam a Desterro os dois primeiros navios trazendo alemães, o “Marquês de Viana” e o “Luiza”, com 635 pessoas. Depois de muitos percalços envolvendo o bem-estar desses primeiros imigrantes, são eles assentados, por fim, ao cabo de um ano, no lugar que se chamaria São Pedro de Alcântara, com as funções de, além de produzir alimentos e colonizar o lugar, abrir e manter aberta uma estrada que ligaria o litoral à cidade de Lages. A terra árida e inóspita, muito montanhosa, daquela localidade, vai fazer com que as iniciativas agrícolas não se deem bem naquele local e que muitos dos colonos passem a migrar para outros sítios onde pudessem conseguir melhor qualidade de vida.

Outras pequenas remessas de imigrantes foram chegando nos anos seguintes e que, somadas aos migrantes dessa primeira chegada e aos naturais do lugar, vão fazendo nascer, dentre outras, diversas novas colônias, como uma de estadunidenses, no Vale do Rio Tijucas, outra de sardos (1836 – Colônia Nova Itália), no Rio Tijucas Grande, a Colônia Itajaí, em 1835; arraiais de Belchior e de Pocinho, a Colônia Vargem Grande, com 44 colonos, sendo 43 alemães e um dinamarquês, que se instalaram à margem da nova estrada que do litoral catarinense demandava ao planalto, e que seria, mais tarde, a BR-282; a Colônia Industrial do Saí, em 1841, ao norte da província; a Sociedade Belgo-Brasileira de Colonização, em 1841, na localidade que hoje é o município de Ilhota, dentre outras<sup>86</sup>.

Após a aprovação da Lei de Terras, de 1850, a colonização com o elemento europeu toma outro ímpeto, e, em 1850, é fundada Blumenau, no

---

<sup>84</sup> KLUEGER, Urda Alice. **El Rey y El niño**. Disponível em: Disponível em: <<http://cultural.argenpress.info/2010/01/el-rey-y-el-nino-haiti.html>>. Acesso em: 28 jan. 2012.

<sup>85</sup> Pensou-se seriamente, também, em trazer-se asiáticos com a mesma finalidade. (Nota da autora).

<sup>86</sup> PIAZZA, Walter F., op. cit.

Vale do Itajaí; em 1851 é fundada a Colônia Dona Francisca, ao norte da província, em terras dotais do Príncipe de Joinville, genro de Dom Pedro I, ambas com grande quantidade de alemães, embora a Colônia Dona Francisca tenha recebido grande quantidade, também, de suíços, franceses, etc.

Outras colônias bastante “alemãs” vão sendo criadas, como Colônia Militar Santa Teresa, Colônia Teresópolis, Colônia Itajaí-Brusque, Colônia Nacional Angelina, dentre outras. Além de alemães, luso-brasileiros, descendentes de açorianos e de africanos, muitos outros elementos de diversas etnias e nacionalidades estavam representados em tantos lugares novos que se criavam, mas será a partir de 1875 que vai acontecer a “Grande Colonização” italiana.

No Vale do Itajaí, no Vale do Itajaí-Mirim e do Rio Tijucas, no sul Catarinense e por outros sítios, vão se localizar muitas colônias italianas, que darão ao território feições diferenciadas, com sua cultura, sua economia e sua gente de características próprias<sup>87</sup>.

#### 2.1.7 A Guerra do Contestado, a industrialização e suas consequências

O alvorecer do século XX vai trazer a Santa Catarina a industrialização e uma violenta guerra que vai alterar bastante a situação do elemento humano no seu território. Trata-se da Guerra do Contestado, e é importante que se faça referência a como o Capital vai se adonar de tantas vidas e tantas propriedades.

Nessa altura vivia-se o começo do Brasil República, e os diversos presidentes que então governaram o Brasil traçaram um plano de desenvolvimento para o mesmo, mas faltavam capitais para que tal plano pudesse ser botado em prática. Negociou-se, portanto, e para a construção de uma ferrovia que iria de São Paulo até o Rio Grande do Sul, o governo da época assinou contrato com um grande capitalista estadunidense chamado Percival Farquhar, segundo os seguintes termos: Percival Farquhar construiria a ferrovia às suas expensas, e receberia como pagamento quinze quilômetros de cada lado dela (num total de trinta quilômetros) para retirar riquíssimas

---

<sup>87</sup> PIAZZA, Walter F., op. cit.

florestas, a maioria de pinheiros (*Araucaria brasiliensis*) e usar o terreno, depois, para implantar novas colonizações.

Acontece que tais terras já estavam ocupadas há diversos milhares de anos pelos povos pré-colombianos e por outros povos que estavam a se mesclar com os mais antigos, desde os tempos de Cabeza de Vaca. Sem que se considerasse tal fato, tais gentes passaram a ser expulsas pelos apaniguados de Percival Farquhar, e os que resistiam à expulsão sumária das terras que habitavam há centenas ou milhares de anos eram sumariamente abatidos. A revolta acontecida então, onde os “caboclos” lutaram pela posse das terras ancestrais, tendo derrotado por treze vezes, inclusive, o exército brasileiro, que usava da mais avançada tecnologia, o que inclui, pela primeira vez na história, o uso de aviação militar<sup>88</sup>, levou o nome de “Guerra do Contestado”. Durante quatro anos os “caboclos” resistiram com armas primitivas e lanças feitas de madeira, com as pontas endurecidas ao fogo, e o saldo da guerra foi tétrico: diversas centenas de milhares de mortos, atrocidades de todos os tipos, milhares de propriedades destruídas. As terras varridas a ferro e fogo, em grande parte foram recolonizadas por migrantes, notadamente descendentes de alemães e italianos que um século antes haviam vindo para o Rio Grande do Sul<sup>89</sup>.

Até o final do século XIX Santa Catarina fora um estado agrícola, com poucos estabelecimentos industriais de pequena importância, como olarias, fábricas de farinha e de açúcar, e alguns já com o viés industrial, como o de madeiras, têxteis e de alimentos, notadamente no Vale do Itajaí. Joinville passa a se industrializar em seguida. A economia de Santa Catarina avança na produção industrial desde as duas últimas décadas do século XIX, com a produção de mercadorias, isto é, produção de bens voltados para a troca, não mais para a subsistência, condição essencial do Capitalismo<sup>90</sup>. Nos albores do século XX, acompanhando o movimento da segunda revolução industrial, o estado vai ser cada vez mais industrializado. Está-se, nesta altura, no governo

<sup>88</sup> THOMÉ, Nilson. **A aviação militar no Contestado. Réquiem para Kirk**. Caçador, Fearpe, 1986.

<sup>89</sup> FRAGA, Nilson Cesar. **Mudanças e Permanências na Rede Viária do Contestado**: uma abordagem acerca da formação territorial no sul do Brasil. Curitiba: Tese de Doutorado apresentada para obtenção do título de Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento, Universidade Federal do Paraná, 2006.

<sup>90</sup> THEIS, Ivo Marcos – entrevista via e-mail feita em 30.01.2012 e de posse da pesquisadora.

de Getúlio Vargas, que tem definido projeto para o país<sup>91</sup>, e que vai criar leis especiais que irão desmobilizar muitos agricultores e encaminhá-los para as indústrias ou para as cidades industrializadas, para formar mão de obra excedente e evitar a possibilidade de futuras greves<sup>92</sup>. Segue-se, portanto, já de bastante tempo, na altura, a cartilha do Capitalismo. Tal cartilha até os dias de hoje rege a economia do Estado, tendo passado por diversas adaptações, tanto no período da Segunda Guerra Mundial quanto no pós-guerra, quanto no período do neoliberalismo e dos governos progressistas mais recentes.

## 2.2 Ocupação e formação territorial do Vale do Itajaí

### 2.2.1 Tempos antigos

Como os demais pontos do estado de Santa Catarina, o Vale do Itajaí também vai ter moradores muito antigos, desde a instalação do ótimo climático na região. Na sua “boca”, ou seja, na parte litorânea, vamos encontrar o povo sambaquiano desde cerca de 6.000 anos a.P.<sup>93</sup>. Outros povos passarão e estarão no território do vale nos milênios subsequentes, notadamente os Gês, que, durante quatro séculos, resistiram ao contato com o branco invasor e hoje têm o nome simplificado para Xokleng, o que significa, na sua própria língua, o designativo de “gente”<sup>94</sup>.

No outro extremo da região, já nos aforas do vale, em Campos Novos, descobertas recentes de cerâmica e de pólen de plantas cultiváveis nos dizem da presença do povo Xokleng desde cerca de 5.000 anos a.P.<sup>95</sup>. Tendo-se em vista que o povo hoje chamado de Xokleng era nômade, e seu território abrangia o interior do Vale do Itajaí e outras áreas próximas, até o Paraná e o

<sup>91</sup> LENHARO, Alcir. **Sacralização da política**. Campinas: Papirus, 1986.

<sup>92</sup> Informação verbal do professor Aldo Moretto, em aula de História no ano de 1998 na Universidade Regional de Blumenau/SC. A informação advinha de pesquisa efetuada por esse professor em antigas revistas publicadas para contabilistas na década de 1930, e é do conjunto de diversas leis publicadas em tais revistas que se conclui o fato.

<sup>93</sup> KLUEGER, Urda Alice. **O povo das conchas**. Blumenau: Hemisfério Sul, 2004.

<sup>94</sup> SANTOS, Sílvia Coelho dos. **Índios e brancos no Sul do Brasil**. Florianópolis: EDEME, 1973.

<sup>95</sup> MASI, Marco Aurélio Nadal de. Cerâmicas de cinco mil anos são achadas no Sul. In: **Jornal de Ciência: O globo**, 07.06.2004. Disponível em: <www.jornaldaciencia.org.br>. Acesso em: 20 fev. 2012.

Rio Grande do Sul<sup>96</sup>, pode-se afirmar que sua presença no vale tem, pelo menos, a idade de 5.000 anos.

Nos últimos 500 anos foram diversos os humanos anteriores aos imigrantes que penetraram o Vale do Itajaí para diversas atividades, sendo destaque os que para tal lugar se deslocaram à procura de ouro, existente em pequena quantidade em alguns ribeirões e em quantidade não sabida num morro que se crê lendário, chamado Taió, ou Taijó. Vemos em Cabral, quando do evento da destruição da primeira fundação de Nossa Senhora do Desterro: “Chamado do interior, onde andava faiscando, o irmão do fundador José Dias Velho (...)”<sup>97</sup>. Esse José Dias Velho “faiscava” ouro no Alto Vale do Itajaí, onde se acreditava que ficava o morro do Taió, ou Taijó<sup>98</sup>. Tal se deu quase dois séculos antes da chegada dos primeiros imigrantes ao Vale.

### 2.2.2 Tempos mais recentes

Há um momento chave que vai alterar profundamente a história do Vale do Itajaí, e que é o da chegada dos imigrantes alemães a ele, o que se dá, oficialmente, a partir de 1850. Há que se ver, no entanto, o que lá já havia então de ocupação humana não indígena, e se o olharmos de uma perspectiva oceano/continente, vamos nos deparar com os povoados de Itajaí e seu porto<sup>99</sup>, com o que sobrou da Armação do Itapocoroy e consequente povoado<sup>100</sup>, com o município de Porto Belo, que até recentemente fora o que centralizara a justiça e a vida cartorial para todo o vale<sup>101</sup>. Adentrando nele, vamos encontrar no lugar Ilhota a recém-nascida Colônia Belga, que se desfaria logo em seguida com o falecimento do seu fundador, e alemães egressos da Colônia de São Pedro de Alcântara, criada na década de 1820, e que habitavam lugares como Belchior (atual município de Gaspar) e

<sup>96</sup> SANTOS, op. cit.

<sup>97</sup> CABRAL, Oswaldo Rodrigues, op. cit.

<sup>98</sup> PAULI, Evaldo, op. cit.

<sup>99</sup> SILVA, José Ferreira da. **História de Blumenau**. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1988.

<sup>100</sup> SILVA, José Ferreira da. **História do Município da Penha**. Curitiba: Tipografia do Centro, 1959.

<sup>101</sup> PETRY, Sueli Vanzuita. Conforme aula dada no Curso de História da FURB no ano de 1998, devidamente demonstrada através de livros da década de 1820, com registros de doações de terras nos lugares Velha, Benedito Novo, etc.



Jararacumbach (atual município de Blumenau), instalados com a sua agricultura, seus animais e seus engenhos, além da família Garcia, formada por pessoas negras oriundas de Camboriú, que habitavam o local que hoje se chama bairro Garcia, em Blumenau<sup>102</sup>.

Também no lugar Poço Grande (atual Ilhota) vamos encontrar, nessa altura, grande fazenda escravocrata, com cerca de 50 escravos, pertencente à família Flores. Essa família teria muita influência no que aconteceria no futuro do vale e de outros lugares do Brasil, e José Henrique Flores Filho seria o primeiro presidente da Câmara e o primeiro prefeito de Blumenau<sup>103</sup>. Era família rica, oriunda de Campos de Goitacazes/RJ, produtora de açúcar e de trigo, e sua filha Adelaide, aos 15 anos, contra a vontade dos pais, casou-se com um imigrante alemão muito pobre, professor de piano, que aportara na vizinha localidade de Itajaí, de sobrenome Konder. Foi devidamente deserdada e se viu viúva, com oito filhos, aos 28 anos. Dessa moça Flores e de seu marido Konder descendem famílias como Konder Reis, Konder Bornhausen, Konder Comparatto, etc., pessoas que influenciaram e influenciam a vida da província e do país, tanto à esquerda quanto à direita, até os dias de hoje<sup>104</sup>.

Saindo deste parêntesis não anunciado, podemos ver que a aventura da imigração alemã não foi o primeiro acontecimento moderno a acontecer no Vale do Itajaí. Tais informações mais acima nos dão uma visão de um território já ocupado ou semiocupado, e entremeado dos elementos luso, mulato e caboclo, que foram de imensa importância quando da chegada dos alemães, pois tais europeus que no vale chegavam não traziam conhecimentos necessários para a sobrevivência dentro da Floresta Atlântica, e foi com os escravos de Poço Grande e com outros ditos “naturais” que aprenderam a fazer suas casas de ripas amarradas com cipó, além do pão de milho e de aipim, vegetais americanos, dentre tantas outras coisas que lhes garantiu a vida.

---

<sup>102</sup> SILVA, José Ferreira da., *ibidem*.

<sup>103</sup> **A organização do Poder Executivo e Legislativo em Blumenau.** Disponível em: [http://campeche.inf.furb.br/obeb/historia\\_novo/cap6.1.html](http://campeche.inf.furb.br/obeb/historia_novo/cap6.1.html). Acesso em: 21 fev. 2012.

<sup>104</sup> Informações obtidas do poeta Marcos Konder Reis, neto de Adelaide, na década de 1980, na Praia de Armação do Itapocoroy. Tal também está registrado em extenso poema de mais de 2.000 laudas que ele escreveu e que permanece inédito.

### 2.2.3 Os imigrantes

É da crença de muitas pessoas e/ou de entidades que, com a chegada dos imigrantes, tudo se tornou perfeito no Vale do Itajaí, excetuando-se as catástrofes naturais, é claro. Tal lenda é amplamente usada em prospectos, revistas e livros turísticos, etc., e até em livros escolares produzidos por certas prefeituras.

Vamos citar dois fatos que quebram a perfeição da lenda:

1 - Quando da sua primeira partida de Blumenau, em 1848, a fim de buscar imigrantes na Alemanha, o jovem Dr. Blumenau deixou seu sócio Ferdinand Hackradt à foz do Ribeirão da Velha, acompanhado de nove escravos<sup>105</sup>, sendo oito homens e uma mulher cozinheira, com a função de fazer plantações e construir as primeiras habitações para os alemães que iriam chegar. Apesar de, um pouco adiante, o primeiro código de posturas da colônia já não aceitar nela a presença de escravos, dando prazo curto para os viajantes acompanhados de escravos nela permanecerem. A nódoa, a mancha inicial da escravidão na colônia já se tornara indelével e não poderá mais ser apagada da história local<sup>106</sup>.

2 - A colonização alemã tornar-se-á famosa pela criação de muitas escolas em língua alemã para as crianças dos primeiros imigrantes, e logo a seguir, de escolas em língua italiana para os imigrantes italianos que chegam a partir de 1875. Segundo pesquisa de doutorado do prof. Dr. João Klug, da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, que estudou o ensino colonial, principalmente o em língua alemã, eram destinados a serem professores em tais escolas os imigrantes que não tivessem profissão, os que significavam “peso morto” para as colônias, os sem qualificação<sup>107</sup>, o que torna duvidável a qualidade do ensino que era dado em tais escolas. Também Gustav Stutzer vai se reportar ao assunto<sup>108</sup>:

---

<sup>105</sup> Disponível em: <[http://campeche.inf.furb.br/obeb/historia\\_novo/pg2.1.html](http://campeche.inf.furb.br/obeb/historia_novo/pg2.1.html)>. Acesso em: 23 fev. 2012.

<sup>106</sup> SILVA, José Ferreira da. **História de Blumenau**. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1988.

<sup>107</sup> KLUGE, João. Aula ministrada na pós-graduação em História na UFSC, no ano de 2004.

<sup>108</sup> STUTZER, Gustav. Na Alemanha e no Brasil: Viagem ao sul do Brasil – 1888. In: **Blumenau em Cadernos**, Tomo 51, número 5 – set./out./2010. Tradução de Annemarie Fouquet Schünke. Blumenau: Editora Cultura em Movimento, 2010.

(...) Sem mais perguntas, logo soube de sua vida. A mesma história de sempre. O menino mimado perdera a frágil mãe muito cedo e foi educado sem noção de obediência. O lema do pai, que tinha aversão à igreja, era viver e deixar viver. Na Universidade fora um jurista preguiçoso, bebedor de cerveja e reprovado nos exames. Então foi mandado embora pelo pai com mil Taler no bolso. Veio ao Brasil e gastou tudo. Foi condutor de mulas, cocheiro de carroções, aprendeu o vernáculo e tornou-se professor em Laguna.

Assim, já à primeira vista, podemos ver que nem tudo o que reluz é ouro<sup>109</sup>. O fato é que os imigrantes começaram a chegar oficialmente à Colônia Blumenau, que a princípio seria praticamente todo o Vale do Itajaí, a partir de 02 de setembro de 1850, sendo 17 pessoas acompanhadas pelo fundador, Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau, jovem farmacêutico de pouco mais de 20 anos, já doutor em filosofia, oriundo de um dos antigos estados germânicos (localidade de Hassefelde, condado de Brunswick)<sup>110</sup>, o qual, apesar de sonhos de criar uma utopia em terras da América, não descuidou da parte capitalista da sua empreitada<sup>111</sup>.

Blumenau começa como colônia particular, mas depois de 10 anos, em 1860, devido às muitas dificuldades iniciais enfrentadas, passa a ser colônia imperial, ficando o Dr. Blumenau como seu administrador<sup>112</sup>. Todo o Vale do Itajaí vai ser influenciado pela fundação e existência dessa colônia inicial, que, em 1883, entra para a categoria de município. Mais tarde, na década de 1930, vai ser desmembrada em mais de 30 outros municípios, e nas décadas seguintes, em mais outros e outros, chegando ao início do século XXI com mais de 50 municípios.

Conforme já se disse acima, a partir de 1875 passa a chegar à colônia o elemento italiano, que vai ser localizado em pequenas cidades ao redor das cidades ditas “alemãs”, a protegê-las das incursões do elemento indígena que, em decorrência da perda de suas terras e hostilidade dos “brancos”, passara a ser perigoso na defesa dos seus direitos<sup>113</sup>.

---

<sup>109</sup> Ditado popular.

<sup>110</sup> SILVA, José Ferreira da., op. cit.

<sup>111</sup> PETRY, Sueli Maria Vanzuita. Aula dada no Curso de História da FURB no ano de 1998.

<sup>112</sup> SILVA, José Ferreira da., op. cit.

<sup>113</sup> Fato vivido pela avó desta pesquisadora, Emma Katzwinkel Klueger, chegada ao Brasil com 7 anos de idade, na década de 1880, proveniente de Kaunas, na Lituânia.

Andando-se por outras partes do estado de Santa Catarina ou do Brasil, tem-se a impressão de que o Vale do Itajaí é perfeito e nele vivem exclusivamente descendentes de alemães e italianos, com suas culturas intatas<sup>114</sup>, o que não é verdade. Desde a sua gênese, a antiga Colônia Blumenau foi sendo composta por imigrantes de diversos lugares, e aproveitamos, aqui, para transcrever dados apurados no ano de 1897 sobre a origem dos seus diferentes moradores, conforme segue:

- belgas	132
- brasileiros	24
- dinamarqueses	4
- alemães	9.879
- ingleses	12
- franceses	15
- gregos	1
- holandeses	19
- irlandeses	16
- italianos	1.315
- luxemburgueses	21
- estadunidenses	36
- austríacos	849
- poloneses	1.641
- portugueses	1
- russos	2.534
- suecos	177
- suíços	61
- espanhóis	23
- tirolezes	1.499
- húngaros	717 <sup>115</sup>

Tal informação não traz estatísticas sobre os moradores originários, nem sobre os antigos habitantes não índios, nem sobre os prováveis já muitos mestiços viventes no município/vale – sabe-se lá quantas pessoas não estão

<sup>114</sup> Observações pessoais da autora.

<sup>115</sup> SILVA, José Ferreira da. **História de Blumenau**. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1988. Mapa entre as páginas 108 e 109.

nele contempladas! Mas por intermédio dele já nos fica claro que desde seus primórdios “colonizados” o Vale do Itajaí era um lugar muito mestiço, e tal só vai se acentuar com o passar do tempo.

Neste começo de século XXI, entre os muitos clubes, grupos folclóricos, etc., vamos encontrar na cidade de Blumenau organizações de Movimento Negro<sup>116</sup> e de Nordestinos<sup>117</sup>, entre outras. Neste caldeamento de muitas etnias vamos ter, em 1999, na lista telefônica de Blumenau, a família Oliveira como a mais numerosa da cidade, com quase 900 nomes registrados em tal lista na época em que o telefone era menos popular, o que, a princípio, já caracteriza Blumenau e, conseqüentemente, o Vale do Itajaí, como terra de muitas mestiçagens. Tal pesquisa, feita por esta pesquisadora, dá como resultados os seguintes números: cerca de 50% de nomes de origem lusa; um pouco mais de 35% de nomes de origem alemã; um pouco mais de 11% de nomes de origem italiana e cerca de 3% de nomes de outras origens. A pesquisa foi feita para a criação de um projeto de pesquisa não executado e não foi publicada.

Também a informação de que tudo é perfeito neste vale é muito frágil: basta que vejamos a pesquisa da jornalista Magali Moser sobre a favelização de Blumenau, que em 2007 encontrou 47 áreas de favelização no município<sup>118</sup>, coisa que se repete em muitos outros pontos do vale, para nos certificarmos de tal fragilidade.

## 2.3. Ocupação e formação territorial de Atalanta

### 2.3.1 História inicial

Se pensarmos num passado distante, muito vulcanismo, muito terremoto e muito intemperismo aconteceram em todo o sul do planeta e, conseqüentemente, na região onde fica a cidade de Atalanta, desde os tempos em que África e América formavam um único e só continente. A separação

<sup>116</sup> Disponível em: <<http://movimentocisnenegro.blogspot.com/2010/11/aberta-semana-da-consciencia-negra-de.html>>. Acesso em: 23 fev. 2012.

<sup>117</sup> Disponível em: <[www.anordestinosblu.com.br/edital.swf](http://www.anordestinosblu.com.br/edital.swf)>. Acesso em: 23 fev. 2012.

<sup>118</sup> MOSER, Magali. **A indisfarçável favelização em Blumenau** - uma reflexão sobre as áreas de concentração de pobreza no município. Disponível em: <<http://jornalistamagalimoser.wordpress.com/2010/11/03/a-indisfarcavel-favelizacao-em-blumenau/>>. Acesso em: 01 jul. 2012.

destas duas grandes massas de terras faz parte de uma história de muitíssimos milhões de anos e haveria que se fazer um aprofundamento na geologia local para que se possa ler melhor a história mais antiga de tal região.

Tendo em vista que não é este o propósito desta pesquisa, há que se voltar à implantação do ótimo climático e da geografia física já mais ou menos igual à que conhecemos hoje naquele município, de terreno levemente ondulado e com a presença de uma pequena serra, além de profunda ravina próxima ao centro da cidade, escavada por águas milenares, além dos diversos rios e ribeiros que cortam a paisagem local. A ravina à qual se acabou de fazer referência possui diversas formações rochosas que formam “tetos”, ou pequenas cavernas, aonde, um dia, o homem pré-colonial chegou e deve ter encontrado abrigo e conforto. A presença dele é fortemente comprovada pelas peças líticas que estão hoje no Museu Municipal Wogeck Kubiack, contíguo ao Parque Natural Municipal Mata Atlântica<sup>119</sup>, que se situa exatamente onde há essa ravina já acima referida. Tem-se farta documentação fotográfica de tais peças líticas.

Portanto, por alguns milhares de anos a região teve as gentes pré-coloniais como habitantes/passantes, e só em 1930 os descendentes de imigrante vão, efetivamente, ocupar e colonizar aquele território. Tal vai acontecer por meio do loteamento e venda de terras a cargo da Sociedade Colonizadora Catarinense S.A., empresa de venda de lotes coloniais com sede social em Porto Alegre (RS), e com escritório de vendas em Ituporanga e Bom Retiro. Além desta Empresa, participaram também deste processo as empresas de terra Jensen e Bertoli<sup>120</sup>.

Atalanta foi colonizada por descendentes de imigrantes alemães, italianos e poloneses, dentre outros.

Os primeiros que para aquele local foram tiveram de derrubar o mato para que pudessem construir um rancho para se abrigarem e para que pudessem plantar. Derrubadas as árvores, era necessário serrá-las para se obter a madeira (tábuas) para construções, e isso era feito manualmente. As casas eram de construção rudimentar, com chão batido e cobertas com tabuinhas. Não havia estradas, só picadas no meio do mato, abertas a facão e

---

<sup>119</sup> [www.atalanta.sc.gov.br](http://www.atalanta.sc.gov.br), consultada em 05.03.2011.

<sup>120</sup> Idem.

foice, sempre margeando os rios. As mudanças vinham em carros de bois e a viagem durava dias, em muitos casos até um mês, dependendo da localidade de onde vinham.

Em muitas famílias se optava em ir primeiro o chefe da casa para escolher o lote colonial, fazer a derrubada e construir um rancho para se abrigar.

E muitos desses pioneiros faziam a primeira roça e respectiva colheita, para, só então, irem buscar a família<sup>121</sup>.

Portanto, tem-se um começo bem difícil para aqueles primeiros colonizadores que viveram, inicialmente, voltados para uma lavoura de subsistência e com muito poucos recursos.

Atalanta é, hoje, um pequeno município catarinense, com uma área de 94,527 km<sup>2</sup>, estando a 545 metros do nível do mar, com uma população de 3.291 habitantes, e um IDH-M elevado de 0,810, segundo o censo do IBGE de 2010<sup>122</sup>. A foto 1 mostra a gênese da ocupação, com o extrativismo vegetal, que impulsionou o desenvolvimento de Atalanta. A evolução da população é negativa, pois no censo de 1991 havia 3.702 habitantes.



Foto 1: Extrativismo da madeira e de algumas espécies para produção de essências (óleo de sassafrás).

Fonte: APREMAVI, 2013<sup>123</sup>.

---

<sup>121</sup> Idem.

<sup>122</sup> Disponível em: <[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)>. Acesso em: 10 fev. 2012.

<sup>123</sup> Disponível em: <[www.apremavi.org.br/cartilha-planejando/atalanta/](http://www.apremavi.org.br/cartilha-planejando/atalanta/)>. Acesso em: 14 out. 2013.

Localizada, a cidade, no Alto Vale do Itajaí, integrante da Associação dos Municípios do Alto Vale do Itajaí – AMAVI, teve sua colonização iniciada no ano de 1930, por meio do loteamento e venda de terras a cargo da Sociedade Colonizadora Catarinense S.A., empresa de venda de lotes coloniais com sede social em Porto Alegre (RS), e com escritório de vendas em Ituporanga e Bom Retiro. Além desta Empresa, participaram também deste processo as empresas de terra Jensen e Bertoli (ATALANTA, 2013)<sup>124</sup>. A foto 2, datada da década de 1970, mostra a região central da cidade de Atalanta. Ao fundo, se observam os morros sem nenhuma vegetação, fato que demonstra o forte processo de colonização, que devastou as florestas existentes naquele lugar.



Foto 2: Atalanta da década de 1970.

Fonte: Atalanta, 2013<sup>125</sup>.

Os primórdios da emancipação político-administrativa de Atalanta se iniciam em 1957; Serra Pitoco passou à categoria de distrito do município de Ituporanga, recebendo o nome de Atalanta (ATALANTA, 2013)<sup>126</sup>.

<sup>124</sup> Disponível em: <[www.atalanta.sc.gov.br/](http://www.atalanta.sc.gov.br/)>. Acesso em: 03 set. 2013.

<sup>125</sup> Disponível em: <[www.atalanta.sc.gov.br/](http://www.atalanta.sc.gov.br/)>. Acesso em: 03 set. 2013.

<sup>126</sup> Idem.



O Distrito de Atalanta foi se desenvolvendo política e administrativamente, a ponto de um de seus moradores, chamado Virgílio Scheller, se eleger prefeito do município de Ituporanga. Em razão desse desenvolvimento, em 18 de agosto de 1964, pela resolução nº 21, a Câmara de Vereadores do município de Ituporanga, por unanimidade, cria o município de Atalanta, desmembrando-o de Ituporanga, mas integrado à Comarca de Ituporanga (ATALANTA, 2013) <sup>127</sup>.

O processo de criação do município de Atalanta foi encaminhado à Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina e, em 04 de dezembro de 1964, foi promulgada, pelo então deputado estadual Ivo Silveira, presidente da Assembleia Legislativa, a Lei nº 995, que criou o município de Atalanta. Foi relator do projeto de lei 163/64, que tinha por objetivo a criação do município de Atalanta, o deputado Aureo Vidal Ramos. Em 27 de dezembro de 1964, foi instalado o município de Atalanta (ATALANTA, 2013) <sup>128</sup>.



Foto 3: Indústria de fécula, serraria da Família Gropp, Atalanta, SC, s/d.  
Fonte: Atalanta, 2013 <sup>129</sup>.

Pelo fato de ser uma pequena cidade, conta com apenas 30 professores do Ensino Fundamental, cinco na pré-escola e 11 educadores no

---

<sup>127</sup> Idem.

<sup>128</sup> Disponível em: <[www.atalanta.sc.gov.br/](http://www.atalanta.sc.gov.br/)>. Acesso em: 03 set. 2013.

<sup>129</sup> Disponível em: <[www.atalanta.sc.gov.br/](http://www.atalanta.sc.gov.br/)>. Acesso em: 03 set. 2013.

Ensino Médio, distribuídos em três escolas de Ensino Fundamental, cinco pré-escolas e uma escola de Ensino Médio, tendo matriculados, nestes três níveis, 810 alunos. Não há ensino superior no município.

Outros fatores importantes e que ajudam na formulação de uma visão socioambiental municipal, se têm a partir dos dados de domicílios particulares permanentes em Atalanta, sendo composto por apenas 1.067 unidades. Destas, 1.051 são casas e 16 são apartamentos. No tocante à infraestrutura básica, 401 possuem abastecimento da rede de água e 581 com abastecimento de poço ou nascente, e 1.062 possuem banheiro; a coleta de resíduos sólidos (lixo) atende a 837 domicílios e a energia elétrica atinge as 1.067 unidades.

No que concerne à renda da população, por domicílio particular permanente, se divide desta forma: de  $\frac{1}{2}$  a um salário: 82; de um a dois salários: 272; de dois a cinco salários: 458; de cinco a nove salários: 181; de 10 a 20 salários: 36; + de 20 salários: 7; e sem rendimento: 20.

Nos dados do IBGE (2010), a cor ou raça, é assim apresentada: branca: 3.083; preta: 67; amarela: 29 e parda: 121; destas, 1.743 vivem na zona rural e 588 na zona urbana.

Há ainda que se mencionar que a economia do município, até hoje, é essencialmente agrícola. Dados do Relatório do Seminário Regional Interno sobre a situação da Agricultura no Alto Vale do Itajaí, realizado em 1997<sup>130</sup>, mostram nitidamente que a estrutura fundiária do município de Atalanta caracteriza-se pela presença, em grande maioria, de pequenos e médios proprietários, sendo raros os casos de um único proprietário com um grande número de terrenos para produção agrícola. A grande maioria das propriedades tem entre 10 e 50 hectares. Uma das práticas agrícolas mais comuns da época da colonização era a derrubada de mata com posterior queimada ou coivara, uso oriundo dos povos originários, que facilitava muito a implantação das culturas agrícolas, e, além disso, entendia-se que a cinza resultante tinha a função de adubo.

No início da colonização, as propriedades caracterizavam-se pela diversificação e pela manufatura domésticas, em decorrência das condições de

---

<sup>130</sup> Disponível em: <[www.apremavi.org.br/cartilha-planejando/atalanta/](http://www.apremavi.org.br/cartilha-planejando/atalanta/)>. Acesso em: 23 fev. 2012.

pioneirismo e de isolamento a que estavam submetidos os primeiros habitantes. Esse fato, associado ao pequeno tamanho da propriedade, fazia com que as terras fossem cultivadas até quase a exaustão, para garantir a subsistência da família. Após um período de pousio de alguns anos, as capoeiras resultantes do processo natural de regeneração eram novamente derrubadas e queimadas, para serem cultivadas novamente.

O extrativismo da madeira, e de algumas espécies para produção de essências (óleo de sassafrás), representou um dos primeiros ciclos econômicos da região, perdurando até a década de 1970, quando, por absoluta falta de matéria-prima, a maioria das madeireiras pequenas começou a falir e outras se transferiram para outras regiões ou outros estados, inclusive da Amazônia. O fim do ciclo da madeira e a exaustão cada vez maior dos solos coincidiram com a chegada da Revolução Verde<sup>131</sup>, que trouxe a mecanização e os insumos químicos (adubos solúveis e venenos) para a agricultura. Os primeiros 10 anos da agricultura moderna resultaram em aumentos significativos de produtividade e, por outro lado, aceleraram ainda mais a degradação dos solos, especialmente através da erosão.

Esse conjunto de problemas fez com que algumas pessoas começassem a perceber que deviam começar a mudar as práticas na agricultura, passando a adotar técnicas de controle de erosão, parar de desmatar e, inclusive, começar a reflorestar. Os primeiros reflorestamentos feitos no município, no início da década de 70, foram com espécies exóticas, principalmente pinus e eucaliptos<sup>132</sup>, o que fez surgir extensas manchas de deserto verde naquele território.

### 2.3.2 Fecularia falida

Em antigas décadas funcionou uma fecularia nos altos da profunda ravina próxima da cidade, sobre a qual já houve referência anteriormente. A abundância de água nessa ravina, inclusive com uma bela queda de 41 metros, facilitava a lavagem da fécula ali produzida. Tal fecularia, no entanto, foi à

---

<sup>131</sup> Década de 1960.

<sup>132</sup> Disponível em: <<http://www.apremavi.org.br/cartilha-planejando/atalanta/>>. Acesso em: 05 mar. 2012.

falência, e sua massa falida permaneceu inativa por muitos anos, permitindo que ali se refizesse um pequeno pedaço de Mata Atlântica, floresta secundária que lá está, já como muitas outras plantas não pertencentes à floresta original vicejando no seu interior. A existência dessa pequena área de mata nativa, num total de 54 hectares, em tempos recentes foi transformada no Parque Mata Atlântica, decretado como uma Unidade de Conservação Municipal desde o ano de 2000<sup>133</sup>.

Há que se considerar que tal área de Mata Atlântica hoje lá existe devido à falência da fecularia – que ela é uma outra área onde existe uma cachoeira, num total de mais três hectares de mata preservada, é tudo o que o município possui de mata nativa, num total de 57 hectares.

### 2.3.3 A implantação das árvores alienígenas

Como em tantos outros lugares do planeta, notadamente nas áreas menos desenvolvidas pelo modelo de desenvolvimento capitalista dominante, as plantações de árvores alienígenas aconteceram em Atalanta, especialmente nas de pinus e de eucaliptos. Tais árvores, que no seu ambiente nativo (Canadá e Austrália, respectivamente), demoram até 40 anos para se tornarem adultas, no clima de grande parte da América do Sul tornam-se prontas para o abate em sete anos<sup>134</sup>, o que as torna muito rentáveis para o agricultor que as planta, e a quem não é explicado os profundos males que tais árvores causam à região onde vivem, transformando-a em verdadeiro deserto verde, pois sob elas nada viceja nem da flora e nem da fauna locais<sup>135</sup>, além de absorverem tal quantidade de água do solo que acabam secando poços e fontes. Esta autora, mais de uma vez ouviu, tanto de pessoa analfabeta quanto de pessoa com formação superior, que quando cortado, “o eucalipto devolve à terra toda a água que consumiu”, afirmação que não tem nenhuma base científica e que não corresponde à realidade<sup>136</sup>.

<sup>133</sup> Disponível em: <www.atalanta.sc.gov.br>. Acesso em: 08 mar. 2012.

<sup>134</sup> Disponível em: <http://www.revistaopinioes.com.br/cp/materia.php?id=262>. Acesso em: 08 jul. 2012.

<sup>135</sup> LONGO, Alceu Natal. Aula dada em 1971, no Colégio Pedro II, em Blumenau/SC.

<sup>136</sup> Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ensinodareportagem/meiob/plantasexoticas.html>. Acesso em: 08 jul. 2012.

O plantio de tais árvores, no entanto, é visto como benéfico entre os moradores do município, que, em última instância, usam o argumento de que *“em se plantando eucaliptos, quando se precisa de madeira já não é necessário cortar árvores nativas”*, conforme ouviu esta pesquisadora em entrevista com a comunidade no ano de 2011.

Atualmente, extensas regiões do município de Atalanta estão cobertas por matas de pinus e eucaliptos.

### 2.3.4 O fumo

Entre as diversas culturas agrícolas que existem no município de Atalanta, uma é a do fumo. Altos índices de agrotóxicos envolvem a lavoura do fumo<sup>137</sup>, conforme o depoimento que segue:

Toda a cadeia produtiva do fumo é rigidamente controlada pelas multinacionais do Fumo: Souza Cruz, Aliance One, Universal Leaf Tabacos, ATC, CTA, Philips Morris, Kanennberg (...) entre outras.

Estas empresas firmam um contrato prévio com o agricultor, onde a maior parte é assinada sem ler, ou sem ter conhecimento do que está escrito. Neste contrato o agricultor é fiel depositário da indústria, ou seja, legalmente, não é dono do seu produto e deve seguir o contrato para continuar recebendo todos os subsídios da firma.

O ciclo desta cultura começa com o preparo das mudas, feito em um sistema chamado float, que utiliza bandejas de isopor para fazer a semeadura, que posteriormente são colocadas dentro de uma piscina para realizar todo o controle com inseticidas, fungicidas, cobre, entre outros. Todos estes venenos são aplicados preventivamente, sem que ocorra a infestação ou a doença. As aplicações são semanais durante todo o período da produção de mudas que dura em torno de 60 dias.

Depois do transplante das mudas para a lavoura, as aplicações de agrotóxicos continuam, muitas vezes desnecessariamente, pois os

<sup>137</sup> A produção de fumo mundial está atrelada às grandes agroindústrias internacionais, que no Brasil, através da integração com pequenos agricultores, mantém o país na liderança mundial das exportações de fumo e em terceiro lugar na produção, com mais de 650.000 toneladas por ano. A fumicultura é a garantia de sustento e permanência na atividade agrícola para mais de 190 mil famílias nos três estados do Sul, sendo 50% no Rio Grande do Sul, 35% em Santa Catarina e 15% no Paraná. AFUBRA - Associação dos Fumicultores do Brasil. **Relatório de Atividades**. 2002/2003, 2003. Os produtores de fumo são, em geral, pequenos proprietários e arrendatários, estando assentados em regiões declivosas com forte pressão populacional sobre essas áreas. A forma de ocupação e utilização do solo em áreas naturalmente inaptas para o uso de culturas anuais favoreceu a perda de fertilidade pela erosão hídrica, além de contribuir para o assoreamento dos rios, contaminaram os mananciais d'água e empobreceram os agricultores pela perda da capacidade produtiva do solo. PELLEGRINI, André. **Sistemas de cultivo da cultura do fumo com ênfase às práticas de manejo e conservação do solo**. Santa Maria, RS. Dissertação de Mestrado em Ciências do Solo. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006, p. 16.

inseticidas usados têm característica de serem sistêmicos e ficam circulando pela seiva da planta durante um período longo, cerca de 60 dias<sup>138</sup>.

Além dos profundos danos causados ao solo, à água e aos habitantes pela lavoura do fumo, há que se salientar que em Atalanta se planta o fumo Virgínea, que exige ser secado em estufas mantidas a fogo de lenha. Para tal uso, os proprietários rurais, a cada ano, cortam das suas já pequenas reservas florestais originais a lenha necessária para manter o fogo das estufas, o que diminui ainda mais o pouco de mata nativa que existe no município.

### 2.3.5 O Globo Repórter e Atalanta na mídia – cria-se a capital catarinense da ecologia.

Em maio de 1998, o município de Atalanta foi destaque, em âmbito nacional, numa reportagem do programa “Globo Repórter”, como município de índice de desmatamento zero entre os anos de 1990 e 1995. Os dados utilizados pela Rede Globo foram fornecidos pela Fundação SOS Mata Atlântica, Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) e Instituto Socioambiental (ISA). Há que se ressaltar que o levantamento que gerou esses dados foi feito a partir de imagens de satélite na escala 1:250.000, a qual não detecta pequenos desmatamentos, tais como aqueles que são feitos para atender às necessidades de lenha para a secagem do fumo.

Esses pequenos desmatamentos (aproximadamente 0,5 ha/ano por propriedade onde se cultiva fumo) têm um “efeito formiguinha”, mas devastador sobre as florestas secundárias nas pequenas propriedades<sup>139</sup>. Pode-se imaginar a importância que programa de televisão de tal penetração teve no imaginário popular do município, tanto é que, a partir do ano 2000, somando-se tal impactante informação televisiva aos 57 hectares de Mata Atlântica preservada, Atalanta passa a usar o título de Capital Catarinense da Ecologia, a partir de lei criada pela Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina

<sup>138</sup> LUDTKE, Rosiéle Cristiane. Depoimento in: <<http://mpacontraagrotoxicos.wordpress.com>>. Acesso em: 08 mar. 2012.

<sup>139</sup> Disponível em: <[www.apremavi.com.br](http://www.apremavi.com.br)>. Acesso em: 08 mar. 2012.

por sugestão do deputado Rogério Mendonça. Cópia do projeto de lei está a seguir:

**PROJETO DE LEI N.º... /04**

**Reconhece o município de Atalanta como Capital Ecológica de Santa Catarina.**

**Art. 1º** Fica reconhecido o município de Atalanta como Capital Ecológica de Santa Catarina.

**Art. 2º** Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Sala das sessões, em

**Rogério Mendonça**

Deputado

Impressiona a fragilidade do projeto, a falta de argumentos para justificar o título que se pretendia dar à cidade, quase que uma “magia” que se fez para transformar em ecológico o que estava muito distante de tal realidade. E a lei foi devidamente votada e passou a ter o nº 13.097/2004 e a vigorar desde então.

#### 2.3.6 A ONG Ambientalista

A ONG ambientalista existente foi fundada no dia 9 de julho de 1987, na cidade de Ibirama (SC). Tem como missão a defesa, preservação e recuperação do meio ambiente, dos bens e valores culturais, em busca da melhoria da qualidade de vida no Bioma da Mata Atlântica<sup>140</sup>.

Criada por 19 pessoas, conta atualmente com 307 sócios que contribuem nos trabalhos, entre agricultores, professores, bancários, estudantes, empresários, médicos, advogados, biólogos, agrônomos e outros profissionais, de diversas regiões de Santa Catarina e do Brasil e também de outros países.

---

<sup>140</sup> Disponível em: <[www.apremavi.com.br](http://www.apremavi.com.br)>. Acesso em: 08 mar. 2012.

Seu início na cidade de Ibirama foi pautado quase que totalmente em trabalho voluntário, mas sempre amparado em dois eixos claros de atuação: teoria e prática. Ao mesmo tempo em que apresentava denúncias de desmatamento de florestas nativas, a ONG ambientalista iniciou as pesquisas empíricas para a produção de mudas nativas, sempre tentando oferecer uma alternativa às ações destrutivas que eram comuns na região.

Com a mudança para a cidade de Rio do Sul em 1990, se inicia a fase da profissionalização. Novos projetos são desenvolvidos e mais pessoas contratadas. Além disso, é instalada em Atalanta uma unidade de campo, onde começa a funcionar, de uma forma mais profissional, o viveiro Jardim das Florestas. O viveiro que foi idealizado já em 1987 e que começou com cerca de 18 mudinhas no fundo do quintal, em Ibirama, hoje têm capacidade instalada para a produção de aproximadamente 1.000.000 de mudas (ao ano) de cerca de 120 espécies nativas diferentes.<sup>141</sup>

A existência da ONG ambientalista em Atalanta, hoje, notadamente com seu viveiro de mudas, faz com que se associe a cidade a algo ecológico, no mais das vezes, principalmente se a pessoa contatada tiver ligações com a ecologia/biologia/etc. Quando se levanta tal assunto, a existência da ONG é a primeira vedete a aparecer, e dificilmente se questiona as outras facetas do município, como a da existência das matas de pinus e eucaliptos, do cultivo do fumo, da destruição das matas ciliares, etc.

### 2.3.7 As pequenas iniciativas ecológicas

Há que se considerar aqui, também, a existência de iniciativas para a melhoria do meio ambiente local e até extralocal, como a produção de produtos hortícolas sem agrotóxicos. Viu-se na página da Prefeitura Municipal de Atalanta e na página da ONG ambientalista a seguinte afirmação: *“As hortaliças e verduras estão começando a se impor como alternativa comercial, através da Associação dos Agricultores da Comunidade de Alto Dona Luiza”*, sem maiores detalhes. Procurou-se saber mais a respeito da comunidade Alto Dona Luiza e há diversas menções a ela em páginas da Internet, mas não se

---

<sup>141</sup> Idem.



encontrou dados mais consistentes a seu respeito, como número de agricultores envolvidos ou quantidade da sua produção, e então se achou por bem falar da informação que se obteve em trabalho de campo no ano de 2011: há quatro famílias de agricultores que se reuniram para produzir produtos sem agrotóxicos, sendo que essa pequena associação tanto vende seus produtos numa feirinha no centro da cidade de Atalanta, nos sábados de manhã, como os leva à cidade de Blumenau, semanalmente, para venda numa feira livre.

Apesar da existência de leis ambientais, em especial as voltadas ao uso e conservação das florestas (Lei nº 4.771, de 15/09/65, Código Florestal e Decreto 750/93 da Mata Atlântica), ainda é prática comum no meio agrícola a não manutenção da reserva legal e a ocupação das áreas de preservação permanente. Esses fatos vêm reforçar a necessidade da implantação de projetos que visem à recuperação e manutenção de áreas de preservação ambiental, que possam resultar na conscientização e mudança de atitude por parte da sociedade em geral.

Além disso, como o município é caracterizado por pequenas propriedades, muitos proprietários retiraram a faixa de vegetação que cerca os rios para o gado poder beber água, o que explica a grande quantidade de rios e córregos sem proteção. Um estudo realizado na Comunidade de Alto Dona Luiza, em 1997, comprovou que apenas 47% do entorno dos rios possuía mata ciliar.

Um estudo em todo o município também demonstrou que, em 1978, 65% das matas ciliares estavam preservadas, contra apenas 50% no ano de 2.000, ou seja, houve uma redução de 15% em 22 anos de ocupação do solo. Já os reflorestamentos de mata ciliar, iniciados na década de 1980, conseguiram recuperar 5% da área anteriormente destruída. Vale lembrar que a área total do território do município de Atalanta onde deveria haver vegetação ciliar é de 28%.<sup>142</sup>

Há iniciativas, também, de reciclagem do lixo e de um incipiente turismo ecológico, por enquanto ainda muito pequeno. A cidade não possui ainda nenhum hotel, e são apenas quatro as famílias que aceitam hóspedes “com

---

<sup>142</sup> Disponível em: <[www.apremavi.org.br](http://www.apremavi.org.br)>. Acesso em: 10 mar. 2012.

reserva antecipada”, conforme se tem comprovado em trabalho de campo e conforme consta na página da Prefeitura Municipal de Atalanta.

Portanto, existem algumas iniciativas visando a um bom resultado no futuro, mas são poucas e incipientes e não anulam os grandes vilões das florestas alienígenas, do cultivo do fumo e da criação de porcos – porque, apesar de o milho ser o grão mais cultivado do município, é quase todo ele consumido no próprio município, notadamente na alimentação de gado, aves e porcos, e esses últimos são grandes poluentes dos cursos d’água, principalmente, coisa visível a olho nu até no rio que corta o centro da cidade.

### 2.3.8 A ECOFEST

A ECOFEST aconteceu em 2009 e 2010. Em 2011 ela não aconteceu. Voltou ao calendário da cidade em 2012, conforme se pode ver em notícia do jornal de maior importância da região, conforme segue:

#### **ECOFEST - Atalanta: para levantar a autoestima**

A administração de Atalanta preparou o seu pavilhão de eventos para a 3ª edição da ECOFEST, nesta quinta, sexta, sábado e domingo. Ontem, quinta-feira, 19, os humoristas alemães, sucesso em Santa Catarina, promoveram alegria à comunidade, com suas piadas e interpretações.

Nesta sexta-feira, às 20h, será a abertura oficial. Da extensa programação desse dia constam: Desfile de Moda, com o objetivo de valorizar o comércio local, escolha da Rainha do município e um bailão com O Grupo Marcação.

O prefeito Braz Bilck, ao convidar os atalantenses, moradores dos municípios vizinhos de toda Santa Catarina para a 3ª ECOFEST, ressalta que a entrada será totalmente gratuita, inclusive aos bailes.

“Nosso município e outros vizinhos têm na Agricultura sua principal atividade econômica. Nos últimos anos, os agricultores foram prejudicados pelo tempo e, principalmente, pelos preços, que não foram bons. A 3ª ECOFEST, totalmente gratuita, é para valorizar o agricultor, motivá-lo e levantar sua autoestima. Não temos grandes shows nacionais, mas as bandas são de renome e, por certo, vão agradar a todos. Venham para a nossa festa, que é a festa de todos...”, convoca Braz Bilck.

O prefeito atalantense ainda destaca a cavalgada, com saída do Parque de Exposições Virgílio Scheller, treinos e Copa de Motovelocidade, o baile com a Banda Elite e a tarde dançante com a Banda Kauana.

Reforçando o convite para que todos participem da ECOFEST, Braz afirma: “esta não é a festa do Colono e do Motorista. Aquela tradicional festa será no mês de julho. Venha e traga a sua família,

para um final de semana de muita alegria, confraternização e entretenimento”. A realização é da Prefeitura.<sup>143</sup>

Interessante mencionar que a chamada do Jornal Riosulense aponta para uma festa pública para levantar a autoestima da população. Da mesma forma não se percebe nenhuma atividade ligada às questões ambientais na programação proposta. Tudo indica que a ECOFEST é apenas um nome comum e sem significado pedagógico ambiental nessa confraternização da população local.

---

<sup>143</sup> Disponível em: <<http://www.adjorisc.com.br/jornais/oriosulense/regional/ecofest-atalanta-para-levantar-a-autoestima-1.1077392>>. Acesso em: 08 jul. 2012.



*Atalanta, a casa do colono "europeu", por Nilson Cesar Fraga, 2010.*

### **CAPÍTULO III – IMAGINÁRIO AMBIENTAL NUM TERRITÓRIO DEVASTADO**

### 3.1 Equívocos: a entrevista como resposta

#### 3.1.1 A página da Prefeitura Municipal

Se analisarmos detidamente a página<sup>144</sup> da Prefeitura Municipal de Atalanta, veremos que o maior destaque que há nela é exatamente o da preservação do meio ambiente, e que tal assunto tenta implantar como que uma vocação turística na cidade. Diante do sítio, já analisados outros dados antes, se tem a sensação de se estar diante de uma terra de equívocos.

Já na página principal desse sítio encontra-se a afirmação de que coivara é uma tradição europeia, o que já desestabiliza as demais afirmações daquele texto. Foram procuradas diversas definições para a palavra coivara, partindo-se do conhecimento popular, e achou-se que a seguinte preenche as exigências: “coivara, antigo método **indígena** de limpar o terreno para a lavoura”<sup>145</sup>. Portanto, nada tem de europeu o método da coivara, e nem as cansadas terras europeias, depois de milênios de uso, suportariam tal técnica, uma vez que o fogo destrói os micro-organismos do terreno, empobrecendo-o já mais do que está. Somente uma vigorosa natureza quase que intocada, como à que o índio possuía na América, é que permitia tal uso, e crê-se que a sucessão de equívocos de Atalanta começa com essa afirmação errônea no portal do município na Internet.

Também na abertura desse portal fica claro que houve grandes desrespeitos à natureza e ao seu equilíbrio desde os primórdios do município, que vai colocar em destaque a derrubada das araucárias e a criação de serrarias já na sua gênese, e onde se fala da presença de índios que “não incomodavam”, mas que **com a derrubada dos pinheiros foram capturados e levados para a reserva de Ibirama**<sup>146</sup>. Pensa-se que não há como ver a captura e transferência de seres humanos para fora do seu *habitat* a não ser como um ato de grande violência.

---

<sup>144</sup> Disponível em: <[www.atalanta.sc.gov.br](http://www.atalanta.sc.gov.br)>. Acesso em: 08 jul. 2012.

<sup>145</sup> Disponível em: <<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/500br/amazonia.htm>>. Acesso em: 13 mar. 2012

<sup>146</sup> Grifo nosso.

Atalanta nasce como um empreendimento comercial, por meio da Sociedade Colonizadora Catarinense, e é um dos diretores dessa sociedade quem vai batizar o município, recordando a cidadezinha italiana homônima de onde veio a sua avó. Nada há de romântico nesse batismo, a não ser alguma saudade que tal fundador/empresário teria da sua própria avó.

Tirando-se a parte da Ecologia/Meio Ambiente e da consequente suposta vocação de Atalanta para o turismo, a página da Prefeitura Municipal é bastante pobre. O item comércio, por exemplo, é resumido em quatro linhas; o da indústria, em duas linhas. Quando se olha o item da agricultura, vê-se destaque para produtos cultivados sem agrotóxicos, mas sem dados quantitativos.

A página de abertura é repetida na página de Histórico.

Há uma seção com símbolos, e é importante ver como eles tornam a falar da vocação ecológico/turística do município. O brasão do município é dividido em dois: numa metade estão um arado, um pé de milho e um pé de fumo; na outra metade vê-se a cachoeira conhecida como “Perau do Gropp”, a cachoeira de 41 metros de altura que existe no Parque Mata Atlântica, o principal atrativo turístico do município. Não existe na página nem bandeira e nem hino do município. Há um laço amarelo com o nome do município.

Há uma galeria de prefeitos, que se acreditou não ter maior significado além do registro histórico, e uma galeria de fotos, voltada para o patrimônio histórico, sem qualquer referência à história pré-colonial, apesar da existência de farta documentação de tal período em museu do município<sup>147</sup>.

Também há uma galeria de fotos atuais; as aéreas dão destaque ao centro da cidade e à cachoeira Perau do Gropp, sendo muito visível a pequena área do Parque Mata Atlântica. Nas fotos sobre a festa do colono e do motorista de 2006, o destaque é para as misses. Há espaço para fotos da festa do agricultor de 2011, mas nenhuma foto foi inserida lá. O item “Gastronomia e artesanato” limita-se a algumas fotos de comidas: pães, bolos, biscoitos, geleias, marrecos assados.

---

<sup>147</sup> Museu Municipal Wogeck Kubiack.

A página “Prefeitura” possui uma área com legislação e uma de serviços – nessa última há apenas informações sobre como abrir uma empresa por intermédio do sistema REGIN<sup>148</sup>.

“Governo” traz informações sobre os diversos departamentos da vida pública local, desde o gabinete do prefeito até a Câmara dos Vereadores.

Nos itens “Aspectos Geográficos” e “Infra-Estrutura Social”, as informações são mínimas e básicas, estando, inclusive, incompletas diante dos dados do censo de 2010.

Na página ainda se encontra um item de gastronomia, com duas fotos e dois endereços que coincidem com os das hospedagens, mais o endereço de um restaurante.

No item “Eventos” nada consta, e quando se entra no item “Serviços úteis”, volta-se ao portal de turismo.

Essa parte da página da prefeitura, a de Turismo, é ilustrada com cinco fotos, sendo quatro fotos ligadas à propaganda ecológica e uma da Igreja Matriz, e dá destaque ao trabalho da ONG ambientalista e reconstituição da Mata Atlântica, “fruto da conscientização dos agricultores descendentes de alemães e italianos” - o que denota um pensamento preconceituoso, pois desconsidera os habitantes que não são destes dois grupos - cujo “resultado é exemplar”, algo bastante exagerado.

Nos atrativos turísticos, todo o destaque é para a ONG ambientalista, com foto do seu viveiro de mudas. Em “Lazer”, repete-se o mesmo apelo da ONG ambientalista e do viveiro de mudas. Em “hospedagem”, existem apenas os endereços (que eram quatro, mas estão reduzidos a três), com a observação que eles só atendem com reserva antecipada.

Tais observações sobre a página oficial da Prefeitura Municipal de Atalanta leva à reflexão de como se criam e/ou inventam as tradições, assunto

---

<sup>148</sup> Regin é um sistema informatizado que integra os órgãos públicos envolvidos no registro de empresas, visando à desburocratização dos processos de abertura, alteração e baixa. É utilizado por juntas comerciais, Receita Federal, Secretaria de Fazenda Estadual e prefeituras municipais. Disponível em: Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/uf/rio-de-janeiro/quero-abrir-um-negocio>>. Acesso em: 20 mar. 2012.

que foi tão bem dissecado no livro de Eric Hobsbawn e Terence Ranger, “A invenção das tradições”<sup>149</sup>.

### 3.1.2 Analisando algumas fotografias

Em trabalho de campo, no ano de 2010, coletaram-se algumas fotografias que serão analisadas a seguir, sobre como acontece a invenção de uma tradição.

Na foto 4, na entrada da cidade de Atalanta, há como que um monumento em alvenaria que diz: “Atalanta, Capital Catarinense da Ecologia”, pintado de verde, e onde há uma flor e um beija-flor, imagens que buscam incutir na mente da população a ideia de que vive em um lugar emoldurado pela natureza.



Foto 4: Entrada de Atalanta.  
Foto: Autora, 2010.

---

<sup>149</sup> HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.



Na foto 5, ainda na entrada da cidade, uma placa verde, como as que se usam no Brasil para sinalização de trânsito, avisa em letras grandes: “Atalanta – Cidade Jardim da Mata Atlântica”; porém, no segundo plano se verifica uma plantação de eucaliptos, demonstrando parte das contradições lá observadas, além de gerarem uma dúvida: ou é a Capital Catarinense da Ecologia ou é a Cidade Jardim da Mata Atlântica – em que cidade vive tal população?



Foto 5: Placa de acesso e plantação de eucaliptos.  
Foto: Autora, 2010.

Num outro ponto do perímetro urbano de Atalanta, há uma vistosa placa em metal diante do parque Jardim Mata Atlântica, datada de 2004, agradecendo com ênfase ao prefeito da gestão 2001/2004 e à sua equipe pelo empenho na criação do parque, que “é de todos nós, pertence a todos os atalantenses”. Tal placa vem demonstrar uma série de inserções na cidade com apelo ambiental, desde o início do século XXI (foto 6).



Foto 6: Placa localizada no Parque Mata Atlântica.  
Foto: Autora, 2010.

Na foto 7, que fica ao lado da placa mencionada na foto 3, há outra placa, em maior tamanho, com o título “Parque Mata Atlântica 2000”, em que se listam todas as autoridades da época, desde as municipais até as federais, os convênios com o Ministério do Meio Ambiente, etc., e a parceria com a ONG ambientalista local, inclusive o objeto do convênio.





Foto 7: Placa com nomes das autoridades.  
Foto: Autora, 2010.

Já nas fotos 8 e 9, se destaca o brasão do município, em que tem maior evidência a cachoeira "Perau do Gropp", situada no Parque Mata Atlântica, e uma das placas indica que ali é "Prefeitura Municipal de Atalanta – Secretaria de Turismo e Meio Ambiente" ou a ela pertence.



Fotos 8 e 9: Brasão de Armas e Placa da Secretaria Municipal.  
Foto: Autora, 2010.

Realce para a foto 10, de grande placa verde-claro (em mau estado de conservação) que se localiza diante do Parque Mata Atlântica, anunciando duas vezes “Parque Mata Atlântica” (em letras diferentes), e vê-se o título “Unidade de Conservação Municipal” (com falta de algumas letras, corroídas pelo tempo).





Foto 10: Placa em péssimo estado de conservação.  
Foto: Autora, 2010.

Em outra placa na mesma região (foto 11), consta uma menção ao “Parque Mata Atlântica ano 2000 – Convênio 999/99 037/00 – ADM. 2001/2004 – Nome do conveniente: Prefeitura Municipal de Atalanta – Concedente: Fundo Nacional do Meio Ambiente FNMA – Parceiro: APREMAVI – Prefeitura Municipal de Atalanta – Ministério do Meio Ambiente – Governo Federal”. Esta placa também está em mau estado de conservação.



Foto 11: Placa deteriorada pelo tempo.  
Foto: Autora, 2010.

No pequeno bosque que circunda o Parque Mata Atlântica (tão pequeno que cabe todo numa fotografia), há uma placa com o que segue: “Bosque de Heidelberg em Atalanta SC – Heidelberger Wäldchen in Atalanta SC – Plantio 3.500 mudas – ano 2002 – Execução: APREMAVI (há também uma logomarca da APREMAVI) – Apoio: BUND – Heidelberg” –, onde fica muito claro que tal bosque não foi iniciativa pública, mas sim da ONG lá presente, que recebeu, inclusive, apoio internacional para plantar 3.500 mudas de árvores nativas (foto 12).





Foto 12: Placa do apoio dado pela BUND.

Foto: Autora, 2010.

A foto 13 mostra o rio que dá origem à cascata Perau do Gropp. Tinha havido alguma chuva nos últimos dias, mas viu-se que a cor toldada da água não representava apenas sedimentos trazidos pela chuva, mas também era poluição animal em quantidade, e pelo odor caracterizava poluição advinda da criação de porcos, demonstrando que o dito “paraíso ambiental” sofre com a pressão produtiva de suínos nos arredores da cidade.



Foto 13: Entrada do rio na cachoeira.  
Foto: Autora, 2010.

O plantio de mudas nativas parece ser o centro do debate que faz de Atalanta a “Capital Catarinense da Ecologia”. Na foto 14, aparece uma nova placa quase idêntica à de nº 13, desta vez anunciando o plantio de 10.000 mudas nos anos de 2001, 2002 e 2003. Continua o apoio internacional.





Foto 14: Indicação do número de mudas plantadas.  
Foto: Autora, 2010.

A cachoeira Perau do Gropp é o centro das atenções ambientais de Atalanta, mas há que se considerar o odor de fezes de suínos que suas águas exalam. Ela está representada numa parede verde, na entrada do Parque Ambiental (foto 15).



Foto 15: Pintura da cachoeira na entrada do Parque.  
Foto: Autora, 2010.

Na região mais central da cidade, há um grande cartaz (*outdoor*) de propaganda da firma Shelea Madeiras (foto 16). Sobre um mar de *pinus elliottii* adultos, o lema “Qualidade e preservação ambiental”, o telefone e o endereço da empresa na Internet, o certificado da ISO 9001 e a observação “Carretéis para acondicionamento de fios e cabos” mostra o outro lado do processo de construção de uma ideia ecológica na cidade de Atalanta, pois as plantas exóticas ficam longe daquilo que se consideraria ecológico em si.





Foto 16: Placa sobre "preservação ambiental".  
Foto: Autora, 2010.

Mais um ribeirão que corta a cidade, poluído visualmente e odorificamente por criação de porcos, demonstrando a incipiente ação ecológica na cidade (foto 17).





Foto 17: Curso d'água na região central da cidade.  
Foto: Autora, 2010.

As fotos 18, 19 e 20 mostram uma sequência de fotos do viveiro de mudas da ONG ambientalista local, e numa das fotos há uma grande placa onde consta o seguinte: “APREMAVI – Viveiro de mudas nativas Jardim das Florestas – A Mata Atlântica ajuda a regular o clima, a temperatura, a umidade e as chuvas, proporcionando qualidade de vida para a população brasileira. Ajude a preservá-la!”



Fotos 18, 19 e 20: Infraestrutura de entrada no viveiro de mudas da APREMAVI.  
Fonte: da autora, 2010.

Portanto, numa cidade de tão pequena população, numa primeira vista d'olhos já se define que há como que um planejamento de se criar uma tradição calcada na ecologia, e que se traduz em rituais instituídos pela ONG ambientalista local, como a de se plantar mudas de árvores nativas, recomposição de mata ciliar com árvores nativas, etc., e algum ritual criado pela prefeitura, como a existência da ECOFEST, uma festa que deveria ter como temática a Ecologia, mas parece faltar algum elo para ligar tantos elementos perdidos no espaço geográfico e na representação da população. Como se viu anteriormente, a ECOFEST aconteceu em duas edições – 2009 e 2010 –, não aconteceu em 2011 e estava planejada para voltar a acontecer em 2012. Vê-se na página da ONG ambientalista local o seguinte anúncio:

Nos dias 17, 18 e 19 de abril de 2009, acontecerá no município de Atalanta (SC), a 1ª Ecofest, a festa ecológica municipal. Organizada pela **Prefeitura Municipal**, juntamente com diversos apoiadores, o evento acontecerá no Parque de Exposições Virgílio Scheller. Estão sendo esperados milhares de visitantes. Atalanta resolveu fazer uma Ecofest, por ser considerada a Capital Ecológica de Santa Catarina.

O público poderá desfrutar de uma programação especial com várias atividades relacionadas ao meio ambiente. No sábado, acontecerá, no **auditório do Parque Mata Atlântica**, o seguinte ciclo de palestras:

- Legislação Ambiental - Jadson J. Teixeira
- Proposta da Amavi para a Averbação das Reservas Legais nos Municípios do Alto Vale do Itajaí - Agostinho Senem
- Parcerias com o Ministério do Meio Ambiente - Wigold B. Schäffer
- Utilização Sustentável de Florestas - Lauro Bacca

Também no sábado, nas salas de apoio do Parque Mata Atlântica, será realizada a Assembleia Geral Ordinária da Associação dos Proprietários de Reservas Particulares do Patrimônio Natural (**RPPN Catarinense**).

Além disso, as pessoas que participarem da festa terão a oportunidade de plantar uma árvore nativa no Parque Natural Municipal da Mata Atlântica, localizado ao lado do Parque Virgílio Scheller. Será mais um plantio do Programa Clima Legal da Apremavi. O Clima Legal tem o objetivo de promover a implantação de plantios para sequestro de carbono ajudando a amenizar os efeitos do aquecimento global tanto no planeta como em Santa Catarina. É também uma estratégia para a conservação da biodiversidade na Mata Atlântica. Este plantio será o primeiro a ser feito com as doações da festa de **Bodas de Prata** do casal Miriam Prochnow e Wigold Schäffer.

No local do evento também haverá uma exposição com estandes de várias empresas e organizações, como o CDL de Atalanta, a Epagri, a Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia, a Associação dos produtores agroecológicos Sementes do Futuro, a Associação dos Piscicultores do município de Atalanta, entre outros. A Apremavi também terá um estande durante os três dias de realização da festa,

para mostrar as atividades que desenvolve em prol da preservação e recuperação do meio ambiente.

A festa também terá outras atrações, como bailes e shows e a oportunidade de se fazer o passeio na trilha ecológica do Parque Mata Atlântica, com destino à **cachoeira “Perau do Gropp”**, com 41 metros de queda livre.

Maiores informações no fone: (47) 3535 0101.<sup>150</sup>

É uma tentadora forma de envolver a comunidade, e diversas das atividades anunciadas aconteceram, como o encontro das RPPN catarinenses, por exemplo:

No dia 18 de abril, foi realizada mais uma Assembleia Geral Ordinária da RPPN Catarinense, desta vez na cidade de Atalanta. Desde setembro de 2008 a associação não realizava uma reunião aberta a todos em virtude das catástrofes que assolaram parte do estado e afetaram diretamente vários associados.

O evento ocorreu durante a **I Ecofest de Atalanta** onde a RPPN Catarinense marcou presença através do seu presidente, Lauro Bacca, que proferiu palestra sobre "As RPPNs em Santa Catarina" para um auditório lotado de aproximadamente 120 pessoas. Antes dele, também palestraram o Promotor da Comarca de Ituporanga, Jadson Javel Teixeira e o diretor do Núcleo de Mata Atlântica do Ministério do Meio Ambiente, Wigold Schäffer.<sup>151</sup>

Também verbas são carreadas para o município desde o governo federal, com a realização da ECOFEST, conforme se vê na tabela 1:

Tabela 1: Recursos recebidos para a ECOFEST de Atalanta, SC.

703183	REALIZAÇÃO DA 1.a ECOFEST	MINISTÉRIO DO TURISMO	ATALANTA PREFEITURA	100.000,00	18/05/2009	100.000,00
732272	2o ECOFEST	MINISTÉRIO DO TURISMO	ATALANTA PREFEITURA	100.000,00	24/06/2010	100.000,00

Fonte: Portal da Transparência, 2012.

Adaptado e mod. pela autora, 2012.<sup>152</sup>

São formas atrativas de levar a população a pensar sua ecologia e os rituais dela. Vejamos, no entanto, as notícias populares sobre a ECOFEST:

#### **MUITO SOL, CÉU AZUL E 158 PILOTOS FIZERAM A 4ª ETAPA DA COPA VALE**

Um céu espetacularmente azul, muito sol, calor e 158 pilotos marcaram a 4ª etapa da Copa Vale de Velocross Rádio 104 FM em

<sup>150</sup> Disponível em: <www.apremavi.org.br>. Acesso em: 17 mar. 2012.

<sup>151</sup> Idem.

<sup>152</sup> Disponível em: <http://www.portaltransparencia.gov.br/convenios>. Acesso em: 17 mar. 2012.

Atalanta. A prova aconteceu na 2 Ecofest, a festa da Ecologia. A Prova foi marcada por muitos pegadas em várias categorias e a abertura dos motores na categoria Street 150. Quanto abertura dos motores, alguns pilotos foram desclassificados, e ao contrário do que alguns achavam, outros estavam totalmente dentro do regulamento. Ao Público que compareceu na prova, a todos os pilotos, equipes, famílias, à Prefeitura Municipal através do prefeito Braz Bilk, do vice e prefeito em exercício Dionísio Kurtz, pres. cco, sr. Ademir Luiz, ao Renato Esser e o Hermes, a todos vocês o nosso muito obrigado de toda equipe copa vale, por acreditarem mais uma vez, em nosso trabalho. Até a próxima se Deus quiser, boas aceleradas a todos e a gente se fala pelas pistas de Santa Catarina.  
Por - Douglas Fernandes - Locutor e organizador da Copa Vale de Velocross - Rádio 104 FM.<sup>153</sup>

Não parece que uma prova motociclística, com sua poluição acústica e grande derrame de poluentes fósseis na atmosfera seja, exatamente, uma iniciativa ecológica, adequada a uma capital catarinense da ecologia.

Em poucos minutos de busca na Internet levantamos diversos dados que demonstram atrativos da ECOFEST, como:

- Edital da Prefeitura Municipal para a contratação de cantores para se apresentarem na festa<sup>154</sup>;
- a festa é promovida pelo Ministério do Turismo, com dotação orçamentária da União<sup>155</sup>;
- elege-se uma rainha para a festa<sup>156</sup>;
- a festa faz parte do calendário da Secretaria Estadual de Agricultura e Desenvolvimento Regional<sup>157</sup>;
- também faz parte da Agenda do Alto Vale, sendo considerada dos melhores eventos da região<sup>158</sup>;
- dela participa a fanfarra da escola local<sup>159</sup>;
- acontece no Parque de Exposição Virgílio Scheller e é organizada pela Prefeitura Municipal de Atalanta<sup>160</sup>;
- também faz parte do calendário do chamado “Vale Europeu”, região turística que é uma outra tradição recentemente inventada<sup>161</sup>;

<sup>153</sup> Disponível em: <<http://www.copavale.com/?pg=noticia&id=79>>. Acesso em: 18 mar. 2012.

<sup>154</sup> Disponível em: <[www.atalanta.sc.gov.br](http://www.atalanta.sc.gov.br)>. Acesso em: 04 ago. 2010.

<sup>155</sup> Disponível em: <[www.portaldatransparencia.gov.br](http://www.portaldatransparencia.gov.br)>. Acesso em: 04 ago. 2010.

<sup>156</sup> Disponível em: <[www.tanafesta.com.br](http://www.tanafesta.com.br)>. Acesso em: 04 ago. 2010.

<sup>157</sup> Disponível em: <[www.agricultura.sc.gov.br](http://www.agricultura.sc.gov.br)>. Acesso em: 04 ago. 2010.

<sup>158</sup> Disponível em: <[www.agendaaltovale.com.br](http://www.agendaaltovale.com.br)>. Acesso em: 04 ago. 2010.

<sup>159</sup> Disponível em: <[www.fredericorolla.blogspot.com](http://www.fredericorolla.blogspot.com)>. Acesso em: 04 ago. 2010.

<sup>160</sup> Disponível em: <[www.radiofm93.blogspot.com](http://www.radiofm93.blogspot.com)>. Acesso em: 04 ago. 2010.

<sup>161</sup> Disponível em: <[www.valeeuropeu.com](http://www.valeeuropeu.com)>. Acesso em: 04 ago. 2010.

- repete-se aqui: durante a festa acontece a Copa Vale de Velocross, com a participação de 158 pilotos no ano de 2010<sup>162</sup>;
- um grande balão a gás fica preso ao local da festa, dando-lhe visualidade direta já desde uma certa distância<sup>163</sup>;
- o jornal local, “A Comarca”, e a rádio local dão ampla cobertura ao evento<sup>164</sup>;
- estiveram em ambas as festas políticos de segundo escalão, como o vice-governador do Estado e suplentes de deputados estaduais<sup>165</sup>.

É uma bela coleção de eventos que acontecem em função da ECOFEST, dando-lhe um brilho que provavelmente nunca se vira em outra ocasião num município de menos de 3.000 habitantes.

As atividades culturais ligadas à Ecologia, como palestras, etc., ficam como que num âmbito menor, mais restritas a especialistas que, em boa parte, são oriundos de outras cidades (Blumenau, Ituporanga). Se a Assembleia das RPPN reuniu cerca de 120 pessoas, há que se pensar que era uma assembleia estadual, e que aconteceu no ano posterior às grandes catástrofes ambientais de 2008, o que por si só geraria, provavelmente, o interesse de curiosos interessados em saberem o pensamento de especialistas.

### 3.1.3 O desconhecimento da população

A ECOFEST, no seu sentido ecológico, passa despercebida entre a população em geral, excluídas as autoridades. Em trabalho de campo, foram entrevistadas aproximadamente 20 pessoas comuns que tiveram respostas surpreendentes para o quesito: “Você conhece a ECOFEST? Participa? Gosta?”.

Os entrevistados em geral conheciam a ECOFEST, mas não ligavam seu título à palavra Ecologia. Era uma festa “que acontecia no pavilhão próximo”, ou uma festa boa, pois trazia muitos hóspedes motociclistas para o dono da pousada, que ficava lotada – no mais das vezes era alguma coisa um

---

<sup>162</sup> Disponível em: <www.radiofm93.blogspot.com>. Acesso em: 04 ago. 2010.

<sup>163</sup> Disponível em: <www.valeeuropeu.com>. Acesso em: 04 ago. 2010.

<sup>164</sup> Disponível em: <www.radiofm93.blogspot.com>. Acesso em: 04 ago. 2010.

<sup>165</sup> Idem.



pouco misteriosa, meio vaga. Apenas duas pessoas disseram conhecer, gostar e participar da festa, mas porque “lá se apresentavam cantores e shows de que gostavam”.

Inquiridas sobre o que era Ecologia, tais pessoas, de uma forma geral, disseram que se tratava de preservação, mas não sabiam explicar muito bem de quê. Sabiam de leis nacionais que diziam que matar um animal silvestre é crime, mas não sabiam muito bem quem fazia a fiscalização de tais crimes. Talvez fosse a ONG ambientalista local, talvez a tal associação de plantadores sem agrotóxicos. Quando lhes era perguntado se a prefeitura fazia tal fiscalização, a resposta é de que a prefeitura era inoperante.

Houve quem dissesse que Ecologia é cuidar do ambiente, que era a proteção da natureza, e mesmo quem dissesse que Ecologia “é o equilíbrio”. Nada era muito claro ou definido, embora houvesse quem falasse algumas coisas de muita importância, como um homem (50 anos) que já trabalhou com eucaliptos e que sabe que a terra fica totalmente estragada sob eles – mesmo este acreditava piamente que, quando cortado, o eucalipto devolvia à terra toda a água que havia bebido durante sua vida.

Uma pessoa defendeu a necessidade de se plantar eucalipto “para se ter lenha para queimar no fogão”.

Uma jovem estudante (17 anos) tinha claro que o eucalipto bebia toda a água que havia, atingindo, inclusive, os reservatórios subterrâneos de onde nasciam as fontes e os rios – tinha a visão de que o excesso de eucaliptos poderia vir a consumir toda a água da região, mas tal não parecia lhe fazer muita diferença. Seus pais deveriam ter consciência ecológica, pois mantinham mata ciliar de espécimes nativas ao lado do rio que atravessava a sua propriedade, mas “o vizinho da outra margem do rio não fazia a mesma coisa”.

No geral, as pessoas sabiam da existência da ONG ambientalista e da associação que plantava hortaliças sem agrotóxicos, mas sabiam de uma forma um pouco vaga, como se tais coisas não fizessem parte da sua existência.

Em toda uma manhã de sábado andando pela cidade, fazendo pequenas compras e conversando, não se ouviu sequer uma pessoa pronunciar a palavra Ecologia, nem Ecofest, nem Reserva Ecológica. As

peessoas estavam preocupadas com suas compras semanais, com seus veículos<sup>166</sup> e com aquela estranha pessoa que não era dali, mas que ali estava também fazendo compras e entabulando conversas. Quando a pesquisadora dava como identificação o fato de estar hospedada na hospedagem de tal família, a pessoa da família, que estava trabalhando na feirinha local, era inquirida para dar maiores informações. A sensação que a população passa é de que se preocupa muito com a sua segurança, temendo elementos estranhos que possam vir a alterar alguma coisa na sua forma de viver. A grande propaganda que as autoridades fazem em torno de uma cidade com vocação turística/ecológica não parece atingir os moradores, que vivem seu tempo de decrescimento com muita lentidão.

Embora não fizesse parte da pesquisa, outro assunto chamou a atenção da pesquisadora durante o trabalho de campo, ou seja:

- nas diversas vezes, tanto nessa manhã de compras e de sábado quanto em outras ocasiões, quando a pesquisadora teve a oportunidade, apresentou às pessoas um livro em cuja contracapa havia chamativa foto, seguida de um texto de 14 linhas, sugerindo que ele fosse lido, e ficou impressionada com a lentidão com que as pessoas liam, tanto crianças, quanto adolescentes ou adultos. Ficou a dúvida se a lentidão na leitura representava lentidão também no raciocínio – e a pergunta: com tão chamativa propaganda pela cidade, associando-a a uma vocação turística/ecológica, como é que as pessoas não haviam se apercebido de tal coisa ainda?

### 3.1.4 Controvérsias: o olhar dos inquiridos

Com suas diversas manifestações “ecológicas”, parece ser claro que a população da cidade de Atalanta está sendo conduzida a rituais que deverão, em algum momento do futuro, torná-la “compatível” com as ideias dos inventores da nova tradição, ou talvez tal nunca sucederá.

No caso de Atalanta como Capital Catarinense da Ecologia, não é possível pensar-se em rituais que refletem, sustentam e reforçam valores profundamente arraigados e generalizados entre o público. Em poucas frases

---

<sup>166</sup> Na sua maioria, tobatas, ou seja, pequenos tratores.

pode-se derrubar tal teoria: a história do município vem calcada, desde sua gênese, na não conservação da natureza e do não respeito entre os seres vivos, inclusive o homem. O desmatamento acontecido desde o começo, efetuado por serrarias e pelos próprios agricultores nos seus lotes coloniais, em nenhum momento visava ao equilíbrio ecológico, mas à rentabilidade imediata dos recursos naturais – somente depois de décadas de desmatamento nativo desenfreado e plantio de árvores alienígenas foi que houve um primeiro laivo de conscientização de que aquilo não era o melhor, com o surgimento da ONG ambientalista na vida dos cidadãos atalantenses, que “não acreditavam sequer que a árvore produtora do óleo de sassafrás produzisse sementes”<sup>167</sup>, embora por um bom período da história do município muitas pessoas tenham vivido da exploração de tal óleo.

Também a captura e transferência para a reserva Duque de Caxias, em Ibirama, dos antigos moradores índios da região, “que não incomodavam”, dá uma visão muito clara de que não havia rituais arraigados e generalizados entre o público que levassem a um respeito para com as relações entre os seres vivos em geral. O respeito era para com o que o capital esperava, e pouca ou nenhuma importância se dava à natureza. As leis do capitalismo eram as que estavam profundamente refletidas, sustentadas e reforçadas desde os primeiros momentos daquela cidade.

Não se pode falar ainda, também, de consenso atingido pelo povo – diante da população, a maquiagem ecológica da cidade é muito tênue, como que avistada através da ótica de uma grande distância, e via de regra os moradores entendem “ecologia” como a existência da ONG ambientalista ou do seu viveiro de mudas, ou da associação de agricultores que produzem produtos hortícolas sem agrotóxicos, como se pode observar nas fotos 21 e 22 da cachoeira Perau do Gropp, em duas escalas diferentes, onde se vê *muita floresta* na primeira foto e os resquícios florestais desta unidade de conservação na segunda, quando apenas nas bordas da cachoeira há vegetação. Os moradores contatados não passam a impressão de que tais coisas façam parte real das suas vidas.

---

<sup>167</sup> Disponível em: <[www.apremavi.com.br](http://www.apremavi.com.br)>.



Foto 21: Cachoeira Perau do Gropp



Foto 22: Cachoeira Perau do Gropp

Fontes: <http://blogdogaviao.blogspot.com.br/2010/02/.html>, acessado em 17/07/2012 (foto 21)  
<http://pietropaladini.blogspot.com.br/2011/01/.html>, acessado em 17/07/2012 (foto 22)

Resta a “consolidação da preponderância ideológica da elite dominante”, coisa que fica em evidência sem a necessidade de grande aprofundamento. Quem tem o poder da propaganda, da realização de festas, de conseguir verbas federais, de realizar corridas de motos e concursos de rainha é a elite dominante, econômica e política – um pequeno agricultor, como é a maioria esmagadora dos agricultores do município, não possui conhecimento nem meios para realizar tais feitos. Ele luta pela sua sobrevivência e a da sua família da forma como consegue, tantas vezes cuidando da sua agricultura, da sua mata, da sua água de forma equivocada, comprometendo o seu próprio futuro e o da sua descendência. Não lhe sobra tempo para outras atividades que não as da sobrevivência, e ele é levado a agir segundo a cartilha do capital, sem tempo para aprofundar as coisas do espírito e do pensamento. Afinal, não faz tanto tempo assim que Bernard de Mandeville (1670-1733) afirmou o que segue:

Para que a sociedade seja feliz e o povo tranquilo nas circunstâncias mais adversas, é necessário que grande parte dele seja ignorante e pobre. O conhecimento não só amplia como multiplica nossos desejos (...) Portanto, o bem-estar e a felicidade de todo Estado ou Reino requerem que o conhecimento dos trabalhadores pobres fique confinado dentro dos limites de suas ocupações e jamais se estenda (em relação às coisas visíveis) além daquilo que se relaciona com sua missão. Quanto mais um pastor, um arador ou qualquer outro camponês souber sobre o mundo e sobre o que lhe é alheio ao seu trabalho e emprego, menos capaz será de suportar as fadigas e as dificuldades de sua vida com alegria e contentamento.<sup>168</sup>

<sup>168</sup> MANDEVILLE, Bernard de. In: THOMSON, E. P. **Costumes em Comum. Estudo sobre a cultura Popular Tradicional**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

Três séculos é um tempo ínfimo diante de uma história de 4.000.000 de anos desde que o primeiro hominídeo desceu das árvores ou dos 50.000 anos desde que existe sobre a face do planeta o *Homo sapiens sapiens*, e não se pode desprezar um pensamento tão recente e tão cínico, já calcado na forma de ver capitalista. É bem verdade que hoje a cidade de Atalanta possui diversas pré-escolas e escolas fundamentais, além de uma escola de ensino médio, e que diversos dos seus filhos têm saído para aprimorar seus conhecimentos em cursos superiores em diversos lugares, o que não significa que a ampliação do conhecimento básico recebido na cidade traga as luzes necessárias para que se possa “ver” a crua verdade que Mandeville tornou tão nua na sua afirmação.

A pesquisadora teve a oportunidade de um bastante longo convívio com Nilton<sup>169</sup>, atalantense residente na cidade de Blumenau, formado em curso superior de administração de empresas e com um bom emprego. Seria uma pessoa que teria mais condições de pensamento e de reflexão, mais ferramentas para enxergar sobre a tradição inventada e a situação em que vivem os que tiveram menos condições de observação que ele próprio, e o véu que lhe cobria o olhar era tão espesso quanto o de diversos agricultores com pouca escolaridade contatados. Nilton tinha uma propriedade agrícola na sua cidade natal, toda plantada de eucaliptos, e defendia as seguintes ideias:

- se não se plantassem eucaliptos, mais cedo ou mais tarde haveria que se cortar mata nativa para diversos usos – a existência da plantação de eucaliptos garantia a preservação da mata nativa;
- quando cortados, os eucaliptos devolveriam à terra toda a água que haviam bebido ao longo da sua vida;
- tinha orgulho da sua própria plantação de eucaliptos, como uma “poupança verde”, algo que poderia dispor a qualquer momento, e que valia, depois de cortada, o mesmo tanto do valor da sua propriedade.

Portanto, não é possível ater-se aos dados “oficiais” do município de Atalanta ou da ONG ambientalista para se chegar às conclusões desejadas pela elite dominante da cidade – há que se ter uma maior e mais ampla visão

---

<sup>169</sup> Pseudônimo.

possível do que acontece naquele município para se chegar a conclusões e se poder interpretar o que lá acontece.

No caso, o cerimonial “ecológico” que acontece em Atalanta, apesar de alguns cuidados bem feitos, como, por exemplo, a real existência do viveiro de mudas da ONG ambientalista, com seu 1.000.000 de mudas de árvores silvestres, o qual se teve a oportunidade de conhecer e fotografar, e de outros cuidados menos intensos, como a propaganda na página da prefeitura, na entrada da cidade, no Parque Mata Atlântica, etc., tem o que se pode chamar de “maus cuidados”, como o festival de motociclismo que, pelo visto, é o ponto alto da Ecofest – um festival de motociclismo é uma coisa causadora de poluição e danos. Bastaria este exemplo para concordar-se com Cannadine (HOBBSAWN, 1997) – a cerimônia que talvez pudesse ter como que uma sacralidade envolvendo as relações dos seres vivos entre si e com o meio ambiente, cerimônia que suscitaria harmonia e bem-estar, pode se tornar irritante e degradadora do meio ambiente, dependendo do sujeito à qual se apresenta, tirando dela qualquer visão ecológica.

Quanto poderão render os rituais, no caso, a ECOFEST, o plantio de mudas, em última análise, a forma que a pequena cidade usou para ter um destaque dentre os outros 294 municípios de Santa Catarina? São cálculos que alguém já deve ter feito para estar levando avante a ideia – visitantes, verbas federais, pousadas lotadas, divertimentos e alimentos que se preparam para as visitas, presença de autoridades, a criação de um mito em torno da ideia ecológica – muito dinheiro e outros interesses (como o destaque dentre os demais municípios do Estado) perpassam pelo município e seus rituais e ali “pousam”, aumentando a vocação capitalista das autoridades, das forças vivas do município e dos seus moradores.

Há que se clarearem duas ideias, a seguir: a do mito em torno da ideia ecológica e a do papel de grande parte das ONGs frente ao capitalismo.

### 3.1.5 Mitologia

Desde que o assunto despertou o interesse desta pesquisadora, que ela pôde perceber a existência de um forte mito em torno da existência da ONG ambientalista e do Parque Mata Atlântica em Atalanta.

Pessoas distantes do pequeno mundo de Atalanta, sendo os principais contatos feitos na cidade de Blumenau (SC), distante 130 km do local pesquisado, tanto com amantes da natureza em geral quanto de profissionais ecologistas pós-graduados, não deixam dúvidas de que se criou um mito sobre aquela cidade, como um lugar com uma grande vocação ecológica, algo que transcende o real e que deixa muitas pessoas tomadas de entusiástica admiração/fascinação em relação ao local pesquisado, tamanho o mundo mítico que envolve Atalanta hoje. A situação parece ser menos enganosa quando se trata de amantes da natureza em geral, como grupos de ciclistas que gostam de viajar em tais veículos, e que se deliciam indo conhecer o Parque Mata Atlântica como bela atração que é.

Acredita-se que a mitologia fica com cores mais carregadas quando se trata de ecólogos profissionais ou assemelhados, que têm impressionantes expressões de apreço quando se fala de Atalanta, principalmente por causa da presença da ONG ambientalista naquela cidade. Toda a parte negativa, como os grandes plantios de pinus e eucaliptos, os rios turvos e malcheirosos, a grande falta de mata ciliar em tantos lugares, o plantio do fumo e seu consequente desmatamento para uso de lenha nas estufas, o grande uso de agrotóxicos na produção de alimentos e do fumo, nada disso conta diante de alguns ecologistas, que só conseguem ver em Atalanta o viveiro de mudas da ONG ambientalista e algumas outras atividades decorrentes da presença daquela ONG. É todo um misticismo que já existe e que impedirá, talvez, que as pessoas que mais teriam a responsabilidade de fazer a crítica ao mito simplesmente deixem de fazê-lo.

### 3.1.6 As ONGs e o Capitalismo

Iniciou-se a pesquisa sobre ONGs lendo-se atentamente o estatuto da ONG ambientalista<sup>170</sup>, que é a ONG em atividade na área de pesquisa. Tal estatuto pareceu estar benfeito, coerente, bem-intencionado, inocente, não havendo o que objetar nele. Uma outra notícia na página da ONG ambientalista, no entanto, chamou-me a atenção. Transcreve-se, a seguir, parte considerável dela, consultada no mesmo dia:

#### **A Rede de ONGs da Mata Atlântica**

##### **Conheça a RMA**

Nas últimas décadas, dezenas de organizações não governamentais foram criadas, ao longo de todo o território nacional, visando salvar e restaurar os remanescentes de um bioma que presta serviços ambientais e sociais para a maior parte da população brasileira. Aliás, se há ainda alguns remanescentes, é porque a sociedade conta com esse segmento, que luta muito, bravamente, para proteger esses ambientes naturais. As organizações não governamentais ambientalistas batalham em vários campos – no parlamento, na comunidade local –, tentando influenciar políticas nacionais e em espaços da mídia pela preservação do segundo bioma mais ameaçado do mundo, que só perde para as florestas de Madagascar. Do Nordeste ao Sul do Brasil, as ONGs perceberam que seria muito mais eficiente e efetiva essa luta se tivesse uma organização que representasse todas elas, a fim de formar uma grande teia de informação e de relações entre as entidades para fortalecer a defesa da Mata Atlântica. Foi durante a realização da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio-92), que o movimento ambientalista da Mata Atlântica deu o passo decisivo na sua organização e atuação nacional, com a criação de sua rede. Surge assim, no fervor das discussões ambientais, nacionais e internacionais, a Rede de ONGs da Mata Atlântica (RMA).

A proposta partiu de um debate organizado pela Fundação SOS Mata Atlântica com a participação da Associação de Preservação do Meio Ambiente do Alto Vale do Itajaí (Apremavi), da Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem e Educação Ambiental (SPVS), da Sociedade Nordestina de Ecologia (SNE) e da Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza (FBCN), dentro da programação do Fórum Global, evento simultâneo à Rio-92, o maior evento já realizado sobre a saúde do planeta.

Nesse debate, constatou-se que entidades locais necessitavam de informação e, principalmente, de respaldo político para o desenvolvimento e eficácia das suas ações. Em junho daquele ano, foi realizada a reunião de criação da Rede de ONGs da Mata Atlântica. O encontro aconteceu no Fórum Global-92, com a participação de 46 ONGs. Destas, 15 formaram a Comissão de

---

<sup>170</sup> Disponível em: <[www.apremavi.org.br](http://www.apremavi.org.br)>. Acesso em: 30 abr. 2012.



Criação, responsável pela elaboração do documento que definiria a nova entidade.

O objetivo era tecer uma rede para a defesa, preservação e recuperação da Mata Atlântica, através da promoção de intercâmbio de informações, da mobilização, da ação política coordenada e do apoio mútuo entre as ONGs e, dessa forma, produzir o fortalecimento das ações locais e regionais das entidades filiadas. A rede foi criada para tentar apresentar soluções que as instituições individualmente não eram capazes de fornecer. Um ano depois, em 1993, na primeira reunião nacional da Rede, durante o Fórum Brasileiro de ONGs e Movimentos Sociais, a RMA contava com 30 entidades filiadas. Em 1994, esse número chegou a 118 ONGs.

Hoje, com 317 instituições filiadas<sup>171</sup>, entre organizações ambientalistas, socioambientais e de pesquisa, distribuídas nos 17 estados que se encontram no Domínio da Mata Atlântica, a Rede é vista como um coletivo legítimo e representativo.

### **Conquistas**

Passados 15 anos desde sua fundação, a Rede coleciona conquistas. Em nível nacional, a RMA atua monitorando e articulando interesses junto ao Poder Executivo e ao Poder Legislativo, formulando propostas para aprimoramento da legislação e facilitando e promovendo a participação abrangente das entidades filiadas nas políticas públicas do País que tenham influência no bioma. Também atua na criação de programas de apoio aos projetos e iniciativas desenvolvidos pelas instituições filiadas e no desenvolvimento de mecanismos de participação social que permitam orientar as diretrizes e avaliar os resultados das ações governamentais.

Uma das maiores reivindicações da RMA já é realidade: a criação de programas voltados à obtenção de recursos para as ONGs desenvolverem seus próprios projetos. Hoje isso é possível, através do Subprograma de Projetos Demonstrativos (PDA), que foi criado em 1994, dentro do Programa Piloto para a de Proteção das Florestas Tropicais do Brasil (PPG7), inicialmente para atender a Amazônia.

Desde o início das discussões do PPG7, a sociedade civil, através da RMA, reivindicou maior atenção, por parte do Programa, às demandas do bioma. Depois de muito debate, foi criado o PDA Mata Atlântica que tem como objetivo apoiar ações de conservação, uso sustentável e monitoramento do bioma. Na sua etapa inicial, fases I, II e Consolidação, o PDA beneficiou 56 projetos e no primeiro edital da PDA Mata Atlântica, já em 2005, foram contemplados 50 projetos.

Outra grande reivindicação da Rede, conquistada no ano 2000, foi a implantação, no Ministério do Meio Ambiente, do Núcleo da Mata Atlântica, que já realizou várias ações em prol do bioma e que está elaborando o Programa Mata Atlântica, com o objetivo de colocar a conservação da Mata Atlântica definitivamente na pauta dos vários setores da sociedade brasileira.

O processo de crescimento da RMA como organização nacional articuladora da luta para a defesa da Mata Atlântica também pode ser

---

<sup>171</sup> Anexo 1.

ilustrado por sua intervenção em políticas públicas, no âmbito de representações em comissões e conselhos voltados à discussão e à formulação de políticas públicas que afetam direta ou indiretamente a Mata Atlântica.

Os principais conselhos nos quais a RMA está representada são: Grupo de Trabalho da Mata Atlântica no Ministério do Meio Ambiente, Comissão Executiva do PDA, Comissão Nacional do Programa Nacional de Biodiversidade, Câmaras Técnicas do Conselho Nacional de Recursos Hídricos, Comissões de Coordenação Brasileira e Conjunta do Programa Piloto para a Conservação das Florestas Tropicais Brasileiras (PPG7), Comissão Coordenadora do Programa Nacional de Florestas (Conaflor), Conselho Nacional das Cidades, Conselho Nacional e Comitês Estaduais do Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, Conselho do Projeto Corredores Ecológicos, dentre outros. Além disso, várias instituições filiadas à Rede fazem parte do Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama).

Em suas ações, a RMA também prioriza parcerias com outras redes e coalizões, no sentido de fortalecer ainda mais a atuação em defesa do meio ambiente. Tem se destacado as parcerias com o Grupo de Trabalho Amazônico (GTA), a Rede Cerrado, a Rede Pantanal, a Coalizão Rios Vivos, a Inter-redes, a Rede Brasileira de Educação Ambiental e o Fórum Brasileiro de ONGs e Movimentos Sociais para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (FBOMS).<sup>172</sup>

Até este ponto tem-se a ingênua sensação de que tal rede de ONGs é algo de grande idealismo, nascido da solidariedade entre seres humanos que dão grande importância à natureza e que tiveram a habilidade de unir-se para se tornarem mais fortes e atuantes. Veja-se o que segue.

### **Articulação**

É no âmbito das articulações que se trava o que pode ser considerada a grande batalha da Rede e que até se confunde com sua existência – a luta por uma legislação de proteção específica para a Mata Atlântica.

(Segue ampla relação de lutas e conquistas.)

### **Casos emblemáticos**

(Longo texto relacionando diversas lutas da RMA, incluindo sucessos e insucessos.)

### **Carta de Tamandaré**

Também no âmbito da fiscalização, a Rede tem se esforçado para conseguir avanços. Depois de vários anos tentando, finalmente em julho de 2003, o Ibama, o Ministério do Meio Ambiente e a Rede firmaram uma agenda conjunta para proteger o bioma. O acordo inédito, firmado em Tamandaré (PE), é uma proposta de atuação

---

<sup>172</sup> Idem.

para prevenir e combater crimes ambientais e ainda garantir a participação e o controle da sociedade nas ações do governo. É a chamada Carta de Tamandaré, que contém 13 itens com compromissos das partes, fixando ações e prazos para a realização de atividades voltadas à fiscalização conjunta dos remanescentes. (ETC.)

### Unidades de conservação

Outra frente importante de trabalho tem sido o apoio à criação de unidades de conservação. Vários parques e reservas foram defendidos pela RMA.

(Segue uma relação de casos emblemáticos.)

### Estrutura

Para participar de tantas instâncias, a RMA foi obrigada a se estruturar melhor. Durante os seus cinco primeiros anos, o escritório esteve sediado na Fundação SOS Mata Atlântica, em São Paulo. Posteriormente foi transferido para a sede do Grupo Ambientalista da Bahia (Gambá), de 1997 a 2001, e de lá para a Associação Mineira de Defesa do Ambiente (Amda), de 2001 a 2003. Desde julho de 1999, a Rede tem um escritório em Brasília, que a partir de 2003 abriga também a secretaria executiva.

(e seguem mais dados estruturais da rede.)

### Plano estratégico

Hoje a RMA vem executando a parte II do Projeto de Apoio Institucional, com recursos do PPG7, através de um acordo com o **Banco Mundial**<sup>173</sup> iniciado em 2001. Através desse projeto está sendo possível implementar as ações previstas no Plano Estratégico 2004-2007, cuja elaboração só foi possível com o apoio das instituições filiadas, que discutiram seu papel, suas competências, desafios e fragilidades, assim como o cenário de políticas públicas para a Mata Atlântica no País.

O planejamento estratégico aprovou também **um plano de captação de recursos onde estão previstas várias atividades com o objetivo de diversificar a entrada de recursos**<sup>174</sup> e, com isso, a sustentabilidade da RMA.

(Segue extensa relação de projetos estratégicos da RMA.)

A RMA tem muito trabalho pela frente em busca de seus objetivos centrais: a conservação da Mata Atlântica e uma melhor qualidade de vida para a população que mora nela. Os próximos anos serão dedicados à execução de atividades que visem à aprovação, à regulamentação e à implementação da Lei da Mata Atlântica. Além disso, a Rede está empenhada na captação de recursos para projetos de proteção e recuperação de áreas, de uso sustentável e consumo consciente e, ainda, a criação e implementação de Unidades de Conservação.

---

<sup>173</sup> Grifo nosso.

<sup>174</sup> Grifo nosso.

O horizonte descortina cada vez mais a valoração ambiental, através de debates e iniciativas de mercado e consumo sustentável, economia ecológica e certificação. Diante desse cenário, a RMA identifica um quadro de possibilidades que requer atuação intensa, permanente e renovada, de acompanhamento, monitoramento e intervenção, de modo a consolidar os avanços e criar novos espaços e mecanismos capazes de impedir os potenciais retrocessos.

Embora as condições para a construção e consolidação de mecanismos de participação nas políticas públicas sejam bem melhores nos últimos tempos, o desafio da qualificação desta participação se revela estratégico para o futuro. Afinal, a RMA trabalha na floresta onde moram mais de 120 milhões de brasileiros.

**Betsey Whitaker Neal** – Secretária Executiva da RMA até abril de 2005.

**Miriam Prochnow** – Pedagoga, Especialista em Ecologia e Coordenadora Geral da RMA até 2006.

**Sivia Franz Marcuzzo** – Jornalista e assessora de comunicação da RMA até 2006.

A última parte passa a visão quase idílica do que seria o ideal do comportamento humano e institucional de pessoas e instituições seriamente preocupadas com o futuro do planeta e da continuação da vida sobre ele. Se as coisas acontecessem de acordo com o que está elencado acima, teríamos como que uma perfeição, e grande parte das pessoas, inclusive tantos ecologistas que acreditam fortemente na ideia da preservação ambiental como a salvação do futuro, não poderia ter, em nenhum momento, a sensação de estar pisando em terreno falso, coisa à qual se reportará um pouco à frente.

Vamos voltar à curiosidade que nos fez ir adiante nas informações até então obtidas. A existência da Rede Mata Atlântica (RMA) com mais de 300 entidades associadas e a busca de verbas internacionais para ela fizeram com que viessem à nossa mente informações tidas por meio de leituras, e, numa primeira análise, fizeram com que se desse uma vista d'olhos nos nomes das ONGs coligadas já reunidas em uma lista, e disponíveis, com seus endereços, na [www.rma.org.br](http://www.rma.org.br) (Anexo 1).

Uma primeira “coligada” que chamou a atenção foi a Greenpeace, criada nos anos setenta e dada a atos heroicos, como invasão de navios baleeiros em alto-mar e outras atividades arrojadas em prol da natureza, e pela qual se tinha grande admiração, até que se deparou com alguns dados a respeito, conforme segue:

(Greenpeace) ha sido reiteradamente denunciada por despreciar a las poblaciones locales, a las que sus campañas protegiendo plantas y animales habrían despojado de medios de vida, posibilidades de desarrollo y cultura. Así sucedió con los aborígenes en Groelandia respecto de la caza de focas. Buscando anular la caza industrial de estos animales, Greenpeace aniquiló el mercado europeo para las pieles, pero numerosas comunidades esquimales tenían ese mercado como fuente principal – en muchos casos única – de ingresos y desarrollo.<sup>175</sup>

Por meio de diversos outros dados semelhantes sobre Greenpeace teve-se a atenção despertada para o que acontece naquela organização, e então é necessário ir-se um pouco adiante:

Greenpeace asegura no recibir donaciones de empresas o gobiernos, sino solo de individuos o instituciones.

Claro que entre ésta habría que mencionar algunas como de Ted Turner, el magnate propietario de más de 70.000 hectáreas en Argentina. Las tierras que Turner posee en Estados Unidos (700.000 hectáreas repartidas en 10 estados) lo convierten en el primero terrateniente del país.

Hombre de negocios, Ted, poseedor de la mayor manada de búfalos del mundo (27.000 cabezas), es también principal productor de ese especial tipo de carne. Según Audrey Hudson, del Washington Times, Ted ha organizado cacería para millonarios en las que cobra 10.500 dólares por cazador<sup>176</sup>. A ese precio se comprende que Turner hace un manejo “sustentable” de las 27.000 cabezas. Por otra parte, nada se desperdicia: la carne de los animales así muertos forma parte de la que vende. Interesado en la integración vertical de su negocio, en 2002 creó una cadena de restaurantes (Ted’s Montana Grill) especializada en carne de búfalo. La imagen de ambientalista y los millones que aporta a la causa verde también le han sido útiles: por una parte, ninguna organización ecologista lo molesta (...), por otro, ha logrado que sus “ranchos” recibieran subsidios gubernamentales entre 1996 y 2000 por valor de 217.000 dólares en fondos federales.

(...)

Greenpeace no recibe dinero de empresas o gobiernos, pero sí, de “individuos” como éste y también subsidios de algunas multimillonarias instituciones “caritativas” (...)

conforme sigue:

John D. and Catherine T. MacArthur Foundation  
The John Merck Fund.  
Charles Stewart Mott Foundation  
The David and Lucile Packard Foundation  
Rockefeller Brithers Fund. Inc.  
Turner Foudation, Inc.

<sup>175</sup> ORDUNA, Jorge. **Ecofascismo. Las internacionales ecologistas y las soberanías nacionales**. Buenos Aires: Grupo Editorial Planeta, 2008.

<sup>176</sup> HUDSON, Audrey. **Greens Cut Turner a Break**. The Washington Times, 20 de enero de 2002.

Las relaciones entre Ted Turner y Greenpeace son excelentes. Ted es el fundador de la cadena CNN y ha sido también vicepresidente de Time-Warner, lo cual explica tal vez por qué Greenpeace es tratado con guantes de seda, internacionalmente, por muchos medios de comunicación.

(...) Presionada para mantener los aportes del público, Greenpeace enfrenta constantemente al principal enemigo de las ONG de su tipo (...) el público tiende a cansarse cuando no ve resultados o deja de percibir una permanente presencia en los medios (...). Para conservar el donante, entonces, estas ONG se ven obligadas a mostrar su presencia y accionar en los medios, permanentemente. (...) Necesitan impactar.

Presionando por el otro lado se encuentran los salarios, los alquileres de fastuosas sedes, la necesidad de resultados. Toda esta situación conduce, lógicamente, a volver borrosos los márgenes éticos entre lo que es lícito hacer y lo que no, para permanecer en los medios. (...)<sup>177</sup>

Apesar dos detalhes não éticos vistos por intermédio de Orduna sobre Greenpeace, outros há de tal horripilância, em ONGs da Rede Mata Atlântica, que impressiona profundamente saber-se que uma aparentemente inocente ONG situada no interior de Santa Catarina, com um estatuto e atitudes que levam à admiração da grande maioria das pessoas que creem nas benesses da preservação do meio ambiente como algo que prevê um melhor futuro para a vida sobre o planeta Terra, pode estar coligada com tais instituições.

Achou-se por bem ir-se diretamente a WWF, a ONG que tem como símbolo um meigo ursinho panda, animal em vias de extinção e que, a princípio, por meio de tal ursinho, já adquire simpatias por grandes partes da população terrestre. Tal organização, no Brasil, tem sede em Brasília e faz parte da Rede Mata Atlântica, e nela nada é inocente, desde sua sede brasileira situar-se em Brasília, isto é, o mais próximo possível do poder central do país, quanto sua ideologia que se esconde cuidadosamente por detrás da imagem carismática do ursinho panda. Na verdade, há que nos reportarmos a Charles Darwin, e a ONG que existe a partir das Ilhas Galápagos, denominada Charles Darwin Foundation (CDF), *que “no es una ONG surgida localmente (isto é, nas Ilhas Galápagos) e impulsada por las voluntades conservacionistas*

---

<sup>177</sup> ORDUNA, Jorge, op. cit.

*ecuatorianas, sino que nace, como la mayor parte del conservacionismo internacional, fuera del Tercer Mundo*".<sup>178</sup>

El actual directorio de la CDF cuenta con nueve miembros y tiene también una Asamblea, miembros ex officio, etc. No debiera llamar la atención el que varios de sus directivos tengan abundantes relaciones con WWF (World Wide Fund for the Conservation of Nature, anteriormente: World Wildlife Foundation), dada la importancia internacional de esta última. Estas personas son sus representantes, trabajan o han trabajado para ella. También económicamente WWF sostiene a la Fundación Charles Darwin. Conviene pues que sepamos algo más de aquella organización que tiene como representante en Ecuador a la Fundación Natura; en Argentina a la Fundación Vida Silvestre; en Chile a la WWF Chile; en Perú a la WWF Perú... y así en Colombia, Brasil, Paraguay y unos 90 países más.

La WWF, que el lector recordará por el inocente y encantador osito panda que figura en su logo, fue fundada en 1961 como medio de recaudar aportes entre el gran público para las tareas que se planteaba la IUCN (Internacional Union for the Conservation of Nature).<sup>179</sup> A su vez, la IUNC nació por el interés y con el apoyo de La Unesco (Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura). Y la Unesco, fundada en 1946, no surgió por el movimiento espontáneo de la comunidad científica mundial, sino por la perseverante labor de quien fuera su primer director general: Julian Huxley. De manera que invirtimos ahora el recorrido y comencemos por allí.<sup>180</sup>

Sir Julian Huxley (1887-1975) es recordado por numerosos motivos. Nieto del biólogo británico T. H. Huxley, hermano del escritor Aldous Huxley, Julian fue biólogo y educador y perteneció a una larga lista de instituciones científicas y académicas. Defendiendo a su patria fue también una destacada personalidad de los servicios de inteligencia británicos (...).

Chegando até nós por meio de aparentemente inocentes e ingênuas ONGs que lutam contra a derrubada de uma árvore ou para salvar algumas baleias, ONGs estas que podem estar ao lado das nossas casas e, quiçá, talvez sejam frequentadas por nós de uma forma inocente, que talvez possam ser sustentadas por nós por donativos, sem que se tenha a menor ideia das relações diretas que há entre a ONG nossa vizinha e outras que são fontes de grandes lucros advindos, inclusive, da própria exploração criminosa da mesma

---

<sup>178</sup> Idem, ibidem.

<sup>179</sup> CHRISTOFFERSEN, Leif E. **The IUNC: A Bridge-Builder for Nature Conservation**. Se trata, prácticamente, de la historia oficial de la IUNC. El artículo está en El anuario: Green Globe Yearbook 1997, publicado por El Fridthof Nansen Institute, en La ciudad de Lysaker, Noruega.

<sup>180</sup> ORDUNA, Jorge, op. cit.

natureza que aparentam defender, como no caso de Ted Turner, já referido mais acima.

Entretanto, há pessoas que só conseguem ver no povo esquimó, por exemplo, inimigos devoradores de focas, sem se aterem à grande tecnologia que teve de ser desenvolvida por atilados cérebros, para que tal povo pudesse sobreviver em tão inóspito e frio ambiente onde ele existe<sup>181</sup>. ONGs que têm como bandeira a defesa de inocentes focas talvez não passem de grandes arrecadadoras de fundos que as ajudarão a controlarem populações, territórios e outros itens ligados a esse controle, como a reprodução e extermínio de seres vivos.

Eis aí exemplos de formadores da Rede Mata Atlântica, à qual é associada a ONG ambientalista de Atalanta. Tanto a WWF quanto a Greenpeace são famosas, mundialmente conhecidas, estão constantemente na mídia e, enquanto se escrevia este texto, fez-se a experiência de se perguntar às mais variadas pessoas se conheciam as duas ONGs aqui referidas, e o resultado foi surpreendente: pessoas mais esclarecidas conheciam as duas (e até havia quem contribuísse para alguma delas), e a grande surpresa foi saber que até pessoas praticamente analfabetas sabem que existe e admiram a ONG do ursinho, como uma grande protetora da natureza. Portanto, é muito bem feito o trabalho de propaganda ao qual já nos referimos por meio de Orduna. Quando abrimos alguma discussão com pessoas com formação acadêmica em áreas não ligadas à Ecologia, mas intrinsicamente defensoras de tal ciência, vimos reações desde incredulidade até grande decepção ao saberem de alguns pontos que se trouxe à baila em forma de discussão/informação.

Fica a grande dúvida: os ecologistas formados, pós-graduados, profissionais da área, pessoas que comumente se veem dando seu tempo e suas energias para a proteção da natureza, seja de uma mata, seja de uma árvore; seja de lençóis freáticos, seja da qualidade do ar, como são os ecologistas que se conhece, estarão cientes das barbaridades que se escondem atrás da Ecologia como história e como atualidade, ou estarão agindo envoltos em inocência?

---

<sup>181</sup> Observação pessoal da autora.



### 3.1.7 Capital Catarinense da Ecologia: a miopia no espaço vivido

Ao se pensar na pequena, aparentemente inocente e, de certa forma, idílica cidade de Atalanta, com seu viveiro de mudas, seu microparque de preservação da natureza e suas pequenas tentativas de reflorestamento com espécies nativas e de obtenção de produtos hortícolas sem agrotóxicos, pode-se ainda pensar nela como uma cidade que tenta saídas para sua quase condição de deserto verde por meio da ajuda da ONG Ambientalista, ou muda o olhar e passa-se a ver Atalanta como mais uma vítima do grande capitalismo internacional, pouco interessado no seu meio ambiente, mas mais preocupada em estender seus tentáculos aos mais longínquos pontos do planeta, usando ideologias nem sequer suspeitadas pela grande maioria da população local, que pouco tempo tem para reflexão e luta no dia a dia pela sua sobrevivência, dentro dos parâmetros definidos um dia por Bernard de Mandeville<sup>182</sup>?

Considerando que há toda uma gama de pessoas que crê que o Brasil é um país livre desde 7 de setembro de 1822<sup>183</sup>, não conseguindo vislumbrar que, ao sair do atrelamento a Portugal, passou a estar atrelado à Inglaterra, mais tarde aos EUA e, atualmente, à China, fica muito difícil para uma população que tem a sobrevivência como preocupação primeira enxergar com clareza e compreender que não é o prefeito, ou o vereador, ou mesmo o governador, as pequenas autoridades locais quem decidem sobre as suas vidas e, inclusive, sobre a vida da natureza.

Para a grande massa sem o devido conhecimento teórico torna-se bastante difícil compreender até que há alguém superior ao presidente da República ou aos componentes do Congresso Nacional – com bastante esforço algumas destas pessoas conseguem compreender que o presidente dos Estados Unidos (a China ainda é como uma abstração – trata-se de um lugar que produz manufaturados baratos e de curta vida) pode ter ligação com o que lhe acontece, mas torna-se bastante difícil para tal massa compreender o papel das grandes corporações internacionais que estão a decidir a sua vida e a vida sobre o planeta. Pelas observações feitas durante longo tempo, pode-se afirmar que é assim que funciona a grande massa humana levada de roldão

---

<sup>182</sup> MANDEVILLE, Bernard, op. cit.

<sup>183</sup> Observações feitas pela pesquisadora ao longo do tempo.

pelo capital, que, de certa forma, ainda crê em *slogans* como os que a pesquisadora viu diversas vezes em diferentes empresas na sua cidade natal, Blumenau (SC), principalmente durante os anos 1970/1980, em que se lia em pequenas placas em locais de trabalho de fundo capitalista: “Não fale em crise – trabalhe”, propaganda ideológica que leva a pensar em outra frase usada à entrada do campo de concentração de Auschwitz, onde uma placa dizia: “O trabalho liberta”<sup>184</sup>, quando para as pessoas que ali entravam não havia a liberdade, mas sim a morte.

A mídia oficial destes dias também colabora para que o nível de ignorância se mantenha (a maioria das TVs, rádios e jornais), veiculando notícias muitas vezes tendenciosas e, no mais das vezes, que nada aclaram o pensamento de quem não teve a oportunidade do aprendizado, ou que teve e não soube como aproveitá-la, fato também muito comum.

O que acontece é que há uma miopia generalizada nos olhares da maior parte da população, e as gentes de Atalanta não escapam a essa miopia. Sua ONG, seu parque ecológico, seu viveiro de mudas, suas autoridades municipais, os visitantes que não trazem conhecimento e que vêm à Ecofest não alteram essa visão tão comum às gentes do Brasil, que o mundo, quando muito, termina em Brasília. Ou nas mãos, caminhos e decisões de Deus, para os mais religiosos. Em trabalho de campo, mais de uma vez foi perguntado a esta pesquisadora o que fazia ela ali, e ela jamais mentiu, falando da pesquisa que fazia e de um livro que pretendia escrever mais tarde sobre a pré-história daquele lugar. A informação de que “escreveria um livro” até era compreendida pelos interlocutores, mas falar em pré-história ou em pesquisa científica fazia com que as pessoas, usando de sua melhor boa vontade, ouvissem o que era dito e depois abanassem a cabeça incredulamente, dando à pesquisadora a impressão de que as pessoas acreditavam que se tratava de ideias insanas, por mais educadamente que tais gestos fossem feitos. Portanto, a população de gente simples de Atalanta ainda se encaixa nos parâmetros de Mandeville<sup>185</sup> – e crê-se que, como a tanta outra gente, fica-lhe difícil crer na

---

<sup>184</sup> Disponível em: <[www.eb23-diogo-caio.rcts.pt/Trabalhos/nonio/xx/holoc/auschw.htm](http://www.eb23-diogo-caio.rcts.pt/Trabalhos/nonio/xx/holoc/auschw.htm)>.

Acesso em: 5 maio. 2012.

<sup>185</sup> MANDEVILLE, op. cit.

existência das grandes corporações internacionais que regem suas vidas, bem como a de tantas outras pessoas.

Podemos vislumbrar essa regência internacional além-governos por meio de Porto-Gonçalves (2011), que nos fala das corporações multinacionais do petróleo e grandes ONGs na regulação dos recursos naturais à escala planetária, conforme segue:

Toda a retórica discursiva ambiental em torno da mudança climática global fica seriamente comprometida quando se vê como agem as grandes corporações do mundo do petróleo, as instituições multilaterais que lhes dão apoio, como o Banco Mundial, e até mesmo grandes organizações não governamentais. Pelo poder que essas instituições detêm, podemos dizer que, apesar do discurso, elas são responsáveis, na prática, por colocar todo o destino do planeta em risco, sobretudo quando vem à luz o que ocorre com as populações dos lugares e das regiões em que essas grandes corporações do petróleo mais exercem sua ação e sobre as quais deixam as suas marcas concretas de derramamento de óleo e de sangue. Não há nenhum exagero retórico nessa expressão, como nos deixa ver o caso de Ken Saro-Wiwa, líder do povo Ogoni executado junto com mais oito companheiros na Nigéria em 1995, que envolveu a multinacional Shell e a própria ação, no mínimo equivocada, de algumas grandes organizações não governamentais internacionais.<sup>186</sup>

Continuando:

Ainda recentemente, no ano 2000, o Banco Mundial aprovou empréstimos no valor aproximado de 200 milhões de dólares somente para o projeto do oleoduto Chade-Camarões, área onde atuam a Exxon Mobil e a Chevron.<sup>187</sup> O Banco Mundial, ao mesmo tempo que continua dando apoio a esses grandes e gigantescos projetos, vem procurando assimilar, à sua maneira, as duras críticas que lhe foram dirigidas, sobretudo pelos ambientalistas, nos anos 1970 e 80 por seu apoio à construção de grandes barragens, estradas e outras grandes obras de infraestrutura para a expansão do desenvolvimento. Procurando incorporar as críticas, o Banco Mundial vem mantendo um Programa de Pequenos Projetos, de ajuda a pequenas comunidades (...)

No caso da questão ambiental, especificamente, grande parte dos recursos para as políticas para o meio ambiente nos países pobres vem do Banco Mundial e outras instituições multilaterais. Essas instituições vêm estimulando fortemente a participação de organizações não governamentais a pretexto de que esses países não dispõem de recursos suficientes para cuidar do desenvolvimento e do meio ambiente, porque seus governos são tidos como incompetentes e corruptos (eis a colonialidade do poder rediviva) e,

<sup>186</sup> PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **O desafio ambiental**. Org. Emir Sader. Rio: Record, 2011.

<sup>187</sup> **FRIENDS OF THE EARTH** (2001), "Pela eliminação progressiva do financiamento de instituições financeiras internacionais para os projetos de mineração e combustíveis fósseis – em favor da autodeterminação das comunidades locais". Documento distribuído no Fórum Social Mundial, em Porto Alegre.

por isso, devem ser substituídos pelas organizações não governamentais, cujo financiamento se faz segundo a agenda do Banco Mundial e outros organismos internacionais. Insisto na precisão neoliberal da expressão *não governamental*, que é significativa do universo ideológico em que opera.<sup>188</sup>

As afirmações de Porto-Gonçalves (2011) nos levam a mais de uma reflexão:

1 – *No pequeno bosque que circunda o parque Mata Atlântica (tão pequeno que cabe todo numa fotografia) há uma placa com o que segue: “Bosque de Heidelberg em Atalanta SC – Heidelberger Wäldchen in Atalanta SC - Plantio 3.500 mudas – ano 2002 – Execução: APREMAVI”. (há também uma logomarca da APREMAVI) – Apoio: BUND – Heidelberg.* Fica absolutamente claro que dinheiro internacional circulou para que aquelas parcas 3.500 mudas fossem plantadas num dito país subdesenvolvido, mais exatamente na área desta pesquisa. Qual a inocência ou não da presença de uma “BUND – Heidelberg”, a princípio alguma organização alemã que “colaborou” com a preservação da vida num distante rincão desconhecido? Sérios cidadãos alemães teriam desembolsado parte da sua pecúnia para que o mundo tivesse mais 3.500 árvores que um dia lhes proporcionariam o oxigênio que poderia vir a faltar, caso não se mobilizassem? Ou interesses outros estariam comprometidos no plantio dessas 3.500 mudas silvestres? Consultamos um dicionário de alemão/português<sup>189</sup>, onde constatamos que a palavra Bund significa “liga, ligadura, aliança, confederação”. Por desconhecermos a língua alemã, pedimos à antropóloga Sabine Kiefer<sup>190</sup>, de Colônia, Alemanha, se tinha alguma informação sobre tal organização. Eis a resposta: “A BUND é uma organização nacional que cuida do ambiente e da natureza, fundada por jornalistas e cientistas em 1975. É a maior organização na área de preservação do meio ambiente. Se entende como organização que quer a conscientização da população e da política, mas sem instrumentos radicais e espetaculares. Tem dependências em todas as cidades maiores, como a de Heidelberg, por

<sup>188</sup> PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter, op. cit.

<sup>189</sup> LEP Bolso Alemão-Português. Organizado por Martin März. São Paulo: LEP, 1951.

<sup>190</sup> Kiefer, Sabine, via e-mail, em 07.05.2012.

*exemplo, mas aqui em Colônia também tem.*” Posteriormente, chegou-nos a informação de que tal organização foi fundada nos Estados Unidos<sup>191</sup>.

Pesquisando-se um pouco mais sobre tal assunto, encontramos a página da organização, que pode ser lida, inclusive, em língua portuguesa<sup>192</sup>. É uma página muito bonita esteticamente, como fotos de grande qualidade de flores, grupos de jovens e crianças felizes, crê-se que festejando a natureza e a vida. Leu-se o estatuto da organização, que pareceu impecável, etc. Nada foi encontrado que não fosse muito bonito, voltado para o bem-estar da humanidade. Na seção “torne-se um membro” há a informação de que apenas na Alemanha há 470.000 pessoas que são “amigos da terra”. Descobrimos que “Amigos da Terra” é o nome da Bund em português, e partimos para maiores pesquisas.

A página inicial do “Amigos da Terra” traz as seguintes informações:

Os AMIGOS DA TERRA - FRIENDS OF THE EARTH BRAZIL - é uma organização não governamental sem vínculos partidários ou religiosos e sem fins lucrativos. Para isso entendemos que temos que conservar a diversidade biológica no mundo, restaurando os *habitats* e biomas, assegurando que o uso dos recursos naturais renováveis seja sustentável, promovendo a diminuição da poluição e do consumo desperdiçador e recuperando a nossa qualidade de vida. Fundado em São Paulo em 1992, os Amigos da Terra - Friends of the Earth Brazil - têm por anos estado na frente dos esforços para criar um mundo mais saudável e mais justo, tendo como objetivo principal o de defender e preservar a natureza em todas as suas formas, promovendo o desenvolvimento sustentável do planeta, e valorizando a identidade física e cultural das comunidades humanas. Estamos ligados por laços de amizade e de objetivos a grupos de ambientalistas - grassroots - constituídos em mais de 100 países, que lutam para parar com a degradação do ambiente natural do planeta e para construir um futuro em que os seres humanos vivam em harmonia com a natureza.<sup>193</sup>

Como o estatuto da BUND, essa apresentação dos Amigos da Terra também nos parece inocente e bonita, com pessoas cuidando do meio ambiente em mais de 100 países, etc. Seria, no entanto, tal organização livre das corrupções ideológicas e outras que encontramos nas outras duas pesquisadas, como a WWF e o Greenpeace? Resolveu-se fazer uma rápida

<sup>191</sup> Disponível em: <<http://www.blogdoambientalismo.com/amigos-da-terra-foe-friends-of-the-earth/>>. Acesso em: 17 jan. 2014.

<sup>192</sup> Disponível em: <<http://www.bund-heidelberg.de>>. Acesso em: maio 2012.

<sup>193</sup> Disponível em: <<http://www.foebr.org/quemsomos.php>>. Acesso em: maio 2012.

busca nas relações existentes entre tais grandes organizações, e foram obtidos, num primeiro momento, os seguintes fatos:

- No dia 27 de janeiro, o **Núcleo Amigos da Terra Brasil e o WWF-Brasil** lançaram o livro *Mata Atlântica - A floresta em que vivemos*. O coquetel de lançamento do livro, aconteceu às 19 horas no auditório do Núcleo de Canela da UCS - Universidade de Caxias do Sul, em Canela (RS), na presença de representantes da Secretaria Estadual de Educação, do Ibama - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, Batalhão de Polícia Ambiental da Brigada Militar e dos principais órgãos ambientais governamentais e não-governamentais no Rio Grande do Sul.

Na ocasião, foram formalizadas as doações de livros para as instituições governamentais presentes. Como material de apoio, Amigos da Terra e WWF lançaram, no mesmo evento, folheto sobre a Mata Atlântica.

Com tiragem de 10 mil exemplares, os livros serão doados prioritariamente para bibliotecas de escolas e universidades, bem como a instituições governamentais e da sociedade civil relacionadas com a temática ambiental, como agências e órgãos de licenciamento e fiscalização, secretarias de educação e meio ambiente municipais e estaduais. Posteriormente, será lançada uma edição em inglês, que visa levar ao conhecimento de organizações de outros países o conceito de Floresta Atlântica.

O Núcleo Amigos da Terra Brasil, entidade que idealizou a obra, pretende que o conceito de Domínio da Mata Atlântica seja compreendido pela sociedade brasileira, e para isso obteve apoio da federação a qual pertence - Friends of the Earth International - e do WWF Brasil.

Escrito em linguagem acessível ao público leigo, o livro contém 71 páginas com informações e fotografias que apresentam as diversas formações vegetais que compõem o bioma Mata Atlântica.

Dados sobre espécies em extinção, o processo e as causas de destruição da floresta, assim como exemplos e caminhos de restauração, conservação e uso sustentável do segundo ecossistema florestal mais ameaçado de extinção do mundo também fazem parte da obra, totalmente impressa em papel reciclado.

Mais informações: (51) 3332 8884 / 9992 7537.

Fonte: Ecoagência de Notícias<sup>194</sup>

- Resultados de uma pesquisa do Instituto Datafolha publicados essa semana revelam que cerca de 80% da população não aprova as mudanças no Código Florestal. Além disso:

- 79% apoia o eventual veto da presidente, caso o Senado valide a proposta da Câmara;

- 84% afirma que não votariam em deputados e senadores que

<sup>194</sup> Disponível em: <<http://ecoviagem.uol.com.br/noticias/ambiente/amigos-da-terra-e-wwf-lancaram-livro-sobre-a-mata-atlantica-5397.asp>>. Acesso em: 12 maio 2012.

tenham votado a favor do perdão de desmatamento ilegal; - e 77% dos entrevistados apoiam a proposta da comunidade dos cientistas para adiar a votação no Senado, de forma a ter mais embasamento técnico-científico na nova legislação.

Em geral, a pesquisa revelou uma opinião pública com forte preocupação pela conservação das florestas. Em uma das perguntas, os entrevistados, mesmo os que não acompanharam a votação, tinham que dizer o que achavam melhor: priorizar a proteção de florestas e rios, ainda que isso penalizasse a agricultura, ou priorizar a produção agrícola, ainda que com efeitos ambientais negativos. A primeira opção foi escolhida por 85% deles.

Para o levantamento, 1.286 pessoas foram ouvidas em todo o país, entre os dias 3 e 7 de junho de 2011. A margem de erro é de 3 pontos percentuais, para mais ou para menos, dentro do nível de confiança de 95%. A pesquisa foi encomendada pelas ONGs **Amigos da Terra** – Amazônia Brasileira, IMAFLORA, AMAZON, Instituto Socioambiental, SOS Mata Atlântica e **WWF-Brasil**<sup>195</sup>.

E mais:

No dia 05/05/08 foi comemorado o Dia Mundial do Meio Ambiente. Houve uma Comissão Geral (espécie de audiência pública em plenário) do Meio Ambiente e da Amazônia realizada na Câmara dos Deputados com a participação do Exmo. Ministro Carlos Minc, o ministro do Superior Tribunal de Justiça (STJ), Antônio Herman Benjamin, e representantes de entidades da sociedade civil, entre elas o **Greenpeace** e **Amigos da Terra**.<sup>196</sup>

Abundam os exemplos das conexões que existem entre as diversas ONGs aqui usadas como exemplo, e suas interligações com a ONG ambientalista de Atalanta, seja via Rede Mata Atlântica, seja via BUND Heidelberg (Amigos da Terra Brasil). Se se pensar nos já citados exemplos ideológicos e de corrupção financeira existentes em tal universo, fica a grande indagação: qual a inocência que existe em quem comanda os diversos agentes que querem que Atalanta seja um exemplo estadual de Ecologia, quando, grosso modo, sua população nem sequer está vislumbrando a ideia ecológica e, provavelmente, nem sequer sonha com o universo perverso que se esconde por dentro e por detrás das grandes ONGs?

É notícia, enquanto se escreve estas linhas, fato inesperado, que se citará aqui como um detalhe escandaloso, tendo em vista as outras profundas imoralidades que estão entranhadas nas organizações que se conectam com a

<sup>195</sup> Disponível em:

<<http://www.sosmatatlantica.org.br/index.php?section=content&action=contentDetails&idContent=826>>. Acesso em: 12 maio 2012.

<sup>196</sup> Disponível em: <<http://greenpeacecdf.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 12 maio 2012.

ONG ambientalista de Atalanta: o rei Juan Carlo, da Espanha, fraturou o quadril numa caçada de elefantes.

Vejamos:

**Rei da Espanha (e do WWF-Espanha) caçando elefantes.**

Publicado 16 de abr. de 2012

Escrito por Breno Souza

O rei da Espanha Juan Carlo fraturou o quadril em uma viagem à África. Mas não em uma viagem comum, mas sim numa caçada (...) de elefantes (...). Podemos ver o rei posando ao lado do seu troféu. Só que (o rei) é presidente e um dos fundadores do WWF-Espanha.



(...) (tal) nos mostra que (a WWF) não é um paraíso de pessoas preocupadas com sua causa. Muito desse “movimento verde” escorrega na demagogia dos discursos. Grandes ícones, discursos bonitos, mas péssimos exemplos (...)<sup>197</sup>.

Como presidente e um dos fundadores da WWF-Espanha, torna-se difícil para um leigo, e mais ainda para um não leigo, compreender o rei da Espanha em plena África a matar animais. A foto aqui, no caso, não deixa margem a dúvidas: o elefante ao lado do qual pousa o rei da Espanha está absolutamente morto, e está sendo usado como troféu de caça, para uma foto que terá seu lugar em algum ambiente pessoal do rei. Tal atitude não é, absolutamente, a que se espera de um presidente nacional da WWF.

<sup>197</sup> Disponível em: <<http://scienceblogs.com.br/discutindoecologia/2012/04/rei-da-espanha-e-do-wwf-espanha-cacando-elefantes/>>. Acesso em: 12 maio 2012.



Voltando-se um pouco, há uma observação que se crê pertinente neste espaço: na própria página da Prefeitura Municipal de Atalanta, o item *“Turismo, é ilustrada com cinco fotos, sendo quatro fotos ligadas à propaganda ecológica e uma da Igreja Matriz, e dá destaque ao trabalho da ONG ambientalista local e reconstrução da Mata Atlântica, “fruto da conscientização dos agricultores descendentes de alemães e italianos”*. Uma reflexão que se abre aqui é o uso da expressão Bund Heidelberg e outras palavras em alemão como algo pejado de ideologia, já que a Bund, no Brasil, usa um nome em língua portuguesa. Não seria algo como um culto de descendentes de imigrantes a ajudar a toldar a visão que a cidade tem de si própria?

2 – Nas Jornadas Bolivarianas<sup>198</sup>, edição de 2012, cuja temática era o Caribe, ouviu-se a médica brasileira Maria Ceci Misozcky (UFRGS)<sup>199</sup>, que tem intenso trânsito entre o Brasil e o Haiti, falar sobre aquele país e sobre os traumáticos tempos que aquele país vive após o grande terremoto de 2010. Ela se referiu às diversas etapas da tentativa de reconstrução daquele país, e foi enfática ao falar sobre o período que classificou de “ongenização”, onde houve como que uma tomada de poder no Haiti por diversas ONGs. De momentos anteriores já se conhecia bastante sobre a realidade do Haiti para saber-se da grande necessidade que o povo daquele país tem de possuir terras e meios para produzir sua alimentação<sup>200</sup>. Misozcky falou do que seria algo como que “danoso” a ongenização do Haiti, quando militantes internacionais adentraram o país querendo ensinar como se deve proteger árvores, quando as pessoas precisam de terras para produzir alimentos, numa desconexão muito grande entre a teoria e a realidade. Que ONGs seriam essas, quem as estariam financiando? De onde teriam saído os militantes que se dirigiram àquele país? Seriam seres humanos inocentes que realmente acreditavam que se salvando as poucas árvores que restam ao Haiti se poderia salvar o país? Seriam seres humanos produto do cinismo das grandes corporações internacionais que têm

<sup>198</sup> Jornadas Bolivarianas: congresso anual organizado pelo Instituto de Estudos Latino Americanos na Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis/SC.

<sup>199</sup> MISOSCKY, Maria Ceci. **A realidade do Haiti**. Palestra nas Jornadas Bolivarianas. Florianópolis: IELA/UFSC, 2012.

<sup>200</sup> São diversos os fatores que aqui poderiam ser citados para justificar tal necessidade e esclarecer sobre a grande falta de alimentos no país que teve sua agricultura destruída criminosamente, mas não é este o momento. Ver: DOMINIQUE, Didier. **La cuestión nacional en Haití**. Disponível em: Disponível em: <<http://www.rebellion.org/noticia.php?id=67864>, 2008>. Acesso em: 06 maio 2012.

interesse em que aquele país seja sufocado, como a história mostra amplamente que se deseja que aconteça, desde que um povo negro ousou fazer um país no mundo dos brancos? Qual é o papel de uma ONG? E qual é o papel de uma ONG movida pelas grandes corporações internacionais? Ou de uma ONG ligada em rede com as maiores ONGs internacionais, as mais corruptas possíveis? Volta-se a Atalanta e à sua ONG ambientalista. Qual a inocência ou não desta ONG?

Voltando a Carlos Walter Porto-Gonçalves (2011):

Um bom caso para ser estudado é o da Funbio, uma organização não governamental estimulada pelo Banco Mundial, que lhe dá suporte institucional e financeiro, cujo objetivo é aplicar a Convenção de Diversidade Biológica nos diferentes países, nesse caso no Brasil. Atente-se para o formato institucional e de poder dessa ONG, que tem representantes de empresas e do governo, mas não é do Estado<sup>201</sup>. Eis o desenho que vem tomando o neoliberalismo ambiental, sobretudo a partir da segunda metade dos anos 90. Novas expressões e práticas políticas foram recentemente introduzidas no léxico político, como as *parcerias* (*partner-ships*, *partenariat*) em que se estabelecem alianças produtivas que, como salientam o colombiano Javier Marín e o mexicano Enrique Leff, constituem negociações de interesses nos marcos de uma “abismal desigualdade de poderes”<sup>202</sup>. Um dos casos mais ‘patéticos’ dessas parcerias podemos encontrar entre os indígenas Huaorani, no Equador, que concederam à transnacional italiana Agip Oil autorização para construir uma plataforma de petróleo, estender um oleoduto e extrair o petróleo da província norte-oriental de Pastaza em troca de a empresa entregar:

*“(...) a cada una de las seis comunidades Huaorani, una aula escolar, un curso de salud, una radio, una batería con panel solar, 50 quilos de arroz, 50 de azúcar, dos cubos de grasa, una bolsa de sal, um silbato de juez y dos balones de fútbol, 15 platos, 15 tazas y un armario con 200 dólares en medicinas, en una única partida.”*<sup>203</sup>

Esse exemplo de parceria entre comunidades e setor produtivo está longe de ser exceção, quando se vê a desproporção entre os recursos que o Banco Mundial destina ao seu programa de pequenos projetos e ao seu programa de grandes projetos.

Fica a pergunta: como os huaorani do Equador, os brasileiros de Atalanta não estarão aceitando pequenos bosques, corridas de moto numa festa ecológica, pequenas doações do Ministério do Turismo brasileiro e

<sup>201</sup> Considerando-se o caráter estratégico da biodiversidade, é, no mínimo, estranho que esse desenho político-institucional não venha merecendo maiores atenções críticas. (Observação de Carlos Walter Porto-Gonçalves) *Opus cit.*

<sup>202</sup> MARÍN, Javier. **Las huellas territoriales de la intervención desarrollista**, Colômbia: Revista TRAZA, 18 de abril de 2003.

<sup>203</sup> MARÍN, Javier, op. cit.

visitantes de médio brilho na sua cidade como os irmãos do Equador o fizeram, recebendo arroz, açúcar e sal em pequenas quantidades em troca de aplicações de violento retorno do capital em suas terras, como a construção de uma plataforma, passagem de um oleoduto, etc., por grande corporação estrangeira? Que outros interesses existem por detrás de uma ONG aparentemente inocente como a ONG ambientalista de Atalanta? Haverá manipulações que não conhecemos, que dessa ONG passam pela Rede Mata Atlântica e levam às grandes organizações internacionais, não governamentais ou governamentais?

Em rápida pesquisa feita no [www.google.com](http://www.google.com), cruzando “rede mata atlântica”+“banco mundial”, na data de 16.05.2012, encontraram-se 5.790 associações das duas entidades. Cruzando a ONG ambientalista de Atalanta com Banco Mundial, foram encontrados 1.760 resultados, na mesma data. Achou-se por bem citar um exemplo de tais relações, conforme segue:

#### **Alemães investirão na conservação da Mata Atlântica**

Autor: Philipp Stumpe. Publicado em 27/05/2004.

Nesta quinta-feira, no dia da Mata Atlântica, foram realizadas várias solenidades em Brasília. A primeira foi no Senado e a segunda no Palácio do Planalto, com a presença do Presidente em exercício, José Alencar.

A **coordenadora geral da Rede de Ongs da Mata Atlântica e também presidente da Apremavi** entregou mudas de Pau-Brasil produzidas no Viveiro Jardim das Florestas da Apremavi, enquanto pedia a criação do Parque Nacional da Serra do Itajaí e a aprovação do PL da Mata Atlântica no Senado.

#### ***Programas de preservação da Mata Atlântica recebem R\$ 70 milhões de banco alemão (...)***

Por

Ana Paula Marra, Repórter da Agência Brasil

(...) o governo alemão vai doar 17,69 milhões de euros, o equivalente a R\$ 70 milhões, para o desenvolvimento de programas de preservação da Mata Atlântica. O contrato foi firmado hoje, no Palácio do Planalto, entre Banco Alemão de Crédito para Reconstrução (KfW-Group), o Banco do Brasil e Ministério do Meio Ambiente, na solenidade em comemoração ao Dia Nacional da Mata Atlântica. Os projetos serão implementados por organizações não governamentais.

O presidente em exercício, José Alencar, lembrou a importância de o país preservar o pouco que ainda resta da área. “No passado, a Mata Atlântica já representou 15% do território nacional. Hoje, representa apenas 1% desse território. Aquela grande floresta é uma verdadeira imagem do passado, tendo em vista o que já se devastou”, disse Alencar.

A ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, cobrou, em regime de urgência, a aprovação no Senado Federal do projeto de lei da Mata Atlântica, que tramita há 11 anos no Congresso Nacional. “Durante os 11 anos que o projeto ficou na Câmara, foram destruídos um milhão de hectares de Mata Atlântica, dos 7% que ainda restam. A sociedade não pode esperar mais 11 anos para o projeto ser aprovado no Senado”, alertou.

Hoje o governo brasileiro também anunciou a liberação de **US\$ 800 mil pelo Banco Mundial**, para apoiar as ações de planejamento e implementação das políticas do governo para a Mata Atlântica.

Fonte: <http://www.radiobras.com.br/materia.phtml?materia=187318&editoria=><sup>204</sup>

Voltando a Porto-Gonçalves: o caso dos indígenas huaorani é emblemático para que compreendamos o deslocamento neoliberal que se vem operando na política global sobre e para essas comunidades e seus lugares e regiões. Relembremos que, ainda nos inícios dos anos 1990, essas mesmas comunidades huaorani lutavam contra 22 companhias petroleiras transnacionais que também contavam com a proteção militar do Estado equatoriano e que, à época,

(...) os huaorani do Equador lograram mobilizar organizações ambientalistas nacionais e internacionais contra a planejada exploração petroleira da DuPont-Conoco Oil Company em território indígena. A campanha de organização huaorani, que contou com o apoio da organização internacional indígena SAHC (Oakland, Ca) e do Sierra Club Legal Defense Fund (EUA), teve êxito e a companhia petroleira cancelou as operações em território indígena. As organizações de indígenas amazônicos peruanos obtiveram um êxito parecido, com o anúncio de cancelamento em setembro de 1991 do contrato da companhia petroleira Texas Crude, de Houston, Texas, com o governo peruano para a exploração da região de Pacaya Samiria no Amazonas indígena<sup>205</sup>.

Desde a segunda metade dos anos 1990 há um deslocamento da atuação de algumas grandes organizações não governamentais, não só com relação ao mercado, como também em relação à ação das corporações multinacionais e ao próprio Banco Mundial, quando muitas delas passam a pôr em prática uma visão acerca dessas instituições muito diferente daquela que a

<sup>204</sup> Disponível em: <<http://www.apremavi.org.br/noticias/apremavi/301/alemaes-investirao-na-conservacao-da-mata-atlantica>>. Acesso em: 16 abr. 2012.

<sup>205</sup> VARESE, S. **The Ethnopolitics of Indian Resistance in Latin America, A Working Paper** the Center for International Studies, Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, 1991.

maior parte das organizações populares vinha mantendo até então. Observemos que no universo discursivo do mundo das ONGs, cada vez mais se fala de profissionalismo, competência e agenda positiva, e menos em militância, amadorismo e contestação.<sup>206</sup>

Tudo indica uma séria mudança dos papéis das organizações não governamentais, cada vez mais a serviço do capital neoliberal, da ideologia do “estado menor”. Vejamos:

Em *Le Monde Diplomatique* de maio de 1998, o então secretário geral da Anistia Internacional afirma que as instituições financeiras internacionais e as sociedades transnacionais “*devem utilizar sua influência para tratar de pôr fim às violações dos direitos humanos cometidos pelos governos e pelos grupos armados de oposição nos países onde operam*”.<sup>207</sup>

Depois de indicar que o silêncio das grandes empresas não é neutro, o secretário geral da Anistia Internacional assinala que, enquanto o mundo fazia campanha para evitar a execução de Ken Saro-Wiwa<sup>208</sup> e mais oito ogoni na Nigéria em 1995, sua ONG exortava a companhia petroleira Shell a intervir, mas que a empresa se negara, alegando que não podia intervir na política interna nigeriana. O secretário geral da Anistia Internacional se referia à Shell “como uma empresa muito influente na Nigéria, que podia interceder com todo o seu peso diante do governo do país”, atribuindo, assim, um papel político de defesa dos direitos humanos a empresas que sempre se caracterizaram por apoiar governos que estavam no banco dos réus com relação aos direitos humanos.<sup>209</sup>

É uma inversão de papéis que vem junto com a ideologia neoliberal, uma nova forma de o capitalismo organizar e reorganizar o mundo segundo seja mais vantajoso aos seus donos, não importa nada se tudo tenha que ser invertido.

(...) As organizações não governamentais estão cada vez mais implicadas nos conflitos e não necessariamente mais do mesmo lado em que se encontravam nos anos de 1970 e 80, como o caso dos huaorani e dos ogoni demonstram.

No Brasil, enquanto os movimentos camponeses, como o dos seringueiros, conseguiram inventar uma unidade de conservação em que as populações originárias (...) detêm o controle da gestão dos recursos naturais, como a reserva extrativista, outras unidades de conservação vêm sendo propostas, *flexibilizando* esse princípio de defesa da natureza pelas próprias populações, conquistado com

<sup>206</sup> PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter, op. cit.

<sup>207</sup> TEITELBAUM, Alejandro. **Las grandes ONG y las sociedades transnacionales.**

Disponível em: Disponível em: <<http://alainet.org/active/show@text.hp3?key=4242>>. In: Carlos Walter Porto-Gonçalves.

<sup>208</sup> Os familiares de Ken Saro-Wiwa estão processando atualmente a Shell perante um tribunal de Nova York por cumplicidade no assassinato do líder ogoni. In: Carlos Walter Porto-Gonçalves, ibidem.

<sup>209</sup> PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter, op. cit.

muito sangue, suor e lágrimas pelos camponeses, indígenas e afrodescendentes.

Nas novas unidades de conservação que vêm sendo propostas, as populações originárias perdem a primazia no controle e gestão dos seus próprios recursos naturais, que passam a ser feitos por empresas e ONGs em nome do “uso racional de recursos naturais”, conforme as unidades recém-criadas de floresta nacional e de reserva de desenvolvimento sustentável. (...) (É coisa) marcada pela colonialidade do saber e do poder”.<sup>210</sup>

Diversas outras iniciativas do capital, como a criação das RPPN (Reservas Particulares de Patrimônio Natural<sup>211</sup>), em que as terras são apropriadas de modo privado, impedindo o acesso de grande parte da população aos recursos naturais (mais que propriedades privadas, a apropriação da natureza pelas RPPN vem se transformando em propriedade privada capitalista).

(...) mais do que uma avaliação teórica de um analista das contradições socioambientais com que nos defrontamos, as novas relações implicadas nesse contexto de neoliberalismo ambiental vêm sendo claramente percebidas pelas próprias populações envolvidas.<sup>212</sup>

Porto-Gonçalves (2011) nos traz o exemplo dos indígenas organizados em torno da Cordinadora de las Organizaciones Indígenas de la Cuenca Amazónica (COICA), que captaram, com grande lucidez, o que acontece e declararam, dentre outras coisas:

Frente à incursão de empresas extrativistas nos territórios ancestrais indígenas, a COICA os declara espaços de paz e desenvolvimento para a sobrevivência dos povos indígenas. Por isso, exige dos governos que reforcem a demarcação e legalização destes territórios, que declarem a alguns deles zonas intangíveis, que revisem os contratos com estas empresas, que formulem políticas e estratégias que respeitem os direitos coletivos dos povos indígenas.<sup>213</sup>

Considerando que “os projetos que desenvolvem algumas instituições com os povos indígenas muitas vezes beneficiam mais as primeiras que os últimos”, os dirigentes da COICA **resolveram estabelecer mecanismos de monitoramento e avaliação dos recursos que cheguem a favor dos povos indígenas**. Também se comprometeram a lutar para que estes recursos não alimentem a

<sup>210</sup> PORTO-GONÇALVES, op. cit.

<sup>211</sup> Há que se lembrar que em Atalanta se realizam assembleias estaduais de donos de RPPNs, durante a Ecofest.

<sup>212</sup> PORTO-GONÇALVES, op. cit.

<sup>213</sup> COICA. **Documento da reunião do Conselho de Coordenação e do Conselho Diretivo da Coordenadoria das Organizações Indígenas da Bacia Amazônica**, com representantes de 400 povos indígenas. Quito, Equador, de 07 a 11 de abril de 2003.

burocracia de certas ONGs e **esclareceram que estas não estão autorizadas a arrecadar fundos em seu nome (...).**<sup>214 215</sup>

Como se vê, a desconfiança que existe em relação a diversas ONGs, no caso, principalmente as de fundo ambiental, atravessa fronteiras e causa muitas dúvidas sobre a seriedade tanto financeira quanto ideológica de muitas delas. Há que se retornar ao campo desta pesquisa, ao microcosmo, que é a cidade de Atalanta, que se inscreve no mapa por meio de uma ONG que, a princípio, é tão inocente quanto se sonha que uma organização assim seja, realmente preocupada com a natureza e o futuro do planeta, mas de uma forma que aparenta ser um tanto quanto duvidosa, interligada por meio da Rede Mata Atlântica e outras com as mais perversas entidades não governamentais internacionais que se conseguiu mapear nesta pesquisa, que surgiu a partir de uma real preocupação com a vida sobre o planeta e sobre os equívocos que mais ou menos puderam ser observados em trabalho de campo dentro da comunidade que se autorrotulou como Capital Catarinense da Ecologia.

### 3.1.8 Voltando a campo: as autoridades de Atalanta

O trabalho de campo realizado em Atalanta com a população comum aconteceu no ano de 2011 e deixou suas impressões.

No final de abril de 2013, respeitando os 100 dias do novo governo, voltou-se àquela cidade para entrevistar as autoridades municipais, bem como o representante da ONG ambientalista local.

O presidente daquela entidade estava viajando – partira na semana anterior para a Alemanha por 40 dias, de onde seguiria para a Itália, conforme nos foi amplamente informado nas entrevistas posteriores. No seu lugar estava uma das fundadoras da ONG ambientalista local, e que, no passado, chegou a ser coordenadora geral da Rede Mata Atlântica. Ela nos recebeu na sede da entidade, respondeu à nossa entrevista e nos informou de novidades que desconhecíamos sobre as realidades de Atalanta e da ONG. Essa última, hoje,

---

<sup>214</sup> Grifos da pesquisadora.

<sup>215</sup> PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter, op. cit.

ampliou-se de tal forma que se ramifica até o Paraná e até a distante cidade de Chapecó. Estava presente um jovem biólogo que pertence à ONG ambientalista/Chapecó, e que também nos concedeu uma entrevista.

Uma das informações recebidas da pessoa que representava a ONG é que, neste momento, está-se terminando de construir o Centro Ambiental Jardim das Florestas (foto 23) junto a um dos viveiros de mudas, o que nos foi mostrado por um engenheiro florestal muito solícito. É uma bela construção de três pisos com diversas utilidades, conforme veremos a seguir, mas que nos espantou, principalmente, pelo detalhe de que possuirá um elevador panorâmico.



Foto 23: Sede do Centro Ambiental Jardim das Florestas, Estrada Geral s/n, Alto Dona Luiza, Atalanta, SC.

Fonte: <<http://www.minhocanacabeca.com/centro-ambiental-esta-ficando-pronto/>>, 2014.

Considerando que Atalanta é uma cidade horizontal, tendo como mais alto ponto construído a torre da igreja católica, e que se espraia sobre suaves ondulações do terreno, a existência de um elevador panorâmico em estrutura



de tão pequena altura é algo realmente surpreendente. Não se resistiu a perguntar quem financiara aquilo. Nosso simpático guia nos informou que tudo viera como doações – e já que alguém resolvera doar um elevador panorâmico, não havia por que não instalá-lo. Perguntou-se quem fora o doador de tal elevador, e a resposta foi um vago “Foi um empresário...”.

Era uma manhã bonita e fragrante, a recepção na ONG ambientalista fora relativamente boa e nosso guia estava sendo muito amável – tendo em vista que o nosso propósito, naquele momento, eram as entrevistas, não havíamos nos detido a fazer reflexões outras, até aquele momento, mas não houve como não passar a refletir sobre a quantidade de dinheiro que circula naquele lugar por conta da ONG ambientalista (ou de outros desdobramentos?) diante daquele elevador panorâmico.

Transcreve-se, a seguir, parte da entrevista da representante da ONG:

(..) A APREMAVI neste momento, está terminando de construir o Centro Ambiental Jardim das Florestas. A finalidade é a de ampliar os trabalhos acontecidos não só em Atalanta como também em todo o Alto Vale, no Oeste do Estado e no Paraná. Ele vem para servir de centro de capacitação para quem tiver interesse em projetos ambientais. A APREMAVI tem uma equipe técnica relativamente grande, bastante capacitada, e desenvolveu nestes anos um *know-how* relativo a projetos ambientais bastante interessante. Eu diria que, mesmo tendo desafios, Atalanta hoje faz muito mais jus ao título de Capital Catarinense da Ecologia do que há dez anos atrás. Houve muitos avanços. O Centro de Educação Ambiental vai promover cursos – desde o nível básico até universitário, mais planos para a Mata Atlântica, de manejo, conservação, criação de RPPN, etc., etc. A inauguração será a 13 de julho de 2013. Haverá lá, inclusive, um museu com a história ambientalista catarinense. O grande sonho é, quem sabe, Atalanta ser a capital ecológica do Brasil. O trabalho é árduo, mas não é difícil. As ferramentas estão ao alcance de todo o mundo (...)<sup>216</sup>

Dentre as autoridades locais, foram entrevistados o prefeito Tarcísio Polastri; a secretária de Turismo e Meio Ambiente, Jaqueline Pesente; a de Educação, Claudete Demarchi Bilcke; o secretário da Saúde, Aloysio May; o de Agricultura, Diomar Alberton e os vereadores Edson Kurtz e Joares Miguel Rodermeel, além da diretora da Escola Frederico Rola, Kátia Raquel Testoni Longen.

---

<sup>216</sup> Entrevista gravada pela pesquisadora em 23.04.2013, na sede da ONG ambientalista, em Atalanta/SC.

Foram feitas apenas duas perguntas abertas a cada um dos entrevistados, conforme segue:

1 – Como surgiu Atalanta como capital ecológica, quais os aspectos positivos disto para a cidade e qual o papel da Apremavi neste processo?

2 – O que é ecologia para o senhor?

As entrevistas foram gravadas em arquivo de voz, que foi devidamente arquivado.

O que se observou com bastante ênfase foi um certo clima de euforia entre tais personalidades quanto ao que acontece nesta altura em Atalanta por conta da sua “ambientalidade”. Seria necessário conhecer-se a vida e a trajetória de cada um dos entrevistados para compreender-se o porquê de tal estado de espírito ligado ao título ecologista da cidade. A maioria dos entrevistados referiu-se a Atalanta como uma cidade que era desconhecida, e que, graças à sua nova atitude ambientalista ligada às iniciativas da ONG local, hoje é conhecida “nacionalmente e até internacionalmente”.

Acontece que há pouco tempo esteve na cidade um jornalista italiano, o Sr. Roberto Peluchhi, que disse ser jornalista do La Gazzetta Dello Sport de Bérgamo, Itália, que lá foi muito bem recebido, e que na sua volta à Itália publicou uma bonita reportagem sobre Atalanta, inclusive com fotos. Tal reportagem, devidamente vertida para o português, é orgulhosamente exibida na prefeitura da cidade. Encontrou-se a seguinte nota na Internet:

No dia 31 de janeiro o município de Atalanta recebeu uma visita especial. Roberto Peluchhi, Valerio Ferratti, Berzi Giuliana e Mário Mocatti das cidades de Roma e Bérgamo, na Itália, vieram conhecer o município que tem o mesmo nome de um de um time de futebol italiano, o “Atalanta Bergamasca Calcio”. Roberto Pellucci é jornalista do “La Gazzetta Dello Sport”, um dos maiores jornais da Itália e está elaborando um livro sobre o time que também contará a história do município da nossa querida Atalanta.<sup>217</sup>

A presença desse jornalista em Atalanta teve tal importância que, entre outras coisas, deverá mudar a página da prefeitura: no lugar onde diz que o nome Atalanta se deve à da terra natal da avó de um dos seus fundadores.

---

<sup>217</sup> Disponível em: <<http://teiadogestor.wordpress.com/2013/02/07/comitiva-italiana-visita-atalanta/>>. Acesso em: 08 maio 2013. Tal informação também consta da página da Prefeitura Municipal de Atalanta e da página da Apremavi.

Segundo o jornalista, não existe um município na Itália com tal nome. Aventou-se que poderia ser um lugarejo, uma pequena aldeia de onde poderia ter vindo a tal avó, mas nossa observação não teve repercussão – o que interessa, agora, é que na Itália existe um time de futebol com o nome de Atalanta, um time que já foi grande e que na década de 1960 chegou a ser campeão italiano uma vez. Há uma ideia plantada entre os entrevistados, e também entre algumas outras pessoas com quem se falou, de se trazer o clube italiano para jogar uma partida de futebol com o Atalanta brasileiro, no campinho modesto que existe na cidade.

O jornalista em questão parece exercer grande influência nas atuais autoridades do município de Atalanta, pois pediu para que não se mude a página da prefeitura antes que ele publique um livro que está quase pronto e que, provavelmente, irá falar no assunto.

A princípio, acreditou-se que ele tem algum envolvimento com algum movimento ambientalista, pois o atual presidente da ONG ambientalista, em viagem pela Alemanha, irá em seguida à Itália para alguma coisa que não ficou muito clara a respeito de reciclagem de lixo sólido, e que se subentendeu que envolve esse jornalista.

Procuramos saber mais sobre o assunto, e encontramos diversas notícias, como a que segue, retirada da página da ONG ambientalista:

No último dia 14 de maio, o presidente da Associação de Preservação do Meio Ambiente e da Vida (Apremavi) e a sua secretária executiva, tiveram um importante encontro na cidade de Bérgamo, no norte da Itália, onde foram recebidos pelo prefeito Franco Tentorio. Neste ato, o presidente da Apremavi, também representou oficialmente o prefeito da cidade de Atalanta (SC), Tarcísio Polastri. O objetivo do encontro foi a busca por uma parceria na área cultural e ambiental entre a cidade de Bérgamo e a cidade catarinense.

As duas cidades têm algo em comum. O clube de futebol que representa a cidade de Bérgamo na 1ª divisão do campeonato italiano coincidentemente se chama Atalanta Bergamasta Calcio.

Pesquisas recentes e aprofundadas, concluíram que o nome da cidade catarinense de Atalanta foi dado em homenagem à conquista da Copa da Itália pelo clube bergamasto no ano de 1963. Na época, o presidente da câmara de vereadores do município de Atalanta, Ernesto Pagliolli, resolveu mudar o nome do município, que antes se chamava Serra do Pitoco, para o nome atual, em homenagem ao grande feito do clube da cidade natal de sua família, que eram torcedores apaixonados do clube.

Antes da pesquisa, todas as versões sobre o nome da cidade brasileira apontavam que o mesmo era em função que na Itália existia uma cidade com esse nome, algo que não é verídico. Além da pesquisa feita no Brasil, o jornalista Roberto Pelucchi do Jornal Gazzetta Dello Sport de Milão e Mario Moroti, morador da região de Bérgamo e profundo conhecedor do clube, fizeram esta mesma pesquisa na Itália e concluíram que a origem verdadeira do nome é em função da conquista da Copa da Itália.

Durante a audiência, o presidente da Apremavi e o prefeito Tentorio manifestaram interesse mútuo em buscar futuras parcerias na área cultural e ambiental envolvendo ambos os municípios. Grande parte da população de origem italiana do município de Atalanta é descendente de imigrantes vindos da região de Bérgamo.

O prefeito de Bérgamo manifestou-se positivamente ao convite feito pelo presidente da Apremavi e pelo prefeito Polastri para que venha conhecer a cidade de Atalanta no Brasil.

Essa aproximação repercutiu positivamente na Itália e teve destaque em dois dos mais importantes jornais italianos. Esse primeiro contato entre os municípios dos dois países serviu para abrir as portas para futuros intercâmbios.<sup>218</sup>

Além de fotos, a matéria acima traz dois arquivos em pdf que comprovam que os jornais italianos também estão dando cobertura ao encontro acima descrito.

Também se procurou saber sobre o time de futebol de nome Atalanta, e são vastas e amplas as informações a respeito. *“A Atalanta Bergamasca Calcio é um clube italiano de futebol da cidade de Bérgamo que disputa a Série A do Campeonato Italiano de Futebol. (...) A Atalanta surgiu em outubro de 1907, mas só se tornou o clube que é hoje em 20 de fevereiro de 1920, quando se fundiu com um outro clube da cidade de Bérgamo, chamado Bergamasca (...) O único título realmente de expressão da história da Atalanta foi conquistado em 1963, quando o time de Bérgamo conquistou a Copa da Itália<sup>219</sup>.”* Portanto, tal time de futebol existe e já é centenário.

O que se pode notar junto às autoridades do município é um momento em que se vive o sonho de uma Atalanta famosa, conhecida nacional e internacionalmente por causa do seu ecologismo e de outros fatores, como belezas naturais, boa receptividade da população, etc. A representante da

<sup>218</sup> Disponível em: <<http://www.apremavi.org.br/noticias/apremavi/773/historia-e-esporte-aproximam-as-cidades-de-atalanta-e-bergamo>>. Acesso em: 26 maio 2013.

<sup>219</sup> Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Atalanta\\_Bergamasca\\_Calcio](http://pt.wikipedia.org/wiki/Atalanta_Bergamasca_Calcio)>. Acesso em: 10 maio 2013.

Apremavi, inclusive, falou do seu sonho de tornar Atalanta a “capital brasileira da ecologia”. Nosso sentimento foi de que havia um exagero em tal entusiasmo, e, saindo de lá, se fez uma pequena enquete com 10 pessoas, perguntando: “Você já ouviu falar da Atalanta?” – em caso afirmativo, fazia-se uma segunda pergunta: “O que ouviu?” ou “Por quê?”.

O resultado foi o seguinte:

- 03 pessoas jamais ouviram falar de tal lugar;
- 01 julgou que sim, mas, na verdade, estava confundindo o nome com a cidade de Atlanta, nos EUA;
- 02 já tinham ouvido falar, mas não sabiam o quê – resultado indefinido;
- 01 havia visto tal nome na lista amarela da lista telefônica;
- 01 tinha um amigo que tinha um sítio lá, e visitara o amigo;
- 01 lembrava-se da Garota Atalanta, participante do concurso de beleza “Garota Verão”, realizado no estado de Santa Catarina;
- 01 uma morava em cidade próxima quando criança, e então ouvira falar daquela localidade.

Fez-se uma nova pergunta a cada um: “Você já ouviu falar que Atalanta possui uma grande ONG internacional?”. E então se obteve resultado zero.

Frisa-se aqui que entre essas pessoas havia variedade de idades e de nível de instrução, algumas tendo, inclusive, curso superior. Ressalta-se que nenhuma era da área da biologia/ecologia. Todas moravam na cidade de Blumenau/SC, relativamente próxima da área de pesquisa.

Crê-se que se está muito longe de se ter uma cidade de Atalanta “conhecida em todo o país e no exterior”.

Na visita que se fez à sede da ONG ambientalista, também se recebeu como brinde uma série de publicações, numerosos e de todos os tipos de divulgações socioambientais possíveis, com muitos patrocinadores, coisa que se espera quando a impressão de tais materiais são bastante caras. É vasta e ampla a rede de apoiadores e colaboradores da ONG ambientalista, incluindo desde pequenos apoiadores regionais até grandes apoiadores internacionais, como órgãos da Alemanha, da França, o Banco Mundial, a União Europeia, o

Governo Federal do Brasil, por meio, principalmente, do Ministério do Meio Ambiente, etc. Mas há que se considerar a legislação vigente.

### 3.1.9 A ilegalidade

**Presidência da República  
Casa Civil  
Subchefia para Assuntos Jurídicos**

**DECRETO Nº 6.170, DE 25 DE JULHO DE 2007.**

**CAPÍTULO II  
DAS NORMAS DE CELEBRAÇÃO, ACOMPANHAMENTO E  
PRESTAÇÃO DE CONTAS**

Art. 2º É vedada a celebração de convênios e contratos de repasse:  
II - com entidades privadas sem fins lucrativos que tenham como dirigente agente político de Poder ou do Ministério Público, dirigente de órgão ou entidade da administração pública de qualquer esfera governamental, ou respectivo cônjuge ou companheiro, bem como parente em linha reta, colateral ou por afinidade, até o segundo grau; e (Redação dada pelo Decreto nº 6.619, de 2008)

II - com entidades privadas sem fins lucrativos que tenham como dirigente agente político de Poder ou do Ministério Público, dirigente de órgão ou entidade da administração pública de qualquer esfera governamental, ou respectivo cônjuge ou companheiro, bem como parente em linha reta, colateral ou por afinidade, até o segundo grau; e (Redação dada pelo Decreto nº 6.619, de 2008)

Diante do que é decidido pela lei brasileira e do que temos observado com algumas pessoas da cidade de Atalanta e da ONG Ambientalista, parece haver alguma diferença, tanto que segue um pequeno levantamento de alguns dados:

**Apremavi tem nova Diretoria e faz plantio do Clima Legal na chuva**

Autor: Geraldine Marques Maiochi e Miriam Prochnow. Publicado em 13/07/2009.

(...) No dia 11 de julho de 2009, aconteceu no auditório do Parque Natural Municipal da Mata Atlântica em Atalanta (SC), a Assembleia da Associação de Preservação do Meio Ambiente e da Vida (Apremavi). Apesar do dia frio e nublado, 28 associados se fizeram presentes, inclusive alguns de lugares distantes, como Antonio Padilha de São Paulo, Felipe Bonfanti e esposa de Bento Gonçalves, Nara Guichon de Florianópolis, Sergio Blanco de Jaraguá do Sul e Odair e Zeli Andreani de Blumenau, além, claro, dos sempre presentes sócios de Rio do Sul e Atalanta.

(...) Em sua avaliação, Edegold Schaffer, presidente da Apremavi, comentou que durante a gestão 2007/2009, a Associação teve um grande crescimento em termos de diversidade de projetos, além da ampliação da equipe de trabalho e também das fronteiras, que ultrapassaram os limites de Santa Catarina, com projetos sendo executados, por exemplo, no Paraná: “isso representa também um grande desafio, que é o de executar com eficiência e incrementar os trabalhos iniciados, em plena crise econômica, e o de conseguir manter a instituição sempre pensando na sua sustentabilidade”, destaca Edegold.

A Assembleia outorgou o título de Associado Honorário às seguintes pessoas: Paulo Nogueira Neto, Leonardo Boff, Marina Silva e Augusto Carneiro, em reconhecimento às relevantes ações em defesa, preservação e recuperação do meio ambiente e dos recursos naturais da Terra.

A nova diretoria executiva e respectivos conselhos ficaram com a seguinte composição:

Diretoria Executiva:

Presidente: Edegold Schaffer

Vice-Presidente: Urbano Schmitt Junior

1ª Tesoureira: Valburga Schneider

2º Tesoureiro: Milton Pukall

1ª Secretária: Maria Luiza Schmitt Francisco

2º Secretário: Davide Moser

Conselho Fiscal:

Titulares: Eugênio César Stramosk, Pedro Adenir Floriani e Rainer Prochnow

Suplentes: Maria Rosélia G. da Costa e Rubens Scheller

Conselho Consultivo: Alexandre Tkotz, Almir da Luz, Cleusa M. K. Boing, Fábio Roussenq, Gabriel Schmitt, João de Deus Medeiros, Lauro Eduardo Bacca, Lucia Sevegnani, Miriam Prochnow, Neide Maria de S. M. Areco, Noemia Bohn, Odair Luiz Andreani, Silene Rebelo, Solange Steinheuser, Valmor Chiquetti. (...)

Para o plantio, um grupo de abnegados associados enfrentaram a chuva e o frio, comprovando que uma das características da Apremavi é a garra e a coragem de quem faz parte dela. Este plantio faz parte do Bosque comemorativo do Clima Legal, das Bodas de Prata da Miriam e do Wigold. As mudas que não puderam ser plantadas no sábado, por causa da chuva, foram plantadas na segunda-feira pela equipe da Apremavi.<sup>220</sup>

Esta pesquisa, nesta parte, vai-se ater a três personagens ligados àquela cidade e àquela ONG, parentes de primeiro grau entre si. É farta a literatura, tanto na página da ONG ambientalista local quanto em outras publicações, sobre duas dessas pessoas serem casadas e terem já

<sup>220</sup> Disponível em: <<http://www.apremavi.org.br/noticias/apremavi/548/apremavi-tem-nova-diretoria-e-faz-plantio-do-clima-legal-na-chuva>>. Acesso em: 30 maio 2013.

completado bodas de prata<sup>221</sup>. O terceiro personagem é irmão e cunhado dos demais<sup>222</sup>. Também é farta a literatura sobre dois deles serem fundadores da ONG ambientalista em 1987, e de estarem ligados àquela ONG desde então, ocupando nela cargos de chefia e outros. O terceiro aparece nas publicações da ONG um pouco mais adiante, mas em 2009 já se encontra como seu diretor executivo, e neste ano de 2013 permanece como diretor executivo<sup>223</sup>. Portanto, trata-se de três parentes completamente próximos.

Estas pessoas, ao longo do tempo, contrariando o que diz a lei brasileira mais acima (Decreto nº 6.619, de 2008), têm-se alternado em diversos lugares de poder em que circulam verbas proibidas pelo decreto. Tomemos alguns exemplos que envolvem um deles:

- de 06.11.2005 – Devastação avança em áreas preservadas. Fotos de Wigold Schäffer – equipe do Ministério do Meio Ambiente<sup>224</sup>.
- 08 e 09.05.2007 – Ministério do Meio Ambiente – Conselho Nacional do Meio Ambiente.
  - 4. Ordem do dia – Secretaria da Biodiversidade e Florestas do Ministério do Meio Ambiente, Wigold Schäffer – aprovada por unanimidade<sup>225</sup>.
- 25.10.2009 – Secretaria da Biodiversidade e Florestas (SBF) – Ministério do Meio Ambiente – Wigold Bertoldo Shaeffer<sup>226</sup>.
- 24 a 26.01.2011 – “Áreas de Preservação Permanente e Unidades de Conservação” – Ministério do Meio Ambiente – relatório elaborado por Wigold Bertoldo Schäffer e outros<sup>227</sup>.

Como ficou fartamente informado mais acima, o Ministério do Meio Ambiente tem colaborado diversas vezes com a Apremavi, bastando para isso serem consultadas as publicações, muitas das quais mencionadas nessa pesquisa – o que une os personagens, parentes de primeiro grau, de forma ilegal.

<sup>221</sup> Nome popularmente usado para quem comemora 25 anos de casamento.

<sup>222</sup> Disponível em: <<http://viajeaqui.abril.com.br/materias/a-guardia-verde-das-pequenas-propriedades-catarinenses>>. Acesso em: 30 maio 2013.

<sup>223</sup> Disponível em: <[www.apremavi.org.br](http://www.apremavi.org.br)>. Acesso em: 30 maio 2013.

<sup>224</sup> Disponível em: <[www.pick-upau.org.br/panorama/2005/2005.06.11/devastacao\\_avanca\\_em\\_areas.htm](http://www.pick-upau.org.br/panorama/2005/2005.06.11/devastacao_avanca_em_areas.htm)>. Acesso em: 28 maio 2013.

<sup>225</sup> Disponível em: <[www.mma.gov.br/port/conama/reuniao/dir895/result11aCTBiod2603.pdf](http://www.mma.gov.br/port/conama/reuniao/dir895/result11aCTBiod2603.pdf)>. Acesso em: 28 maio 2013.

<sup>226</sup> Disponível em: <[http://ashoka.org.br/blog/2009/10/25/wigold\\_bertoldo\\_schaeffer](http://ashoka.org.br/blog/2009/10/25/wigold_bertoldo_schaeffer)>. Acesso em: 28 maio 2013.

<sup>227</sup> Disponível em <[www.apremavi.org.br/27\\_01\\_13/institucional/estrutura\\_e\\_equipe](http://www.apremavi.org.br/27_01_13/institucional/estrutura_e_equipe)>. Acesso em: 28 maio 2013.



Como uma das personagens também foi Coordenadora Geral da Rede Mata Atlântica, que reúne algo como 300 ONGs ambientais (entre elas WWF, Greenpeace, etc.), rede esta intimamente ligada ao Ministério do Meio Ambiente<sup>228</sup>, havendo momentos em que ela acumulou as funções de Coordenadora Geral da Rede Mata Atlântica com a presidência da ONG ambientalista local<sup>229</sup>, torna-se mais sólida a observação de ilegalidade no agir destes personagens.

Como parente muito próximo dos dois cidadãos acima referidos, o terceiro, atual presidente da ONG ambientalista, também está ilegal na sua função, contrariando frontalmente a lei brasileira.

Só essa ilegalidade apontada por último já deslegitima o estatuto da ONG ambientalista, que parece inocente e nos faz pensar nas possíveis tantas verbas que circularão por meio dela, em nível nacional e internacional, tendo em vista os apoios/patrocínios listados (às págs. 150 e 151) pouco antes de tantas organizações nacionais e internacionais. Pensa-se num ditado popular que diz: “Não existe meio honesto. Ou se é honesto ou não se é”<sup>230</sup>, e quando se burla a lei sistematicamente, é porque algo não está certo.

Tendo-se visto, anteriormente, contradições, ilegalidades e ligações entre si de três outras ONGs, ou seja, a WWF, os Amigos da Terra e o Greenpeace, torna-se fácil entender como se formam parcerias e alianças entre elas com vistas a muitos lucros, como já se descreveu detalhadamente na história de Ted Turner, colaborador do Greenpeace.

Outro fato que também aconteceu na semana anterior a que se foi a campo foi um encontro lá havido, o VIII Encontro Nacional do Diálogo Florestal, que reuniu 30 pessoas de nove estados brasileiros, entre empresários e ambientalistas, o que esgotou totalmente a capacidade atual de hospedagem da cidade. Tais pessoas vieram, sobretudo, para observar o que acontece em Atalanta e levar modelos de lá copiados para suas cidades de origem. Há um orgulho latente entre as autoridades e outras pessoas de Atalanta diante de

<sup>228</sup> Disponível em: <<http://envolverde.com.br/ambiente/mata-atlantica-em-debate/>>. Acesso em: 01 jun. 2013.

<sup>229</sup> Disponível em: <<http://wwwespacoambiental.blogspot.com.br/2008/10/rma-elege-nova-coordenao.html>>. Acesso em: 01 jun. 2013.

<sup>230</sup> Disponível em: <[http://www.photossintese.blog.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1117:editorial-da-semana&catid=35:artigos&Itemid=53](http://www.photossintese.blog.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1117:editorial-da-semana&catid=35:artigos&Itemid=53)>. Acesso em: 01 jun. 2013.

tais eventos, que coloca sua cidade como conhecida “nacional e internacionalmente”. Tal evento consta da forma seguinte na página da Prefeitura Municipal de Atalanta:

#### **VIII Encontro Nacional do Diálogo Florestal é realizado em Atalanta**

Nos dias 16 e 17 de abril de 2013 aconteceu em Atalanta (SC) o VIII Encontro Nacional do Diálogo Florestal. O encontro contou com a presença de 33 representantes de ONGs socioambientais e empresas do setor florestal de 09 estados brasileiros (PR, SC, SP, MS, RJ, ES, BA, MG e PI).

A abertura foi feita por Ivone Namikawa da Klabin e por Edegold Schaffer da Apremavi, anfitriões do encontro. Miriam Prochnow fez um breve relato sobre as atividades mais recentes da secretaria executiva nacional (...) e a elaboração de documentos sobre políticas públicas, a serem encaminhadas aos órgãos públicos.

(...)

Wigold Schaffer, da Apremavi, apresentou os principais aspectos do novo código florestal (...)

Também foi decidido que o Conselho de Coordenação avançará na discussão sobre outros pontos importantes, como a compensação da Reserva Legal e os incentivos econômicos, visando ir além do estabelecido no texto do novo código (Florestal).

Os participantes do encontro tiveram ainda a oportunidade de conhecer várias iniciativas e experiências na área ambiental existentes em Atalanta, como: o Parque Natural Municipal da Mata Atlântica, o Viveiro e o Centro Ambiental Jardim das Florestas da Apremavi, projetos de restauração florestal, experiências de plantios com fins econômicos, experiências de enriquecimento de florestas secundárias, aspectos da organização e da silvicultura em pequenas propriedades da região, o programa Acolhida na Colônia e o programa Matas Legais, com o lançamento do vídeo sobre o programa. (...)

Publicado em 21/04/2013, no site [www.dialogoflorestal.org.br](http://www.dialogoflorestal.org.br) – por Miriam Prochnow<sup>231</sup>.

Portanto, depara-se com outra organização onde os nomes já observados de novo se encontram, e onde se fala em “*elaboração de documentos sobre políticas públicas, a serem encaminhadas aos órgãos públicos*”, o que parece ser fato comum sempre que se apresentam tais personagens, tal como já foi citado na entrevista verbal com a representante da

<sup>231</sup> Disponível em: <<http://www.atalanta.sc.gov.br/conteudo/?item=1219&fa=1&cd=161919>>. Acesso em: 01 jun. 2013.

ONG, conforme segue: “A ONG ambientalista tem uma equipe técnica relativamente grande, bastante capacitada, e desenvolveu nestes anos um know-how relativo a projetos ambientais bastante interessante.” Em tais entidade se fazem muitos projetos e seria importante ter-se a relação deles, seus reais custos e as verbas recebidas para suas execuções, mas não se está conseguindo chegar a tais dados.

Diversas coisas têm sido feitas pela ONG ambientalista para proteger a natureza e o meio ambiente, segundo informações da sua página, das publicações em papel que se recebeu, de outras informações constantes da Internet, das entrevistas feitas com as autoridades de Atalanta e do biólogo de Chapecó. Visualmente, a que mais se destaca é o viveiro de mudas “Jardim da Floresta”, com seu 1.000.000 de pequenas plantas que deverão se transformar em árvores, mas mesmo assim fica a dúvida se está sendo feito tudo o que é possível com os recursos recebidos pela ONG.

Tem-se presente o que acontece com o Banco Mundial, que financia os grandes projetos muitas vezes devastadores de regiões inteiras, e, ao mesmo tempo, mantém o programa de pequenos projetos que visa à “ajuda a pequenas comunidades, como que numa forma de colocar um véu aos grandes desastres ambientais (e humanos) que causa” <sup>232</sup>. É inegável que o Banco Mundial não faria tal coisa se não tivesse em vista grandes lucros – o que se poderia dizer da ONG ambientalista diante de tal perspectiva?

Uma das entrevistas mais lúcidas que fizemos em Atalanta foi com o prefeito municipal Tarcisio Polastri, o único dos entrevistados que tinha alguns dados sobre os quais ninguém sabia responder com exatidão. Por exemplo, Polastri nos contou que no município há quatro famílias já certificadas como agroecológicas, que produzem lavoura agroecológica. Até então, não se tinha conseguido apurar tal dado. Informou também o prefeito que há diversas outras famílias já trabalhando de tal forma, mas ainda sem certificação, na fase de transição – amplia-se a ideia no município.

Em todo o caso, para um município essencialmente agrícola, quatro famílias certificadas nos parecem muito poucas, principalmente se se considerar que a cidade é a Capital Catarinense da Ecologia desde o ano de

---

<sup>232</sup> PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. *Op. cit.*

2004, conforme lei de autoria do deputado Jailson da Silva, votada na Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, de nº 13.097.<sup>233</sup>

Também sabia Polastri um dado que desconhecíamos: que a merenda escolar brasileira já deve ter 30% dos produtos que a compõem sem agrotóxicos e/ou produtos químicos, e que tal percentual deve ser ampliado. Isso esgotaria totalmente a produção agroecológica do município, se ela já não tivesse destino certo desde o começo: tudo o que Atalanta produz sem agrotóxicos é vendido na feira livre de Blumenau ou em outros lugares – mais produtos houvesse, e maior seria a demanda.

No decorrer das entrevistas foram surgindo alguns assuntos novos que eram desconhecidos e que também foram esclarecidos com conhecimento pelo prefeito municipal.

Atalanta, hoje, é uma produtora de vinho sem agrotóxicos. Trata-se de um primeiro produtor que está fazendo vinho com grande sucesso. O vinho nem sequer chega aos supermercados – toda a produção é vendida tão logo fica pronta – os interessados buscam-na diretamente na casa do produtor. O sucesso do vinho sem agrotóxicos sugere ânimo para que mais produtores se interessem em produzi-lo também.

No decorrer das entrevistas, surgiram, também, diversas informações sobre pessoas ou grupo de pessoas estrangeiras que estariam comprando terras no município de Atalanta, mas havia alguns desencontros no que as pessoas sabiam. O senhor prefeito nos esclareceu que isso é verdade, que há pessoas e/ou grupos de pessoas, principalmente da Alemanha e da França, que estão comprando terras preservadas em Atalanta, notadamente na Serra do Pitoco (encostas da serra), e que não se conhece a intenção deles, e que ele presume que talvez seja para venda de sequestro de carbono. Inquirido se os estrangeiros não teriam, talvez, a intenção de no local plantarem eucaliptos, Tarcisio Polastri afirmou, com veemência, como os demais inquiridos, que aquelas pessoas que estavam comprando as terras queriam-nas para preservação de mata nativa. Um dos entrevistados falou na possibilidade de tais estrangeiros quererem as terras para fazerem RPP (Reservas Particulares) – na verdade, as autoridades do município não têm

---

<sup>233</sup> Informação da Prefeitura Municipal de Atalanta.

certeza do que acontece ou acontecerá com as terras que são adquiridas pelos estrangeiros. Polastri também falou de outros que compram terras no município para aproveitamento pessoal, mas, no caso, não são estrangeiros.

Referindo-se à ONG ambientalista, o prefeito a vê com bons olhos: se hoje Atalanta é a Capital Catarinense da Ecologia, deve-o a essa ONG, que foi quem lá começou a fazer preservação de matas ciliares, a ensinar sobre o tratamento do lixo e sobre a agroecologia. Também ele crê que a ONG tornou Atalanta conhecida em todo o país e em outros países, e se referiu com orgulho ao fato de naquele momento a ONG estar com uma equipe na Europa, fazendo contatos, principalmente, na Itália. Ele afirmou: “O que é bom a gente tem que elogiar. A ONG ambientalista é boa”. E, mais adiante: “Se não fosse a ecologia, o município não seria divulgado. Hoje se tenta o intercâmbio com a Itália e já se tem muitos contatos com a Alemanha e França”. Inquirido sobre quem seriam os franceses que estavam fazendo tal aproximação com o município (sabe-se dos contatos com a Alemanha por intermédio da Bund Heidelberg – Amigos da Terra, e com a Itália por meio do jornalista esportivo que lá esteve), o prefeito confessou não saber. “É coisa que fica a cargo da ONG ambientalista” – informou.

Tarcisio Polastri encerrou a entrevista dizendo-se orgulhoso quando aparecem visitantes por conta da divulgação que é feita do município devido à sua ecologia, como no nosso caso e o de diversos universitários que lá têm estado. E afirmou: “Se não fosse a ecologia, o município não seria divulgado” <sup>234</sup>.

Quanto à entrevista do biólogo provindo da ONG ambientalista/Chapecó/SC (um desmembramento e/ou “braço” da mesma ONG na cidade de Chapecó), ela não trouxe grandes novidades. Ouviu-se dele sobre projetos, planos de manejo, gestão participativa, apoio a comunidades vizinhas, geração de renda dos agricultores sendo ampliada em leque, apoio da Petrobras Ambiental, etc. Nada que se diferencie muito do que ocorre na matriz da ONG. Ficou muito claro, em todo o tempo em que estivemos na ONG ambientalista de Atalanta, que, além do desmembramento de Chapecó, também hoje existe outro desmembramento da mesma no vizinho estado do Paraná.

---

<sup>234</sup> Entrevista gravada com o Prefeito Municipal da cidade de Atalanta/SC, Sr. Tarcisio Polastri, feita no dia 23.04.2013.

Considerando o que diz Lago e Pádua<sup>235</sup>:

O desenvolvimento do pensamento ecológico atual e a maneira como ele chegou ao seu atual nível de abrangência parte da constatação de que o campo da Ecologia não é um bloco homogêneo, porque nele vamos encontrar os mais variados pontos de vista e posições políticas, e não é compacto porque em seu interior existem diferentes áreas de pensamento, dotadas de certa autonomia e voltadas para objetos e preocupações específicos. A princípio, podemos dizer que existem no quadro do atual pensamento ecológico pelo menos quatro grandes áreas, que poderíamos denominar de Ecologia Natural, Ecologia Social, Conservacionismo e Ecologismo.

A Ecologia Natural, que foi a primeira a surgir, é a área do pensamento ecológico que se dedica a estudar o funcionamento dos sistemas naturais (florestas, oceanos, etc.), procurando entender as leis que regem a dinâmica de vida da natureza.

A Ecologia Social nasceu a partir do momento em que a reflexão ecológica deixou de se ocupar apenas do estudo do mundo natural para abarcar também os múltiplos aspectos da relação entre os homens e o meio ambiente, especialmente a forma pela qual a ação humana costuma incidir destrutivamente sobre a natureza.

O Conservacionismo nasceu justamente da percepção da destrutividade ambiental da ação humana.

O Ecologismo vem se constituindo como um projeto político de transformação social, calcado em princípios ecológicos e no ideal de uma sociedade não opressiva e comunitária.

Abre-se toda uma discussão quanto ao valor que a palavra Ecologia vai ter no imaginário e nas realidades das autoridades da cidade de Atalanta e da ONG ambientalista local.

Quanto às demais entrevistas, apenas uma se destacou diante de tal pergunta, quando uma autoridade da prefeitura, sensatamente, informou que não sabia o que era ecologia, e que iria se informar melhor para saber no futuro. Todas as demais pessoas entrevistadas, incluindo a representante, fundadora e ativa participante da ONG ambientalista, ex-coordenadora geral da Rede Mata Atlântica, não souberam definir o que seria tal ciência.

Segundo essa senhora, Ecologia é algo ligado ao fato de sua mãe ter um belíssimo jardim florido no tempo em que ela era criança, ao fato de seu pai caçar e ela protestar, ao fato de seu pai pescar e ela acompanhá-lo de canoa, por dias inteiros, a uma certa “mágica” que a fazia falar com determinadas árvores – enfim, a alguns fatos do começo da sua vida que a colocavam em

<sup>235</sup> LAGO, Antonio; PÁDUA, José Augusto. **O que é Ecologia**. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1985.

contato com a natureza<sup>236</sup>. Em nenhum momento a palavra Ecologia diz para ela algo com alguma cientificidade. Considerando sua trajetória na ONG ambientalista de Atalanta, na Rede Mata Atlântica e em tantos outros lugares, como importantes congressos, etc., esperava-se dela uma visão mais científica sobre o que faz.

Pensando teoricamente, quando se começou esta pesquisa, fez-se um projeto para se trabalhar com a pequenina cidade de Atalanta e a sua ONG ambientalista, admirado que se estava de se ter deparado com aquela cidade com o título de Capital Catarinense da Ecologia, e visualmente tão pouco “ecológica”, com seus rios turvos e suas imensas plantações de pinus e eucaliptos. Em tal altura, não se imaginava que, pesquisando-se o imaginário daquela pequena população e o que mais acontecia naquele município, ir-se-ia dar de encontro com as grandes ONGs internacionais e outros órgãos internacionais, numa intrincada rede cheia de nós, tão complexa que não se consegue sequer imaginar todos os seus desdobramentos. Pela necessidade de terminar, por ora, a pesquisa, ficou-se num universo da cidade de Atalanta e de apenas quatro ONGs, ou seja, a WWF, a Greenpeace, a Amigos da Terra<sup>237</sup> mais a ONG que parecia local. Logo no início da pesquisa já começou a clarear a grande rede que unia estas e muitas outras, começando pela grande rede que é a Rede Mata Atlântica.

A partir da leitura de Orduna e de Porto-Gonçalves<sup>238</sup>, cada vez mais a grande rede com seus nós foi-se evidenciando, bem como as cumplicidades dela com grandes órgãos internacionais, como a Shell e o Banco Mundial, o que deixa a rede muitíssimo mais ampla, com uma visibilidade em nível planetário. Impressiona como, além de se ver como se forma a grande rede planetária, se forma também a pequena, cheia de nós também, como é o caso da ONG ambientalista local ir lançando “braços” para o oeste do estado de Santa Catarina e estado do Paraná e muitas das diversas relações de “apoio” às suas publicações, por exemplo. É como se todo o território planetário, em seus diversos níveis, estivesse coberto por essa impressionante rede tão

---

<sup>236</sup> Entrevista gravada com representante da Apremavi no dia 23.04.2013, na cidade de Atalanta/SC.

<sup>237</sup> ORDUNA, Jorge, op. cit.

<sup>238</sup> PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter, op. cit.

altamente interconectada que interfere nas relações de poder em quase todas as áreas possíveis.

Segundo Michel Foucault,

é fundamental não tomar o poder como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre os outros, de um grupo sobre os outros, de uma classe sobre as outras, mas ter bem presente que o poder – desde que não seja considerado de muito longe – não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detêm exclusivamente e aqueles que não o possuem e lhe são submetidos. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui e ali, nunca está em mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas, os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder, e de sofrer sua ação; nunca são alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. (FOUCAULT, 1989, p. 183)<sup>239</sup>

As relações de poder que perpassam pela pequena cidade de Atalanta são quase como que uma rede visível em termos macro e em termos micro, principalmente por intermédio da ONG ambientalista. Tendo ela se aliado, já nos idos de 1992, com outras e outras ONGs, algumas pequenas e quase invisíveis, mas também com grandes ONGs internacionais, sobre as quais já se discorreu anteriormente, notadamente por intermédio da Rede Mata Atlântica, patrocínios e apoios, que é o que podemos confirmar, aliou-se, também, a grandes órgãos de abrangência mundial, como o Banco Mundial e a União Europeia. Infelizmente não temos os números que deem o tamanho de tais alianças para com uma ex-pequena ONG do interior catarinense, mas muito apoio deve acontecer para que um órgão alemão venha plantar bosques de 3.500 mudas na pequena cidade e para que haja substrato suficiente para se fazer uma construção de três pisos, no meio da natureza, com elevador panorâmico! Torna-se tão evidente essa rede de relações de poder que, de alguma forma, ela extrapola fronteiras e chega à cidade um jornalista italiano que faz com que se mude, inclusive, a história da cidade. A alteração do significado do nome Atalanta na página da prefeitura daquela cidade ainda não aconteceu por pedido do mesmo jornalista, “pois ele está escrevendo um livro e quer que só se altere a informação na página da prefeitura depois que o livro

<sup>239</sup> In: BRITO, Leila. Disponível em: <<http://letraporletra.com.br/wordpress/?p=754>>. Acesso em 03 jun. 2013.



for publicado, conforme já havia sido citado.”<sup>240</sup> A macrorrede de poder é tão forte que impede até que se altere algo como duas linhas numa página da Internet na cidade de Atalanta, mesmo que seja duvidosa tal alteração. De qualquer forma, altera o imaginário das pessoas, tanto das pessoas humildes, que ainda podemos classificar dentro do pensamento de Mandeville<sup>241</sup>, quanto das autoridades e outras pessoas de importância no topo político-administrativo do município, e mesmo que esse imaginário já tenha sido ou esteja sendo mudado, a força das relações de poder internacionais é tão grande que não permite a mudança.

Esse “movimento” internacional se evidencia com as viagens internacionais dos integrantes da ONG ambientalista, como no caso de recente viagem à Alemanha e à Itália por 40 dias, conforme nos foi informado no mês de abril de 2013, via telefone, por pessoa que nos atendeu na ONG, para justificar a ausência do seu presidente, o que foi fartamente documentado na [www.apremavi.com.br](http://www.apremavi.com.br) nesse período. Para tal viagem seguiram dois integrantes da Apremavi, e as notícias que aparecem na página da ONG referida são as seguintes:

Publicação em 24.04.2013 – Mata Atlântica é atração na Alemanha

Na semana de 21 de abril de 2013, a Associação de Preservação do Meio Ambiente e da Vida (Apremavi) iniciou uma série de palestras sobre a Mata Atlântica e os projetos desenvolvidos pela instituição, em escolas da cidade alemã de Heidelberg.

Não por acaso, é uma semana especial, por conta de várias datas históricas e ambientais, como o dia de Tiradentes, o aniversário de Brasília e o dia mundial da Terra. Mas talvez o fato mais significativo, neste caso, seja o de que nesta semana completamos 513 anos da chegada dos europeus ao Brasil, que foi quando a destruição da Mata Atlântica começou. 513 anos depois, é a Mata Atlântica que vai à Europa para falar de sua importância para a manutenção da biodiversidade no Brasil e no mundo.

As palestras estão sendo proferidas por (integrantes da APREMAVI) presidente e secretária executiva da Apremavi, através de uma parceria, que existe desde 1998, com a ONG ambientalista alemã BUND e a cidade de Heidelberg. (...)

<sup>240</sup> Informação verbal do prefeito municipal de Atalanta, Tarcísio Polastri, em 27.04.2013.

<sup>241</sup> MANDEVILLE, Bernard de. Op. cit.

Ao todo serão ministradas, nesta semana, 07 palestras em escolas diferentes, envolvendo cerca de 600 estudantes.<sup>242</sup>

Há outra notícia de 03.05.2013, dizendo que a ONG ambientalista participara de ações ambientais na Alemanha.

Entre os dias 27 e 29 de abril, o presidente e a secretária executiva da Associação de Preservação do Meio Ambiente e da Vida (Apremavi) Edegold Schäffer e Grasiela Hoffmann, acompanharam uma comitiva da ONG ambientalista alemã BUND, da cidade de Heidelberg, até a Floresta Negra no sul da Alemanha.

O objetivo dessa viagem foi conhecer uma unidade de conservação regional que fica dentro do estado de Baden-Württemberg, onde se encontra o lago Wildes See.

Depois de mais alguns comentários, a notícia traz o fato de que a equipe conheceu, no dia 28.04.2013, uma verdadeira nevasca. O comentário que segue é: *“para nós brasileiros não poderia ter sido melhor, pois nunca tínhamos presenciado algo assim”*.<sup>243</sup>

#### **História e esporte aproximam as cidades de Atalanta e Bergamo**

No último dia 14 de maio, (Integrantes da ONG ambientalista de Atalanta), tiveram um importante encontro na cidade de Bérgamo, no norte da Itália, onde foram recebidos pelo prefeito Franco Tentorio. Neste ato, o presidente da ONGi, também representou oficialmente o Prefeito da cidade de Atalanta (SC), Tarcísio Polastri. O objetivo do encontro foi a busca por uma parceria na área cultural e ambiental entre a cidade de Bérgamo e a cidade catarinense.

As duas cidades tem algo em comum. O clube de futebol que representa a cidade de Bérgamo na 1º divisão do campeonato italiano, coincidentemente se chama Atalanta Bergamasta Calcio. (...)<sup>244</sup>

Se considerarmos que os representantes da ONG ambientalista deram sete palestras na Alemanha e usaram mais três dias para conhecerem algumas coisas na Floresta Negra, isso daria um total de, no máximo, dez dias de ocupações na Alemanha. Na Itália, para encontrarem o prefeito de Bérgamo, teriam gasto mais um dia, o que daria onze dias. Considerando-se os traslados, é possível que tenham usado algo como quatro dias para isso, o que daria quinze dias. Há que se pensar que se tratava de criaturas humanas que

<sup>242</sup> Disponível em: <www.apremavi.com.br>. Acesso em: 09 jun. 2013.

<sup>243</sup> Disponível em: <www.apremavi.com.br>. Acesso em: 09 jun. 2013.

<sup>244</sup> Idem.

estavam viajando e que deveriam ter tirado algum tempo para o descanso e o lazer – suponhamos que para isso teriam usado mais dois finais de semana, isto é, mais quatro dias – teríamos, então, 19 dias. Como a viagem era de quarenta dias, mais da metade dela não é noticiada pela página da ONG ambientalista que, crê-se, tem o mais alto interesse de noticiar os acontecimentos internacionais de que participa.

Quando se esteve na sede da ONG e na cidade de Atalanta, era informação comum, na boca de diversas pessoas, que tal equipe estava viajando pela Alemanha e depois iria à Itália para lidar com o conhecimento de reaproveitamento de lixo sólido ou algo assemelhado. Nada disso foi noticiado depois. Onde teriam ficado, por pelo menos vinte dias, os integrantes da ONG ambientalista na Europa? Estariam tirando merecidas férias ou teriam outras atividades que não foram noticiadas? De onde teriam saído os recursos para tal prolongada viagem? É algo bastante difícil de saber, embora deva mexer bastante com o imaginário ítalo-germânico dos moradores da cidade de Atalanta, cujos ancestrais vieram, um dia, exatamente desses dois países. Há uma ONG que surge no seu horizonte, que se localiza no seu território, que, de certa forma, coloca seu município no mapa e que tem poderes para viajar por prolongados períodos para as suas terras ancestrais, pousar ao lado de autoridades e ver nevascas. Presume-se que tais acontecimentos devam ter um grande peso no imaginário da população, ao menos das pessoas que têm acesso a elas e das autoridades. As autoridades, principalmente, se já não estavam sensibilizadas pela ONG, hão de se sensibilizar a partir daí, quando, aparentemente, glórias futuras serão esperadas para sua pequena cidade, como a possível visita do prefeito de Bérgamo e do time de futebol homônimo que talvez venha da Itália.

Também em nível federal são muito evidentes as forças que regulam o poder na pequena Atalanta, de novo capitaneadas pela ONG ambientalista e pela ideia ecológica lá lançada por ela. Em tais relações estão desde a necessidade de receber verbas para se fazer uma festa, até a presença de um filho da terra no Ministério do Meio Ambiente e tudo o que essa situação possa acarretar, por meio da Rede Mata Atlântica, Diálogo Florestal (VIII Encontro Nacional do Diálogo Florestal é realizado em Atalanta - Publicado em

21/04/2013)<sup>245</sup>, Matas Legais<sup>246</sup> (Seminário do Matas Legais aconteceu em Atalanta - Publicado em 23/05/2013) e talvez outras e outras que não se chegou a pesquisar, mas que de alguma forma se colocam em evidência a partir dos patrocínios e apoios das publicações recebidas.

O próprio prefeito de Atalanta coloca sua representação nas mãos do presidente da ONG ambientalista para representá-lo diante do prefeito de Bérgamo/Itália, o que denota uma grande confiança da autoridade máxima do município na ONG – ou já não seria a prefeitura a autoridade máxima do município? O senhor Prefeito falou que “Há que se elogiar o que é bom – a ONG é boa”. Há que se concordar com ele que a ONG ambientalista destacou Atalanta numa constelação de miríades de pequenos municípios do interior de Santa Catarina e do Brasil e que tal deve mexer com o imaginário e as emoções até do próprio prefeito municipal, sem contar as demais autoridades e outras pessoas. Mas seria esse destaque suficiente para a ONG ambientalista praticamente passar a representar o município, um município onde se está bastante longe dos ideais da Ecologia e onde estão tão visíveis, ainda, as matas alienígenas, os rios poluídos e a inconsciência coletiva do que seja Ecologia?

Todos esses elementos discutidos nessa parte da pesquisa demonstram como as questões ambientais são debatidas em redes e como suas ações também são feitas sobre esses meios, ou seja, não há ONG que consiga trabalhar e atuar sozinha, ela precisa estar em ligação com outras, até mesmo para captar recursos para suas atividades. A dinâmica em rede é a própria organização da vida contemporânea sobre o espaço geográfico. Nesse sentido, Moreira (2007, p. 57) demonstra que:

a organização em rede vai mudando a forma e o conteúdo dos espaços. É evidente que a teoria precisa acompanhar a mudança da realidade, ao preço de não mais dela dar conta. Uma vez que muda de conteúdo – já que ele é produto da história, e a história, mudando, muda com ela tudo que produz –, o espaço geográfico muda igualmente de forma. A forma que nele tinha importância principal no passado, já não a tem do mesmo modo e grau na organização no presente. Contudo, a tradição regional era tão forte que ainda por um tempo pensar-se-á os espaços das sociedades em termos regionais. A teoria da região não declina de importância, porém o papel matricial

---

<sup>245</sup> Disponível em: <[www.dialogoflorestal.org.br](http://www.dialogoflorestal.org.br)>. Acesso em: 08 jun. 2013.

<sup>246</sup> Disponível em: <[www.apremavi.com.br](http://www.apremavi.com.br)>. Acesso em: 08 jun. 2011.

da região é cada vez menos de forma chave da arrumação dos espaços reais.

No sentido do exposto, seria impossível ver e entender a sociedade de Atalanta desconectada do mundo pós-moderno, pois ela vive uma sociedade em rede que é a mobilidade territorial contemporânea, fruto de um processo histórico de transformação e configuração territorial, ou seja, seu espaço vivido, seu mundo vivido, cheio de interferências externas, fruto das transmutações da vida em rede, das trocas cotidianas.

E o desenvolvimento da rede de circulação inicia-se num movimento de desterritorialização de homens e mulheres, no caso aqui estudado, desde tempos muito antigos, desde que seus antepassados saíram da Europa para fazer a vida nessa parte da América. E há que se mencionar que são produtos e objetos que ocorrem em paralelo à evolução das cidades onde se vive e das redes, periodizando o processo da montagem e do desmonte do recorte que marca a vida no território, numa relação íntima de espaço e tempo. Com a organização em rede, o espaço fica simultaneamente mais fluido, uma vez que ao tornar livres a população e as coisas para o movimento territorial, a relação em rede elimina as barreiras, permitindo entradas e saídas, abre para que as trocas sociais e econômicas se desloquem de um para outro canto (MOREIRA, 2007), num contínuo processo, sem que possa se ter a paralização de tais processos sobre o espaço vivido pelos habitantes, mesmo que de uma pequena cidade como Atalanta.

Para Yi-Fu Tuan (1983),

(...) lugar é o sentido do pertencimento, a identidade biográfica do homem com os elementos do seu espaço vivido. No lugar, cada objeto ou coisa tem uma história que se confunde com a história dos seus habitantes, assim compreendidos justamente por não terem com a ambiência uma relação de estrangeiros. E, reversamente, cada momento da história de vida do homem está contado e datado na trajetória ocorrida de cada coisa e objeto, homens e objetos se identificando reciprocamente. A globalização não extingue, antes impõe, que se refaça o sentido do pertencimento em face da nova forma que cria de espaço vivido. Cada vez mais os objetos e coisas da ambiência deixam de ter com o homem a relação antiga do pertencimento, os objetos renovando-se a cada momento e vindo de uma trajetória, que é para o homem completamente desconhecida, a história dos homens e das coisas que formam o novo espaço vivido não contando uma mesma história, forçando o homem a reconstruir a

cada instante uma nova ambiência que restabeleça o sentido de pertencimento.

É no sentido das palavras de Tuan que se entende, em parte, o que ocorre em Atalanta, entre sua população e a ONG ambientalista que atua no território político-jurídico por eles vivido. Mas mais do que isso, o papel dessa ONG vem, lentamente, atingindo seu cotidiano, sua visão de mundo e inserindo-os na pós-modernidade, que é, a cada dia, mais “ambiental”, fazendo-os, em rede, mesmo sem saber ao certo onde estão, parte disso tudo, dessa grandiosidade que envolve um mundo que, em tese, se preocupa com o meio ambiente.

Isso gerará, no futuro, a convivência deles, os atalantenses, com uma nova ambiência que seja ambiental, bastando que eles viam seus olhos e pensamentos para os problemas vividos no seu território – as degradações socioambientais crescentes com os dejetos suínos, com as *plantations* de pinus e *eucaliptos*, além de outros que já foram enumerados nessa pesquisa.



*Atalanta, a engrenagem, a rede, por Nilson Cesar Fraga, 2010.*

**CONCLUSÕES, A/DA TESE**

Não basta ter belos sonhos para realizá-los.  
 Mas ninguém realiza grandes obras se não for capaz de  
 sonhar grande.  
 Podemos mudar nosso destino se nos dedicarmos à luta  
 pela realização, se crermos em nossos ideais.  
 É preciso sonhar, mas com a condição de crer em nosso  
 sonho; de examinar com atenção a vida real; de  
 confrontar nossa observação com nosso sonho; de  
 realizar escrupulosamente nossa fantasia.  
 Sonhos, acredite neles.

Lenin

As transformações que levam do espaço de um arranjo arrumado em matrizes regionais a um espaço de um arranjo arrumado em rede levantam o problema da linguagem, parafraseando Moreira (2007), pois as linguagens para o entendimento do papel das redes geográficas que definem Atalanta e seu modo de vida estão ligadas às redes que trouxeram os primeiros habitantes para o município de hoje; há toda uma história de vida que permite entendê-los territorializados. Desde mais de um século e meio de ocupação oficial do Vale do Itajaí, em Santa Catarina, sempre estiveram envoltos pelas redes de poder que definiram suas vidas; hoje, as redes ambientalistas que redefinem parte da vida na Terra estão sobre Atalanta, pois o tempo não para e eles não estariam isolados e dissociados desse mundo coisificado, como bem diria Milton Santos.

A ONG ambientalista que lá atua nada mais faz do que dar continuação a um processo de vida em sociedade, que sempre esteve, de uma forma ou outra, numa escala ou noutra, garantindo vínculos de trocas entre os seres humanos e fazendo-os coexistir planetariamente, sabendo que isso pode significar muitas coisas.

Atalanta não é centro de rede das ONGs ambientalistas, apenas está e faz parte delas, por meio da que atua sobre seu território. Mesmo que a população não entenda e sinta tal ligação em rede, a ONG ambientalista faz esse papel pelos atalantenses, incluindo-os, mesmo que eles não tenham pedido para fazer parte e, lentamente, tem agido de forma a fazer com que eles a sintam e a aceitem como algo bom e positivo, colocando-os, aí então, no centro deste mundo ambientalista, que vem avançando sobre todos os cantos do mundo contemporâneo.

Os estudos que culminaram com este trabalho final apontaram e concluem que o capitalismo transforma os aspectos da sociedade e da



natureza em coisas capitalizadas, e tudo passa a fazer parte inerente do capital, pois não se pode duvidar que, no final, tudo e todos são estoques do capital, passíveis de ser capitalizados, vendidos ou, até mesmo, trocados.

Assim, pode-se concluir, ainda, que os poucos espaços de natureza em Atalanta, como o Parque do Perau Gropp, são apenas mais uma mercadoria, pela própria construção social que ele representa, com sua parca vegetação; portanto, de grande interesse para ser vendido até mesmo em forma de uma festa popular municipal, criada a partir de uma relação socioambiental sem grandes reflexões – a ECOFEST –, que nada mais é do que um produto vendável capitalista, que atrai pessoa para gastar dinheiro e gerar lucro para os organizadores e o município, pois, nela, pouco de ecologia, na essência, há.

Afinal, os espaços de natureza são a cada dia mais valorizados e são mercadoria quando se transformam em significados de uma dinâmica social a cada dia mais envolta pelos apelos ambientais, de ter-se ou comprar-se um pedaço de natureza na relações capitalistas. Isso transforma todo o sentido de natureza que se tinha, pois eles mudam o próprio sentido dos espaços urbanos contemporâneos, agregando valor na venda de um imóvel, se este estiver perto de um parque ou de uma reserva ambiental. Em Atalanta, essa lógica ainda parece distante, pois é uma pequena cidade, de vida calma e relativamente lenta, mas tais trunfos ambientais, mesmo que questionáveis, já fazem parte de uma valorização da própria cidade, que possui uma festa ecológica, como sugere seus questionáveis nomes de Capital Ecológica Catarinense e Cidade Jardim da Mata Atlântica.

Fragmentos de natureza numa cidade, a exemplo de Atalanta, hoje são tratados como raridade e são (re)produzidos pela lógica capitalista da natureza e tais fatos alteram a concepção de natureza e das comunidades, pois passaram a ser locais de vivência, que, poucas décadas antes, não se tinha. Isso, no futuro, poderá ser mais bem compreendido, com estudos e análises que não cabiam aqui aprofundar objetivamente, visto que os perímetros urbanos concentrarão novos sentidos e novas invenções de tradições, ligadas aos sentimentos, aos valores, às emoções e às imaterializações de se ter, ou não, um fragmento de natureza na cidade, perto de casa ou no bairro; em síntese, uma nova ressignificação do espaço vivido pelas pessoas.

Não se duvida que, por meio do discurso ambiental, a natureza passou a ser um elemento diferencial, como uma nova forma urbana rara por ser escassa; porém, apropriada por uma visão economicista das relações em sociedade sobre a natureza que, no passado fora um empecilho para o desenvolvimento atalantense e, hoje, passa a ser um trunfo para se ganhar dinheiro – tais fatos devem, num futuro não muito distante, gerar novas formas de segregação urbana e peri-urbana espacial, além de ser geradora de conflitos até então inexistentes.

Tudo isso, na escala de Atalanta e na sua ligação em rede ambientalista, tem sido, também, a construção de uma necessidade de natureza, construída, que até então não se via no município, ligando-a numa nova teia da globalização contemporânea, a ambientalista, no caso, num processo de difusão capitalista de consumo de natureza, ampliando a mercantilização da vida e da natureza, onde tudo tem seu valor monetário. Hoje a vida na cidade é marcada simbolicamente pela valorização da imagem de um trunfo ambiental vendável, que pode ser pequeno ou grande, mas seu valor é outro, é o da venda.

No contexto urbano atual da cidade capitalista, Atalanta vem se enquadrando num caráter produtivo com raridade ambiental. O Parque Perau Gropp é esse *grande* trunfo deles, mesmo considerando sua escala de pequena ou microcidade, pela materialidade econômica que envolve seus discursos de capital ecológica, com todos os problemas de degradações socioambientais vividos numa aglomeração urbano-rural do interior do país, onde se vive longe de uma sustentabilidade socioambiental que seria possível e passível em tão acanhado perímetro urbano, por exemplo. Mas os interesses econômicos é que regem a vida no modo de produção capitalista, mesmo em cidades pequenas como a aqui estudada e, depois, descoberta que ela se encontra no meio de um emaranhado de rede ambientalista, que, por certo, explica parte considerável de suas contradições, que são as próprias contradições do mundo capitalista-ambientalista contemporâneo.

Em síntese, este trabalho de pesquisa permitiu vislumbrar que desde os primórdios da colonização oficial catarinense, assim como do Vale do Itajaí e, por certo de Atalanta, tudo sempre esteve intimamente ligado em rede, em

redes que permitiram trazer da Europa os migrantes que ocuparam essas terras e cujos descendentes vivem, hoje, ainda em rede, ligados ao mundo, inclusive de onde saíram seus antepassados, só que, desta vez, nesse momento, eles estão ligados pelas redes ambientalistas que atuam, desde Atalanta, passando por Santa Catarina, pelo Brasil e pelo Mundo, sem representar apenas o espaço físico onde os mercados estão instalados, mas em novas faces do modelo de sociedade capitalista, que vende até mesmo sua natureza para si e para outros que a queiram comprar.

Esse é o microcosmo de Atalanta, uma pequena cidade cheia de contradições ambientais, como em qualquer parte do mundo se pode encontrar, mas que, por meio do discurso e da ação de ONGs ambientalista, ela passou a ser centro de algo que ela não elegera para si, uma capital ecológica, onde a ecologia é a construção da vontade de se vender algo, a partir dali, para o mundo.



*Atalanta, o jardim, a mata, por Nilson Cesar Fraga, 2010*

**CONSIDERAÇÕES FINAIS, PARA NÃO CONCLUIR**

Há pessoas que adoram dinheiro e se metem na política. Se adora tanto dinheiro que se meta então, no comércio, na indústria ou que faça o que queira... Não é pecado. Mas a política é para servir ao povo!

José "Pepe" Mujica, Presidente do Uruguai

O material de trabalho desta pesquisadora sempre foi o sonho, talvez como o(s) sonho(s) dos atalantenses. Tanto quando escreveu romances, novelas, crônicas, etc., quanto quando escreveu artigos científicos, monografias, etc., sua matéria-base sempre foi o sonho. Sonho em um mundo melhor, sonho de fazer com que alguma coisa, algum ser, alguma população, algum estado de coisas melhorasse neste ou em algum planeta, uma vez que pode haver um planeta ou um universo dentro de cada ser e cada ser tem de estar e/ou viver sobre um planeta. Ela trabalhou com dois tipos de matéria pelo tempo afora: a da imaginação e a da ciência, mas sempre o material de trabalho foi o sonho. Tanto quando escreveu coisas como que voláteis, como sentimentos e emoções, tanto quando escreveu contundentes coisas políticas, sempre o sonho foi o material de trabalho dela, e agora, quando se vê frontalmente diante da ciência, não tem como escrever esta conclusão a não ser considerando a energia do sonho que sempre a moveu.

Ter conhecido Atalanta foi a consequência de um sonho nascido da Literatura, e que a levou lá como visitante da escola e da cidade, e fê-la vislumbrar, como quem espia por uma fresta, uma realidade que não se encaixava com o discurso que lhe foi repassado. Somou-se a isso o sonho de saber mais, pesquisar e escrever literariamente sobre os antigos moradores humanos e a formação geológica daquele lugar. Uma coisa levou à outra e, para saber mais e poder se dedicar à Literatura sobre aquele espaço, houve que, antes, saber sobre a Ciência, e então ela desembocou nesta pesquisa que a levou de surpresa em surpresa, e isso só se passou porque houve o sonho inicial de saber.

Ter querido entender a cidade de Atalanta, a sua gente e o seu imaginário foi fruto do sonho que, dentre outras buscas, fê-la procurar pela Geografia e sua metodologia de pesquisa para poder saber mais, para poder

medir, para poder confrontar dados, e a partir do substrato teórico recebido da Geografia e também acumulado ao longo da vida, pôde ela partir para a pesquisa, tentando medir o que era e o que acontecia na cidade de Atalanta, também intitulada de “Capital Ecológica de Santa Catarina” e “Cidade Jardim da Mata Atlântica”.

Ter convivido com a população de Atalanta foi como mergulhar numa caixa de surpresas: ao mesmo tempo que possui um IDH<sup>247</sup> bastante alto, a população daquele município é prisioneira de diversas contradições, como uma forma um tanto quanto lenta de raciocínio, o que leva à lentidão no ato de leitura, testado diversas vezes através da apresentação de um pequeno texto para leitura, tanto para pessoas adultas quanto para crianças e adolescentes, bem como a não autoinquirição ou procura de informação sobre a imagem que lhe é vendida, de viver numa cidade “ecológica”, aceitando passivamente a criação capitalista que lhe é impingida por ONG ambientalista local e outros agentes que lá vivem ou transitam, como pessoas ligadas à ONG ou mesmo estrangeiros que aparecem de inopino e têm o poder, inclusive, de mudar a história da cidade, tanto que, além de nenhuma pessoa se rebelar contra a “invasão” cultural, ainda despertar orgulho por tal fato até nas autoridades constituídas, que passam a colocar esperanças em dias melhores justamente na existência e presença de tais “invasores”, o que nos reporta ao pensamento setecentista de Bernard de Mandeville<sup>248</sup>, de que para se ser feliz é importante não saber. Fica bastante claro como o Capital dita as regras àquela gente que não procura se informar, nem mesmo diante da compra de terras naquele município por estrangeiros desconhecidos, a quem não é feita nenhuma pergunta a respeito, quando, ao mesmo tempo, a população é bastante ciosa com as pequenas coisas que ocorrem no seu entorno, como a presença de uma mulher estranha passeando com o seu cachorro, por exemplo. Até o prefeito municipal não sabe por que estão sendo vendidas terras para estrangeiros no município, deixando que tal assunto fique a cargo da ONG ambientalista local, deixando em aberto uma nova indagação: quem é atualmente a autoridade máxima do município? Ainda é a autoridade

---

<sup>247</sup> Índice de Desenvolvimento Humano.

<sup>248</sup> MANDEVILLE, Bernard, op. cit.

constituída pelo povo ou passaram a ser as pessoas que, por meio do uso de uma ONG, manejam o poder maléfico do Capital?

Ter espiado o pensamento da população de Atalanta abriu tais horizontes para a pesquisadora, que provocou bruscas mudanças na sua vida e no seu pensamento. Sem dúvida, quebrou alguns sonhos, como o da pureza e beleza do ambientalismo – uma cidade que usa com orgulho o título de ambientalista sem se dar conta do que é tal coisa, sem se aprofundar no pensamento de tal coisa, de como pode ou não estar sendo usada pelo grande capitalismo internacional para fins no mínimo escusos, sem procurar saber e sem se importar, preocupando-se mais com cantores e corridas de motocicletas que acontecem numa festa que tem o título de ecológica do que com o ecologismo em si, sem se importar realmente com a natureza e sua preservação quando é o que por antecipação, e devido ao título, se esperava de seus moradores, não havia como não produzir este rompimento nos sonhos da pesquisadora.

Ter encontrado o grande emaranhado de nós e redes de interesses nacionais e internacionais do Capitalismo se encontrando e se entrecruzando na pequena cidade, principalmente por meio da ONG ambientalista lá existente, servindo a interesses os mais diversos, inesperados e inimagináveis possíveis, quando se tinha a perspectiva de lá encontrar a beleza e a seriedade que se espera quando se tinha a crença na importância de um ambientalismo sério e realmente preocupado com os destinos da vida sobre o planeta, foi outra forma de ver sonhos se estilhaçarem.

Ter tentado destrinchar tais nós e redes, entendendo seu funcionamento, os diversos caminhos usados pela perversidade do Capitalismo que se apodera de meios aparentemente inocentes à primeira vista para se apoderar de cada vez maiores fatias do Capital, sem que pessoas e entidades também aparentemente inocentes se deem conta (ou não) das maliciosas obras do Capital, que se recria, se multiplica e se renova sobre inocências, verdadeiras ou não, e ver como tais nós e redes se ampliam do micro para o macro, desde a minúscula cidade interiorana até as mais amplas organizações mundiais e vice-versa, foi outra forma de espatifamento de sonhos. Esta pesquisadora se coloca como exemplo do que foi, do que constatou e do que

se tornou: vinda de um mundo que se criou em sua vida desde os anos de 1970, de grande respeito pela natureza, a constatação da perversidade da corrupção que pode acontecer em nome de um ambientalismo falso e enganador por meio dos interesses do Capital, hoje vê com muita reserva tudo o que se relaciona com os cuidados com o planeta, procurando encontrar dentre os múltiplos emaranhados de interesses em rede o que ainda possa ser inocente e não conspurcado.

Ter sofrido com a descoberta da ingenuidade da população de Atalanta e do ambientalismo usado como captador e desviador de recursos, que encontrou, por meio daquela cidade, como uma grande rede envolvendo o planeta, também vai colaborar para que a pesquisadora altere o direcionamento dos sonhos que a alimentavam e perca a sua própria ingenuidade, olhando com muito mais argúcia e desconfiança para as diversas manifestações que ora vê no seu entorno sobre defesa da vida e do ambiente.

Ter ido de surpresa em surpresa ao descobrir a degradação que pode haver no ser humano que, movido pelo Capital, conspurca os mais lindos sonhos que a humanidade já viveu ou vive sobre a conservação da vida sobre o planeta Terra, também leva à degradação dos sonhos a respeito de quem os possui.

Ter se revoltado com a aviltação humana através da força perniciosa do Capital, na opinião desta pesquisadora, é estar conseguindo ver a realidade sem estar desfocada pela ganância e pela corrupção dos que colocam o Capital como deus maior, e é ter possibilidades, ainda, de conseguir ao menos tentar alguma coisa para ajudar a salvar a vida sobre este planeta.

Ter denunciado o que não podia deixar de ser feito é uma coisa até perigosa para quem o fez, ao mesmo tempo em que traz o poder da resistência, a marca dos que não se dobram diante das conveniências e do perigo, não importa o tamanho e o poder de tais conveniências ou perigos, como é o caso das poderosíssimas forças com que o Capital açambarca os lugares e maneja como títeres grande parte da humanidade, sem ter nenhuma preocupação séria quanto à saúde do planeta e à continuação da vida, visando apenas ao seu desejo maior, que é o do lucro. Tal denúncia prova, para esta



pesquisadora, que a força do sonho continua viva e capaz de grandes lutas, ao contrário do que acreditam tantos que já não conseguem sonhar.

Ter se apiedado das possíveis ingenuidades dos que possivelmente ainda acreditam e levam a sério o assunto do ambientalismo faz ver à pesquisadora que não está só, que, semelhante a ela, há tantos outros, ainda, que resistem ao poder do Capital e que creem não só que nem tudo está perdido, mas que se pode partir da sua fé e dos seus sonhos para mudar muitas coisas.

Ter se indignado com a força do Capital, que por intermédio de algumas pessoas ilude muitas outras e leva-as a crerem em estereótipo tantas vezes falho, como o que mantém Atalanta com os títulos de “Capital Ecológica de Santa Catarina” e “Cidade Jardim da Mata Atlântica”, quando sua população e muitas das suas autoridades vivem ainda na inconsciência dos mais primários conceitos do que seja Ecologia, vem comprovar à pesquisadora que ainda está muito viva dentro dela a capacidade de sonhar e de lutar por seus sonhos e seus ideais.

Ter visto seu sonho ambientalista por terra e tendo que continuar a viver paralelamente à nua verdade do uso do ambientalismo da maneira mais pífida pelo Capital, não se preocupando absolutamente com a sobrevivência da vida sobre o planeta, mas ainda contribuindo para a sua destruição, trouxe à pesquisadora o desejo da resistência e da luta no que acredita, embora saiba que tal resistência e tal luta são difíceis, lentas e com muitos obstáculos de grande complexidade, mas ela sabe que a sua luta e a luta de tantos não teriam sentido se fosse perdido o objetivo que é o sonho.

Toda a sua pesquisa foi movida por sonho, pelo sonho de um mundo melhor e possível, e aí, entre tantos outros que sonham, há alguém que põe em grande destaque o seu pensamento, e acredita-se que se deve fazer constar aqui um discurso do atual Presidente da República Oriental do Uruguai, José “Pepe” Mujica, em 2012, no Rio de Janeiro, que, mesmo extenso, fique como registro em tese, como registro de um mundo que ainda sonha:

Autoridades presentes de todas la latitudes y organismos, muchas gracias. Muchas gracias al pueblo de Brasil y a su Sra. Presidenta, Dilma Rousseff. Muchas gracias a la buena fe que, seguramente, han manifestado todos los oradores que me precedieron. Expresamos la

íntima voluntad como gobernantes de acompañar todos los acuerdos que, esta, nuestra pobre humanidad, pueda suscribir.

Sin embargo, permítasenos hacer algunas preguntas en voz alta. Toda la tarde se ha hablado del desarrollo sustentable. De sacar las inmensas masas de la pobreza.

¿Qué es lo que aletea en nuestras cabezas? ¿El modelo de desarrollo y de consumo, que es el actual de las sociedades ricas? Me hago esta pregunta: ¿qué le pasaría a este planeta si los hindúes tuvieran la misma proporción de autos por familia que tienen los alemanes?

¿Cuánto oxígeno nos quedaría para poder respirar? Más claro: ¿Tiene el mundo hoy los elementos materiales como para hacer posible que 7 mil u 8 mil millones de personas puedan tener el mismo grado de consumo y de despilfarro que tienen las más opulentas sociedades occidentales? ¿Será eso posible? ¿O tendremos que darnos algún día, otro tipo de discusión? Porque hemos creado esta civilización en la que estamos: hija del mercado, hija de la competencia y que ha deparado un progreso material portentoso y explosivo. Pero la economía de mercado ha creado sociedades de mercado. Y nos ha deparado esta globalización, que significa mirar por todo el planeta.

¿Estamos gobernando la globalización o la globalización nos gobierna a nosotros? ¿Es posible hablar de solidaridad y de que “estamos todos juntos” en una economía basada en la competencia despiadada? ¿Hasta dónde llega nuestra fraternidad?

No digo nada de esto para negar la importancia de este evento. Por el contrario: el desafío que tenemos por delante es de una magnitud de carácter colosal y la gran crisis no es ecológica, es política.

El hombre no gobierna hoy a las fuerzas que ha desatado, sino que las fuerzas que ha desatado gobiernan al hombre. Y a la vida. Porque no venimos al planeta para desarrollarnos solamente, así, en general.

Venimos al planeta para ser felices. Porque la vida es corta y se nos va. Y ningún bien vale como la vida y esto es lo elemental. Pero si la vida se me va a escapar, trabajando y trabajando para consumir un “plus” y la sociedad de consumo es el motor, —porque, en definitiva, si se paraliza el consumo, se detiene la economía, y si se detiene la economía, aparece el fantasma del estancamiento para cada uno de nosotros— pero ese hiper consumo es el que está agrediendo al planeta. Y tienen que generar ese hiper consumo, cosa de que las cosas duren poco, porque hay que vender mucho. Y una lamparita eléctrica, entonces, no puede durar más de 1000 horas encendida. ¡Pero hay lamparitas que pueden durar 100 mil horas encendidas! Pero esas no se pueden hacer porque el problema es el mercado, porque tenemos que trabajar y tenemos que sostener una civilización del “úselo y tírelo”, y así estamos en un círculo vicioso.

Estos son problemas de carácter político que nos están indicando que es hora de empezar a luchar por otra cultura.

No se trata de plantearnos el volver a la época del hombre de las cavernas, ni de tener un “monumento al atraso”. Pero no podemos seguir, indefinidamente, gobernados por el mercado, sino que tenemos que gobernar al mercado.

Por ello digo, en mi humilde manera de pensar, que el problema que tenemos es de carácter político. Los viejos pensadores –Epicúreo, Séneca o incluso los Aymaras– definían: “pobre no es el que tiene poco sino el que necesita infinitamente mucho, y desea más y más”. Esta es una clave de carácter cultural.

Entonces, voy a saludar el esfuerzo y los acuerdos que se hacen. Y los voy acompañar, como gobernante. Sé que algunas cosas de las que estoy diciendo, “rechinan”. Pero tenemos que darnos cuenta que la crisis del agua y de la agresión al medio ambiente no es la causa.

La causa es el modelo de civilización que hemos montado. Y lo que tenemos que revisar es nuestra forma de vivir.

Pertenezco a un pequeño país muy bien dotado de recursos naturales para vivir. En mi país hay poco más de 3 millones de habitantes. Pero hay unos 13 millones de vacas, de las mejores del mundo. Y unos 8 o 10 millones de estupendas ovejas. Mi país es exportador de comida, de lácteos, de carne. Es una penillanura y casi el 90% de su territorio es aprovechable.

Mis compañeros trabajadores, lucharon mucho por las 8 horas de trabajo. Y ahora están consiguiendo las 6 horas. Pero el que tiene 6 horas, se consigue dos trabajos; por lo tanto, trabaja más que antes. ¿Por qué? Porque tiene que pagar una cantidad de cuotas: la moto, el auto, y pague cuotas y cuotas y cuando se quiere acordar, es un viejo reumático –como yo– al que se le fue la vida.

Y uno se hace esta pregunta: ¿ese es el destino de la vida humana? Estas cosas que digo son muy elementales: el desarrollo no puede ser en contra de la felicidad. Tiene que ser a favor de la felicidad humana; del amor arriba de la Tierra, de las relaciones humanas, del cuidado a los hijos, de tener amigos, de tener lo elemental.

Precisamente, porque ese es el tesoro más importante que tenemos, la felicidad. Cuando luchamos por el medio ambiente, tenemos que recordar que el primer elemento del medio ambiente se llama felicidad humana.

Gracias.<sup>249</sup>

Quando se sonha assim, e em conjunto, acredita-se que as grandes verbas e corrupções internacionais não podem matar o sonho, pois ele é a matéria fundamental de tudo, e esta pesquisadora sonhou e sonha com um mundo melhor e possível, e sua vida não teria sentido se perdesse tal ponto de referência e tal material de trabalho.

Crê-se, diante de lideranças que se manifestam com tamanha veemência e clareza sobre a importância da felicidade humana e contra o Capitalismo instituído, poder-se ter uma fresta de luz por onde espiemos um mundo melhor que ainda poderá acontecer caso ele não seja subjugado pelas

<sup>249</sup> Disponível em: <<http://umhistoriador.wordpress.com/2013/01/10/texto-do-discurso-proferido-por-jose-pepe-mujica-na-rio20>>. Acesso em; 12 jun. 2013.

forças do Capital. Aliado a grandes personalidades que se permitem pensar publicamente uma grande resistência como o faz Pepe Mujica, tem-se a experiência da convivência com muitíssimas pessoas e/ou grupos de pessoas que, diante das exigências do Capital, resistem com muita força às suas exigências, o que faz com que sintamos esperança em que já não poderia haver. Talvez ainda seja possível salvar a Vida.

Desta feita, os estudos que culminaram com esta tese demonstraram a força que o Capital impõe sobre o mundo e o mundo das coisas em que vivemos isso a partir das análises destas, a de uma pequena cidade catarinense, Atalanta, a dita Capital Catarinense da Ecologia e, também, Cidade Jardim da Mata Atlântica, recoberta por plantações de *pinus* e de eucaliptos e, ainda, exalando o desagradável odor dos dejetos suínos, em cujas terras o veneno usado nas plantações de tabaco impregna seu solo e suas águas.

Assim, Atalanta se caracteriza como um microcosmo socioambiental dentro e nas bordas das redes ambientalistas que avançam sobre o mundo contemporâneo, uma verdade geradora de íntima relação entre o Capital e o Meio Ambiente, fazendo, muitas das vezes, o ambientalismo caminhar com os recursos financeiros das grandes corporações do capitalismo vigente – afastando alguns ambientalistas, daqueles que buscam conservar e preservar o ambiente em que as pessoas vivem.

Atalanta é um pouco dessa contradição entre o capitalismo financiador do meio ambiente e o ambiente impregnado de degradações, tanto que sua população não sabe muito bem o que é viver na Capital Catarinense da Ecologia.

## REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Tereza Batista Cansada de guerra**. Rio de Janeiro: Record, s/d.

AMARAL, Rita. **As mediações Culturais da festa à brasileira**. Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo. Artigo. Publicado em [www.n-a-u.org.br](http://www.n-a-u.org.br), consultado em 04.08.2010.

ALVES, Vânia de Fátima de Noronha Alves. A festa como possibilidade de mobilização social. **Anais do X Congresso Nacional de Recreación**. Coldeportes/FUNLIBRE/10 a 12 de Julio de 2008. Bogotá.D.C., Colombia. Disponível em: <[www.redcreacion.org](http://www.redcreacion.org)>. Acesso em: 04 ago. 2010.

ARANHA, V. L. Desenvolvimento e Meio Ambiente. **Revista CB Júris** – Ano I nº 2 – junho/99.

ASHOKA. Disponível em: <[http://ashoka.org.br/blog/2009/10/25/wigold\\_bertoldo\\_schaeffer](http://ashoka.org.br/blog/2009/10/25/wigold_bertoldo_schaeffer)>. Acesso em: 28 maio 2013.

**A organização do Poder Executivo e Legislativo em Blumenau**. Disponível em: <[http://campeche.inf.furb.br/obeb/historia\\_novo/cap6.1.html](http://campeche.inf.furb.br/obeb/historia_novo/cap6.1.html)>. Acesso em: 01 fev. 2012.

ADJORISC. Disponível em <<http://www.adjorisc.com.br/jornais/oriosulense/regional/ecofest-atalanta-para-levantar-a-autoestima-1.1077392>>. Acesso em> 08 jul. 2012.

AFUBRA - Associação dos Fumicultores do Brasil. **Relatório de Atividades**. 2002/2003, 2003.

AGENDA DO ALTO VALE. Disponível em: <[www.agendaaltovale.com.br](http://www.agendaaltovale.com.br)>. Acesso em: 04 ago. 2010.

AMIGOS DA TERRA. Disponível em: <<http://ecoviagem.uol.com.br/noticias/ambiente/amigos-da-terra-e-wwf-lancaram-livro-sobre-a-mata-atlantica-5397.asp>>. Acesso em: 12 maio 2012.

AMIGOS DA TERRA. Disponível em <<http://www.blogdoambientalismo.com/amigos-da-terra-foe-friends-of-the-earth/>>. Acesso em: 17 jan. 2014.

APREMAVI (a). Disponível em: <<http://www.apremavi.org.br/noticias/apremavi/301/alemaes-investirao-na-conservacao-da-mata-atlantica>>. Acesso em: 16 abr. 2012.

APREMAVI (b). Disponível em: <http://www.apremavi.org.br/cartilha-planejando/atalanta/>>. Acesso em: 05 mar. 2012.

APREMAVI (c ). Disponível em: <<http://www.apremavi.org.br/noticias/apremavi/548/apremavi-tem-nova-diretoria-e-faz-plantio-do-clima-legal-na-chuva>>. Acesso em: 30 maio 2013.

APREMAVI(d). Disponível em:<[www.apremavi.org.br.27\\_01\\_13/institucional/estrutura\\_e\\_equipe](http://www.apremavi.org.br.27_01_13/institucional/estrutura_e_equipe)>. Acesso em: 28 mar. 2013.

APREMAVI (e). Disponível em: <[www.apremavi.com.br](http://www.apremavi.com.br)>. Acesso em: 08 jun. 2011.

ATALANTA (a). Disponível em: <[www.atalanta.sc.gov.br](http://www.atalanta.sc.gov.br)>. Acesso em: 05 mar. 2012.

ATALANTA (b). <<http://www.atalanta.sc.gov.br/conteudo/?item=1219&fa=1&cd=161919>>. Acesso em 01 jun. 2013.

ATALANTA BERGAMASCHIO CALCIO. Disponível em:  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Atalanta\\_Bergamasca\\_Calcio](http://pt.wikipedia.org/wiki/Atalanta_Bergamasca_Calcio)>. Acesso em: 10 maio 2013.

AUSCHWITZ. Disponível em: <[www.eb23-diogo-caio.rcts.pt/Trabalhos/nonio/xx/holoc/auschw.htm](http://www.eb23-diogo-caio.rcts.pt/Trabalhos/nonio/xx/holoc/auschw.htm)>. Acesso em: 05 mar. 2012.

BANALIZAÇÃO DAS ARMAS NUCLEARES. Disponível em:  
 <<http://cienciahoje.uol.com.br/revista-ch/revista-ch-2008/250/a-banalizacao-das-armas-nucleares/?searchterm=A%20banaliza%C3%A7%C3%A3o%20das%20armas%20nucleares>>. Acesso em: 28 jun. 2013.

BERGER, Peter L., LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido**. A orientação do homem moderno. Petrópolis: Vozes, 2004.

BOFF, Leonardo. **Casamento entre o céu e a terra**. Rio: Salamandra, 2001.

\_\_\_\_\_. **Saber Cuidar: Ética do Humano – Compaixão pela Terra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. **O impossível pacto entre o lobo e o cordeiro**. Recebido por e-mail em 05.07.2012.

BOND, Rosana. **A saga de Aleixo Garcia, o descobridor do Império Inca**. Florianópolis: Insular, 1998.

BRITO, Leila. Disponível em: <<http://letraporletra.com.br/wordpress/?p=754>>. Acesso em: 03 jun. 2013.

BROOKES, Martin. **Extreme Measures**: The dark visions and bright ideas of Francis Galton. Nueva York/Londres: Bloomsbury, 2004.

BUND. Disponível em: <<http://www.bund-heidelberg.de>>. Acesso em: 17 jul. 2012.

CABRAL, Oswaldo R. **História de Santa Catarina**. Florianópolis: Laudes, 1970.

CAMPECHE. Disponível em:  
<[http://campeche.inf.furb.br/obeb/historia\\_novo/pg2.1.html](http://campeche.inf.furb.br/obeb/historia_novo/pg2.1.html)>. Acesso em: 12 jul. 2012.

CANNADINE, David. **Contexto, Execução e Significado do Ritual: a Monarquia Britânica e a “Invenção das Tradições”, c. 1820 a 1977**. In: HOBBSAWN, Eric.

CAPRA, F. A. **Teia da Vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: 1996.

CARRÉ, John Le. Entrevista para a BBC. Disponível em:  
<<http://www.diariodocentrodomundo.com.br/john-le-carre-minha-frustracao-com-a-gra-bretanha>>. Acesso em: 29 jun. 2013

CASTRO, I. et al. (Org.). **Geografia: Conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

CHRISTOFFERSEN, Leif E. **The IUNC: A Bridge-BUILDER for Nature Conservation**. In: Green Globe Yearbook: Lysaker, Noruega El Fridthof Nansen Institute, 1997.

COICA. **Documento da Reunião do Conselho de Coordenação e do Conselho Diretivo da Coordenadoria das Organizações Indígenas da**



**Bacia Amazônica**, com representantes de 400 povos indígenas. Quito, Equador, de 07 a 11 de abril de 2003.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso futuro comum**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getulio Vargas, 1991.

CONFERÊNCIAS DE MEIO AMBIENTE. Disponível em: <<http://www.tierramerica.net/2002/0818/pconectate.shtml>>. Acesso em: 10 ago. 2012.

COPAVAL. Disponível em: <<http://www.copavale.com/?pg=noticia&id=79>>. Acesso em: 18 mar. 2012.

CORRÊA, R. L. **Região e Organização espacial**. São Paulo: Ática, 1991.

COSTA, Licurgo. **O continente das Lagens**: sua história e influência no sertão de Terra Firme. V. 1. Florianópolis: FCC, 1982.

CROPSBY, A. **Ecological Imperialism**. FERRÃO, J. A aventura das plantas e os descobrimentos portugueses. Citado por PÁDUA, José Augusto. **Um sopro de destruição**. Pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786 – 1888). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 2. Rio de Janeiro: Editora 34, 2004.

DEVASTAÇÃO AVANÇA. Disponível em: <[www.pickupau.org.br?panorama/2005/2005.06.11/devastacao\\_avanca\\_em\\_areas.htm](http://www.pickupau.org.br?panorama/2005/2005.06.11/devastacao_avanca_em_areas.htm)>. Acesso em: 28 maio 2013.

DIÁLOGO FLORESTAL. Disponível em: <[www.dialogoflorestal.org.br](http://www.dialogoflorestal.org.br)>. Acesso em: 08 jun. 2013.

DOMINIQUE, Didier. **La cuestión nacional en Haití.**

Disponível em: <<http://www.rebellion.org/noticia.php?id=67864>>. Acesso em: 06 maio 2012.

DOUTRINA MONROE. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/historia-da-America/doutrinamonroe.htm>>. Acesso em: 29 jun. 2013.

EDUCATERRA (a). Disponível em:

<[http://educaterra.terra.com.br/voltaire/500br/br\\_ouro.htm](http://educaterra.terra.com.br/voltaire/500br/br_ouro.htm)>. Acesso em: 22 jan. 2012.

EDUCATERRA (b). Disponível em:

<<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/500br/amazonia.htm>>. Acesso em: 13 mar. 2012.

ELLIS, Myriam. **A baleia no Brasil Colonial.** São Paulo: Melhoramentos, s/d.

ENVOLVERDE. Disponível em: <<http://envolverde.com.br/ambiente/mata-atlantica-em-debate/>>. Acesso em: 01 jun. 2013.

ESPAÇO AMBIENTAL. Disponível em:

<<http://www.espacoambiental.blogspot.com.br/2008/10/rma-elege-nova-coordenao.html>>. Acesso em: 01 jun. 2013.

ESTADÃO. Disponível em:

<http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,presidente-da-funai-pede-demissao-depois-de-morte-de-indio-terena-,1040028,0.htm>>. Acesso em: 26 jun. 2013.

FERRÃO, J. **A aventura das plantas e os descobrimentos portugueses.**

Citado por PÁDUA, José Augusto. **Um sopro de destruição.** Pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786 – 1888). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. **Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

FM 93. Disponível em: <[www.radiofm93.blogspot.com](http://www.radiofm93.blogspot.com)>. Acesso em: 10 jul. 2012.

FOEBR. Disponível em: <<http://www.foebr.org/quemsomos.php>>. Acesso em: maio de 2012.

FRAGA, Nilson Cesar (Org.). Território e Silêncio: contributos reflexivos entre o empírico e o teórico. In: **TERRITÓRIOS E FRONTEIRAS: (RE)ARRANJOS E PERSPECTIVAS**. Florianópolis: Ed. Insular, 2011.

\_\_\_\_\_. **Território, Região, Poder e Rede**: olhares e possibilidades conceituais de aproximação. Curitiba: Relações Internacionais no Mundo Atual, 2007, a. VII, n. 7, p. 9-32.

\_\_\_\_\_. **Mudanças e Permanências na Rede Viária do Contestado**: uma abordagem acerca da formação territorial no sul do Brasil. Curitiba: Tese de Doutorado apresentada para obtenção do título de Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento, Universidade Federal do Paraná, 2006.

FREDERICO ROLLA. Disponível em: [www.fredericorolla.blogspot.com](http://www.fredericorolla.blogspot.com)>. Acesso em: 8 jul. 2012.

FREIRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. 28. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.

FRIENDS OF THE EARTH. Documento distribuído no Fórum Social Mundial em Porto Alegre, 2001.

GALTON. Disponível em: <<http://galton.org/>>. Acesso em: 14 abr. 2011.

GASPAR, Madu. **Sambaqui**: arqueologia do litoral brasileiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

GESTÃO ESCOLAR. Disponível em:

<[http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes\\_pde/artigo\\_cacilda\\_estevao\\_reis.pdf](http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_cacilda_estevao_reis.pdf)>. Acesso em: 28 jan. 2012.

GOTTDIENER, M. **A produção social do espaço urbano**. 2. ed. São Paulo: Ed. da USP, 1997.

GRANT, Madison. **The Passing of the Great Race**. Nueva York: Charles Scribner's Sons, 1916, p. 27.

GREENPEACE. <http://greenpeacedf.blogspot.com.br/>, consultado em 12.05.12.

GRINBERG, Keila. O evento que mudou o mundo. Disponível em:

<<http://cienciahoje.uol.com.br/colunas/em-tempo/o-evento-que-mudou-o-mundo.-sera>>. Acesso em: 29 jun. 2013.

HARO, Martim Afonso Palma de. (Org.). **ILHA DE SANTA CATARINA**.

Relatos de Viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX. 4. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1996.

HISTÓRIA DA TERRA E DA VIDA. Disponível em:

<<http://www.slideshare.net/catir/histria-da-terra-e-da-vida>>. Acesso em: 25 jun. 2013.

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

HUDSON, Audrey. Greens Cut Turner a Break. **The Washington Times**, 20 de enero de 2002.

HUXLEY, Julian y KETTLEWEL, H.D.B. **Charles Darwin**. Barcelona: Salvat, 1984.

IBGE. Disponível em: <[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)>. Acesso em: 10 fev. 2012.

JACOBI, Pedro. Disponível em: <[www.scienciaplana.org.br/SP5095402.htm](http://www.scienciaplana.org.br/SP5095402.htm)>. Acesso em: 18 jul. 2012.

**Joanesburgo RIO + 10.** Disponível em: <<http://pesquisainovacao.blogspot.com.br/2012/04/johannesburg-ou-rio-10-2-cupula-mundial.html>>. Acesso em: 10 ago. 2012.

**JORNAL PEQUENO.** Disponível em: <<http://jornalpequeno.com.br/2013/06/11/fogo-devasta-amazonia-mais-que-desmatamento-aponta-estudo-inedito/>>. Acesso em: 11 jun. 2013.

**JOSÉ PEPE MUJICA.** Disponível em: <<http://umhistoriador.wordpress.com/2013/01/10/texto-do-discurso-proferido-por-jose-pepe-mujica-na-rio20>>. Acesso em: 12 jun. 2013.

KLUEGER, Urda Alice. **El Rey y El niño.** Disponível em: <<http://cultural.argenpress.info/2010/01/el-rey-y-el-nino-haiti.html>>. Acesso em: 28 jan. 2012.

\_\_\_\_\_. **O povo das conchas.** Blumenau: Hemisfério Sul, 2004.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <[www.espacoacademico.com.br/046/46cklueger.htm](http://www.espacoacademico.com.br/046/46cklueger.htm)>. Acesso em: 16 jun. 2012

\_\_\_\_\_. Disponível em: <[www.pipl.com/directory/name/Klueger/Alice-Estados](http://www.pipl.com/directory/name/Klueger/Alice-Estados)>. Acesso em: 16 jun. 2012.

\_\_\_\_\_. Disponível em:

<[www.pr.anpuh.org/resources/anpuhpr/anais/.../UrdaAKlueger.htm](http://www.pr.anpuh.org/resources/anpuhpr/anais/.../UrdaAKlueger.htm)>. Acesso em: 16 jun. 2011.

LAGO, Antonio; PÁDUA, José Augusto. **O que é Ecologia**. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1985.

LANGSDORFF. In: HARO, Martim Afonso Palma de (Org.). **ILHA DE SANTA CATARINA**. Relatos de Viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX. 4. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1996.

LEFF, Enrique. **Epistemologia Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2001, p. 160.

LEIS, Héctor Ricardo. **A modernidade insustentável: As críticas do ambientalismo à sociedade contemporânea**. Montevideo, 2004. Disponível em: <<http://ambiental.net/coscoroba/LeisAmodernidadeInsustentavel.htm>>. Acesso em: 1º sem. 2013.

LENCIONI, Sandra. **Região e Geografia**. São Paulo: EDUSP, 2003.

LENHARO, Alcir. **Sacralização da política**. Campinas: Papirus, 1986.

LEONARDI, Maria Lúcia A. A educação ambiental como um dos instrumentos de superação da insustentabilidade da sociedade atual. IN: CAVALCANTI, C. (Org.) **Meio ambiente, desenvolvimento e políticas públicas**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Recife: Joaquim Nabuco, 1999, p. 391-408.

LESTIENE, Bernard. **IBRADESa**. Disponível em: < <http://resistir.info>>. Acesso em: 10 jul. 2012.

LOBATO CORRÊA, R. **Trajetórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

LONGO, Alceu Natal. Professor de Biologia.

LUDTKE, Rosiéle Cristiane. Depoimento. Disponível em:  
<<http://mpacontraagrototoxicos.wordpress.com>>. Acesso em: 08 mar. 2012.

LUNA, Glória Alejandra Guarnizo. Memórias sobre a caça da baleia em Barra Velha, Santa Catarina, Brasil – contribuições para a construção de uma história para o município. In: **Revista de Divulgação Científica da Universidade do Vale do Itajaí – Alcance/História/Itajaí**. Ano VIII, n. 6, novembro 2001.

MANDEVILLE, Bernard de. In: THOMSON, E. P. **Costumes em Comum**. Estudo sobre a cultura Popular Tradicional. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

MANIFESTAÇÕES PELO BRASIL. Disponível em:  
<<http://arquivo.dm.com.br/texto/gz/125092>>. Acesso em: 29 jun. 2013.

MARÍN, Javier. Las huellas territoriales de la intervención desarrollista. **Revista TRAZA**, Colômbia, 18 abr. 2003.

MARTÍNEZ ALIER, Joan. **O ecologismo dos pobres**. São Paulo: Contexto, 2011.

MÄRTZ, Martin (Org.). **LEP Bolso Alemão-Português**. São Paulo: LEP, 1951.

MASI, Marco Aurélio Nadal de. Cerâmicas de cinco mil anos são achadas no Sul. In: **Jornal de Ciência: O globo**, 07 jun. 2004. Disponível em:  
<[www.jornaldaciencia.org.br](http://www.jornaldaciencia.org.br)>. Acesso em: 20 fev. 2012.

MENDONÇA, F. Geografia socioambiental. In: MENDONÇA, F.; KOZEL, T (Org.). **Epistemologia da geografia contemporânea**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2002.

\_\_\_\_\_. **Geografia Física: Ciência Humana?** 6. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Disponível em:  
<[www.mma.gov.br/port/conama/reuniao/dir895/result11aCTBiod2603.pdf](http://www.mma.gov.br/port/conama/reuniao/dir895/result11aCTBiod2603.pdf)>.  
Acesso em: 28 maio 2013.

MISOSCKY, Maria Ceci. **A realidade do Haiti**. Palestra nas Jornadas Bolivarianas. Florianópolis: IELA/UFSC, 2012.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro. Travessia da Crise (Tendências atuais da Geografia). **R. Brasileira de Geografia**. Ano 50, nº especial, Tomo 2, Rio, IBGE, 1988.

**MONTEVIDEO, 2004**. 2da edición, revisada, 178 páginas, figuras y diagramas. ISBN 9974-7616-8-9.

MOREIRA, Ruy. Da região à rede e ao lugar: a nova realidade e o novo olhar geográfico sobre o mundo. Etc., espaço, tempo e crítica - **Revista Eletrônica de Ciências Humanas e Sociais e outras coisas**. Disponível em:  
<<http://www.uff.br/etc>>. nº 1(3), vol. 1, 1º jun./2007.

MOSER, Magali. **A indisfarçável favelização em Blumenau** - uma reflexão sobre as áreas de concentração de pobreza no município. Disponível em:  
<<http://jornalistamagalimoser.wordpress.com/2010/11/03/a-indisfarcavel-favelizacao-em-blumenau/>>. Acesso em: 01 jul. 2012.

MOVIMENTO CISNE NEGRO. Disponível em:  
<<http://movimentocisnenegro.blogspot.com/2010/11/aberta-semana-da-consciencia-negra-de.html>>. Acesso em: 23 fev. 2012.



MULLER-PLANTENBER, C. & AB'SABER, A. N. **Previsão de impactos**. São Paulo: EDUSP, 1994.

NORDESTINOS BLU. Disponível em:

<[www.anordestinosblu.com.br/edital.swf](http://www.anordestinosblu.com.br/edital.swf)>. Acesso em: 23 fev. 2012.

NOTÍCIAS UOL. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/redacao/2013/03/22/quase-metade-do-mundo-pode-ficar-sem-agua-ate-2030-alerta-onu.htm>>. Acesso em: 26 jun. 2013.

ORDUNA, Jorge. **Ecofascismo**. Las internacionales ecologistas y las soberanías nacionales. Buenos Aires: Grupo Editorial Planeta, 2008.

ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Editora Nacional, 1996.

PÁDUA, José Augusto. **Um sopro de destruição**. Pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786 – 1888). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

PAULI, Evaldo. **Desafio aos olhos azuis**. Florianópolis: Lunardelli, 1978.

PEDRO, Maria Joana et. al. **Negro em terra de branco**: escravidão e preconceito em Santa Catarina no século XIX. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

PELLEGRINI, André. **Sistemas de cultivo da cultura do fumo com ênfase às práticas de manejo e conservação do solo**. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências do Solo) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Santa Maria, 2006, p. 16.

PEZZATO, João Pedro. Pesquisa qualitativa, modernidade, pós-modernidade, questionários e entrevistas: um diálogo com pesquisadores. In: FRAGA, Nilson Cesar (Org.). **Territórios e Fronteiras**. 1. ed. v. 1. Florianópolis: Insular, 2011, p. 209-228.

PHOTOSSINTESE BLOG. Disponível em:

<[http://www.photossintese.blog.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1117:editorial-da-semana&catid=35:artigos&Itemid=53](http://www.photossintese.blog.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1117:editorial-da-semana&catid=35:artigos&Itemid=53)>. Acesso em: 01 jun. 2013.

PIAZZA, Walter F. **Santa Catarina, sua História**. Florianópolis, UFSC, 1983.

PORTAL DA TRANSPARÊNCIA. Disponível em:

<<http://www.portaltransparencia.gov.br/convenios>>. Acesso em: 17 mar. 2012.

PLANO CONDOR. Disponível em:

<<http://noticias.uol.com.br/inter/afp/2002/05/23/ult34u42136.jhtm>>. Acesso em: 29 jun. 2013.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **O desafio ambiental**. Org. Emir Sader. Rio de Janeiro: Record, 2011.

PROCHNOW, Miriam. Entrevista gravada em 23.04.2013.

**PROTOCOLO DE KYOTO**. Disponível em:

<[http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2005/02/050216\\_kyotoqandacg.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2005/02/050216_kyotoqandacg.shtml)>. Acesso em: 10 fev. 2012.

PROUS, André. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: UNB, 1992.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1980.

RANGER, Terence. **A invenção das Tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

REIS, Cacilda E. dos; ANDRADE; Solange Ramos de. **A imigração européia nos discursos da elite política brasileira**. Universidade Estadual de Maringá.

REVISTA OPINIÕES. Disponível em:

<<http://www.revistaopinioes.com.br/cp/materia.php?id=262>>. Acesso em: 08 jul. 2012.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio/São Paulo: Record, 2000.

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2004.

SANTOS, Sílvio Coelho dos. **Índios e brancos no Sul do Brasil**. Florianópolis: EDEME, 1973.

SAQUET, Marcos A. **Abordagens e Concepções de Território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SCIENCE. Disponível em:

<<http://scienceblogs.com.br/discutindoecologia/2012/04/rei-da-espanha-e-do-wwf-espanha-cacando-elefantes/>>. Acesso em: 12 maio 2012.

SEBRAE. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/uf/rio-de-janeiro/quero-abrir-um-negocio>>. Acesso em: 12 maio 2012.

SEIDLER. **ILHA DE SANTA CATARINA**. Relatos de Viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX. Org. Martim Afonso Palma de Haro. 4. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1996,

SEVERINO, José Roberto. **Itajaí e a Identidade Açoriana: a maquiagem possível**. Itajaí: Univali, 1999.

SILVA, José Ferreira da. **História de Blumenau**. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1988.

\_\_\_\_\_. **História do Município da Penha.** Curitiba: Tipografia do Centro, 1959.

SILVA, Alex Sandro da. A ambientação e o humano na construção da realidade: exemplo do aquecimento global. *In: **Percurso: Sociedade, Natureza e Cultura.*** Ano 8, nº 9. Curitiba: Unicuritiba, 2009.

SILVA, José Bonifácio de Andrade e. Disponível em:  
<<http://opinioenoticia.com.br/opinio/biografias/jose-bonifacio-um-pioneiro/>>.  
Acesso em: 07 ago. 2012.

SOS MATA ATLANTICA. Disponível em:  
<<http://www.sosmatatlantica.org.br/index.php?section=content&action=contentDetails&idContent=826>>. Acesso em: 12 maio 2012.

STANSBERRY, Porter. **A Falência dos Estados Unidos agora é Certa.**  
Tradução de Revelatti. Disponível em: <<http://www.prisonplanet.com/the-bankruptcy-of-the-united-states-is-now-certain.html>>. Acesso em: 29 jun. 2013.

SUPER ABRIL. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/ciencia/armas-quimicas-biologicas-ciencia-servico-mal-439032.shtml>>. Acesso em: 28 jun. 2013.

TEIA DO GESTOR. Disponível em:  
<<http://teiadogestor.wordpress.com/2013/02/07/comitiva-italiana-visita-atalanta/>>. Acesso em: 08 maio 2013.

TEITELBAUM, Alejandro. **Las grands ONG y las sociedades transnacionales.** In: Carlos Walter Porto Gonçalves. Disponível em:  
<<http://alainet.org/active/show@text.hp3?key=4242>>. Acesso em: 12 maio 2012.

THOMÉ, Nilson. **A aviação militar no Contestado**. Réquiem para Kirk. Caçador: Fearpe, 1986.

THOMSON, E. P. **Costumes em Comum**. Estudo sobre a cultura Popular Tradicional. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

TRIBUNA DA IMPRENSA. Disponível em: <<http://heliofernandes.com.br/?p=32885>>. Acesso em: 12 jun. 2013.

TUAN, Y.F. **Espaço e Lugar**. São Paulo: Difel, 1983.

UFRGS. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ensinodareportagem/meiob/plantasexoticas.html>>. Acesso em: 12 maio 2012.

VACA, Cabeza de. **Naufrações & Comentários**. Tradução: Jurandir Soares dos Santos. Porto Alegre: L&PM Pocket Editores, 1999.

VALE EUROPEU. Disponível em: <[www.valeeuropeu.com](http://www.valeeuropeu.com)>. Acesso em: 12 maio 2012.

VARESE, S. **The Ethnopolitics of Indian Resistance in Latin America**. *A Working Paper the Center for Internacional Studies*. Cambridge: Massachusetts Institute of Tecnology, 1991.

VIAJE AQUI. Disponível em: <<http://viajeaqu.abril.com.br/materias/a-guardia-verde-das-pequenas-propriedades-catarinenses>>. Acesso em: 30 maio 2013.

**ANEXO 1**

**REDE MATA ATLÂNTICA.** Disponível em: <[www.rma.org.br](http://www.rma.org.br)>. Acesso em: 04 abr. 2012.

---

Associação Macambira de Proprietários de Reservas Privadas AL  
Colônia de Pescadores Z-8 “Mirian Lima” – Z-8  
Instituto Murici de Desenvolvimento Integrado – Murici  
Instituto para a Preservação da Mata Atlântica – IPMA  
Instituto para Gestão em Tecnologias Apropriadas e Ecologia  
Associação dos Proprietários das RPPN da Bahia e Sergipe  
Associação Cultural Arte e Ecologia – ASCAE  
Associação de Moradores Projeto Onça – Projeto Onça  
Associação dos Amigos pelo Progresso do Vale do Iguape – Amigos  
Associação Flora Brasil  
Associação Pataxó de Ecoturismo – ASPECTUR  
Associação Pradense de Proteção Ambiental – APPA  
Associação Rádio Comunitária Avante Lençóis – Avante Lençóis  
Associação Rosa dos Ventos  
Casa Baiana para a Integração Cultural Latino-Americana  
Centro de Desenvolvimento Agroecológico do Extremo Sul da Bahia  
Centro de Educação Ambiental São Bartolomeu – CEASB  
Centro de Estudos e Pesquisas para o Desenvolvimento do Extremo Sul da Bahia  
Comissão de Defesa do Meio ambiente do Vale do Jequiriçá  
Fundação BIOBRASIL – BBF  
Fundação Ecológica Puturú – Puturú  
Fundação Movimento Ondazul – Ondazul  
Fundação Pau Brasil – FUNPAB  
Grupo de Recomposição Ambiental – GERMEM  
Grupo de Resistência às Agressões ao Meio Ambiente  
Grupo Ecológico Cariris – Cariris  
Grupo Ecológico Copioba – Copioba

Grupo Ecológico Rio das Contas – GERC  
Instituto de Ação Ambiental da Bahia – IAMBA  
Instituto de Ecosystema Cultural – ECODRAMAS  
Instituto de Estudos Socioambientais do Sul da Bahia – IESB  
Instituto Floresta Viva  
Instituto Uiraçu – Uiraçu  
Instituto de Defesa, Estudo e Integração Ambiental – IDEIA  
Jupará Assessoria Agroecológica – Jupará  
Movimento Ambientalista Regional – MAR  
Movimento de Defesa de Porto Seguro – MDPS  
Organização de Conservação de Terras do Baixo Sul da Bahia  
Organização Pró-Defesa e Estudo dos Manguezais da Bahia  
Organização Sócio Ambientalista Joguelimpo – JL  
PANGEA – Centro de Estudos Sócio Ambientais  
Programa de Proteção de Fauna Silvestre – Guardião  
Serviço de Assessoria a Organizações Populares Rurais – SASOP  
Sociedade Ambientalista da Lavoura Cacaueira – SALVA  
Sociedade Amigos do Arraial D´Ajuda – Arraial D´Ajuda  
Sociedade de Estudos dos Ecossistemas e Desenvolvimento  
Aquasis – Aquasis  
Associação Alternativa Terrazul – Terrazul  
Associação Terras Úmidas do Estado do Ceará  
Casa da Cultura Viva de Maracanaú – ONG Casaverde – CCVM  
Centro Ecológico Aroeira – ONG Aroeira  
Fundação Cultural Educacional Popular em Defesa do Meio Ambiente  
Instituto Ambiental de Estudos e Assessoria – IAEA  
Instituto Cultural Martins Filho (URCA)  
Instituto Terramar  
Janus – Instituto de Consciência Global e Ecologia Social – Janus  
Centro de Trabalho Indigenista – CTI  
WWF Brasil - WWF  
Associação amigos de Caparaó – ACAP  
Associação Barrense de Canoagem – ABC

Associação Colatinense de Defesa Ecológica – ACODE  
Associação de Certificação de Produtos Orgânicos – Chão Vivo  
Associação de Produtores e Moradores da Área de Influência da Reserva  
Biológica Augusto Ruschi  
Associação de Programas em Tecnologias Alternativas – APTA  
Associação dos Amigos da Bacia do Rio Itapemirim – AABRI  
Associação dos Amigos do Parque da Fonte Grande – AAPFG  
Associação Ecológica Força Verde – AEFV  
Associação Garra Ambiental da Serra – AGAS  
Associação Pró-Melhoramento Ambiental Amigos do Mochuara  
Associação Vila-velhense de Proteção Ambiental – Avidempa  
Ave da Mata Atlântica Reabilitada – AMAR  
Comissão de Meio Ambiente de Manguinhos – Com Manguinhos  
Família de Assistência e Socorro ao Meio Ambiente – FASMA  
Grupo Ambientalista Natureza e Companhia – GANC  
Grupo de Apoio ao Meio Ambiente – GAMA  
Instituto de Biodiversidade – IBIO  
Instituto de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável  
Instituto de Pesquisas da Mata Atlântica – IPEMA  
Movimento Vida Nova Vila Velha – MOVIVE  
Associação Anapolina de Proteção ao Meio Ambiente (Inativa)  
Associação de Guias de Turismo de Bonito – AGTB  
Associação Francisco Anselmo para Conservação da Natureza  
Ecoa – Ecologia e Ação – ECOA  
Instituto Acá Expedições – Acá Expedições  
Instituto das Águas da Serra da Bodoquena – IASB  
Vida Pantaneira  
Associação de Defesa da Ibituruna e do Meio Ambiente – ADIMA  
Associação de Defesa Ecológica do Resplendor – ADERE  
Associação de Reservas Privadas de MG – ARPEMG  
Associação dos Amigos do Meio Ambiente – AMA  
Associação Mineira de Defesa do Ambiente – AMDA  
Associação pelo Meio Ambiente de Juiz de Fora – AMAJF



Centro Agroecológico Tamanduá – CAT  
Centro de Defesa dos Direitos da Natureza – CDDN  
Centro de Educação Ambiental de Barbacena – CEABARBACENA  
Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata – CTA-ZM  
Fundação Biodiversitas – Biodiversitas  
Fundação Matutu  
Fundação Pró-Defesa Ambiental – FPDA  
Instituto Ambiental do Vale do Rio Preto – LAVARP  
Instituto Conservação Internacional do Brasil s/C – CI  
Instituto Sul Mineiro de Estudo e Conservação da Natureza  
Movimento Pró Rio Doce – MPRD  
ONG Sítio da tia Marianinha – ONGSÍTIO  
Rede de Intercâmbio de Tecnologias Alternativas – REDE-MG  
Sociedade Amigos de Iracambi – IRACAMBI  
Associação de Apoio ao Trabalho Cultural Histórico e Ambiental  
Associação Paraibana dos Amigos da Natureza – APAN  
Associação Indígena Comunitária Fowa Pypny-Sô (Inativa ) – Fowa  
Associação para a Proteção da Mata Atlântica do Nordeste  
Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá – SABIÁ  
Centro de Pesquisas Ambientais do Nordeste – CEPAN  
Grupo de Estudos de Sirênios, Cetáceos e Quelônios - GESQ  
Serviço de Tecnologia Alternativa – SERTA  
Sociedade Nordestina de Ecologia – SNE  
Sociedade para o Desenvolvimento Técnico Ecológico – ECOTEC  
Fundação Rio Parnaíba – FURPA  
Movimento SOS Natureza de Luiz Correia – SOS Natureza  
Assessoria e Serviços a Projetos de Agricultura Alternativa  
Associação Brasil de Ecologia (Inativa) – ABE  
Associação de Defesa do Meio Ambiente de Jacarepiá – ADEJA  
Associação de Pescadores e Amigos do Rio Paraíba do Sul  
Associação de Proteção a Ecossistemas Costeiros – APREC  
Associação de Serviços Ambientais – ASA  
Associação Defensores da Terra

Associação Mico Leão Dourado – AMLD  
Associação Patrimônio Natural – APN  
Associação Pró Natureza de Penedo (Inativa) – APNP  
Associação Projeto Lagoa de Marapendi – ECOMARAPENDI  
Associação Projeto Roda Viva – Roda Viva  
Centro de Estudos e Conservação da Natureza – CECNA  
Centro Fluminense de Estudos e Atividades sobre Ecologia e Qualidade de Vida – UNIVERDE  
Crescente Fértil – Programa Ambiental Cultural e de Comunicação  
Entidade Ambientalista Onda Verde – Onda Verde  
Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional – FASE  
Federação de Estudos do Mar – FEMAR  
Grupo Ação Ecológica – GAE  
Grupo de Defesa Ecológica – GRUDE  
Grupo de Defesa Ecológica Pequena Semente – GDEPS  
Grupo de Proteção Ambiental da Serra da Concórdia  
Grupo Ecológico Aracary de Paraty – GEAP  
Instituto Baía da Guanabara – IBG  
Instituto BioAtlântica – Ibio  
Instituto Brasil PNUMA – Brasil PNUMA  
Instituto de Desenvolvimento e Ação Comunitária – IDACO  
Instituto de Educação e Comunicação Ambiental da Mata Atlântica  
Instituto de Estudos da Religião – ISER  
Instituto de Pesquisas avançadas em Economia e Meio Ambiente  
Instituto Ecotema – Ecotema  
Instituto Rede Brasileira Agroflorestal – REBRAF  
Instituto Terra de Preservação Ambiental – ITPA  
Instituto Terra Nova – ITEN  
Movimento Vale do Estudante – MOVE  
Os Verdes – Movimento de Ecologia Social (Inativa) – Os Verdes  
Programa Rural de Educação Ambiental (Inativa) PREÁ  
Protetores da Floresta – Núcleo de Estudos Ambientais – Protetores da Floresta

Reserva Ecológica Guapiaçu – REGUA  
Sociedade Angrense de Proteção Ecológica – SAPÊ  
Sociedade Ecológica para a Recuperação da Natureza – Serena  
Verde Cidadania (Inativa) – Verde Cidadania  
Associação Guamareense de Proteção e Educação Ambiental – ASPAM  
Associação Potiguar Amigos da Natureza – ASPOAN  
Núcleo Ecológico da Pipa – NEP  
Sociedade Terra Viva – STV Brasil  
Ação Nascente Maquiné – ONG ANAMA  
Associação Ambientalista da Costa Doce – Costa Doce  
Associação Canoense de Proteção ao Meio Ambiente Natural  
Associação Ecológica Canela Planalto das Araucárias – ASSECAN  
Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural – AGAPAN  
Associação Trescoreense de Proteção ao Ambiente Natural  
Centro de Estudos Ambientais – CEA  
Cooperativa dos Citricultores Ecológicos do Vale do Cai  
Fundação para o Desenvolvimento Ecológico Sustentável (Inativa)  
IGRE – Associação Sócio Ambientalista – IGRE  
Movimento Ambientalista da Região das Hortênsias – MARH  
Movimento Roessler para Defesa Ambiental – MORDAM  
Núcleo Amigos da Terra/Brasil – NAT (BUND da Alemanha)  
Núcleo Sócio Ambiental Araçá-piranga – Araçá-piranga  
Onda Verde – Preservando o Meio Ambiente – Onda Verde  
Projeto Curicaca – Curicaca  
Projeto Mira Serra – MIRA SERRA  
União pela Vida – UPV  
União Protetora do Ambiente Natural – UPAN  
Ações para Preservação dos Recursos Naturais e Desenvolvimento Econômico Racional.  
,Anjos do tempo – Anjos do Tempo  
Associação Caeté Cultura e Natureza – CAETÉ  
Associação Catarinense de Preservação da Natureza – ACAPRENA  
Associação Condomínio Naturista Morro da Tartaruga

Associação de Preservação do Meio Ambiente do Alto Vale do Itajaí  
Associação Ecológica Joinvilense Vida Verde  
Associação Movimento Ecológico Carijós – AMECA  
Associação Popular Preservacionista Francisquense – APPF  
Centro Vianeí/Avicitecs – AVICITECS  
Fundação Praia Vermelha de Conservação da Natureza – PRA  
Grupo Pau-Campeche – GPC  
Instituto Esquilo Verde – IEV  
Instituto Harmonia na Terra – Instituto Harmonia  
Instituto Parque das Nascentes – IPAN  
Instituto Rã-Bugio para Conservação da Biodiversidade – RÃ-BUGIO  
Klimata – Centro de Estudos Ambientais – KLIMATA  
Movimento em Defesa da Ecologia e do Meio Ambiente – AGRIAS  
Sociedade de Zoológicos do Brasil – SZB  
Voluntários Verdade Ambiental (Inativa) – Verdade Ambiental  
Associação Ambientalista Copaíba – AAC  
Associação Brasileira de Agricultura Biodinâmica – ABAB  
Associação Civil Greenpeace – Greenpeace  
Associação Cultural e Ecológica Pau Brasil – ACEP  
Associação Cunhambebe da Ilha Anchieta – ACIA  
Associação de Agricultura Orgânica – AAO  
Associação de Amigos do Grande Parque Ecológico e Turístico de Caraguatatuba  
Associação de Defesa do Meio Ambiente de Avaré – Adema  
Associação de Moradores e Amigos de Mamanguá – AMAM  
Associação de Profissionais em Ciência Ambiental (Inativa)  
Associação de Recuperação Florestal da Bacia do Rio Piracicaba  
Associação de Recuperação Florestal do Médio Tietê – Flora Tietê  
Associação Eco Juréia – AEJ  
Associação Ecológica Icatu (Inativa) – AEI  
Associação Ecológica São Francisco de Assis – AESA  
Associação em defesa do rio Paraná, afluente e Mata Ciliar  
Associação para a Conservação das Aves do Brasil – SAVE Brasil

Associação Pró-Bocaina – Pró-Bocaina  
Associação Salva Mantiqueira – Salva Mantiqueira  
Associação Verdecologia Ubatuba – Grupo Guaynumby (Inativa)  
Centro de Estudos Ornitológicos – CEO  
Centro de Orientação Ambiental Terra Integrada - COATI  
Centro Educacional Água Viva (Inativa) – CEAVI  
Coletivo Alternativa Verde – CAVE  
Comissão Pró Índio de São Paulo – CPI-SP  
Ecofalante – ECOFALANTE  
Federação das Associações de Recuperação Florestal do Estado de São Paulo  
Fundação BHAKTIVEDANTA (Inativa)  
Fundação Capricórnio Florestal (Inativa) – Capricórnio Florestal  
Fundação Santo André – FSA  
Fundação SOS Mata Atlântica – SOS Mata Atlântica  
Grupo de Estudos Ambientais Serra do Mar – GESMAR  
Grupo Ecológico Maitan – Maitan  
Grupo Ecológico Nativerde – GEN  
Grupo Ecológico Vida (Inativa) GEV  
Instituto Águas do Prata – LAP  
Instituto Ambiental Vidágua – IAV  
Instituto Amigos da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica  
Instituto de Educação e Pesquisa Ambiental 5 Elementos  
Instituto de Pesquisas Ambientais (Inativo) IPA  
Instituto Ecoar para a Cidadania - Ecoar  
Instituto iBiosfera – Conservação & Desenvolvimento Sustentável  
Instituto Ing-Ong de Planejamento Socioambiental – ING ONG  
Instituto Physis – Cultura & Ambiente – PHYSIS  
Instituto Pró-Sustentabilidade – Pró-Sustentabilidade  
Instituto Proteção Ambiental Cotia/Tietê – IN-PACTO  
Instituto Sócio Ambiental – ISA  
Instituto Vitae Civilis – Desenvolvimento, Meio Ambiente e Paz  
Ipá-Ti-ua Vivência Ambiental – IPÁ-TI-UÁ  
Movimento de Preservação de São Sebastião (Inativa) – MOPRESS

Movimento em Defesa de Ubatuba (Inativa) – MDU  
Organização Ambientalista Amainan Brasil – Amainan  
Organização Bio-Braz – OBB  
Programa Cultural São Sebastião Tem Alma – Tem Alma  
Programa da Terra – Pesquisa, Assessoria e Educação no Meio Ambiente  
Sociedade Amigos da Praia de Lázaro – SAL  
Sociedade Brasileira de Espeleologia – SBE  
Sociedade Comunitária Paraibuna (Inativa) SCP  
Sociedade de Defesa Regional do Meio Ambiente – SODERMA  
SOS Manancial – SOSMA  
União dos Moradores da Juréia – UMJ  
Vale Verde Associação de Defesa do Meio Ambiente  
Instituto Sílvio Romero de Ciência e Pesquisa  
Movimento Comunitário do Estado de Sergipe – MOCESE  
Movimento Popular Ecológico – MOPEC  
Organização Cupim – CUPIM  
Sociedade Ecoar – ECOAR  
Instituto de Pesquisas Ecológicas - IPE